
REALEZA
SOMBRIA
NANA SIMONS
AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON

REALEZA SOMBRIA

NANA SIMONS

AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON

Copyright © 2022

REALEZA SOMBRIA

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânico sem consentimento e autorização por escrito do autor/editor.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes – tangíveis ou intangíveis – sem prévia autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

“Metade de mim é fada,

a outra metade é bruxa.

Uma escreve com o sol,

a outra escreve com a lua."

roseana murray

Por todos os vilões que já amei na ficção,

para cada parte de mim que se perdeu com eles,

ou se encontrou.

Dedicatória

Nota da autora

E etc

Eu gostaria de começar dizendo que Belatrix e Korian foram um privilégio. Eu guardei esses personagens na minha cabeça por tanto tempo, mas eles finalmente resolveram começar a gritar e eu tive que ceder. Vocês vão ver que Korian Gatsby tem essa mania mesmo.
Eu tenho um amor indescritível por essa história, e sou apaixonada pelos personagens, suas camadas e suas vivências e dificilmente vou superar esse amor.
Espero que vocês também se apeguem, sofram, sintam e se apaixonem.

2 de fevereiro de 2022

Fiz um período curto de psicologia que de uma forma ou outra me ensinou várias coisas. Sei me diagnosticar, entendo os meus pensamentos e a profundidade deles. Sei de onde vem cada impulso. Conheço a raiz de cada trauma. Me conheço tão bem que causaria inveja, mas em mim só causa uma confusão profunda de desgosto, pena e – as vezes – uma vontade de desistir.

Quando parei de ter vontade, tratei tudo como tanto faz, encontrei felicidade no álcool e fingi tantos sorrisos que a Globo perdeu essa atriz.

Escrevi esse livro em meio a um oceano de incertezas, de vontade de desistir da vida, e buscando colocar nesse personagem a profundidade que eu sentia em mim mesma e não sabia como colocar para fora. E o que melhor seria melhor para uma criança de 16 anos que começou escrevendo pra expressar dores do que voltar

às raízes e expor pra toda uma comunidade de pessoas o quão bem fingidos sorrisos podem ser?

Escrevi sabendo que não importava onde esse livro fosse parar, mas ele tinha que alcançar o que todos os meus livros anteriores alcançaram: não ser esquecido.

Memorizem Realeza Sombria. Vivam essa história.

A dor desses personagens é a minha dor e eu não tenho vergonha de admitir.

Estou cansada, mas esse livro me renovou uma gota.

Vou beber essa gota e me preparar para a próxima caminhada.

Se eu chegar lá, vocês verão em breve.

Com carinho.

22 de março de 2022

Esse foi o livro mais difícil que já escrevi.

Não por ser forte demais, ou pela história ter mexido comigo, mas pelo momento que eu me encontrava quando o escrevi. Namorei esses personagens por anos, tinha pensamentos momentâneos sobre o que eu escreveria quando o momento de retratar 1920 chegasse.

Como boa apreciadora de músicas antigas, artistas que viveram 50 ou 500 anos antes de mim, não podia deixar de trazer para a casa um romance dark cheio de traumas, dramas e amores que doem, e doem e doem, mas calma, uma hora a dor alivia e a gente sorri.

Sobre a nota da primeira data um pouco acima, não posso dizer que tudo melhorou e está 100%. Eu ainda preciso de alguns anestésicos de vez em quando.

E dos meus cachorros. Augusto e Romero... eu não consigo falar. Meus filhos são tudo. Meu coração.

Mas eu queria dividir com vocês uma parte do epílogo de Jogos Vorazes – A esperança. Nele, Suzanne Collins colocou a alma. Katniss, que é uma personagem muito mais viva para mim do que muita gente e muita história, consola a filha sobre sua depressão, seus momentos ruins e as fases que ela atravessa diariamente.

Sempre me conforta, talvez conforte mais alguém.

"*Mas um dia eu terei de dar uma explicação sobre os meus pesadelos. Por que eles acontecem. Por que eles realmente jamais acabarão.*

Direi a eles como sobrevivo aos pesadelos. Direi a eles que nas manhãs desagradáveis, é impossível sentir prazer em qualquer coisa que seja, porque temo que essa coisa me possa ser tirada. É quando faço uma lista em minha cabeça com todos os atos de bondade que vi alguém realizando. É como um jogo. Repetitivo. Até um pouco entediante após mais de vinte anos.

Mas há jogos muito piores do que esse."

Vou colocar os

Avisos (leia)

aqui, que assim a galera pega o embalo (eu espero) e já lê tudo de uma vez.

ESSE LIVRO CONTÉM:

Um anti-herói, cenas descritas de violência, cenas sexuais consentidas e não consentidas, abuso sexual e psicológico infantil, abuso psicológico, linguagem excessivamente adulta, uso de drogas, uso de bebidas alcoólicas e não é recomendado para menores de 18 anos.

Também não recomendo que você leia se não gosta de romance dark.

Masssssssss, se esse é o seu primeiro contato com o mundo dark: seja bem-vindo.

Esse livro aborda assuntos como:

Máfias, gangues, corrupção política, escravatura e inquisição (caça às bruxas).

Eu não apoio ou concordo com as questões levantadas e discutidas no livro.

A intenção não é fazer apologia aos temas abordados, mas é interessante que vocês pesquisem no intuito de estudar. **Erros cometidos e entendidos evitam ser repetidos**.

<u>APENAS O PRÓLOGO FOI ESCRITO EM TERCEIRA PESSOA. O RESTANTE DO LIVRO É EM PRIMEIRA.</u>

Playlist



Para pesquisar: REALEZA SOMBRIA (livro de Nana Simons)

PRÓLOGO

LIVERPOOL 1883

A chuva implacável fora da cabana deixava a noite já assustadora, ainda pior. Samaria não estava passando pela alegria de dar à luz ao seu milagre numa tarde ensolarada como esperava. Sonhou repetidamente que seu filho nasceria na casa de sua irmã, Deysi, cercada por girassóis.

Ao contrário disso já era madrugada, em breve o dia amanheceria junto ao som inconfundível do choro de uma nova vida. Samaria segurou a mão da irmã e apertou com força.

— Isso não está certo, minha irmã. Devíamos estar na sua casa. — Houve uma pausa para um grito excruciante de dor e lágrimas continuaram escorrendo como as gotas da chuva pelo rosto vermelho. — Eu não quero fazer isso aqui, posso aguentar até chegarmos lá...

— Ela não dará mais um passo sem que coloque essa criança em risco — disse a senhora que gentilmente oferecera a casa mais cedo quando viu as duas irmãs na floresta. Desesperadas e claramente perdidas sobre o que fazer, a mulher as salvou da tempestade que já se fazia presente.

— Eu sei que posso. Minha família. — Samaria foi interrompida novamente quando outro grito de dor cortou o ar. A senhora estremeceu agoniada, e tocou-lhe a barriga.

— Acho que precisa começar a fazer força, Samaria. Não podemos esperar mais e você não conseguirá caminhar.

— Deysi — ela implorou à irmã. — Podemos chamar um carro. Eu sinto que isso não está certo.

— Sabe que não podemos fazer isso, querida, ele está atrás de nós. É um milagre que ainda não tenha nos alcançado.

— Deus está cuidando de nós. Ele não deixará que aquele homem toque no meu filho.

O ódio, a repulsa e um toque de medo estavam presentes no olhar de Samaria quando falou do tal homem, mas Deysi pensava diferente.

— Você devia repensar isso. Ele é rico, poderoso. Nossa família estaria bem cuidada se você fizesse um acordo com ele.

— Irmã. — Samaria passou por cima da dor descomunal que a afligia e se inclinou para a irmã. — Você não sabe do que aquele crápula é capaz. Não viu o que eu vi.

— Eu vi riqueza, vi respeito. Vi um homem que poderia proteger nosso pequeno bebê como jamais seríamos capazes.

— Não! — Houve outro grito quando Samaria se contorceu na cama.

Deysi abraçou a irmã, oferecendo o próprio corpo para que Samaria se consolasse em meio à sua dor. Mesmo discordando veemente sobre a questão do pai do bastardo — ou como elas se

referiam, milagre — as irmãs eram como unha e carne. Almas gêmeas. Nunca davam um passo sem que a outra soubesse. Sonhavam juntas, aprenderam tudo sobre a vida juntas.

O que deu tão errado?

Deysi não estava errada em buscar o melhor para o sobrinho, mas porque desconfiar quando a irmã dizia que era melhor ficar longe do “homem” com tanto fervor? Teria sido ambição? Uma paixão secreta, talvez?

— Eu não posso ver isso — disse Deysi. — Não temos escolha, precisamos fazer isso agora.

— Eu garanto, querida. Se esses gritos continuarem assim e não fizermos nada, logo quem as procura vai achá-las e pior... não sei se o bebê resistirá.

Samaria balançava a cabeça negando, não queria de jeito nenhum que aquele momento tão especial, o seu milagre, acontecesse tão drasticamente diferente do sonho. Ela queria flores, uma cama fofinha com lençóis brancos e almofadas ao seu redor. Queria garantir que seu milagre chegaria da melhor maneira ao mundo. Mas como poderia garantir tal coisa se há meses vinha fugindo de seu algoz?

Era difícil para uma mulher como Samaria, que sempre cuidou tão bem de si mesma admitir que se apaixonara por um homem como o Lorde do Crime e teve um filho com ele.

Embora Deysi apoiasse suas decisões, nunca foi a favor de fugir dele, afinal, sabia que com tal parentesco nunca mais

precisaria se preocupar com nada. Sabia que ele passou pela Inglaterra deixando rastros de tragédias por onde esteve, mas não podia negar que via um carinho diferente nos olhos prateados do homem quando olhava sua irmã.

Sempre existiu em sua mente um plano secundário. Caso algo desse errado, ela o procuraria como a principal responsável pelo sobrinho ou a sobrinha e ofereceria um acordo, contanto que ela e Samaria pudessem permanecer na vida da criança. Ele não precisaria mais caçá-las, já que de bom grado deixariam que a presença dele fosse sentida na vida do pequeno bebê.

Samaria e Deysi sabiam o que era passar fome.

Para Deysi, saber que a irmã estava disposta a deixar a prole passar pelo mesmo por orgulho a enfurecia. E num desses ataques de raiva ela tomou uma atitude que talvez tivesse mudado o destino de cada um naquela pequena casa na floresta.

A irmã a perdoaria?

Deysi deu um olhar cúmplice para a senhora que as abrigava e com um aceno curto agradeceu a breve atuação. O combinado era simples e não havia lugar para erros. É claro que também havia uma quantia em dinheiro que seria garantida pelo pai do bebê antes de irem para Londres — sua nova casa.

Deysi apertou a mão da irmã e com um sorriso gentil voltou a acariciar sua barriga.

— Querida, sei que não é o que você sonhou, mas é o que temos agora. Não podemos correr o risco de esperar demais e

prejudicá-lo. Você não quer fazer mal ao seu filho, quer?

— Não! Nunca!

— Então precisamos seguir.

— O mais importante é que estamos juntas. — Samaria soluçava entre as palavras. — Eu só quero ter certeza de que essa é a coisa certa, mas algo me diz que não. Parece que se não for exatamente como no meu sonho algo terrível acontecerá.

— Você está com medo. Nunca fizemos isso antes. Nós cuidamos uma da outra, mas isso aqui é outra coisa. Não podemos deixar o medo nos guiar e limitar. Devemos trazer o seu pequeno milagre ao mundo, Sami.

Samara puxou a irmã para um abraço, e quando estremeceu de dor novamente, Deysi a tranquilizou.

— Vamos começar. Somos eu e você.

A senhora — muito experiente — em trazer crianças ao mundo pegou tudo que era necessário. Toalhas, travesseiros, uma garrafa de whisky e até uma fita de couro para Samaria, colocando em sua boca.

— Morda com força.

E assim ela fez, não sendo preciso dizer duas vezes.

A mulher se posicionou entre as pernas de Samaria, confiando a Deysi panos limpos, uma bacia com água quente e outra com água gelada.

Em meio à dor excruciante que a cegava, Samaria não viu os acenos da mulher ou as palavras dizendo que estava prestes a começar, então...

— Jesus Cristo! — A senhora assustou-se ao ver que a cabeça do bebê estava para fora. — Não vai demorar.

Deysi olhou para a janela ao ouvir um barulho e através da cortina viu a silhueta de um homem em cima do cavalo, com um chapéu na cabeça. Aproximando-se de Samaria e seus gritos cada vez mais baixos agora, encostou a testa na bochecha da irmã. O sorriso era esperançoso e Samaria sentiu tanta confiança que se deixou ir, colocando toda a força para empurrar o filho uma última vez.

Ela soube o momento exato que tinha acabado pelo alívio que sentiu.

Em seguida... nada. O bebê não chorou.

Mesmo ouvindo os tapinhas da senhora na criança, não havia choro.

— O que... o que há de errado? Por que ele não chora? — Samaria esticou a mão para o bebê. — Me dê — sussurrou sem forças. Sem nada.

— É um menino. É lindo! — a senhora disse ao limpar o rostinho do menino. — Ele é quietinho, é apenas isso. Mas é um belo garoto forte.

— É claro que é. Ele é um Gatsby.

Elas ouviram uma voz e olharam de uma vez na mesma direção. Era o homem do qual Samaria pensou ter conseguido fugir todo esse tempo. Seu olhar de desespero dele para a criança, da criança para ele. Tanta coisa lhe passou pela cabeça em poucos segundos. Onde ela se descuidou? Como ele a encontrou aqui, exatamente agora?

Como podia ser tão azarada para que logo aquele momento fosse arruinado?

— Me dê o menino — disse ele sem olhar para nenhuma delas. Nem para a velha, nem para Samaria e muito menos a mulher que o levou até ali.

Deysi sentiu que fez a coisa certa ao ver que ele se mantinha com os olhos brilhantes fixos na criança. Ele cuidaria do bebê e delas. Ela deu um último aperto na mão da irmã antes de ficar de pé.

— Acredito que temos uma longa viagem, senhor, mas eu gostaria de esperar que minha irmã descansasse pelo menos um pouco antes de pegarmos a estrada.

O Lorde do Crime pela primeira vez direcionou seus intensos olhos azuis à mulher que fez um “trato” com ele. Samaria estava boquiaberta, chocada como se a confiança dos últimos segundos atrás tivesse evaporado e restasse apenas confusão, incredulidade e traição.

— Deysi — sussurrou. — O que está acontecendo?

— Ele é o único que pode cuidar do bebê, mas cuidará de nós também. Nós seremos uma família.

— Em que mundo você vive, garota? — A voz grave e furiosamente calma foi ouvida na cabana como se trovões não estourassem sobre o teto. — Eu não tenho nada a dar a vocês. Acha mesmo que existe alguma chance de que eu vá levá-las para Londres comigo? Que eu envergonharia meu nome com tamanha bagagem?

— Mas você disse... eu pensei...

— Eu não lhe disse nada. Você fez suas exigências e eu as ouvi.

— Você disse que o trato estava feito! — Deysi gritou, sentindo o desespero e o arrependimento lhe baterem com força.

— Eu menti. — Ele olhou para Samaria, cujos olhos estavam quase se fechando na cama. — Devia ter escutado sua irmã. Essa é uma lição que deve pensar muito no lugar aonde vai, Deysirree. Família é família. Nunca coloque os seus interesses na frente deles com a desculpa de que está tentando fazer o melhor. Raramente funciona.

O poderoso senhor foi até a senhora e entregou-lhe um maço de notas que rapidamente a fez soltar o menino em seus braços.

Samaria usou o pouco de força que tinha para gritar, implorando que deixasse seu filho com ela, mas não havia nenhuma

chance de o menino permanecer com a mãe. Quando o homem foi até aquela cabana, sua decisão já era mais do que certa.

Mergulhada em tristeza e medo, a mãe observou o homem que tinha apavorado seus sonhos nos últimos meses se aproximando de sua irmã, pegando a faca que estava na cama e rapidamente a deslizou pelo pescoço de Deysi. Samaria queria gritar, queria levantar e lutar por seu filho, dizer a ele que não foi isso que imaginou.

Ela sonhou com uma chegada naquele mundo que faria dele uma criança abençoada para o resto de sua vida, mas a mulher já não conseguia falar, não conseguia se mover e seu peito parecia tão pesado que quando por algum motivo a dor recomeçou, nem sequer reagiu. Ela viu com olhos embaçados e turvos o homem colocando de volta o chapéu e se afastando de costas sem lhe dar mais um olhar.

A senhora encostada no canto da parede esperou a porta se fechar antes de ir até a cama e lhe dar leves tapinhas no rosto. Samaria não conseguia escutar o que ela dizia. A dor excruciante a atacou novamente, presa em seus pensamentos sem conseguir falar, ela queria deslizar aquela mesma faca usada em sua irmã, em seu próprio pescoço, tamanha agonia. Ela sabia, simplesmente sabia que nunca mais veria o filho pelo qual lutou até o fim.

O que está acontecendo? Pensou. *Vou morrer tão cedo? Logo agora?*

A senhora se afastou dela e Samaria queria implorar para que não a deixasse sozinha. Ela podia sentir um cheiro ruim. Talvez

dela, talvez o sangue do bebê ou de Deysi.

Oh, Deysi...

Os raios e trovões eram tão fortes que ela tentava se distrair da dor ouvindo-os. Imaginando que estava lá fora, que era a própria tempestade.

E então...

Samaria abriu os olhos. A dor se foi. De repente sentiu uma calma muito parecida com o sonho da cabana em meio aos girassóis na tarde de verão. O que a velha fez? Será que a curou com alguma erva milagrosa? Samaria queria descobrir, queria perguntar, mas ao fazer um último esforço para erguer a cabeça e enxergar a mulher entre suas pernas, a mãe do menino roubado pelo homem dos pesadelos caiu para trás novamente.

Estranho. Não havia mais dor.

Não havia mais nada.

— Oh, meu senhor Jesus! — a senhora exclamou, levando a mão aos lábios quando segurou o segundo bebê que chorava nos braços.

Olhou para cima, vendo os olhos abertos fixos no teto da mulher que acabara de dar à luz a gêmeos. O corpo imóvel denunciava a morte.

Que tragédia.

A mãezinha foi embora sem saber que recebeu uma nova chance. A velha pensou em correr atrás do pai, mas como com tamanha tempestade? O bebê não sobreviveria à temperatura do lado de fora, além de não saber se era o certo deixar dois anjos com o homem assustador que fez sua presença se tornar um banho de sangue.

Olhou para o maço de dinheiro e sabia que ele estaria bem cuidado, mas até onde aquilo era o mais importante? A senhora pegou o bebê de olhos verdes, ao contrário de seu irmão, que eram cinzas, ela o enrolou em uma toalha e limpou seu rostinho ainda mais delicadamente do que tinha feito com o outro e o abraçou. Sussurrava uma antiga canção de ninar em seu ouvidinho e dava tapinhas nas costas até que para seu alívio, ele acalmou o choro. A mulher o deixou virado para si o tempo todo, não querendo que nem dormindo ele tivesse pesadelos ou lembranças com aquela cena.

Sua mamãe morta naquela cama e a tia deitada numa poça do próprio sangue no chão.

— A vida será diferente para você. Vou tentar te dar o sonho que sua mãe não conseguiu, mas queria tanto. — Ele tinha os olhos redondos fixos nela. Era quieto, apertava seu dedo com força. — Seu nome será Killian.

Enquanto do lado de fora, quando o homem encontrou refúgio em seu hotel, sentou-se na beirada da cama, ajeitou o menino no colchão e foi surpreendido com o bebê silencioso encarando-o com os olhos cinza idênticos aos dele.

— Seu nome será Korian. Korian Gatsby.

CAPÍTULO 1

LONDRES, 1920

KORIAN GATSBY

— O meu vestido é novo, você me deu de presente. — Joanne interrompeu minha leitura para dizer, mas ao falar mais alto daquela vez me mostrou que tê-la ignorado pelos últimos vinte minutos não surtiu efeito.

— Mesmo? Não me lembro.

— Eu o escolhi. — Ela ergueu o queixo. — Você receberá a conta em breve. Fiz no novo ateliê da madame François. Ela se divorciou novamente e precisou abrir em um novo lugar com o novo marido. Achei fabuloso!

O natural não seria que ela e todas as senhoras que se diziam tão respeitosas nunca mais comprassem nada da velha e elegante mulher que já havia se casado e separado diversas vezes?

— Aposto que você se dedicou para escolher o mais suntuoso.

Não que dinheiro fosse um problema, mas seu cinismo começava a me incomodar a um nível que já me peguei pensando formas de forjar um acidente, ou para que eu saísse como o viúvo vítima, um suicídio. Recuperar um pouco da simpatia pública não me faria mal.

— Bem, eu mereci — disse Joanna.

— É claro que mereceu, você sempre merece. — Será que ela percebeu o tom de sarcasmo em minha voz? Talvez sim. Seus olhos com aquele velho mistério não revelado que apenas Joanna tinha sorriram para mim.

— Depois do que você fez.

Lá vamos nós.

— O que foi que eu fiz?

— Você se encontrou com outra mulher no baile da Glória.

Eu estava cansado da mesma discussão, mas não podia correr o risco de tê-la se queixando de mim para alguma amiga — isso poderia me tornar suspeito caso eu fosse em frente futuramente com sua morte.

— Não, Joanna. Não me encontrei com nenhuma mulher.

— Eu não sou louca. — Ela deslizou a mão direita pela mesa fazendo questão de que o anel de diamante deslizasse pela madeira bruta e segurou minha mão. — Eu sei o que vocês fizeram. Se não consegue ser fiel, pelo menos seja honesto e admita que eu mereci. Quem sabe da próxima vez que resolver me humilhar desse jeito eu decida usar o seu dinheiro para me dar um carro.

— Aí sim eu diria que você é louca.

— E não seria a primeira vez.

Ela se levantou e afastou-se alguns passos antes de me encarar novamente.

Pensei na primeira vez que a vi.

Eu estava com um sobretudo preto que escondia o sangue do homem que eu havia acabado de dar dois tiros como aviso numa viela próxima, estava furioso, preocupado com as operações do negócio da minha família que caíram em meu colo sem que eu desejasse. A vida não estava boa e beirando os meus 38 anos, eu não podia esperar mais, o que tinha que acontecer tinha que vir naquele momento. Pensei em voltar aonde deixei o viciado baleado no chão e finalizar o serviço descarregando minha pistola nele, e quase fiz isso.

Mas então eu ouvi algo.

Ouvi um riso vindo da rua mais à frente escondido pela neblina. Empurrei meu chapéu para trás e apressei o passo, ouvindo os saltos e a risada ficarem mais e mais altas.

Quando finalmente a alcancei e pude ver seu rosto, eu a encontrei com um homem segurando suas costas como se a ajudasse a caminhar. Percebi que estava bêbada e cruzando as pernas. Ora, ora. Eu nunca fui o tipo que parava o dia para salvar uma alma indefesa, Deus sabia que meu dom para santidade era nulo e as portas do céu não se abririam para mim nem com a chave mestra universal dos santos.

No entanto, ela se virou e me olhou diretamente nos olhos.

Não foi a súplica escondida no olhar, não foi o fato de que ela estava prestes a ser estuprada ou a maquiagem borrada no queixo. Será que ele a tinha beijado à força?

Eu não sabia, mas não foi nada daquilo, foi a percepção de que ali estava tudo o que eu precisava. Uma noiva para acabar com os anseios do meu pai, uma mulher bonita que eu não me importaria de foder noite após noite, uma futura mãe para meus filhos e a rainha passiva e muda que Londres precisava.

Quando conheci seu pai — após ela me apresentar a ele como o homem que a salvou de um ataque numa noite quando foi dopada —, eu o reconheci imediatamente. Um juiz poderoso com quem eu já havia feito negócios antes. Ele também me reconheceu, é claro, e sua filha, um belo exemplo de uma jovem fútil, que só pensava em gastar o dinheiro do papai e futuramente do marido, não fazia ideia de quem eu era. Ela devia fazer? Claro que sim, eu era o terror da cidade, mas de que importa isso se nunca joguei uma bomba em suas lojas de sapatos favoritas?

Diariamente ela se provava ser quem eu precisava, até que não era mais.

O pedido de casamento não foi feito, mas ela achava que estava na hora de se casar com apenas seus 22 anos e uma cabecinha cheia de eco. Eu neguei, então Joanna começou a se mostrar divertida demais, tornava-se selvagem em festas e me deixou tirar sua virgindade sem que eu me esforçasse para aquilo. As coisas mudaram quando me viu entrando na dispensa da festa de aniversário de meu primo Paul com outra mulher e foi atrás,

abrindo a porta enquanto a mulher beijava meu pescoço. A próxima coisa que eu vi foi a garota sendo jogada para fora pelos cabelos e Joanna entrando em seu lugar.

— Você quer uma chupada? Eu vou te chupar como nenhuma fez antes.

E ela chupou. Não melhor do que as prostitutas do Seven — boate que meu pai me levou para perder a virgindade —, mas valeu o tesão.

No dia seguinte, ela apareceu com um anel e um ultimato. Eu a pedi em casamento naquela tarde.

Agora, eu me perguntava porque bebia tanto se de nada servia além de me ajudar a fazer uma merda atrás da outra.

— Meu pai quer saber quando vamos marcar a data.

— Você me conhece há sete meses.

— Nove! — Ela elevou a voz. — Você ao menos se lembra do dia do meu aniversário?

Eu poderia mentir, mas odiava mentirosos.

— Não.

— Como não?

Encolhi os ombros, fechei meu livro e o bati na mesa.

— Não é importante, Joanna.

— EU SOU SUA NOIVA!

Levantei-me, avancei em sua direção e cerrei os punhos ao lado do corpo antes que a agarrasse pelos ombros e sacudisse.

— Você será uma noiva morta se não me der a porra de um tempo!

Ela respirou tão fundo que pude ouvir. Afastou-se dois passos e pegou sua bolsa.

— Eu não mereço isso, Korian. Você é igualzinho ao seu pai. — Balançou a cabeça, indo em direção à porta. — Agora entendo por que o odeia.

Eu me sentei em minha cadeira após pegar uma garrafa cheia e coloquei-a em cima da mesa.

— PORRA!

Com uma risada fodida, bati as costas da mão no vidro, fazendo-o voar por uma boa distância antes de quebrar no chão. O cheiro de álcool subiu na hora. Eu daria tudo por apenas um gole. Só um.

Levantei-me e fui até a janela, ao afastar a cortina pude ver Joanna entrando em um dos carros de seu pai.

— Eu não sou nada como o meu pai, amor. Sou pior.

CAPÍTULO 2

BELATRIX D'LAVEY

Londres, finalmente.

Depois de tanto tempo sonhando com aquilo, vi-me diante do que pensava ser impossível acontecer. O perigo que me cercava em minha terra natal era desesperador, mas, eu devia acreditar no que minha avó costumava dizer: nossos ancestrais estão sempre cuidando de nós, não importava como.

Quando desci do trem tropeçando com uma leve tontura, puxei por cima da cabeça o capuz que consegui trocar com um viajante por algumas pedras que ele acreditava serem valiosas como diamantes — e eu não lhe corrigi dizendo que eram pedras místicas usadas em rituais da natureza em minha terra. Não valiam nenhum trocado, mas para mim renderam um capuz que esconderia — ainda que não totalmente — o meu cabelo. Eu não esperava me sentir em casa imediatamente, mas a sensação de pisar ali foi tão ruim que me arrepiou dos pés à cabeça.

Eu jamais conseguiria me sentir parte daquele lugar. As pessoas eram tão sofisticadas e diferentes de onde eu vim, eu não via nada da simplicidade de casa ali.

Acostumar-me com Londres seria de longe um dos maiores desafios que já enfrentei na vida, não que fossem poucos, afinal, crescer onde eu cresci e da forma como cresci... nada superaria.

Além da multidão passando e atrapalhando-me de ver o lugar que eu precisava ir, ouvi uma voz gritando mais à frente, e tentando não esbarrar em ninguém, eu a segui. Parei a alguns passos de distância ao ver um homem segurando um cartaz no alto, vestido com um casaco desgastado e um chapéu cinza.

Ele tinha uma barriga avantajada e uma voz rouca, tossiu algumas vezes enquanto gritava estar contratando e empurrava quem esbarrava nele.

Suspirei.

Aquilo era o que meus ancestrais estavam enviando?

Ele era o único parecido comigo das dezenas de pessoas que desembarcaram junto comigo. Talvez fosse um sinal para ir em frente. Dei alguns passos, mas de repente parei quando uma brisa de vento soprou meu rosto. Virei a cabeça e dei de cara com o meu reflexo no vidro de um trem parado. As sobrancelhas assustadoramente brancas, o cabelo num tom de algodão, liso até metade e depois se perdiam em cachos grossos. Meus olhos estranhamente azuis se destacavam tanto que não me surpreendia eu precisar ter fugido de casa para não ser queimada numa fogueira.

Bruxa!

— Estou contratando! — Atraída para a voz novamente, coloquei um pé em frente ao outro e segui para falar com o homem.

Talvez eu deva voltar.

E se as coisas que vovó me disse no leito de morte não fossem reais? Ninguém compactuaria com tamanha crueldade. Talvez se eu tivesse ficado, ou voltasse, eu poderia continuar plantando e colhendo, esperar por um marido, ter meus filhos e criá-los como minha mãe me criou, e vovó a criou antes de mim.

Não. Eu posso mais.

Embora minha avó nunca fosse carinhosa com ninguém, eu sempre senti que ela falava comigo de coração mais aberto do que falava com os outros. Tendo acabado de fazer dezoito anos, eu não conhecia muito da vida, mas já sonhava grande. Uma vez, ainda em minha cidade natal, vi meu reflexo em um espelho sujo e rachado e estranhei, afinal, não me parecia com ninguém da família.

Vovó então me disse que nossos ancestrais tinham formas de mandar mensagens. Que minha pele clara como o dia, meu cabelo branco como a neve e meus olhos azuis como o céu do verão, eram sinais de que eu nasci para levar luz e bençãos. Que havia nascido para ser mais do que só uma bruxa D'Lavey.

Não tínhamos poderes, eu não movia objetos ou fazia alguém desaparecer, mas após vinte e sete mulheres da minha cidade serem mortas durante uma enganosa caça às bruxas por simplesmente adorar à natureza de maneira singular começou a parecer que éramos ameaças reais. Eu não tinha levado o que minha avó falou tão a sério. Pelo menos não até que sete dias atrás minha prima Avixi foi levada e a encontramos amarrada no meio da floresta pendurada pelo pescoço.

Ela tinha cabelos normais, olhos generosos e uma voz doce e não escapou.

O que fariam comigo?

Eu voltei para casa, peguei uma única bolsa contendo tudo o que eu considerava mais importante e segui em frente. Minha avó foi a última pessoa de quem me despedi. Eu não sabia se minha família me procurava, mas não podia tentar descobrir.

Talvez estando longe Londres me protegeria.

Eu nasci bruxa, mas eles fizeram de mim uma aberração.

E por seu decreto eu fui caçada.

Fugir de Salém foi minha única opção.

CAPÍTULO 3

BELATRIX D'LAVEY

Eu já tinha fugido de bêbados, de homens ricos que pensavam que podiam fazer o que quisessem apenas por seu poder, já fugi de um primo mais velho que achava que eu não entenderia se me tocasse como não deveria. Fugi até do meu pai, e assisti minha mãe colhendo uma raiz venenosa do campo para matá-lo quando eu lhe contei o que ele fez.

Ele bebeu seu chá da noite, dormiu e nunca mais acordou. Minha mãe apenas limpou a espuma branca vazada de sua boca e fechou seus olhos que tinham sido coloridos por linhas pretas. Quando eu lhe perguntei o que ela deu a ele, sua resposta foi simples:

— Uma erva poderosa que um dia passarei para você.

Apertei a mão na cintura, onde o pequeno pacote de sementes estava bem guardado e respirei fundo.

Aguentei tudo o que o destino me mandou. Passei por todos os desafios.

Esse recomeço seria apenas mais um.

— Ei, você. — Percebi o homem me encarando e acelerei os passos em sua direção. — Está surda?

— Não, senhor. — Tive que abaixar a cabeça e eu odiava isso.

— Por que estava me olhando? — Ele tirou um pedaço fino de madeira da boca com o que cutucava os dentes. — Precisa do emprego? Está disposta a trabalhar duro?

— Sim. Sim, estou.

Ele me olhou dos pés à cabeça. Ao fixar seus olhos por um momento em meu cabelo eu já sabia o que ele ia dizer.

— Você vai esconder esse cabelo para trabalhar no meu negócio.

— Sim, senhor.

Eu jamais concordaria com algo assim antes, mas diante do desespero que eu me encontrava, sem casa, sem comida e sem ninguém, como poderia negar?

Minha avó costumava pentear meus cabelos que na época iam além da cintura com tanta paciência e calma, que mesmo tendo recebido olhares tortos por onde passei, aprendi que minhas cores eram uma singularidade que me tornavam especial e não um monstro.

— Você é doente ou retardada?

Assustei-me com a pergunta e meu primeiro instinto foi querer lhe gritar insultos, mas respirei fundo.

O relógio no topo de uma coluna da estação bateu meio-dia.

Ele abaixou o cartaz e me encarou com olhos desconfiados.

— Empurre seu cabelo para trás e deixe essa touca bem firme na cabeça. Eu não quero que ninguém veja essa aberração. — Ele me apontou o dedo com unhas sujas. — Se eu sonhar que você é uma delas, nem o seu pior pesadelo vai se comparar com o que farei com você.

Meu coração disparou.

— Delas?

— Você sabe sobre o que estou falando.

Ele sabia? Sabia quem eu era?

Comecei a olhar em volta procurando uma saída, mas ninguém parecia me ver. Atrasei um passo e ele se virou, puxando-me pelo cotovelo.

— Eu não tenho o dia todo.

Eu levei alguns segundos para conseguir me obrigar a recuperar o controle de meus passos e segui-lo. Não sabia o que me aguardava e por um momento pensei que ter ficado e enfrentado os homens que caçavam bruxas seria melhor do que o destino desconhecido que me aguardava.

— Você ficou surda, garota? Se é surda não tenho lugar para você lá, preciso de gente normal. Nem sequer pense em se prostituir para meus clientes, são homens poderosos e mulheres boas que cuidam de suas casas.

Minha mãe natureza, que homem sujo. Eu via uma podridão tão grande em sua alma. Não havia nada de bom ali. Eu queria pegar aquele panfleto de sua mão e fazê-lo engolir.

Se meu cabelo fosse escuro, minhas roupas bonitas e eu soubesse falar todas as palavras certas, com certeza o faria, mas como ele era o único homem da cidade que me empregaria, eu engoli em seco e assenti.

ϟ

O comércio dele não era ruim como eu imaginava, aparentemente tratava-se de uma alfaiataria. Nós entramos pelos fundos, o que me impediu de ver mais. Ele agarrou meu braço com força, abriu a porta e me empurrou para dentro, fechando-a em seguida.

Tirando o chapéu e o casaco, jogou em cima de uma poltrona velha, rasgada e suja.

— Tem um animal no local que você ficará. Se tocá-la, conversar demais ou ousar alimentá-la você será punida. Pense dez vezes antes de fazer qualquer coisa que me desagrade.

— Sim, senhor.

— Winsley. Você me chamará de Lorde Winsley. — Ele não parecia um Lorde, mas concordei com a cabeça. — Não me chame assim na presença de outras pessoas.

Ah, estava explicado. Ele não era um Lorde, só queria se sentir um. Patético.

— Você começa a trabalhar hoje.

— Certo.

— Agora. Se ficar cansada nem sequer pense em descansar, eu venho liberar você quando o serviço terminar. Nunca, em hipótese alguma, sente nesta cadeira.

— E onde eu posso descansar? — Eu sabia que não estava conseguindo esconder o medo e a hesitação na voz.

Ele riu alto. Senti um pouco de sua saliva e um mau hálito horrível em meu rosto. Agarrou meu capuz para tirá-lo, puxando alguns fios de cabelo junto e o jogou no chão. Deu um passo atrás a fim de olhar e quando viu meu cabelo, balançou a cabeça.

— Jesus Cristo. Você é a porra de uma aberração.

Eu quis erguer a cabeça, mas a abaixei ao invés disso. Bater de frente com ele em minha atual posição não adiantaria nada.

— O que você é? Um bicho? — Ele gargalhou e chutou minha canela com o pé, fazendo-me vacilar. — Foi criada em um circo? Qual é a sua história?

Não é da sua conta, velho sujo!

Pensei, mas ao invés disso respondi:

— Minha família morreu em um incêndio, senhor. Eu só preciso de um lugar para recomeçar.

— E veio até a minha cidade poluí-la? Maldita bruxa! Você é a porra de uma bruxa, estão se espalhando feito baratas, pretos e mulheres feias! — Meus olhos arderam de ódio, mas ele continuou: — Não temos lugar para você recomeçar nessa cidade. Eu estou te fazendo um favor abrigando-a aqui. Vou te dar a chance de pagar a dívida que tem com Deus por estar respirando em sua terra santa. Trabalhar para mim será a sua forma de pagar por existir. Eu sou um homem de Deus cumprindo o meu papel e você deve reconhecer a honra que há nisso.

Houve um barulho atrás da porta um pouco a frente.

— Merda.

Ele agarrou meu cabelo pela nuca e o puxão foi tão forte que segurei seu braço num instinto de lutar de volta, contudo ele apenas segurou mais forte. Abriu a porta e me arrastou para dentro do cômodo.

Ergui a cabeça, vendo uma jovem de pele negra, cabelos cacheados, soltos e desgrenhados de uma forma descuidada. Havia um pouco de farinha neles e pelo cheiro do lugar eu me perguntei há quanto tempo ele não a deixava tomar banho. Suas roupas estavam sujas, a saia rasgada e havia machucados pelos braços finos.

Ele me segurou novamente e jogou-me em cima da mesa, fazendo com o que as coisas em cima caíssem no chão.

— Você, escura — gritou, apontando —, ensine a ela como eu gosto das coisas por aqui. — Eu virei todos os dias quando aquele relógio bater oito da noite. Ela é a coisa número um, e você é a coisa dois. — Ele suspirou. — Eu devia entregá-la para a Klan, e você — ele cuspiu no chão na minha frente —, tem sorte por eu não te entregar para uma fazenda de pretos onde vão foder seus buracos em busca de vingança. Fique atenta para a coisa um não te atacar aqui mesmo. Talvez eu devesse trazer os cães de Rocksvile. Eles passam fome por semanas para destroçar aqueles que invadem a fazenda. Querem isso? QUEREM SER COMIDAS POR CÃES?

Foi a primeira vez que a vi se movendo. Balançou a cabeça, mas não tirou as mãos de cima da mesa. Eu comecei a sentir algo em meu braço e vi que uma panela de água quente virou quando eu caí. Escorreu primeiro do lado dela, onde suas mãos estavam grudadas na madeira e atingiu meu braço.

Como ela estava aguentando sem fazer um único som?

Eu me endireitei lentamente sem fazer nenhum som, sufocando a dor da queimadura em meu braço.

— Eu quero ouvi-las dizer — gritou. — Coisa um?

— Entendo, senhor.

— Coisa dois?

— Sim, senhor. Eu entendi.

Ele nos observou por mais um minuto antes de virar e abrir a porta pela qual entramos.

— Ah — fez uma pausa —, se o soldado Bryan vier hoje você não terá descanso, coisa um. E caso ele queira a coisa dois você vai ensinar como ele gosta. Duas de vocês será um lucro maior para mim. Não se esqueçam que é para pagar suas dívidas com o Senhor.

Senti o gosto do sangue da minha língua tamanha a força com que a mordi para me impedir de jogar aquela panela em sua cabeça e gritar. Quando ele saiu e ouvi a porta ser trancada, corri até a pia e coloquei o braço sob a água gelada. Molhei um pano aparentemente limpo, mas então me lembrei dela, a garota muito mais machucada do que eu.

Toquei seu pulso e ela deu um pulo para trás, esbarrando no armário e derrubando panelas no chão. Eu corri para segurar o resto que poderia cair e chamar a atenção de Winsley.

Fui atrás quando ela deslizou pela parede, sentando-se no chão.

— Me deixe ajudar. — Mostrei o pano úmido e esperei, mas não tínhamos tanto tempo.

Com os olhos arregalados, ela virou as palmas das mãos para cima. Pude ver o vermelho cru da pele machucada e as bolhas começando a se formar. Coloquei as coisas de volta na mesa e a puxei para colocar suas mãos debaixo d’água, eu não me importava

se ela não queria ser tocada por mim, naquele momento tudo o que eu pensava era ajudar a evitar maiores estragos.

— Eu sou Belatrix. Sou de Salém. Você me entende? — Nada, nenhuma resposta. — Por favor, fale comigo, eu não sei se está doendo ou... óbvio que está doendo. Tem algum remédio aqui?

— Você… — sua voz era hesitante, fraca e cheia de medo — você conhece?

— Remédios? Eu conheço alguns que podem ajudá-la, mas talvez demore um tempo para conseguir fazê-los.

— Você é uma bruxa — falou baixinho, olhando-me nos olhos.

— Não.

— Sim. Você é. Winsley sabe?

Encolhi os ombros.

— Talvez desconfie, mas meu cabelo não deixa muita dúvida.

— Todas nós somos um pouco bruxas. Eu sou — ela hesitou —, a coisa um.

— Não diga isso — falei com firmeza. — Eu posso estar apavorada com o que acontece aqui, mas nunca vou deixar que se refira a si mesma ou a mim como “coisa” perto de mim. O seu nome antes de Winsley, qual era?

— Negrinha.

Eu paralisei. Meus olhos se encheram de lágrimas, embaçando e dificultando para ver o que eu estava fazendo no curativo improvisado. Pisquei algumas vezes.

— Isso também não é um nome. Antes disso.

— Buraco negro e depois Coisa.

— Inferno — sussurrei.

Por que estávamos naquela situação? Aquilo ia contra tudo o que me foi ensinado. O amor incondicional da natureza por nós, as bençãos naturais, o coração explodindo ao sentir a terra entre os dedos. As pessoas não deviam se tratar assim.

— E sua mãe?

— Eu nasci em uma fazenda, nunca a conheci.

Ergui a cabeça, olhando-a fixamente nos olhos escuros.

— Documentos foram assinados, eles não podem mais fazer isso. Estamos em 1920, a escravidão acabou oficialmente!

— Eu ouvi um pouco do que você está falando, mas se as coisas fossem como as leis sugerem, nós não estaríamos aqui. Winsley não entraria bêbado para orar por nossas almas pecadoras. O senhor Winsley me ganhou em uma aposta, e meu dono anterior me ganhou quando meu primeiro dono faliu e vendeu todos os escuros da fazenda.

Limpei a garganta antes de falar novamente.

— Quantos anos você tem?

— Vinte se minha conta estiver certa.

Tirei suas mãos debaixo d'água e com um pano seco esperei secar. Sentei-a numa cadeira próxima.

— Fique aqui, não mova essas mãos.

— Eu preciso trabalhar. — Ela se levantou e chorou de dor quando movimentou as mãos.

— Eu disse para não se mover! Explique o que precisa ser feito e eu farei. Ele não vai desconfiar. Eu tenho que aprender de qualquer forma.

— Mas e depois disso? Eu preciso trabalhar amanhã de qualquer jeito.

— De alguma forma eu vou conseguir os ingredientes do seu remédio. Já curei uma queimadura uma vez, não é difícil.

De repente houve uma batida na porta e nós duas nos sobressaltamos. Ela se levantou novamente.

— Por favor — sussurrou.

— Fique tranquila, eu não vou deixar que ele entre.

— Não, você não entende. Pode abrir, nós estamos seguras.

— O quê? Não. Eu não confio nele!

— Só confie em mim. — Ela lançou um breve olhar na porta. — Uma senhora bondosa me deu alimento e água uma vez, ela disse que eu deveria me chamar Nahati porque foi o nome de uma guerreira.

Senti-me aliviada que compartilhou algo tão íntimo comigo, ela queria realmente que eu confiasse. Hesitei, mas quando houve uma outra batida, ela me implorou com os olhos.

— Por favor.

Levantei-me devagar e fui até a porta a passos lentos. Um homem fardado entrou sem pedir licença quando abri. Ele me deu uma breve olhada antes de correr para a garota.

Eu fechei a porta rapidamente e corri para me meter na frente dos dois antes que ele a alcançasse.

— Eu sinto muito, mas terá que ficar comigo hoje.

O que eu estava dizendo? Nunca sequer me deitei com um homem!

Que ele não concorde, que pela graça do universo ele não queira fazer nada.

Eu vou morrer.

Agi por impulso, mas não podia permitir que ela fosse ainda mais maltratada.

Ele franziu o cenho e a encarou por cima do meu ombro. Ela se levantou e me contornou, então ergueu as mãos para que ele

visse. O soldado arregalou os olhos, jogando a mochila no chão para segurar seus pulsos.

— O que aconteceu?

Espantei-me com o carinho que vi em seus olhos e a preocupação genuína na voz.

Eu tinha certeza de que ela viu meus olhos arregalados em choque, pois tentou me tranquilizar.

— Winsley pensa que Bryan vem aqui e é cruel comigo, por isso permite suas visitas.

Bryan continuava encarando suas palmas.

— O que eu devo fazer? Há tratamentos lá fora, mas precisamos de um médico.

— Belatrix é uma bruxa.

— Eu não sou — neguei prontamente, sabendo que um soldado me levaria para execução imediata.

Ou não, eu não sabia de mais nada.

Ele me observou com olhos cuidadosos. Mas havia certa tristeza ali também.

— Eu não estou em posição de julgar. Sou um soldado da Klan. Meu pai é um membro e antes disso o meu avô foi um dos cabeças da organização. E aqui estou eu apaixonado por uma mulher que fui ensinado desde bebê que deveria odiar.

— Seu pai e seu avô são burros — falei sem pensar, e ao mesmo tempo que ele ergueu uma sobrancelha chocado com a resposta, eu vi um pequeno sorriso no rosto de Nahati.

— Eu concordo. Você pode curá-la?

— Não é tão simples.

— Tudo é simples quando se quer.

— Seria simples se eu tivesse ingredientes, mas parece que tudo o que tem aqui é horror, sujeira e mau cheiro.

Ele se ajoelhou para pegar a mochila e tirou uma toalha, sabonete e xampu.

— Eu vou te limpar hoje, meu amor. — Ele me fitou. — Pode esquentar água?

— Agora mesmo.

Eu observei os dois enquanto esperava a temperatura certa.

Condenei-lhe. Senti muito por ela. Não era um romance, ele devia matar Winsley e tirá-la dali.

Pare.

Virei-me para a pia.

Aquele sempre foi o meu problema, eu me envolvia tanto nas questões dos outros que às vezes esquecia o quão afundada em problemas estava.

— Você consegue trazer os ingredientes para o remédio?

— Talvez. Faça uma lista, mas como vai esconder? Ele faz visitas diárias.

— Tem que ter um lugar que ele não olha.

— Não — ele abaixou a cabeça —, não tem, aprendemos da maneira mais difícil.

Pela forma como ela ficou paralisada, reagindo apenas quando ele acariciou seu rosto percebi que foi algo muito, muito ruim. Será que tentaram fugir? Eu não sabia, mas numa época em que bruxas ainda eram caçadas, pessoas negras ainda eram ilegalmente escravizadas e mesmo com a lei seca ainda existiam bêbados pela rua, eu não duvidava.

— Precisamos de apenas três coisas para que eu consiga fazer uma pasta. Ela vai aplicar antes de dormir, depois repete na manhã seguinte e faz um curativo. Na próxima manhã não sentirá mais dor.

— Isso é impossível com tamanha queimadura.

— Já curei ferimentos piores.

CAPÍTULO 4

KORIAN GATSBY

Eu duvidei se daria certo assim que o vi entrando no bar.

Ele passou pelas garotas que dançavam no centro do bar com suas saias de brilho laranja quase flamejante. Os olhos chamuscavam alegria, fogo e risos.

Meu irmão, Killian Gatsby, entrou com os olhos baixos, parecia eu a primeira vez que meu pai me levou a uma reunião de negócios. Se eu teria um futuro naquilo ainda não sabia na época, mas meu pai já tinha certeza de que sim, provavelmente sentiu que arruinar a minha vida daria a ele o herdeiro com quem sempre sonhou.

Era complicado pensar que naquela vida eu tive que morrer por dentro para não matar meu pai por fora. Se foi a minha inocência, uma vontade de tentar ser bom o suficiente para ele que me fez obedecer às suas ordens naquela época eu não sabia.

Assim como no momento em que coloquei os olhos em meu irmão gêmeo, não sabia se a dúvida em minha mente foi gerada quando o vi entrando exatamente do jeito que eu entrei anos e anos atrás.

Eu honestamente não sabia dizer há quanto tempo matava por obrigação e matava pelo meu próprio benefício se me

perguntassem. Talvez por isso, duvidar da minha capacidade de transformar o meu irmão em um monstro como eu me dominou por um breve momento.

O único contente em tudo aquilo era ele, nosso pai, a única pessoa que cogitaria caçar o meu irmão e levá-lo a Londres para arruiná-lo assim como me arruinou, só que dessa vez, o carrasco seria eu, o escravo.

Em quanto tempo eu conseguiria quebrar Killian? Ele parecia forte. Já devia ter visto e feito muita coisa para sobreviver. O mundo era uma selva e ser o leão estava em nosso sangue.

Infelizmente para ele, eu já dominava esse território.

— Olha só para ele, Kori. Não parece você quando mais jovem?

— Eu estava pensando exatamente a mesma coisa, Mabel, mas ele é mais bonito. — Meu lábio curvou para cima em ironia.

— Ele é seu irmão gêmeo, mas para mim, o meu Korian sempre será o mais bonito de todos os homens.

— Basta você dizer sim e eu me caso com você.

Havia uma pessoa no mundo que conhecia bondade em mim, se é que “bondade” era a palavra certa. Mabel. A velha cega e cheia de palavras certeiras que me viu crescer. Eu mataria por ela, a defenderia de tudo. Aquela mulher foi a única figura que tive como mãe, mesmo sem fazer ideia de qual era a sua história de vida, idade ou origem. Ela me criou e eu devia tudo a ela, mesmo que

jamais lhe tivesse expressado tais sentimentos em voz alta. Algo me dizia que ela sabia.

Ela colocou as duas mãos calejadas em meu rosto, os olhos brancos e cegos pareciam olhar nos meus.

— O que eu posso lhe dizer que vai convencê-lo a pegar o seu irmão e ir embora como se nunca tivesse feito parte de nada disso?

— Nada, Mabel. É quem eu sou.

— Não é quem você é, Kori.

— Você tenta me desiludir do meu papel desde que passamos a nos falar. — Olhei para dentro do copo que segurava na mão direita, ainda estava cheio. — Nunca teve medo de que quando mais jovem eu pudesse falar para o meu pai, já que estava sempre louco por sua aprovação?

Ela tirou o copo da minha mão.

— Pare de olhar para isso como se desejasse beber.

— Mas eu desejo.

Ela deu dois tapinhas em meu rosto.

— Mas não beberá. E não, nunca repensei em minhas formas de tentar salvá-lo de seu pai. Mesmo quando eu era uma jovem escrava assustada que ele havia trazido da fazenda de meus donos desgraçados. Eu nunca o temi.

— Ele te salvou.

— Sim, seu pai matou cada branco presente naquele lugar e libertou todos, mas ofereceu um lugar livre para viver. Ele disse que era o seu reino e eu seria bem-vinda, mas, ainda assim, nunca foi justo que ele fosse até Liverpool caçá-lo e trazê-lo para viver essa vida. Assim como não é certo que você repita o mesmo com seu irmão.

Eu escolhi ignorar mais uma de suas tentativas, esquivando-me do assunto, como sempre fazia.

— Por que você nunca casou com ele?

— Porque você não fala com essas jovens moças bonitas como fala comigo? — Esquivou-se também, fugindo da minha maior curiosidade.

Havia um sentimento muito reprimido entre os dois que nunca entendi. Ela nunca me revelou e ao meu pai, eu nunca perguntei.

— O que quer dizer? — Franzi o cenho.

— Quero dizer que logo vou morrer como uma velha louca que não casou e nem gerou filhos. Você, sendo o mais próximo que cheguei de ser mãe, deve se casar logo para que eu veja. Fale com essas moças com a gentileza com que fala comigo e conseguirá uma noiva.

Eu não diria a ela, mas do jeito que as mulheres se comportavam no novo mundo, eu não precisaria ser gentil para

conseguir uma jovem louca para colocar uma coroa na cabeça ao meu lado.

— Eu tenho uma noiva. — Era bom que ela não conseguia me ver rindo da ironia.

— Você não se casará com aquela mulher, Korian Gatsby. Eu já lhe disse que há uma tragédia iminente no destino dela.

Ah, sim, suas premonições, dom de ver o futuro ou o que for lhe disseram.

Eu nunca tinha levado a sério, mas me perguntei se ela viu Joanna morta graças às minhas vontades de tirá-la do jogo. Cerrei os olhos no rosto de Mabel.

— Não me olhe assim, garoto. Seu irmão está aqui, a família está completa como eu lhe disse que aconteceria alguns anos atrás.

— Era dele que falava?

— Ora, eu não sei — encolheu os ombros —, eu digo o que sinto e você me confirma. Eu só sabia que alguém chegaria.

— E Killian está aqui, o anjo que me salvará da destruição.

— Vocês vão ajudar um ao outro, sim.

— Certo, certo. De qualquer forma. — Peguei o copo de sua mão e o cheirei mais uma vez antes que ela arrancasse de mim novamente. — Não saia por aí hipnotizando as moças da cidade para se apaixonarem por mim.

— Você acabará como o seu pai.

Limpei a garganta.

Maldita velha.

O único sopro de afeição em meu coração podre era dela. Eu não sentia nada por Killian, por meu pai ou por Paul. Era tudo de Mabel, e ainda assim, era tão pouco. Às vezes eu achava bom que ela fosse cega, assim jamais conseguiria me enxergar por quem eu era verdadeiramente.

— Acabar com o meu pai não seria um problema, Mabel.

— Que bom, pelo menos reconhece que estaria condenado se acabasse como Gordon Gatsby.

Na verdade, as pessoas teriam sorte se eu não acabasse pior do que ele a ponto de sentirem falta do meu pai.

— Eu não vou confirmar isso.

— Você não precisa, garoto. Nunca precisa me confirmar nada.

Sim, porque ela já sabia de tudo. De alguma forma.

A única pessoa com quem eu me importava no mundo era uma bruxa cega que via tudo, mesmo sem ver. Ela virou a bebida que estava em meu copo “olhando” para mim, e se virou, mas antes de ir, falou por cima do ombro:

— Korian. Seu irmão não é o anjo que lhe salvará da escuridão.

Eu só podia dizer que quando o tal anjo chegasse, eu seria obrigado a lhe apresentar o caminho da saída, caso contrário, qualquer tentativa de conseguir redenção para mim terminaria como o usual: em sangue.

Quando ela sumiu de vista, eu vi Paul se aproximando. Recusei o copo de bebida que me ofereceu.

— Estava a esperando sair?

— Por que eu faria sala para a velha louca? Apenas sei que você não gosta de ser interrompido.

— A velha tem um nome e eu já o repeti para você mais vezes do que já matei.

— Ela foi uma escrava, Kori. E continua sendo.

Eu odiava quando me chamava de Kori como se tivéssemos alguma intimidade. Nem mesmo Gordon em seus dias menos violentos me chamava daquela forma.

— Não, você é um escravo. Ela é o alicerce dessa cidade.

Ele cerrou a mandíbula. Com certeza a vontade de me dar um murro era grande, mas Paul sabia que seu lugar ao meu lado estava por um fio. Por isso relutou tanto com a missão de ir buscar Killian.

O infeliz burro de cabeça oca não era bom no que fazia, eu tinha que lhe dar cada instrução e isso ficou cansativo há muitos anos. Ele não tinha visão, iniciativa ou perspectiva. Londres era uma grande fábrica, e eu, o dono da empresa. Acontece que no plano de carreira, Paul não teria chegado nem a gerente se não tivesse o meu sobrenome.

Olhei para Killian.

— Por que ele já está aqui? Você deveria tê-lo levado direto para a casa.

— Meu tio queria que ele conhecesse a família.

Família? Piada.

— Os negócios — corrigi e Paul assentiu.

— Isso. Eu não vou contra as ideias de seu pai.

— Não se esqueça que logo ele não estará mais aqui para escolher um lado.

— Para um filho tão dedicado, você torce muito pelo fim do seu pai.

— Não, na verdade, eu torço para o meu recomeço longe dele. E, Paul, como um bom chupador de bolas que você é, não se esqueça de correr e contar a ele tudo o que eu disse.

Dei-lhe dois tapas nas costas desejando ter uma faca para cortar sua garganta ali mesmo. Seria um belo show e admito que demonstrar força para manter meu respeito nunca foi um problema,

mas eu estava me tornando um pouco mais exigente nas conversas que eu queria ouvir sobre mim cidade a fora.

Eu o deixei e a passos rápidos — embora tortuosos — alcancei o meu... irmão.

Atrás dele estavam Sam e George, eles eram capangas que eu escolhi a dedo no meu começo ao lado de Gordon, mas estando ali com Killian, era uma forma de dizer a ele que se não quiséssemos, ele não sairia.

A maioria das pessoas que estavam conosco tinham livre arbítrio para falar, ir e vir e viver como bem entendessem, inclusive eu, contanto que seguisse as regras “simples” do meu pai. Não fugir, não falar de assuntos que ouvia em casa e nunca, jamais, demonstrar fraqueza em público. Até mesmo em privado ele repudiava.

Eu me perguntava porque a regra não estava sendo aplicada a seu segundo filho. Por que Sam e George estavam tão próximos a ele com as armas em mãos?

Lembrei-me de uma conversa com o meu pai meses atrás. Foi uma longa discussão entre suas pausas para respirar, tosses e engasgos. Mas sua última frase antes de cair no sono não me saiu da cabeça desde então.

“Orgulhe-se de ser quem é, Korian. Se eu pensar que você não valoriza o poder que lhe deixei conquistar, farei com que o trono seja melhor ocupado antes de morrer.”

Fitei Killian atentamente. Ele realmente se parecia comigo, mas eu não via em seus olhos a dureza que encarava todos os dias no espelho. Meu pai precisou de trinta e sete anos para me moldar, o que o fez pensar que podia transformar seu filho perdido em uma máquina de matar pior do que eu em semanas, meses ou o resto do que lhe sobrava de vida?

Por isso Killian estava tão bem guardado. Ele não tinha escolha. De alguma forma, meu irmão se tornou a segunda opção do meu pai.

Não pude evitar que um sorriso sádico se apresentasse em meu rosto.

Será que ele fazia ideia de onde veio parar?

Se enquanto meu pai estivesse vivo conseguisse que Killian o perdoasse, não que fosse amá-lo ou respeitá-lo, mas pelo menos perdoasse depois de trazê-lo para Londres e fazê-lo suportar o que vinha pela frente, já era muito.

Bem, pelo menos seria mais do que conseguiria de mim.

— Sam, George. — Indiquei para a direita, sinalizando que podiam sair.

Killian observou tudo com atenção, mas logo seus olhos se voltaram para mim.

— Você manda e eles sequestram. Você balança a cabeça e eles saem. Estou tentando entender tudo, mas até agora ninguém

me disse nada. Não vou negar que estou começando a me sentir violento.

— Que bom, isso é o que mais precisará aqui. E quanto a eles... apenas me respeitam.

— Mas eu não. — Ele deu um passo à frente, ficando perigosamente perto do meu rosto. — Eu não quero e não preciso respeitá-lo.

— Ainda não. — Foi impossível não sorrir. — Mesmo que fosse cheio de pensamentos sádicos.

Aquela força, a firmeza no olhar... sim, eu também era do mesmo jeito antes do meu pai me quebrar, refazer e quebrar de novo.

CAPÍTULO 5

KORIAN GATSBY

— Vamos nos sentar, há muito o que dizer.

Ele hesitou por um curto momento, mas tomou a frente e eu o segui até uma mesa. Dado ao fato de que ele estava prestes a ter sua realidade alterada, não faria mal deixá-lo escolher uma mesa.

Eu não estava passando pelo momento de revelação, ele estava. Meu pai me contou que eu tinha um irmão gêmeo um ano atrás, mas até aquele momento, era apenas uma questão de existir um Gatsby em Liverpool. Aparentemente ele tinha a minha idade e meu pai desconfiava que minha mãe escondeu meu irmão gêmeo dele, pois não havia outro caminho para ele ter mais filhos, afinal, como ele dizia, engravidar a *puta* que me deu à luz foi um erro que ele jamais cometeu com outra mulher.

Pela forma como ele se revoltava ao falar dela e das vezes que eu apanhei na infância por perguntar, eu desconfiava que os sentimentos nutridos naquela época não foram respondidos e isso gerou sua raiva, do contrário, por que não ficou e me criou?

Talvez ela tivesse descoberto o monstro que o pai de seu filho era e decidiu ir embora antes que a maldade de Gordon nos alcançasse. Foi tarde demais para mim, mas aparentemente não para dar uma chance ao meu irmão.

— Não acho que temos muito a falar — disse ele. — Até então eu vi seus capangas e as demonstrações variadas de força.

— Meus rapazes tendem a ser um pouco intensos em seus propósitos.

— Mas eu não tenho nada com isso.

— É a nossa família — respondi cinicamente.

— Sua família — frisou.

E chegamos ao ponto principal.

Eu não estava em busca de um irmão. Não, não.

Mantê-lo ou matá-lo era uma questão de gastar ou não uma bala.

Se ele ficasse, não nos tornaríamos irmãos e parceiros que defendiam um ao outro incondicionalmente.

E se ele morresse, eu não perderia tempo lhe fazendo um grande enterro.

Ficando, ele seria apenas mais um soldado na guerra. Morrendo, seria um nome riscado da minha lembrança em poucas semanas.

Viver e morrer era uma questão única de descansar mais cedo ou mais tarde.

Apesar que eu duvidava que o meu lugar reservado era de descanso.

Minha incapacidade de guardar sentimentos pelas pessoas era clara, a meu ver e de todos que conviviam comigo. Minha empatia nunca foi um assunto abordado, pois nunca a tive, e se tive, nunca demonstrei. E meus dons para afeição... eu não me lembrava quando foi a última vez que abracei alguém. Talvez eu só tenha crescido fodido demais pelo tratamento do meu pai, ou por ter matado tão jovem, eu não sabia, mas obviamente não perdia horas de sono pensando sobre.

— Killian, não é?

— Sim — cedeu com a mandíbula cerrada. — Eu não sei o seu.

— Paul não me apresentou?

— Ele te chama de Gatsby.

— É o que todos fazem. — Inclinei-me para apoiar os braços cruzados na pequena mesa alta. — Korian.

Se Killian acreditava que chegaria e por sermos irmãos de sangue nos tornaríamos irmãos de alma, estava tão enganado que me fazia querer lhe poupar de suas ilusões e acabar logo com a situação.

— Você foi trazido aqui para conhecer sua origem.

— Eu não pedi por isso.

— Então por que ainda está sentado ao invés de lutar para fugir?

— Porque você vai me matar.

— Um homem que vive com medo da morte não é um homem que merece viver.

Ele refletiu minhas palavras de cabeça baixa, encarava os dedos, os lados, meu peito, mas não conseguia me olhar nos olhos. Eu poderia ficar ali a noite toda, pressa nunca foi um defeito meu. Eu era paciente quando estava na cara que conseguiria o que esperava.

— Eu não quero ter um alvo nas costas — Killian finalmente disse. — Só quero saber sobre a minha família. Não esses bandidos, sua fama e a crueldade de nosso pai, mas a minha verdadeira história.

Pensei um pouco entre mandá-lo parar de ser um bebê chorão, pois eu não tinha tempo para aquele tipo de merda ou lhe dar um resumo muito curto. Decidi pela segunda opção.

— Nosso pai... meu pai — corrigi —, criou uma certa obsessão sobre trazê-lo, seria eu mesmo a buscá-lo, mas com a morte iminente do velho eu precisava ficar em Londres e cuidar de coisas maiores.

— O que poderia ser maior do que sequestrar um homem na porta de seu trabalho e trazê-lo para uma cidade desconhecida na calada da noite?

— Cuidar da minha cidade. Eu poderia dizer que você não é obrigado a estar aqui, realmente entendo que pense isso. Por que depois de tantos anos seu pai de repente quis te ter perto?

— Do nada? Ele só quer criar um vínculo comigo?

— Na verdade, você é uma garantia para o caso de eu não cumprir suas exigências.

— Que são?

— Tomar o lugar dele. Algo que eu já fiz há muito tempo, é claro, por isso você não será escalado para o cargo.

— Por que ele iria querer isso?

— Ora, porque seu pai é um sádico que destruiu a minha vida, portanto, tinha como objetivo fazer o mesmo com você. Ele só não se tocou rápido o suficiente que eu estava pronto para ser melhor do que ele.

— Eu não sei exatamente o que fazem aqui, mas sei que eu jamais faria o que você faz. Então ele estava errado em me querer.

— Eu soube disso assim que te vi entrar, mas como o bom sádico que aprendi a ser com ele, cumprirei seu último desejo.

— O quê?

— Eu pensei que você fosse um cara da cidade, um banqueiro exemplar e cidadão de bem.

— Eu sou tudo isso.

— Não, não é. Eu vejo a sujeira Gatsby em seus olhos. Essa escuridão que tenta transbordar e você esconde atrás da civilização.

Ele ergueu o queixo.

— Eu passei por mais coisas do que uma criança deveria passar.

— Que bom, isso significa que está quase pronto.

— Eu não vou compactuar com nada. Muito menos realizar a vontade do seu pai.

— Isso é com você, desde que saiba o tratamento que resultará nessa escolha. Quando eu era mais jovem, pensei que nunca seria capaz de fazer as coisas que ele faz, mas veio natural. Eu tinha cinco anos quando ele começou a me levar para cobrar quem lhe devia. Aos oito o vi matar e roubar. Eu o vi montar esquemas para derrubar governantes de cidades apenas para tomar o poder para si. Apesar de detestá-lo sei que esse é meu destino.

— Não se eu estou disposto a lutar contra.

— Eu conheço uma mulher que você conhecerá em breve, ela não perderá a chance de se apresentar. Ela diz que não há como fugir do destino. Você pode desviar a rota, tomar atalhos, mas não pode escapar do que te aguarda.

— Isso soa como uma ameaça.

— É uma promessa. Eu pretendo fazer com você pior do que seu pai fez comigo. Você será um Gatsby. Vai me odiar mais do que já odiou qualquer um no mundo, mas você é meu irmão gêmeo e é filho de seu pai. Foi gerado com uma semente do mal. Realmente pensa que pode entrar aqui — acenei ao redor — e cogitar escapar disso? Só fique fora do meu caminho a menos que eu diga o

contrário e conseguirá o que as pessoas consideram mais valioso na vida. Continuar vivo.

— Eu quero conhecê-lo. Quero saber o que ele fez com a minha mãe.

Meu riso forçado chamou atenção.

Obviamente não lhe caiu a ficha que suas vontades não seriam satisfeitas por mim.

Pelo menos aprenderia rápido se quisesse ter alguma chance em Londres.

— Não se trata mais do que você quer, e sim do que eu quero pra você.

De repente as portas do bar foram abertas e homens eufóricos entraram. Eu estava de costas, mas me virei devagar, sem demonstrar surpresa ou nervosismo, afinal, não sentia nada daquilo.

Podia ser um ataque, mas eu duvidava.

Em anos comandando a cidade, ninguém ousou se levantar contra mim.

Levei anos criando Korian Gatsby. O sucessor de Gordon Gatsby. Um príncipe melhor do que seu rei.

E por conhecerem a minha reputação era que ninguém jamais me atacaria de qualquer forma.

— Korian! — ouvi um grito e procurei a voz, observando Timothy, um comandante da família Gatsby a quem confiei um esquadrão para cuidar de assuntos nas barreiras e fronteiras da cidade. Ele se apressou em minha direção com entusiasmo evidente no rosto.

— Por que a entrada de faroeste? Está tentando matar a velha guarda?

Eu me referia aos homens mais velhos que trabalharam para o meu pai, aqueles que aos poucos fui dispensando para substituir pela minha equipe.

Naquela época, querendo tomar o lugar de meu pai logo, não podia deixar que ele tivesse homens de confiança nos meus círculos, vigiando meus planos e ações.

— Não seria uma grande perda, não é? — Timothy riu, tirando o chapéu. Seus olhos dispararam atrás de mim para Killian, que permaneceu em silêncio de pé atrás de sua cadeira. — Vejo que o encontrou. Quer que eu o leve comigo?

— Não, ele ficará comigo. Vamos ver se os genes de Gordon são realmente fortes como ele diz.

— Eu vejo a marca do mal no cidadão. Você não vai precisar de mim para integrá-lo.

— Tenho certeza de que você não entrou desse jeito para me parabenizar pelo novo membro da família.

Éramos iguais em altura, mas por ter trabalhado anos em fazendas antes que eu o recrutasse, Tim era mais largo. Eu tive que obrigá-lo a parar de usar chapéu de caubói e palito nos dentes todo o maldito tempo.

— Eu amo nossos papos de coração pra coração. — Riu da própria piada sozinho.

Eu não tinha amigos, nem colegas com quem desabafava no bar. Já tive, quase uma década atrás, mas nenhum restou.

Na adolescência, no entanto, meu pai se livrou dos meus amigos, dizendo que me desviariam do caminho.

— Bem, nós conseguimos! — ele se exaltou, e junto dele, os homens que entraram seguindo sua liderança gritaram, aumentaram a música e pediram bebidas enquanto agarravam as dançarinas disponíveis no salão.

— Comemorando cedo? Eu ainda não ouvi nada.

— Está no rádio. O governo de Cadiff caiu. É nossa!

— É nossa? — Ergui uma sobrancelha.

— É sua — ele se corrigiu, limpando a garganta.

Timothy nunca quebrou minha confiança justamente porque nunca dei a ele.

Criminosos não viam exceções.

Se eu fosse capaz de matar meu pai, era capaz de matar o meu irmão, se eu matasse o meu irmão, era totalmente capaz de matar meu primo, e assim por diante.

Ao sentir o poder de tirar o governante de cidades vizinhas, um comandante com homens sob sua jurisdição dentro da minha organização poderia se perder e desejar mais. Poderia não ver problemas em me tirar do poder caso tivesse a chance, assim, garantindo poder sobre a minha cidade.

Eu não duvidava, porque afinal, era o que eu faria.

Timothy tinha sorriso para todos, abraçava demais, brincava muito. Amou cada uma das namoradas que levou para jantares em minha presença, alegando que cada uma foi o amor de sua vida mesmo nunca chegando ao altar com nenhuma.

Trair estava no caráter ou ele não faria tudo o que eu pedia sem hesitar.

— Não era o que você queria?

— O que eu quero é que você ligue para Brendon Maxs e diga a ele que há um cargo disponível em Cadiff e eu quero que ele aceite. Diga a ele que não vou deixá-lo esquecer quem o colocou em tal posição.

— Certo.

Ele assentiu e olhou Killian uma última vez antes de sair.

— Então essa é a sua família? Você matou um político para ter controle sobre a cidade? Para quê? Vender armas e drogas?

— Um pouco de bebida também. — Encolhi os ombros sutilmente, como se sua ingenuidade coubesse ali. — Mas foi principalmente, porque eu precisava de passagem para o meu contrabando e ele não estava colaborando.

— É sobre isso? Isso não é vida.

— Essa é a vida, só não é ela como você conhece. Eu te prometo que quando você se conforma de virar um monstro, passa até a gostar.

— Eu nunca machucaria uma mulher e uma criança.

Eu dei risada.

— Passe uma semana do caralho com a minha noiva e vamos ver se o seu pensamento mudará.

— Eu nunca vou me tornar você ou o seu pai.

— Vamos ver. Eu dizia o mesmo quando tinha dez anos.

Ele cerrou a mandíbula. Eu podia dizer que estava curioso sobre eu ter dado a idade exata em que parei de lutar contra meu pai.

— O que ele fez quando você tinha dez anos?

Com o sorriso mais sádico que pude dar, olhei no fundo dos olhos do meu irmão.

— Essa é a grande pergunta, não é?

Acenei para Sam que ocupava uma mesa próxima à nossa e ele pegou o recado de que a conversa foi encerrada. Quando ele e George se aproximaram e cada um segurou um braço de Killian para levá-lo. Meu irmão me olhou com uma centelha de medo nos olhos, mas havia tanta coragem ali que eu quis perguntar o que ele teve que fazer para ficar vivo.

— Eu ainda tenho perguntas.

— Ainda vamos nos falar. Mas vou te dar uma sugestão, para que eu não faça com você o que nosso pai fez comigo, eu sugiro que acorde pela manhã mais resignado com a ideia de ser um Gatsby. Caso contrário, o seu quarto está cheio de objetos facilmente usáveis caso queira desistir. Fique à vontade para fazer sua escolha.

CAPÍTULO 6

KORIAN GATSBY

Eu era alcoólatra.

Tornei-me aos quatorze.

Ainda jovem, quando o álcool começava a ficar popular entre as pessoas da minha idade, eu precisava de uma escapatória. Fodi muitas mulheres, incontáveis, mas com o tempo a descoberta do sexo perdeu a graça. Para um jovem garoto que transava todos os dias com qualquer mulher que quisesse, passou a ficar monótono. Era sempre a mesma coisa. Elas não faziam nada diferente do que eu podia fazer sozinho e eu já não tinha sentimentos comuns, então, o único prazer que o sexo me proporcionava era o alívio do estresse.

Eu não conseguia olhar para elas e sentir algo profundo e diferente, assim, quando fiquei bêbado pela primeira vez e percebi o milagre do esquecimento, virei a minha compulsão para outra coisa: o álcool.

Tornou-se mais interessante, é claro.

Eu não era um bêbado como qualquer outro, mas acabou se mostrando algo que podia me distrair, e qualquer distração para um homem como eu, era completamente bem-vinda.

O fato de não saber quem era quem, quem estava do meu lado, de poder ver algo mesmo que fosse fruto da minha imaginação era magnífico. Então eu passei a beber cada vez mais e foi ótimo no começo, um bom alívio para o que quer que existia de errado com a minha cabeça.

Matar não me agradava mais, foder, tão pouco.

Torturar por diversão foi engraçado no começo, mas também perdeu a graça.

O que diabos eu podia fazer a seguir? Nada mais me interessava realmente, mas então quando eu tive aquele sopro de alívio e ele também perdeu a graça.

Ah, sim, aquilo foi devastador.

O fato de olhar em volta e não ver mais nada, de sentir minha garganta queimar e da minha língua ficar dormente de tanto álcool, mas, ainda assim, não sentir nada do que eu sentia no começo ficou irritante pra caralho. Usei droga por um tempo, mas comecei a me sentir burro pra caralho. Muito burro.

E quando após dois anos cheirando mais cocaína do que ar puro e injetando mais heroína do que bebia água, percebi que não seria bom para os negócios.

Parei de usar e me concentrei no negócio de novo, até que uma noite eu bebi e aquilo voltou com tudo.

No entanto, houve aquela noite poucos meses após minha recaída no álcool em que eu estava tão puto com um empregado

que havia cheirado o meu pó que acabei matando um sócio muito importante do meu pai estrangulado na frente de quinze pessoas, incluindo sua esposa.

Estando bêbado, achei sua cara de medo divertida e não parei de apertar seu pescoço até que ele parou de lutar.

Poof.

Simples assim, e eu arruinei o tráfico sexual para o meu pai.

Eu não sabia na época, mas ele ia ganhar muito dinheiro. O que o deixou muito irritado.

Foi engraçado pra caralho assim que aconteceu, mas quando fiquei sóbrio e percebi que poderia matar pessoas do meu interesse — financeiro, é claro —, resolvi parar e aquela foi a última.

Pelo menos até alguns anos depois eu recair novamente.

— Pelo menos resisti a você nos últimos seis meses — falei olhando para meu copo.

Depois de parar de beber, passei a guardar uma garrafa diferente de cada coisa especial que recebia. Para isso eu tinha uma moça que se dizia uma apreciadora das artes em geral e ela tomava um gole de cada líquido que eu guardava. O que ela considerasse lixo, jogávamos no rio e o que ela dizia ser ouro, ia para a minha coleção.

Se ninguém conseguisse me matar até meus cinquenta anos eu me aposentaria e beberia todas elas. Quem cuidaria de Londres

eu não sabia, por mim a maldita cidade poderia pegar fogo.

Sendo honesto, ser o rei ainda me interessava porque eu era vazio o suficiente para ficar entediado se perdesse o poder e a adrenalina de conseguir matar, roubar e planejar caos sem ser pego pelas autoridades.

Convenhamos, eu era bom pra caralho na arte do crime organizado.

— Está pronto, senhor Gatsby.

Sem olhar para a porta quando ouvi a voz e senti o cheiro da comida, acenei para que uma das garotas que vagavam pelo castelo trabalhando deixasse o prato. Ela o colocou na minha mesa e mostrou uma pequena garrafa.

— Gostaria de molho?

— Não, deixe aí.

— Certo, vou voltar para a cozinha. O senhor gostaria de mais alguma coisa?

— De paz, se possível.

Ela se retirou como se tivesse roda nos pés.

Encarei a comida com um desgosto surreal. Uma das poucas coisas que eu ainda apreciava na vida era a comida. Quando bebia, o álcool tirava meu apetite e para ser honesto, comer se tornou a única coisa interessante no meu dia a dia. Portanto, eu contratei um dos melhores chefs da cidade para trabalhar no castelo quando

reparei que a comida parecia derreter na boca e voltei a apreciar algo a mais.

Então, em dias como aquele, quando o chef me apresentava um ouriço para o jantar... sim, eu ficava meio puto.

— Korian.

Eu suspirei meu grito para que saísse.

— Paul — respondi. Inferno. Empurrei meu prato para trás.

— Está muito bonito, fará muitas jovens ficarem aos seus pés — falou com um sorriso.

Eu não respondi. O idiota sabia que não conseguiria nenhuma reação minha, ainda que tentasse de todas as maneiras me provocar ou chamar minha atenção. Cruzei as mãos e o encarei.

— O quê? Você gosta da minha companhia, só não sabe como pedir. Admita.

— E você tem um desejo de morte. — Dei-lhe um sorriso torto. — Mas não sabe como pedir.

— Quem sabe você não consegue despejar o seu ódio pela família no seu novo irmão? Eu posso ajudar e ambos ganharíamos com isso.

— O que você quer, Paul?

— Na verdade, eu fiquei encarregado de lembrá-lo de um evento importante na cidade hoje. É o aniversário de Londres e você

deveria estar lá.

— Ah, eu devo? — Levantei-me.

Ele hesitou ao me ver caminhando em sua direção devagar, analisando a si mesmo e suas palavras seguintes. Paul era burro, mas convivendo comigo aprendeu o momento de parar e pensar antes de falar algo que se arrependesse.

— Eu acho que seria bom se você fosse, estamos precisando de apoio por lá.

Inclinei a cabeça em falsa curiosidade. Eu não precisava de apoio para nada.

— Eu sei que dia é hoje e estou ciente do evento.

— Sabe? — Ele franziu o cenho em confusão.

— Quem você acha que mandou que espalhassem pelas ruas que haveria uma festa e todos deviam se reunir no centro?

— Teremos corrida de cavalos?

— Teremos tudo que a cidade espera. Por que não sai para comprar um terno, veste uma de suas prostitutas com joias caras e me encontra lá?

— Você quer a minha companhia?

Foi patético perceber que seus olhos brilharam em expectativa enquanto esperava a minha resposta. Eu quis vomitar a comida que nem tinha comido.

— Suma, Paul.

Aproximei-me da janela e me perguntei o que seria preciso para destruir a cidade inteira, incluindo o meu castelo. Suspirei. Bastava ir e ficar alguns minutos, conversar com gente rica e sair despercebido.

— Antes que eu vá, já faz uma semana.

— O que faz uma semana? — perguntei, mas eu sabia o quê.

— Seu irmão. Ele diz que está pronto para falar com você.

— Aposto que está — murmurei sem dar muita importância.

— Deve ser enlouquecedor ficar preso naquele quarto.

— Ele não está preso.

— Sim, mas ele não sabe como sair.

Ele sabia como sair.

A questão se dava ao fato de que tendo passado uma semana na mesma casa que eu e a frequente movimentação em torno de mim, Killian ficou deslumbrado.

Vindo de uma vida de pobreza, onde ele não significava nada além de um funcionário de um banco servindo seus chefes, quando recebeu de mãos beijadas uma oportunidade de se tornar um homem de verdadeira importância em uma cidade como Londres o pensamento de “não quero ser um Gatsby” rapidamente mudou.

Aquilo mexia com a cabeça de quem via.

As pessoas idolatravam cantores, atrizes, políticos, mas a verdade era que o mistério as fascinava, o fato de que eu não precisava me esforçar para ser reconhecido e requisitado mexeu com sua cabeça. Eu tinha certeza de que não teria o menor trabalho para transformá-lo em um gangster que trabalharia para mim e nossa conquista totalitária de Londres.

Eu vi a escuridão nos olhos de meu irmão e eu estava certo, estava no sangue.

Ternos caros, um trabalho digno e uma ficha limpa não tirava a sujeira de um homem. Principalmente se esse homem nasceu um Gatsby.

— Que bom que ele está ansioso, já que vai ao evento de hoje.

— Ele vai? — Paul não gostou, mas quem se importava?

— Sim. Faça com que lhe entreguem um terno, cortem seu cabelo e o deixem apresentável, eu vou depois e quando chegar lá quero que ele saiba pelo menos quem são as principais pessoas com quem fazemos negócios na cidade.

Paul riu sem humor.

— O quê? Quer que eu vire babá e professor dele?

— Sim. — Inclinei a cabeça em falsa ingenuidade. — Algum problema?

— Não. — Seu maxilar cerrado dizia outra coisa.

Eu sorri.

Ele engoliu em seco, estava claro em seu rosto que queria enfiar o meu prato cheio entre nós em minha goela abaixo, mas ele não podia. Ele simplesmente não podia fazer nada a não ser me obedecer.

A graça de ser Korian Gatsby era que o mundo ao meu redor sempre seria um eterno o mestre mandou, e para cada ato de desobediência existia uma consequência.

BELATRIX D’LAVEY

— Fiquem prontas!

Foi a primeira coisa que Nahati e eu ouvimos quando o velho Winsley entrou em nosso quartinho. Ela trabalhava na costura de um paletó novo encomendado sob medida para algum homem importante e eu estava encarregada de separar os tecidos novos que chegaram.

O vestido e a capa que ele jogou em mim tinha uma touca maior do que a que eu cheguei à cidade, esconderia todo meu cabelo e talvez até parte do meu rosto de tão grande e para Nahati ele deu um vestido de gola alta que ia até os pés.

— Prendam bem esses cabelos, e você não se esqueça — ele jogou algo em cima da mesa dela — sua algema. A aberração

vai puxá-la ao redor da cidade. Hoje é dia de demonstrar força, muita gente importante estará presente e eu quero que eles saibam que eu sou comprometido com nossas origens. Ter vocês duas sob meu domínio mostrará que posso ser muito mais do que o alfaiate da cidade.

Eu esperava que houvesse homens mais justos, que onde quer que estivéssemos indo que o parassem e não concordassem com o que ele estava fazendo.

— E-eu vou puxá-la?

Eu não queria estar certa sobre o que entendi.

— Você é burra? — ele gritou. — Você vai amarrar as mãos dela com uma corda. As duas vão ficar atrás de mim. Um passo em falso e eu as trago para cá e vocês vão se arrepender de ter tentado me desafiar.

Nós assentimos e quando ele saiu eu me virei para Nahati.

— Eu não posso fazer isso.

— Você deve.

Ela deu a volta na mesa de costuras e segurou meus ombros, suas mãos estavam curadas como eu havia dito. Em dois dias ela não sentia mais dor e no quarto suas mãos tinham apenas marcas fracas da queimadura colossal que havia sido feita.

— Ele quer que eu te leve como se eu estivesse levando um cachorro para passear!

— Porque é assim que ele me vê. Não, na verdade, ele não me dá o valor de ser comparado a um cachorro, mas você dá e eu agradeço muito por isso. É o que vai me consolar enquanto estivermos nessa posição.

— Nahati, eu não posso! Lutei a minha vida toda para não ser vista como uma aberração e agora farei isso com você.

— Não é você. Vou usar as suas palavras contra você agora, tenha um pouco de fé, a justiça chega para os justos. Lembra-se de ter me dito isso ontem no café da manhã?

— Nós não tivemos café da manhã.

— Eu sei, mas era bem cedo então eu considero que foi.

— Ele vai nos bater? É algum tipo de exibição?

— Até onde eu sei, Bryan disse que é o aniversário da cidade.

— Se eu soubesse que estava a caminho de ser escravizada — não terminei a frase, olhando-a com um pedido de desculpas —, desculpe.

— Não é culpa sua pensar assim e você não está errada.

— Eu me condeno porque se eu disser que se soubesse jamais teria aceitado a proposta de Winsley, estaria dizendo que tudo bem não ter te conhecido e você talvez não tivesse a chance de sair.

— Eu já pensei em matá-lo incontáveis vezes, mas entre ficar aqui ou correr o risco de ir para a prisão por matar um cidadão nobre de Londres eu prefiro ficar. Pelo menos tenho o Bryan e agora tenho você.

— Mas não vamos ficar, não tenho dúvidas de que sairemos dessa juntas.

— Eu estou começando a ter um pouco de esperança também. — Ela sorriu para mim. — Por isso não devemos desobedecê-lo. Você vai me amarrar e vai me carregar. — Vendo que eu estava prestes a negar outra vez, ela balançou a cabeça. — É o que temos que fazer.

— Tudo bem, mas se ele me der um chicote e disser que eu preciso te bater...

— Você vai bater.

— Não — neguei veemente. — Aí sim eu serei condenada à prisão, porque vou bater nele!

Ela riu e deu um aperto em meu ombro antes de soltar e voltar para trás da máquina.

— Agora vamos terminar isso. Já anoiteceu e temos que acordar cedo amanhã.

— Você acha que ele trará o jantar?

— Provavelmente comeremos as sobras do que ele trouxer da festa da cidade.

Quando ela dizia sobras, ela queria realmente dizer isso. O Lorde fajuto misturava em um pote velho sobras de comida e trazia para nós sem talheres e tínhamos que comer no chão. Eu estava passando por aquilo há apenas uma semana, mas Nahati nem sabia quanto tempo estava aqui.

Em minhas orações, eu dizia à minha mãe e ao universo que não queria igualar meus pensamentos à negatividade daquele homem, mas ficava difícil quando ele achava tão natural e ainda se orgulhava de suas ações contra nós. Não tínhamos privacidade no banheiro, pois ficava escondido atrás de uma cortina. Nossos banhos eram feitos em um balde com água fria — ou morna se tivéssemos sorte e conseguíssemos aquecer água suficiente. Arrepender-me de ter vindo para Londres e fugir do que certamente aconteceria comigo em Salém não era uma opção.

Mas, ainda assim, eu me perguntava quando aquele pesadelo teria fim, eu não queria passar nem mais um dia sob as garras de Winsley.

ϟ

Nos meus sonhos eu corria pela floresta perto de casa e a cada passo um dente de leão se desfazia e voava ao meu redor. De repente uma chuva começou e eu ouvi um trovão, o segundo foi mais forte, então quando outro pareceu cair do céu diretamente em mim, pulei assustada e acordei percebendo que a chuva era real,

mas vinha do balde de água suja que o Lorde fajuto jogou sobre mim.

Nahati já estava de pé completamente molhada. O cheiro subiu rápido, não me deixando dúvidas que ele realmente nos jogou água suja.

— Pronto, já estão de banho tomado. Tirem essas roupas e se sequem, as roupas novas estão aqui.

Eu ainda estava em choque sentada no meu canto no chão e ele veio em minha direção com uma careta horrenda, acertando-me um tapa forte no rosto. Desabei para o lado e vi Nahati dar um passo à frente. Tossi na mesma hora para que ele continuasse prestando atenção em mim e não percebesse que ela fez um movimento para contrariá-lo. Sentei-me novamente e lhe repreendi com o olhar.

— Quem você está pensando que é sua, aberração nojenta?

Mantive minha cabeça baixa olhando diretamente para os seus sapatos limpos e impecáveis. Lembrei-me de quando eu usava sapatos assim, quando a minha mãe cuidava para que eu andasse orgulhosa por onde passasse.

— Você, coisa — chamou Nahati. — Vá fazer o que eu mandei.

Nahati estava em choque olhando para mim no chão e quando não fez de imediato o que ele mandou, foi surpreendida por Winsley segurando seu cabelo e a jogando em direção à parede, ele então tirou o cinto e acertou às suas costas, no peito, no pescoço e

na orelha. A fivela imediatamente cortou a pele do pescoço e o sangue brotou na hora. Não era muito, mas o suficiente para que escorresse um pingo na roupa.

Ela se virou de frente para a parede e ficou imóvel, senhor Winsley lhe bateu mais uma vez, ela estremecia, mas não fez nenhum barulho ou tentou se defender.

— Por favor. — Eu me levantei e fui em direção a eles. — Já chega, nós vamos nos preparar agora.

— Cale a boca, coisa! — vociferou, então, virou sua fúria e me acertou, a dor da fivela atingindo o meu olho foi imediata, por um momento eu não consegui sentir nada, mas então ele começou a despejar palavrões gritando para que Nahati cuidasse de mim e saiu batendo a porta com força.

Ela rapidamente se ajoelhou em minha frente e segurou meu rosto, olhando atentamente. Seus lábios se moviam, mas eu não conseguia ouvir, o meu sangue estava bombeando com força, fervendo e eu me peguei tentando não sentir a dor que estava por vir. Foi impossível.

Meu controle durou apenas alguns segundos e então começou a queimar, arder e eu senti uma dor tão forte como nunca havia experimentado antes, coloquei a mão na boca e apertei com força para que não emitisse um único som. Meu olho estava embaçado com algo molhado como se eu estivesse chorando, mas ao contrário do olho esquerdo não caía nenhuma lágrima, apenas quando pingou na saia do meu vestido percebi que era sangue.

Meu ouvido parou de zumbir e aos poucos a voz de Nahati foi ficando mais nítida.

— ... e ele passou de todos os limites agora. Sobrou um pouco das ervas que você fez para me curar. Vou colocar no seu olho e então farei o curativo.

— Ok — sibilei fracamente. Era o que eu ia dizer a ela para fazer e fiquei grata que tivesse pensado nisso com rapidez. Ela amassou as ervas exatamente como eu tinha feito antes e eu apertava as mãos em punho com força para não encostar em meu rosto com medo de doer ainda mais. Meu choro silencioso me agoniava e me deixava tão ansiosa que talvez eu fosse desmaiar a qualquer momento.

— Pronto, está aqui.

— Como está?

— Está muito feio, Trix, eu não sei o que dizer, você quer dar uma olhada?

— Não, eu não posso. Vou apenas fechar o olho e você coloca as ervas por cima, está quente?

— Sim, mas não muito.

— Tudo bem, é bom que esteja assim. A temperatura vai ajudar, então, eu preciso que você coloque um pano limpo como eu fiz com a sua mão, lembra?

— Sim.

Com calma ela fez o que eu disse, e embora sua mão tremesse foi extremamente corajosa e em poucos minutos eu tinha meu curativo feito. Jamais conseguiria expressar a dor que sentia e não era apenas física, para quem veio de um lugar onde o respeito pelo chão, céu e os seres era algo primordial, estar sob o domínio de um homem tão cruel e violento, não havia consolo para o que estava acontecendo conosco, minha alma doía e meu coração estava dilacerado.

— Eu não posso aguentar nem mais um minuto disso.

— Ele é terrível. — Concordou.

— Eu sei. Eu sei, nós temos que pensar em algo, mas você não vai conseguir hoje.

— Eu vou porque é nossa única chance.

— O quê? Você quer tentar algo hoje? Olha o que ele fez com você.

Balancei a cabeça lentamente, negando qualquer recusa, peguei o pote com as ervas de sua mão e coloquei o suficiente em seu pescoço.

— Sente dor em algum lugar.

— Trix, você está ferida aqui, não eu.

— Eu aguento, você passou por isso por muito mais tempo do que eu e sobreviveu.

— Uma dor não é comparada à outra, ele vai nos matar, essa é a única coisa que eu sei, ainda que seja sem querer. Viu como age quando está com raiva e depois sai? Ele não se arrepende exatamente do que faz, mas acho que não quer nos matar. Ele se sentiria culpado demais para isso.

— Eu penso o mesmo, e não vou dar chance a ele de fazer isso comigo, ninguém vai tirar a minha vida, não se ainda não for a minha hora.

— Eu concordo.

— Então aqui está o que nós vamos fazer. Vamos nessa festa da cidade e eu preciso que você saiba que meu coração vai doer a cada passo que eu der te puxando, mas quando estiver distraído eu vou procurar alguém. Precisamos ficar atentas a qualquer pessoa que nos olhar. Alguém poderoso, alguém com cara de que faria algo para nos ajudar e que não goste da situação, alguém que se sinta mal o suficiente para nos ajudar e então nós vamos pedir ajuda.

— Mas como? O senhor Winsley nunca vai nos deixar sozinhas.

— Pensaremos nisso na hora, por ora é tudo o que tenho. Fique atenta às pessoas.

— Você acha que alguém nos ajudaria?

— Eu vi um pouco mais do mundo do que você, sei que tem pessoas que não pensam assim como ele, entende? Tem pessoas que respeitam a vida e as diferenças de cada um.

— E você acha que nós conseguiremos encontrar alguém assim aqui?

Eu tentei me levantar e a dor irradiou em todos os lugares que ele havia acertado com o cinto.

— Eu espero que sim.

Ela empurrou meu cabelo para trás.

— Nós não vamos conseguir tomar banho para ir. — Quando ela disse isso eu queria chorar, mas ergui a cabeça e dei um aceno.

— Tudo bem, então não vamos, tomaremos banho quando encontrarmos uma nova casa.

Era isso ou enfrentar a morte ao desafiar o senhor Winsley, mas eu não passaria mais nenhuma noite naquele lugar.

CAPÍTULO 7

KORIAN GATSBY

— Feliz aniversário, Londres! Feliz aniversário para essa linda cidade que tem prosperado com a ajuda dos governantes e nossos cidadãos de bem que povoam essa comunidade com amor, harmonia e paz.

O discurso do prefeito foi perfeitamente ensaiado, mas era uma piada e todos sabiam disso. Eu estar sentado ao lado de sua esposa e filho, e das famílias mais ricas e influentes da cidade já dizia tudo. Ainda existia um jornal que insistia em me colocar nas manchetes. Eu gostava do desafio e da forma como o dono do jornal me provocava, testando minha paciência enquanto me exibia e expunha minhas ações criminosas, mas todos viravam a cara, ele foi o único que restou.

Se minha índole fosse facilmente provocada eu não seria quem sou.

Além disso, quem confirmaria suas histórias se todos sabiam que era melhor estar ao meu lado e não contra mim?

Eu estava sentado na varanda do terceiro andar da varanda do Hotel Ocean. O centro estava lotado. Havia cavalos desfilando com dançarinas, música alta com uma banda na calçada e no palanque montado estrategicamente, responsáveis pela política e ações sociais discursavam.

Para os moradores era o evento, mas para mim, bem... ao olhar no relógio de bolso confirmei que já passara da minha hora.

Paul estava a três cadeiras depois de mim. Joanna ao meu lado segurava meu braço, claramente para que nenhuma mulher chegasse perto. O que não faria nenhuma diferença caso eu quisesse alguém. As jovens me foderiam com aliança, com algemas ou com um cadeado no pau.

— O que você faz por essa cidade é lindo, meu amor — Joanna falou no meu ouvido. — Não consigo me imaginar com um homem melhor que você.

— Você conseguiria estar com qualquer um que lhe desse o status que eu dou. Não seja cínica, não combina com você.

Fingindo estar chocada com minhas palavras, ela soltou meu braço esperando que eu fosse atrás. Era o teatro de sempre, mas ela sabia que eu não iria, então, minutos depois voltou para perto de mim por conta própria.

— Um dia você vai valorizar a mulher que tem ao lado, Korian.

É claro, pensei ironicamente. Ou eu seguiria o exemplo do meu pai e mataria a mulher.

— Korian. — O prefeito se aproximou após terminar seu discurso e subir para ver o resto do desfile. — Fico contente que conseguiu vir. Vamos recepcionar uma festa em minha casa.

Óbvio que ia, eu ordenei que fizesse. Mas ele tinha que falar alto para que as pessoas ouvissem.

— Divirta-se — me limitei a dizer.

— Senhorita. — Haward tocou o braço de Joanna, dando-me um olhar cauteloso.

— Senhor prefeito! Foi um belíssimo discurso. Falou tudo o que precisávamos ouvir sobre nossa cidade.

Ele sorriu.

— E como está o seu pai?

— Está muito bem. Ele pensou que conseguiria vir, mas ficou preso no trabalho. O senhor sabe como é.

— Eu sei. Bem, se decidirem ir serão muito bem recebidos. Korian, posso ter uma palavra?

Levantei-me, deixando o braço de Joanna cair e Paul rapidamente tomou meu lugar ao seu lado. Ele tentava disfarçar, mas por não me apegar a nenhuma emoção ou comoção que acontecia ao meu redor, eu conseguia analisar tudo o que acontecia em tempo real. Não deixava nada para depois. Tornei-me um observador compulsivo e nada passava batido.

Paul desejava Joanna, mas ela não lhe dava nem um minuto de seu tempo. Era engraçado ver o esforço que ele fazia para parecer melhor ou mais adequado que eu. Às vezes eu me

perguntava se sua ânsia em ocupar cada vez mais um lugar de importância ao meu lado era para impressionar minha noiva.

Parei para pensar por um momento.

E se eu a mandasse casar com ele já que quer tanto o meu sobrenome? Aquela ideia me pouparia ter que matá-la.

Olhei para trás, observando os dois.

Enquanto ele falava perto de seu ouvido, ela olhava para baixo, assistindo o desfile.

Meus olhos desviaram para Killian sentado num canto com Sam. George foi enviado a Liverpool para lidar com as pendências de meu irmão. Talvez Killian seria uma opção melhor para Joanna.

— Eu não sabia que teríamos mais um Gatsby chegando à cidade.

Voltei minha atenção ao prefeito.

— Não foi uma informação que divulguei.

— Sim, eu entendo, mas Korian — ele hesitou —, ele é seu irmão. Seu irmão gêmeo. Eu acho que deveria darmos um pouco mais de importância para isso.

— Por quê?

— Bem... — Limpando a garganta, ele passou um lenço na testa e continuou: — Sua família expande o território a cada ano.

Você tem seu dedo em tudo e embora seu pai não esteja mais aqui você redobrou o poder que tem pela cidade e além dela.

— Ainda não estou acompanhando seu raciocínio.

— Eu serei direto. — Ele deu um sutil passo para trás, mas tentava manter o rosto neutro para quem estivesse nos observando. — Me sinto pressionado com tantos de vocês aqui. Eu não queria dar uma festa hoje, mas você me forçou. Eu não queria retirar minha candidatura, mas você...

— Não estou te forçando — o interrompi.

— Você me chantageou.

— Eu te dei uma opção melhor do que cadeia ou morte. Você não estava colaborando plenamente com os meus negócios e por isso vou colocar alguém que esteja mais disposto.

— Você quer dizer coagido.

— Simplesmente existem pessoas que sabem aproveitar oportunidades melhor que você.

— Eu não vou dar espaço para que você faça essa cidade andar sob o crime. Não quero cada esquina manchada de sangue com suas ações, sua família é uma desgraça.

— Você acha, prefeito Hawkins? Então porque você não vai àquele jornalzinho contar que é coagido e não coloca a polícia no meu pé porque eu sou um homem mal? — Ele engoliu em seco. —

Só não se esqueça que quando perguntarem o que eu tenho contra você, terá que dizer a verdade. — Eu sorri quando desviou o olhar.

— Você é muito baixo, Gatsby.

— Eu sou? Bem... eu não enviei minha enteada a um colégio interno para evitar que ela contasse à minha esposa que eu gosto de roubar suas calcinhas e gozar em suas bonecas.

Ele fechou os olhos com força.

— Já chega!

— Não quer ouvir? Eu penso que deve, afinal, você é um homem justo e não quer cada esquina manchada com o sangue de minhas ações, mas tudo bem derramar esperma nas coisas de uma criança.

— Eu vou fazer! Tudo bem!

— É claro que vai. Você é um porco que tem tudo a perder, enquanto eu não tenho nada. O meu irmão é um Gatsby e ficará na cidade para que eu faça dele uma cópia de mim. Se você tiver problemas com isso — abri os braços —, suba naquele palanque e me denuncie.

— O que você precisa que eu faça na festa? — perguntou de cabeça baixa.

— Você vai recepcionar alguns americanos e receber discretamente três malas. Não abra — frisei —, eu vou saber se abrir.

— Todas as pessoas ficam de olhos em mim, como serei discreto com a minha casa cheia?

— Ora, eu não sei, mas eu preciso que seja mais discreto do que foi com suas aventuras sexuais.

Ele fez um gesto de quem ia vomitar, mas engoliu e tossiu, assentindo.

— Já chega — implorou. — Eu vou fazer tudo o que você quiser, mas tenho que pedir, Korian... Londres não aguentaria mais uma guerra entre gangues, Korian. Eles não gostam da forma como você está lidando com as coisas.

— Lidando? — inquiri observando o líquido escuro em meu copo. Após seis meses, eu podia dizer oficialmente que mataria por um gole daqueles.

— Com violência exacerbada. Corpos nas vielas, jornais estampados com notícias que sempre mencionam seu nome e…

— Chega.

— Como é?

— Chega disso — falei com firmeza, deixando o copo intacto na mesa antes que virasse a bebida de uma vez e jogasse a culpa do assassinato do prefeito em uma falsa recaída. — Eu não estava feliz com a forma como o meu pai lidava com as coisas e roubei o trono dele, então sabe o que você vai dizer para as pessoas nas ruas? — Eu abri os braços, aproximando-me dele lentamente. —

Que entrem e o tirem de mim. Todo mundo sabe que eu nunca tranco minhas portas.

— Korian. — Eu me virei ao ouvir Killian me chamando.

— Falo com você depois, prefeito.

Ele assentiu nervosamente. Eu me aproximei de meu irmão.

— Sente-se e assista calado para memorizar a cidade.

Ele franziu a testa.

— Você não vai me mandar ficar sentado como um cão. Eu sei do meu lugar.

— Então, eu sugiro que se sente. Sam. — Indiquei um canto vazio no interior do hotel. Esperei que Killian entrasse e o segui.

— Agora resolveu falar comigo? Depois de me deixar trancado como um bicho de estimação?

— Você não estava trancado.

— Você disse que tinha planos para mim, mas até agora eu só tenho motivos para ir embora.

Eu indiquei a porta com um balançar da mão direita.

— Então, vá. Saia e esqueça essa falha tentativa de ser um Gatsby. — Ele engoliu em seco, porém os olhos trêmulos não desviavam do meu rosto. Arqueei uma sobrancelha duvidosa. — Seus pés estão pregados no chão?

— Você sabe que não vou — disse entredentes.

— Vinte e três de agosto de 1914 você veio a Londres, andou por algumas ruas e perguntou sobre a família Gatsby.

— O quê? — perguntou num tom de surpresa e choque.

— Eu governo essa cidade por uma razão, Killian, e com certeza não cheguei aonde cheguei gritando por aí e fazendo um show na frente de toda a cidade.

— Não foi isso. Está acontecendo algo lá fora.

— É uma celebração de algo que acreditam e gostam de festejar. Harmonia, alegria e paz, algo que prefiro que eles continuem acreditando ter.

— Não, não é isso. Eu disse a esse filho da puta — apontou para Sam — que eu precisava sair para conferir algo, mas ele negou!

— Se Samuel negou é porque me conhece e sabe o que eu aprovaria ou não.

— Mas você não viu o que eu vi, venha comigo até a sacada e vou lhe mostrar. Prometo que concordará comigo e vai me deixar descer!

— Não me faça promessas, Killian. Nem mesmo se for algo vago ou caso planeje cumprir com sua vida. Nunca.

— Tudo bem, tudo bem — ele ergueu as mãos —, mas se me trouxe aqui é porque sabe que eu algum momento vai ter que

me dar algum crédito e confiar em mim. Só vá comigo até lá fora.

Sam encolheu os ombros atrás dele.

Eu olhei meu relógio de bolso. Estava começando a ficar muito inquieto, sinal que precisava estar em casa.

— Está bem, mostre-me.

Segui-o para fora, mas assim que passamos das portas para a sacada, algo estranho aconteceu. Um vento forte bateu, levando as cortinas a derrubarem algumas taças da mesa. Minhas mãos coçaram e eu senti um cheiro adocicado, como se fossem flores, mas não tinha nenhuma por perto.

— Ali! — Eu segui Killian até o beiral e olhei na direção que apontava.

Lá estava alguém que não me era estranho, um homem que trabalhava na cidade. Nunca tive uma grande questão com um sujeito, mas eu jamais esquecia um rosto. E atrás dele, onde eu acreditava que fosse o foco de atenção de Killian, tinham duas pessoas cobertas por capas. Uma delas puxava uma corda que prendia a outra pelas mãos.

Vislumbrei dedos negros e entendi no mesmo momento que se tratava de uma escrava ilegal. A da frente, eu tive apenas um vislumbre do queixo e pescoço, mas era extremamente branca.

O homem olhou para trás, fitando a que puxava a corda e disse algo que lhe fez parar abruptamente, fazendo o vento e seu

movimento brusco levar a touca para trás, revelando cabelos tão brancos que pareciam neve.

Eu vi de longe a força dos olhos turquesa dela.

Eram intensos, amedrontados, porém existia uma fagulha de coragem que alimentava o ódio com que ela o fitava. Reconheci aquele sentimento de imediato, pois foi um dos últimos que senti na infância.

— Olhe isso! Ele está tratando-as como escravas no novo mundo, no meio da cidade!

— Ela é uma bruxa. — Sam sacou sua arma da cintura. — Quando quiser, senhor.

— Guarde essa merda.

Voltei meus olhos para a mulher, vendo o homem agarrar seu pulso com força e puxar a touca de volta. Antes que ele tapasse a metade do rosto dela de volta, ela lhe fez uma cara feia, como uma onça prestes a atacar, mas não tinha sequer tamanho para lidar com o homem.

— Korian, você precisa descer — Killian implorou. — Temos que fazer algo!

Sim, eu poderia fazer alguma coisa.

Poderia libertá-las e matá-lo.

Poderia fazê-lo pagar pelo curativo que escondia um dos olhos dela e pela corda que amarrava a de trás.

Contudo, não era assim que eu governava. Eu não fazia justiça, não era um herói. Eu só precisava comandar o meu reino, os problemas dos outros não eram meus e aquela seria a primeira lição a ensinar a Killian.

— Deixe-os ir — falei tranquilamente, mesmo que quisesse descer e empurrar sua touca para trás novamente.

— O quê? — ele se exaltou, fitando-me como se eu tivesse perdido a cabeça. — Você vê o olho dela? Provavelmente está apanhando dele!

— Esposas apanham de seus maridos todos os dias. Você vai entrar de casa em casa para aplicar sua lei?

— Se não é esse o nosso propósito, como é que você diz que governa essa cidade? Um governante jamais deixaria um ato de crueldade como esse acontecer em praça pública.

Minha resposta foi rápida para que ele não pensasse nem um minuto que eu estava refletindo em suas palavras.

— Tire-o de perto de mim — ordenei a Sam.

Era bom que Killian sumisse antes que o demônio que me habitava resolvesse acordar e agarrasse seu pescoço, jogando-o sacada abaixo só para ter o prazer de vê-lo quebrar o pescoço, ou com sorte, apenas alguns ossos.

Seguindo minha ordem, Samuel agarrou seu braço e o levou para fora da suíte. Eu o ouvi me chamando mais duas vezes antes que sua voz fosse abafada por outros sons.

Olhei para baixo novamente e a encontrei. Ela mancava, mas não ergueu mais a cabeça, impedindo-me de ver seus olhos novamente. Aquele cheiro doce passou por mim novamente, acelerou meu coração e fez com que eu conseguisse me ver descendo e indo até ela.

Fechei os olhos, pisquei, mas a imagem ainda estava nítida em minha mente.

— Meu amor. — Joanna surgiu ao meu lado, de repente. — Eu quero ir à festa.

— Não, Joanna.

— Korian — foi incisiva —, eu quero ir!

— Então, vá.

— Eu não posso ir sozinha!

— Então mande Paul te levar.

— Não quero ir com Paul, quero ir com o meu noivo.

Desviei os olhos dela e voltei minha atenção para a rua lotada. Eu a vi imediatamente, como se meus olhos estivessem fixos nela desde que Killian a mostrou para mim. Ela ergueu o rosto para o céu e fechou o olho descoberto. Estaria rezando?

Pude vê-la respirar profundamente antes que o homem que a possuía lhe desse uma cotovelada.

Eu fechei os olhos com o incômodo repentino que senti.

Que mal faria se eu o matasse?

— Não.

— O quê? — Joanna questionou.

Eu a ignorei.

Eu disse a Killian que não podia interferir e assim seria.

— Quem é aquele homem? — perguntei em voz alta falando comigo mesmo, esquecendo-me que Joanna estava ao meu lado.

— Quem?

Droga. Já que ela estava ali e provavelmente esqueceria minha pergunta em minutos não faria mal perguntar.

— O de terno cinza próximo ao homem com quadros no chão.

— Ah. É um alfaiate. Meu pai faz muitos ternos com ele. Posso lhe marcar um horário se quiser.

— Não. Qual é o nome dele?

— Olav Winsley, mas eu ouvi dizer que ele gosta que o chamem de Lorde Winsley às escondidas. — Tirou sarro.

— Ele não é nada.

— Sim, sim — ela segurou minha gravata —, querido, por favor, vamos comigo.

— Joanna. — Virei-me para ela e segurei uma mecha de seu cabelo. — Eu estou ficando cansado da sua voz. E meu histórico me alerta que quando eu canso de algo, meu primeiro instinto é eliminar. Então... — falei lentamente — a menos que você queira que eu te afogue na porra da piscina do prefeito, eu sugiro que vá até Paul e mande que ele te leve até a festa.

Seus olhos se encheram de lágrimas, mas junto a elas tinha raiva e descontentamento.

— Se um dia você morrer envenenado, saiba que fui eu quem pagou uma empregada. E se morrer com um tiro surpresa, saiba que fui eu que encomendei.

Ela saiu apressadamente, mas não me apeguei a ficar observando. Voltei minha atenção para a rua, procurando a mulher de cabelos brancos e olhos azuis, mas não a encontrei. Andei pela sacada observando minuciosamente cada pessoa na multidão, mas não a vi.

Balancei a cabeça, passando as mãos pelos cabelos.

— Não — sussurrei.

Aquilo era Killian e uma fagulha do passado falando comigo.

Eu não me importava.

Eu não me importava com seus cabelos brancos como a neve, com a intensidade da turquesa em seus olhos azuis ou a dimensão do tratamento que estava recebendo. Nada daquilo era da

minha conta, e se ela sumiu tão rápido, eu provavelmente nunca a veria outra vez.

— Senhor Gatsby?

Eu me recompus ao ouvir meu nome sendo chamado e empurrei a bruxa para fora de meus pensamentos, mas conforme Clark, um dos maiores empresários de Londres falava comigo, eu só conseguia olhar além dele para a parede branca que só me lembrava uma coisa, ou para a gravata azul que usava que parecia uma versão ampliada do olho daquela mulher.

Quando senti meu rosto virar instintivamente para a multidão, forcei-me a permanecer encarando-o e prestar atenção no que falava.

Passei anos sem sentir nada.

Não seriam olhos, cabelos ou pena que me faria voltar aos velhos tempos.

Não. Nunca mais.

CAPÍTULO 8

BELATRIX D'LAVEY

Eu não podia acreditar que aquilo era real. Quando olhava para o homem bem-vestido andando à minha frente, trocava olhares com Nahati para ver se ela sentia a mesma apreensão que eu. Tudo aconteceu muito rápido, em um momento eu estava sendo pressionada pelo senhor Winsley para puxá-la por aquela corda estúpida e no outro um homem enorme apareceu à minha frente, levando-me por entre a multidão. Meu primeiro instinto foi lutar contra, mas então aquele homem de olhos azuis aproximou-se dizendo:

— Nós não temos muito tempo até que ele perceba que vocês não estão mais o seguindo, por favor, venham comigo.

Aquele foi o meu plano desde o início, procurar por alguém que estivesse disposto a nos ajudar e nos livrar da vida de servir o velho e lá estava uma chance bem na nossa frente. Eu não fazia ideia de quem era, mas a forma como ele estava falando conosco e como esperou pela minha resposta me fez querer segui-lo e levar Nahati junto comigo. Nós não paramos de andar por pelo menos vinte minutos e ele seguia o gigante que estava junto quando nos abordaram.

Seguimos direções que eu não confiava como vielas escuras e ruas muito estreitas onde eles podiam fazer algo conosco a

qualquer momento, mas não pareciam interessados naquilo.

Poderia ser pior e o único pensamento que realmente iluminava a minha mente era: poderia ser pior do que servir o velho?

Eu não sabia, mas era pagar para ver e descobrir ou continuar lá já que ninguém além daqueles dois mostraram qualquer interesse. Eu queria olhar para Nahati e garantir a ela que ficaríamos bem, que estávamos seguindo o caminho de uma nova vida segura, mas como poderia?

Ela não soltava a minha mão em nenhum momento e o aperto em meus dedos era firme, mostrava-me que ela confiava plenamente em mim. Eu não sabia se ficava aliviada ou assustada com a revelação.

Nós paramos finalmente quando estávamos atrás de um enorme muro numa rua de cascalho. Parei bruscamente fazendo Nahati tropeçar em mim.

— O que aconteceu com o seu olho? — o homem de olhos azuis perguntou.

— Isso não importa — o outro respondeu por mim. — Gatsby não vai gostar disso.

— Eu não me importo com o que ele vai gostar ou não, você viu o que estava acontecendo com elas.

— Não é da nossa conta.

— Isso é besteira! Vocês me trouxeram aqui contra a minha vontade, agora vão lidar com as coisas que eu acho justas!

— Por que você não vai até o seu irmão e diz isso?

— Pode deixar que eu vou dizer, mas primeiro eu tinha que tirá-las de lá. Tenho certeza de que nunca seria tão contra se Gatsby decidisse ajudar as duas.

— Ele saberia onde encontrá-las porque nós conhecemos cada pessoa dessa cidade — ele apontou para nós duas —, elas estavam sob posse de Winsley. Ele reveza escravos em sua alfaiataria.

— E ninguém nunca o parou?

— É mais importante que ele continue fazendo ternos e pagando os impostos que nós exigimos do que cuidar de suas atividades extracurriculares.

— Isso não é extracurricular, olha a situação dessas mulheres! — Ele se voltou para mim novamente de forma brusca, então deu um passo atrás quando viu que recuei. — O que aconteceu com o seu rosto?

— Não diga nada — Nahati sussurrou atrás de mim.

— Por favor, eu quero ajudá-las, mas não posso se não tiver provas de que aquele homem as prendia contra sua vontade, a corda já me diz muita coisa, mas eu preciso ouvi-las. Isso não é uma corte e não estamos aqui para julgamento.

— Caralho, eu não sei o que eu tinha na cabeça quando...

— Você viu que era errado, diferente do seu chefe. Vocês duas fiquem aqui, Sam vai conferir se a passagem está segura. — Quando ele se foi o homem de olhos azuis fez um sinal para que ficássemos perto do muro. — Quanto mais discretos nós formos, melhor.

— Há alguém com quem preciso conversar antes? — perguntei a ele

— Não se preocupe com isso por enquanto, eu vou mantê-las seguras, mas preciso que me ajudem nisso.

— Nós não queremos causar problemas, senhor.

— Vocês não estão causando problema nenhum, parece que vieram como um sinal. — Ele passou a andar de um lado para o outro, parecia cheio de adrenalina, eu não sabia se tinha bons sentimentos sobre ele, mas desde que estivesse nos ajudando eu ficaria ao seu lado para a nossa segurança. Porém, sempre atenta. — É isso, foi por isso que eu não consegui ir embora. Esse é o meu destino! Eu estou destinado a ficar aqui e consertar o que está errado.

Então ele se achava um herói.

— O senhor realmente agiu muito bem, senhor, me perdoe se não devo falar.

— Você deve falar. A escravidão acabou e você não deve nada a ninguém apenas a si mesma, está bem? — Ele sorriu. — Se

eu lhes trouxe aqui é porque sei o quão errado isso está, escutem... eu não sou dessa cidade. Cheguei aqui recentemente.

— Eu também — falei.

— Viu, tudo se encaixa!

Ouvimos um assobio e ele fez sinal para que o seguíssemos. Fomos coladas à parede até o fim do muro, onde ele fazia uma curva e tinha um pequeno portão logo em seguida.

— George deve estar almoçando, vá — o tal Sam informou.

— Onde eu posso colocá-las?

A raiva nos olhos do homem era muito intensa.

— Onde você vai colocá-las? Eu não sei, mas deixe-as próximas para que elas varram as cinzas quando Gatsby queimá-lo vivo, eu não quero nada com isso as duas são problema seu.

Ficamos nós três parados aparentemente sem saber o que dizer. Quer dizer, nós com certeza, mas ele... Aquela não era sua casa?

— Eu não quero ser abusada, mas talvez devêssemos entrar.

— Sim, sim, claro.

Deparei-me com um terreno de grama verde e uma trilha contornada por árvores que parecia uma floresta. Eu parei, tirei meus sapatos e pisei descalça no chão.

Alívio me inundou. Senti em meu coração tamanha segurança que não sentia desde que pisei na floresta na minha casa pela última vez, algo ali me chamava e eu não sabia o que era ou de onde vinha, mas não tinha o que temer. Só sabia disso.

Nós seguimos pela trilha, escondendo-nos atrás das árvores.

— Desculpe-me perguntar, senhor, mas quem é ele?

— Quem?

— O homem de quem Sam falou de forma tão ruim.

Ele hesitou.

— É o dono deste lugar. Ele estava na festividade, mas não foi do seu interesse ajudá-las, por isso até que eu descubra o que fazer preciso que sejam discretas, invisíveis.

— Sou muito boa em ser invisível, não será difícil.

— Eu sinto muito ouvir isso, porque quando me diz algo assim me mostra que você está acostumada a não ter voz em alguma situação, o lugar de onde eu vim não é assim que fazemos as coisas.

— É perto daqui, senhor?

— E se o dono deste lugar for pior do que o senhor Winsley? — Nahati falou baixinho exatamente o que eu estava pensando.

— Ele não mantém escravos aqui — disse o homem de olhos azuis. — Cheguei há pouco tempo, mas sei que não é esse

seu tipo de interesse e de qualquer forma eu posso convencê-lo dizendo que vocês vão trabalhar em troca de uma casa. Olhe como esse lugar é enorme.

Olhei para a frente, deixei meus olhos vagarem para onde ele apontava consumida pelo esplendor do lugar que parecia um castelo.

— O dono daqui é um rei?

— Não, quer dizer, não de fato. Ele tem muito poder na cidade, mas não é um rei.

— As pessoas o obedecem?

— Sim.

— E nós vamos obedecê-lo?

— Eu espero que sim, pelo menos agora.

Eu estava curiosa.

— Se não teve interesse em nos ajudar, por que o senhor ajudou?

— Porque eu não sou como ele e cada dia nesse lugar tento provar a mim mesmo, vocês foram a oportunidade perfeita.

— Nós agradecemos muito por isso, senhor. O lugar onde estávamos era muito difícil.

— Entendo se não quiser dizer o que aconteceu, mas quero saber apenas o que precisam. Me façam uma lista e eu vou

conseguir.

— Sem que o dono daqui nos veja?

— Não se preocupem com isso, lá dentro é tão grande que em dias eu ainda não fui capaz de conhecer tudo, ele não as verá a menos que vocês procurem por ele. Vamos apenas esperar escurecer um pouco mais e então seguimos para dentro. Eu não quero correr riscos. A propósito, eu sou Killian.

— Eu sou Belatrix e essa é Nahati. — Dei um aperto na mão de Nahati e ela apertou a minha de volta, acho que pela primeira vez ambas estávamos sentindo uma chama de esperança.

ϟ

Um cômodo atrás da cozinha com uma porta de ferro, duas camas, um armário pequeno no canto da parede e um tapete maltratado no chão. O quartinho não tinha janelas, também não contava com uma boa pintura, iluminação ou enfeites.

Mas eu me senti como se estivesse em um hotel cinco estrelas comparado ao que o velho Winsley nos forçou a viver.

Foi difícil não ceder ao choro, mas eu não queria incomodar ou ocupar o tempo do homem que acabara de salvar nossas vidas.

Minha intuição dizia algo, mas eu ainda não sabia o que era.

— Não se preocupem com quantidades. A primeira vez que olharem a dispensa vão ver que não falta alimento.

— Esse senhor deve ser muito rico — comentei.

— Na minha experiência, homens ricos não dão nada de graça — Nahati falou, arrependendo-se em seguida pelo olhar em seu rosto.

— Na minha também não. — Ele concordou com um sorriso triste. — Por isso vou garantir em primeiro lugar um bom acordo para que permaneçam aqui. Vejo tantas pessoas vagando por essa casa que mais duas serão um problema, duvido até que ele vá notar. Vocês precisam de mais alguma coisa?

— Não, senhor. Fez muito mais do que esperaríamos de alguém. — Abaixei a cabeça, demonstrando minha gratidão.

— Não temos como agradecer — Nahati completou.

— Eu encontrarei um jeito. Enquanto isso fiquem aqui e sejam discretas. — Ele me olhou tristemente. — Cuide do que quer que tenha acontecido com o seu olho, não se esqueça de me fazer a lista com o que precisa para poder cuidar dele direito.

— Certo.

Ele nos observou uma última vez antes de sair e encostar a porta.

A primeira coisa que fiz depois de alguns segundos foi ver se estava destrancada. Ao perceber que sim, saí de imediato,

ignorando os protestos de Nahati. Seguimos para um corredor médio que levava até a cozinha vazia.

— Trix — sussurrou segurando meu braço. — Ficou maluca! O que está fazendo?

— Estamos morrendo de fome.

— E daí?

— Ele nos tranquilizou sobre pegar comida.

— Você não o ouviu dizer que encontrará uma forma de nos fazer pagar?

— Não creio que quis dizer desse jeito. Se seus planos fossem parecidos com os do velho Winsley, nós nem teríamos chegado aqui.

— Eu nunca conheci um homem bom. Algum que tivesse boas intenções.

Eu entendia seu medo e a expressão assustada que me implorava para voltar ao quarto.

— Isso não significa que não existe nenhum, mas caso ele seja mais um ruim, nós vamos enfrentar juntas. — Ela balançou a cabeça, mostrando que não estava nem um pouco segura com meus planos. — Confie em mim, por favor.

— Essa não é a nossa primeira vez lutando para sobreviver. Ambas somos experientes nisso.

— Eu sei — sussurrei. — Mas pense, não estamos fazendo nada errado agora. É apenas um pouco de comi...

Eu fiquei muda no segundo seguinte.

Quando abri o local de armazenamento de comida, não pude dizer um A.

Querida mãe.

— Isso é o que chamam de paraíso — disse ela. Seguindo-me, Nahati olhou em todas as direções. — Eu nunca vi nada nem perto disso. Trix... isso é comida!

— Não — dei risada —, isso é um banquete.

— É o suficiente para um exército.

— Esse homem é definitivamente um rei. — Sua voz falhou no final, chamando minha atenção, e ao olhá-la, vi que lágrimas escorriam silenciosamente por suas bochechas.

— Nahati?

— Me desculpe. — Enxugou o rosto, mas as lágrimas não paravam. — É só que... eu tenho comido sobras por toda a minha vida. — Ela riu. — Uma vez pude comer duas mordidas de uma maçã porque o meu primeiro dono disse que eu parecia com o seu cavalo, por isso ele me deixaria experimentar a comida dele. Eu nem sequer sei o que é tudo isso.

Engoli meu próprio choro e segurei seu ombro, oferecendo conforto.

— Eu não posso — fiz uma pausa para limpar a garganta —, estamos juntas nisso agora. Todo o resto é passado e eu prometo que sempre teremos comida a partir de hoje. Nem que eu tenha que lutar com o rei.

Ela riu, o que me acalmou um pouco.

— Você acha que já que tem tudo isso, podemos pegar algumas frutas junto com o pão e água?

Eu dei risada, então ela me acompanhou e em poucos segundos estávamos rindo como loucas em frente àquele mar de comida, e eu nunca quis tanto mergulhar.

CAPÍTULO 9

KORIAN GATSBY

— Podemos supor que a mudança política de Londres não afetará apenas nossos bolsos, mas nosso status e a ordem natural das coisas.

— Eu vejo gangues crescendo em outras cidades e tornando-se independentes. Em breve virão para cá.

— Antes de nos preocuparmos com gangues que apenas ameaçam fazer um movimento, devíamos pensar em nossas defesas. Ponto. Acho que deveríamos reforçar as barreiras na cidade. É importante que saibam que somos uma fortaleza.

— Como seríamos uma fortaleza se a casa do declarado rei vive aberta?

Rodei o cigarro apagado entre meus dedos e fitei Cory Vandelion.

— Minha casa está sempre aberta porque sei que ninguém entrará. Talvez um suicida ou um desesperado pela morte. Se for um desses casos, eu ficarei feliz em receber.

— Korian sabe o que faz — o prefeito defendeu, embora eu não precisasse dele assinando embaixo de cada coisa que eu dissesse. — Nossa defesa é atacar justamente para que ninguém se atreva a tentar algo.

— Eu não vejo qual é a dúvida de vocês — disse Paul na cadeira ao meu lado. — As estradas estão bem protegidas, os rios são vigiados.

— Vocês falam sobre gangues e só se preocupam com isso. — Levantei-me e caminhei pela sala. — Mas a verdade é que não há ameaças ou tentativas contra o meu governo. Eu fiz o que tinha que ser feito para assegurar minha posição, mas e vocês? Qualquer gangue interessada em Londres negociaria comigo e não contra mim.

— Há sempre um louco por aí, Gatsby — Cory rebateu.

— Eu dei a vocês bares para brincarem com suas prostitutas após o trabalho enquanto suas esposas carregam seus filhos e maltratam os empregados que cozinham suas jantas. Dei-lhes lugares seguros para encherem o rabo de droga sem que ninguém julgasse. Eu lhes garanto facilidade para ganhar dinheiro sujo, que é o que os sustenta. Agora — eu abri os braços —, se eu não estou ligando para isso... por que vocês estão?

— Nós não somos você. Você pode entrar na minha casa e foder a minha esposa, eu sei disso. Sei que se eu me vingasse seria um homem morto.

Paul deu risada, batendo no ombro de Killian, que encarava os homens na sala com a expressão fechada.

— Quando decidiram me servir ao invés do meu pai sabiam de tudo isso. Eu não vou erguer um muro em volta de Londres.

— Eu nunca concordei com o que foi feito com Gordon — disse Andreas Firgon. Ele tinha a grande parte dos imóveis de Londres em seu nome. — Seu pai foi um pai para muitos de nós, se eu soubesse que você pretendia se livrar dele não teria ficado ao seu lado.

— Então, saia. Apenas se pergunte se meu pai permitiria que você fizesse negócios com irlandeses como eu permito. Gorgon sair foi uma decisão inteligente. Apreciem a liberdade que lhes dou.

— Cavalheiros — Killian se levantou —, não vamos nos exceder. Eu não conheci o meu pai, mas conheço meu irmão.

— Há uma semana — Paul zombou.

— Sim — Killian sorriu —, mas ainda tenho mais dele do que você a vida toda.

— O destino de Londres e sua segurança está em minhas mãos, não cabe a nenhum de vocês. Fortalecem suas casas, mas eu vou me preocupar com o resto quando a hora chegar.

— E como eu devo proteger minha família? — Cory perguntou.

— Uma boa maneira de começar seria não vendendo mais drogas. Proteja sua família não me devendo dinheiro, porque se você não pagar eu mesmo irei atrás deles.

— Outro ponto que tivemos. — Andreas levou o assunto para outra questão antes que minha discussão com seu cunhado se

tornasse acalorada. — O alfaiate da cidade me procurou perguntando por uma mulher.

Eu mantinha minha expressão neutra, embora minha atenção agora fosse toda dele.

— E o que ele queria? — Killian questionou.

— Disse que perdeu uma empregada muito valiosa e pediu que eu trouxesse a situação para você, Gatsby.

— Ela fugiu?

— Ele falou como se fosse um roubo. Acha que alguém a sequestrou na festa da cidade.

— E por que ele não foi à polícia? Não é isso que os valiosos membros dessa cidade fazem quando têm seus bens roubados?

— Eu acredito que se trata de uma escrava que ele não tinha permissão para ter.

Ficava cada vez mais interessante.

— Quem é o homem? — Eu precisava confirmar se falávamos da mesma pessoa.

— Olav Winsley. Disse que pode nos dar muito dinheiro se a encontrarmos e devolvermos a ele.

Todos, exceto eu, caíram na gargalhada.

— Ele pensa que somos o quê? Uma gangue de mercenários? — disse Paul.

De fato, eu teria que concordar. Eu tinha tanto dinheiro, tantos bens, que me sentia entediado só de pensar que não teria o suficiente na vida que me ajudasse a gastar.

— Isso é tudo o que ele tem pra oferecer? Eu não entendo porque essa proposta sequer chegou aqui, senhores.

— Dinheiro nunca é demais — disse Cory.

— É claro que você diria isso devendo as calças em heroína. Aliás, como é que está conseguindo fingir que não está caindo de drogado hoje?

Ele ergueu o queixo para a pergunta de Paul.

— Aprendi com os melhores mentirosos.

Eu sorri.

— Você realmente me deixou curioso agora, Cory, mas entendo seu ponto. Eu consigo fingir que não quero matá-los o tempo todo.

Eu dei risada, mas ninguém me acompanhou, como era esperado.

— Não — o prefeito rebateu. — Não consegue.

Encolhi os ombros.

— Faço o meu melhor.

— Você vai resolver? — Killian perguntou quando todos os homens saíram.

Estando apenas com ele na sala, eu me vi obrigado a responder. Ele me fitava estranhamente.

— Deveria?

— Acho que se foi uma escrava perdida você deveria deixá-la livre. Não precisa do dinheiro e não faz ações de bom coração. Apenas deixe para lá.

— Esse é o seu conselho como irmão do Gatsby? — Ergui a sobrancelha.

Killian nem sequer hesitou.

— Sim.

Quando Killian também saiu, tentei me segurar, mas não foi possível. Eu me vi pegando o carro que usava apenas quando queria dar uma olhada na cidade sem chamar atenção e fui até o endereço do alfaiate. Fiquei cinco minutos e não vi nenhum movimento, então achei que poderia estar fechada naquela tarde, decidi ficar mais alguns minutos para analisar melhor.

Continuei ali.

Fiquei por tanto tempo que só percebi quando as luzes da rua estavam acesas. Colocando meu chapéu na cabeça, dei a volta em sua loja procurando uma porta traseira ou algo que me levasse para dentro.

É claro que eu poderia entrar sem pedir permissão e ele não me pararia, mas como é que eu justificaria a mim mesmo a

necessidade de ir ali? Não havia como. Minha curiosidade vinha do ponto principal de que vi algo na mulher que Killian queria tanto proteger na festividade.

O que era e por que eu me senti de tal forma eu não sabia, talvez nunca ter me pegado em tal situação ajudou para que eu me sentisse na obrigação de caçá-la e ver se foi apenas algo daquele dia ou se eu tinha que falar com aquela mulher, saber quem ela era e de onde vinha. Por que é que sem nunca ter sentido nada antes, uma única coisa desde os meus dez anos de repente me fazia sentir louco para ir atrás?

Estava me tirando o sono e ocupando um lugar em minha cabeça que eu não podia dispor. Não mais. Eu precisava cuidar daquela mulher para que pudesse voltar focado no plano de decidir entre assassinar Joana ou jogá-la para o Paul, o que causasse menos problema com seu pai para que eu tivesse que derramar menos sangue seria a minha prioridade. Eu passava dia e noite pensando no assunto, mas o círculo voltava para o mesmo ponto: tirar a mulher de cabelos brancos e olho azul da minha mente antes de lidar com a minha noiva.

Encontrei uma porta nos fundos e tentei abri-la, mas estava trancada, havia um cadeado grosso segurando uma corrente muito bem enrolada. O que quer que estivesse dentro, ele queria manter muito bem guardado.

Ouvi um barulho e dei dois passos atrás esperando que alguém aparecesse. Logo reconheci o homem que virava a esquina andando na mesma direção que eu de cabeça baixa. Ele caminhava

devagar, procurava a chave no bolso e quando a deixou cair ao encontrá-la, eu avancei.

Ele ouviu o barulho dos meus sapatos e rapidamente olhou para cima, assustando-se ao me reconhecer.

— Se-senhor — gaguejou. — É uma honra recebê-lo em minha casa.

— Eu soube que queria falar comigo.

— Sim, senhor! Eu queria. Não sabia a quem mais recorrer.

— Do que se trata? — me fiz de desentendido.

Ele hesitou, deu um passo à frente, mas ao ver minha expressão, recuou.

— Eu tenho uma pessoa desaparecida e a única forma de encontrá-la será com sua ajuda. Eu tenho muito a oferecer e...

— Eu não quero dinheiro. Quem é a pessoa?

— É uma empregada.

Ergui as sobrancelhas.

— Diga a palavra certa.

— Ela é uma funcionária, senhor.

— A tal pessoa de fato trabalha na loja ou atrás dessa porta trancada como se prendesse um animal feroz?

— Não é o que parece, senhor. Eu posso garantir.

Mais um pouco e eu sentiria o cheiro de seu mijo.

— Você sabe o que eu faço, alfaiate?

Ele tremia. Fechou os olhos e se ajoelhou,

— Sei que cuida de nossa cidade e cuida de nós.

— Poupe-me dessa ladainha — desdenhei. — Você sabe quem eu sou e o que eu faço.

— Sim. — O choro em sua voz me enojou. — Sim, eu sei, senhor.

— E, ainda assim, veio a mim para encontrar a mulher que você mantém em cativeiro.

— Ela não é uma cativa, meu senhor, eu posso lhe garantir que...

— Não me dê falsas garantias. Eu não sou juiz e não estou aqui para condená-lo de algo. Se resolva com o seu Deus, já que você é tão apegado a isso e a suas crenças, vamos ver o que ele dirá quando você chegar lá. Se chegar, não é? — Aproximei-me e tirei as mãos dos bolsos, estalando os dedos. — Por enquanto vamos fazer um trato.

— Sim, senhor. Nós podemos conversar lá dentro se aqui fora for muito suspeito.

— Suspeito? — Encolhi os ombros. — Eu não tenho medo de parecer suspeito e você?

— Eu tenho uma família que precisa ser resguardada — falou com insegurança, olhando-me por debaixo dos cílios.

— Ótimo. Então, eu vou lhe dar uma segunda chance e você vai repensar o que é mais importante: fazer um acordo com o diabo para continuar cometendo um crime ou realmente resguardar sua família e deixar isso para lá. Se a mulher fugiu, deixe-a ir.

— Senhor — ele soluçou —, a última vez que eu a vi foi na festividade! Um minuto que me distraí e elas se foram. Eu estava apenas conversando com um cliente.

— Se você der mais um pio eu vou considerar isso um acordo e o que eu vou cobrar da minha parte cabe apenas a mim, você não tem direito a me dar um “não” como resposta quando eu pedir. Caso resolva ser sensato espere que eu saia sem dizer mais um A, porque um pio será considerado a sua assinatura.

Ele tinha os olhos arregalados e abaixou a cabeça pateticamente, a ponto de colocar as mãos sobre a boca tentando impedir a si mesmo de falar. Eu poderia matá-lo ali mesmo e não faria sequer cócegas. Mas agir por impulso tinha deixado de ser o meu *modus operandi* muito tempo atrás. Eu considerava todos os cenários e o que podia vir.

Isso foi o que fez de mim o homem que eu era, implacável e incapaz de falhar.

Deixei a desculpa de homem naquele beco escuro e voltei para o meu carro. Uma garoa fraca começou, mas se transformou

numa tempestade com direito a raios e trovões quando eu estava quase chegando em casa.

Eu me amaldiçoei olhando no retrovisor, porque mesmo os raios que eu via pareciam reflexos vistos naquele dia nos cabelos dela.

CAPÍTULO 10

BELATRIX D'LAVEY

Killian entrou em nossos aposentos quando estávamos limpando o lugar. Eu desconfiava que era o menor cômodo do enorme castelo porque terminamos rápido, embora também não tivéssemos muito para organizar.

Nahati ficou a uma boa distância, enquanto eu tentei ser gentil não me afastando quando entrou.

— Eu bati — disse sorrindo. — Não sei se ouviram.

— Ouvimos, seja bem-vindo.

Ele assentiu.

— Acho que hoje conseguirei algum tempo para que vocês possam ir lá fora. O dono da casa ficará ausente.

Meu alívio e empolgação foram imediatos.

— Mesmo?!

— Sim, eu vou mandar alguém para dar o sinal quando ele sair.

— Certo, mas e se alguém lá fora falar conosco?

— Ninguém vai, não se preocupem. Vocês não vão entender muito bem, mas digamos que o dono da casa não é louco por segurança.

— Mas os muros altos lá fora?

— Muros que nunca estão com os portões trancados. Ele só tranca seu quarto e escritório. Ainda que ele visse vocês duas, eu duvido que se importaria.

— Alguém deu falta da comida? — Nahati perguntou timidamente.

— Como eu lhes disse ninguém daria falta de nada. Vocês já conheceram alguém?

— Algumas meninas da limpeza, mas são muitas ao que parece, eu ainda não decorei todos os nomes. Também conhecemos uma cozinheira.

— Deve ser Martha, ela é a principal responsável pelas questões do castelo. O que precisarem podem falar com ela.

— Tudo bem. Eles realmente não fizeram perguntas.

— Também conhecemos dois jardineiros — Nahati acrescentou. Eu a fitei com um sorriso, sabendo como devia ser difícil para ela se permitir falar com ele.

— Como vai o seu olho?

Depois de passar quase duas semanas naquele castelo, eu começava a sentir que não importava quantos remédios eu

aplicasse em meu olho, nada resolveria. Sem contar que quando segurava minhas pestanas abertas não via muito.

Nahati que me ajudava com os curativos me dizia que eu não podia perder a esperança, mas eu sabia que estava pensando o mesmo que eu.

Se eu pudesse nunca mais colocar os olhos naquele velho seria minha maior benção.

— Estou tratando. Obrigada pelas compras, senhor Killian. Foi muito gentil e ajudou.

— Me chame de Killian. Vocês começaram algum trabalho?

— Nós ajudamos na cozinha que fica mais perto daqui, mas se pudermos ir lá fora mais livremente eu gostaria de permissão para cuidar do jardim.

— E eu dos animais — disse Nahati.

— Vocês não têm interesse em se planejar e sair daqui?

No mesmo momento eu murchei. Senti Nahati ficar agitada ao meu lado.

— Nem passou pela nossa cabeça que tínhamos que sair — disse ela.

— Sinto muito, senhor. Nós vamos nos preparar.

É claro que aquele paraíso não seria dado a nós duas tão facilmente.

— Não, não. — Ele tocou meu braço. — Eu não quis dizer isso. Só estou dizendo que podem ficar ou podem ir, como quiserem.

— Se conhecermos o dono um dia, eu vou implorar por um emprego em troca de estadia. Nós podemos contribuir muito para esse lugar — ela nos defendeu.

— Meninas, vocês são jovens bonitas e saudáveis. Eu só estava dizendo que se escolherem ir eu ficarei feliz em ajudá-las. Não estão mais presas. Aliás, quantos anos vocês têm?

Nós tínhamos passado rapidamente pelas apresentações, mas Killian nunca perguntou nossos nomes inteiros, sobre nossas famílias ou de onde viemos. O que foi um alívio, mas se a vida me ensinou algo, foi que eu não deveria me mostrar tão ingênua como parecia, por isso tomei a decisão rapidamente.

— Nahati tem 25 e eu 24.

Ela era claramente mais velha do que eu pelo rosto maduro e o corpo desenvolvido. Diferente de mim, que, na verdade, fiz dezoito anos pouco antes de fugir de Salém, mas o quanto mais Killian e o dono daquele castelo poderiam se aproveitar de uma mulher tão jovem e sozinha que não tinha para onde ir?

— Vocês são muito jovens, eu tinha imaginado.

Ele nos garantiu que conseguiria mais liberdade e perguntou se precisávamos de algo antes de sair. Quando a porta foi fechada, Nahati me fitou.

— Você mentiu nossas idades.

— Eu sei.

— Você só tem dezoito.

— Sim.

— E eu nem sei quantos anos tenho.

— Isso não importa, Nahati. Eles nem têm nossos documentos, não tem como descobrir.

— Descobririam se falassem com o velho Winsley.

— Então talvez nós devêssemos dar um jeito de pegar de volta.

— O quê? Você quer voltar lá? Eu não posso sequer vê-lo, Trix!

— Eu também não, por isso que talvez estarmos aqui escondidas não seja tão grave. Vamos mentir no começo, mas podemos contar depois. Temos que aprender a nos proteger sozinhas.

— E nossa única opção é ficar aqui e fazer um trabalho tão bom que o dono não vai nem pensar em nos negar!

Quando eu abri a porta novamente estávamos ambas com nossas capas na cabeça. Não tínhamos vestidos elegantes, chapéus das mulheres da cidade e sapatos chiques que combinavam com meias finas. Quem nos visse diria que estávamos

perdidas no tempo. Martha ficou chocada ao nos ver, levando-nos para o quarto novamente e murmurando que era um absurdo.

Ao entrarmos no quarto novamente, ela abaixou minha toca.

— Posso pintar seu cabelo e sobrancelha de cores escuras se quiser.

Eu não queria, acreditava que embora a maioria das pessoas sentissem repulsa por minha aparência, se o universo me fez daquele jeito eu tinha que aceitar, e eu aceitava. Passei por muito em idades mais jovens até chegar no ponto que poderia olhar no espelho sem odiar minha própria figura. Ela ajudou Nahati com o penteado apertado antes de lhe dar uma touca.

— Minha cabeça dói — disse com um sorriso triste.

— Eu sei, querida, mas vocês têm que estar impecáveis nos primeiros dias. Se o senhor Gatsby as contratou devem valorizar isso.

Não mencionamos que o senhor Gatsby nem sabia de nossa existência.

Quando olhei no espelho mais tarde, minha sobrancelha era visível com pelos marrons. Eu não deixei que pintasse o cabelo, mas permiti que o prendesse e envolvesse com um tecido branco antes de colocar uma touca igual a de Nahati.

Eu parecia normal. Como qualquer outra empregada da casa. Despedi-me de Nahati quando tomei o caminho do jardim e ela seguiu com Martha para onde os animais ficavam.

Assim que sumiram de vista eu tirei meus sapatos e os coloquei perto da entrada de onde saí. Com os pés descalços, tirei as meias e enfiei nos bolsos.

Amassei a grama com os pés, deixando entrar entre os vãos dos dedos. Olhei para cima encarando o céu azul que mais parecia o teto da casa mais confortável que já estive, puxei o ar profundamente e o soltei.

— Obrigada por isso, mãe. Obrigada por essa dádiva.

Minha avó sempre me ensinou a agradecer pelo ar, pelo chão sob meus pés, pelo vento que me agraciava com brisas leves e pela comida que me ofereciam. Nunca provei um pedaço de carne, nunca comi um ovo e nunca usei tecidos exuberantes. Em meu vilarejo, o respeito pela vida humana e animal era lei.

A realidade era que eu não conhecia muito da vida fora a que eu conheci por 17 anos, mas eu era uma rápida aprendiz. Nasci mulher, nasci bruxa e nasci filha da terra, irmã do vento e coroada pelas águas. Tudo que eu precisava para prosperar era uma chance, algo que o senhor Killian estava oferecendo de bom grado pelo menos até então. Se eu não lutasse por mim ninguém mais o faria.

— Trix. — Ouvi um dos senhores jardineiros chamando, mas só consegui reconhecê-lo quando cheguei mais perto.

Meu olho direito ainda estava tampado, o que me limitava.

— Senhor, se não se importar eu gostaria de ficar na jardinagem.

— Ah, não, garota — ele riu —, olha o tamanho desse lugar, nós teríamos muito o que fazer. O senhor Gatsby não gosta de folhas soltas pelo chão, só onde tem grama.

— Ele tem flores?

— Apenas grama e essas árvores. Quando o primeiro senhor Gatsby ficou doente de cama, não tínhamos mais como saber suas preferências e tudo ficou nas mãos do filho.

— Killian?

— Não, o outro, senhor Gatsby.

— Então… Killian é filho do rei?

— Do homem que costumava ser o rei. A coroa foi passada. Killian é irmão do senhor Gatsby.

— Oh, entendo. — Por isso Killian confiou em nos levar lá. — Eu só não entendo porque ele não mencionou seu poder.

— Para não intimidar, garota. — Ele sorriu com gentileza, mas o rosto era sofrido. — Ele as trouxe até aqui, não é?

— Sim. — Devolvi-lhe o sorriso. — O senhor Gatsby também é bom como o irmão?

— O senhor Gatsby — ele hesitou —, ele não é como Killian.

O fato de ele não ter me olhado nos olhos para responder e ter voltado a mexer em suas ferramentas devia ter sido um sinal,

mas eu confiava muito em julgar alguém apenas quando conhecia. Pessoas poderiam ter diferentes versões de como são vistas.

— E o novo senhor Gatsby gosta de flores? — tentei retomar o assunto.

— Ele não faz questão, menina. Tentei falar com ele uma vez sobre jardinagem e ele deixou claro que não se importava.

— O que ele disse?

— Que não faria diferença se eu quisesse carpir tudo e deixar apenas pedras no chão. — Ele encolheu os ombros. — Acho que só tive sorte de ser deixado aqui. Ele dispensou a maior parte dos empregados da época de seu pai.

— Uau.

— É claro que eu gostaria de ver flores no chão, mais árvores além das que contornam aquela pequena trilha, mas já estou velho e não há muito o que posso fazer sozinho.

— E o outro jardineiro?

— O Dicksin, bem, digamos que não compartilhamos o mesmo amor pelas plantas. — Ele apontou para os meus pés e depois para os seus.

— Descalços. — Eu sorri.

— Não há nada mais belo, não é?

A imensidão de verde se estendia, e lá na frente, juntava-se ao céu. Apenas o muro de pedras impedia que chão e céu se encontrassem.

Liberdade... eu poderia fingir que era livre.

Por enquanto fingiria, mas logo seria verdade.

CAPÍTULO 11

KORIAN GATSBY

Como explicar que nos dois meses que se passaram desde a chegada de Killian, ele já tinha feito mais do que Paul sequer sonhou?

Não que estivesse em minha linha de confiança, longe disso, mas havia algo em Killian, uma necessidade de mostrar para mim que era valioso que eu nunca pensei encontrar.

Honestamente, quando meu pai revelou seus desejos de trazer o filho perdido para casa, a única coisa que eu tinha em mente era como eu o tiraria rápido de cena. Claramente meus planos não foram levados para frente quando ele começou a se mostrar um bom acréscimo nos negócios. Ele ia a reuniões, não tinha nenhuma grande ideia brilhante, mas também não ficava em meu caminho. Segurava uma arma com experiência — que eu ainda pensava sobre perguntar a ele como aprendeu vivendo como um simples banqueiro.

Isso não era o tipo de experiência que eu contava que ele teria, enquanto estava sentado em um sofá no escritório.

Eu o ouvia discutir ao telefone com o responsável pela nossa produção de bebidas sobre o que eu tinha dito a ele para expandirmos e ele questionou em quanto tempo conseguiria

contratar mais funcionários, que tipo de espaço seria necessário e quando poderíamos começar os processos.

Quando eu o ouvi dizendo “você está falando com um Gatsby, então não me questione antes que eu tenha que ir até aí enfiar uma garrafa da bebida mais cara na sua bunda e fazê-lo criar um pouco de respeito nessa cabeça vazia” senti orgulho.

Era doentio, eu sabia, mas era Londres, quem ligava?

Não me preocupava que ele quisesse tomar o meu lugar, se tentasse podia ter sorte apenas.

Jamais aconteceria, mas eu tinha certeza de que em menos de um mês ele voltaria atrás correndo para me implorar que pudesse me devolver o trono. Ser um Gatsby era uma coisa, ser Korian Gatsby era completamente diferente.

A maioria das vezes que eu falava com as pessoas eu queria matá-las.

Suas vozes me entediavam e aquilo era tudo o que podiam fazer por mim, eu não sentia sequer raiva, era apenas tédio e na maioria das vezes eram tão burros que eu queria acabar com a sua miséria.

Mas Killian não, Killian era diferente.

Ele me intrigava tentando ganhar espaço mesmo tendo sido relutante quando chegou aqui, embora os pedidos para ver meu pai fossem constantes eu não havia cedido. Não só porque o velho não estava mais na casa, mas porque ele não ganharia nada o

conhecendo e eu não tinha problema nenhum em ser honesto com ele sobre isso. A minha missão era dominar Londres e controlar até o último dos homens que pensavam ter controle sobre a minha cidade. Fui bem-sucedido.

Ele não estava se esforçando para ganhar minha confiança e me trair, estava se esforçando porque queria ter um irmão, algo que eu não podia oferecer.

Eu não sabia como ser um irmão e principalmente não queria, talvez ele gostaria de saber que meu pai estava voltando e o antigo Gatsby não era mais o mesmo há muito tempo.

Eu queria vê-lo morrer, seria um presente para mim depois de tudo que ele me obrigou a passar. Eu queria estar sentado ao seu lado olhando em seus olhos quando ele desse seu último suspiro.

— Eles concordaram — disse Killian após desligar o telefone. — Ele disse que pode fazer o trabalho em seis meses.

— Perfeito. Você pode ir acompanhar o processo.

— Você não vai querer ir?

— Não. — Ele me fitou com incerteza, parecia querer fazer mil perguntas. — Desembucha, Killian, se eu fosse matá-lo já teria feito há muito tempo.

— Parece que eu estive aqui a minha vida toda.

Sua confissão me surpreendeu, mas escondi o choque.

— Está confortável?

— Você não é como eu pensei — cruzou os braços —, quando me disse que faria da minha vida pior do que o nosso pai fez com a sua não foi isso que eu imaginei, ir a reuniões ao seu lado, conhecer seus círculos mais íntimos.

— Eu não tenho círculos mais íntimos, tenho pessoas que me servem e sonham em estar na mesma sala que eu.

— Sim, mas por que... — ele suspirou — por que eu estou tão próximo?

— Você é meu irmão. — O cinismo estava presente na minha voz, não falei de modo carinhoso e ele reconheceu isso.

— Por favor, Korian, me dê uma resposta. Eu ainda não conheci o nosso pai, eu não sei o que estou fazendo aqui e qual é o meu lugar.

— Eu teria feito da sua vida um verdadeiro inferno se você relutasse contra estar aqui, mas eu te tirei de uma vida miserável sem perspectivas. Te arranquei do morno e te dei emoção. Você não ia lutar contra mim, foi por isso que aceitou tão rápido e quando viu que poderia conseguir poder suficiente para fazer diferença como você mesmo disse, decidiu ficar. Acredito que você acha que é capaz de me ajudar, de entrar em meu órgão conhecido como coração, mas não vai acontecer e você deveria tirar essa ideia da sua cabeça.

Ele desviou o olhar, provando-me que eu estava certo.

— Enquanto isso, tem trabalhado para se manter vivo, tem dado duro para que não se torne um peso como Paul. Eu sempre fui justo com aqueles que estão ao meu lado, foi assim com Sam, foi assim com George e foi assim com Timothy.

— Você nunca me fez perguntas sobre o meu passado e nunca me perguntou como eu me sentia com tudo isso.

— E isso importa? A forma como você segura uma arma me diz que você já atirou antes, o jeito como fala de negócios é por sua experiência no trabalho e você é inteligente, porque não podia ser burro vivendo em meio a outros homens inteligentes. Isso é tudo que importa. Quem você fodeu, com quantos anos teve o seu coração partido e se você gosta de peixe cru ou carne assada não é da porra da minha conta. Isso não nos faz ter uma ligação. Eu não sinto o que você sente e não o vejo como você me vê. Se posso te dar um conselho e eu vou porque é a única coisa que posso fazer além de te transformar no segundo homem mais poderoso dessa cidade é que continue trabalhando, mas sem expectativas de que um dia vou acordar e perceber que você é meu parceiro.

Ele desviou o olhar e assentiu.

— Como quiser.

Eu lhe dei um minuto.

— Eu preciso de alguém em Liverpool para buscar uma encomenda, tem alguém que possa ir?

— Eu posso.

— Não, você fica aqui, temos negócios importantes a tratar.

Como o nosso pai, pensei.

— Sam gosta de cuidar da segurança, ele quer estar pronto para ação e George é mais tranquilo. Você poderia enviar Paul, mas com George tendo as instruções e dando as ordens.

— Foi o que pensei em primeiro lugar.

— Então, por que me perguntou?

Esperança brilhou em seus olhos e apenas isso me fez querer bater com o cano da minha arma em sua têmpora, desmaiando-o e drogando-o para que só acordasse em Liverpool se perguntando se aquela experiência tinha sido um sonho.

Londres não era a terra fantástica e eu não era a porra do mágico de Oz.

— Continue trabalhando, Killian, lembrando-se sempre que se tiver que escolher entre proteger Londres ou você, escolherei Londres. Isso é tudo que você precisa saber e se lembrar sobre mim.

— Eu soube que você está preparando um baile — ele mudou de assunto, mas se afastou um pouco mais da minha mesa.

— Não. Joanna quer dar um baile aqui e será a nossa festa de anúncio de noivado.

— Realmente vai se casar com ela?

Há uma dúvida mais profunda em sua voz do que curiosidade, gostaria que o meu irmão me dissesse que tem sentimentos por ela, assim poderia me livrar dela e tirar dele a atenção obsessiva que tem sobre mim.

— Vou, a menos que ela me provoque o suficiente para que eu a mate antes.

— Faria isso?

— O que eu acabei de dizer a você?

— Mas ela é sua noiva.

— E você é meu irmão gêmeo.

— Bem, eu posso ver se ela precisa de ajuda.

Graças a Deus.

— Sim, faça isso e feche a porta quando sair.

— Antes de ir eu queria saber quem faz a contratação de novos empregados.

— Os empregados.

— Então você não tem nada a dizer sobre isso?

— Não.

— Não tem medo de que seja uma armadilha e alguém te ataque?

Eu dei risada.

— Você é engraçado.

Ele balançou a cabeça.

— Eu vou para Liverpool distrair a mente com George.

— Killian, nós temos negócios a tratar aqui.

— Tipo? — perguntou com desinteresse.

Senti um sorriso se curvar para o lado direito do meu rosto e quando abri os olhos, vi meu irmão engolir em seco.

— O papai está voltando para casa.

ϟ

BELATRIX D’LAVEY

— Há uma agitação diferente na casa.

— Eu disse ao jardineiro, Fred, quando vi homens entrando pela trilha do pequeno portão dos fundos com caixas e carrinhos de garçom.

— A noiva do senhor Gatsby vai dar uma festa.

— É mesmo?

— Sim, um baile para comemorar seu noivado.

— Ah, eu não sabia que ele tinha uma família.

— Honestamente, menina, eu não sei como isso aconteceu. Joanna não é uma mulher má, eu apenas não entendo como uma jovem bonita e inteligente como ela abriria mão de sua felicidade para estar com ele.

Era curioso pensar que eu estava trabalhando lá por pouco mais de um mês e nunca sequer vi o rosto do dono daquele castelo. O rei de Londres, como aprendi que o chamavam. Havia tanto medo quanto respeito nas vezes que ele era citado, principalmente pelos empregados.

Ele fazia os pagamentos em dia através de Sam, e não era exigente.

Todos ficavam livres como se o castelo fosse uma grande colônia de férias, indo atrás de cobrar apenas se algo saísse muito errado.

Fred me contou que a única vez que chegou perto de ter um contato com o Gatsby foi quando Paul, o primo do senhor Gatsby, o abordou dizendo que ele tinha conhecimento de que uma árvore próxima demais da janela do quarto de seu pai quebrou o vidro da janela e ele queria que ela fosse cortada.

Eu perguntei se ele não resolvia seus próprios assuntos e a resposta de Fred foi simples.

Se você tiver a sorte de conversar com o senhor Gatsby uma única vez poderá pelo menos saber para si mesma que trabalhou na casa dele, caso contrário ficamos todos nos perguntando se ele realmente vive aqui.

— Você acha que eu poderia ir e dar apenas uma espiada na festa?

— Claro, todos fazem isso. Contanto que esteja vestida da forma correta e carregue uma bandeja não haverá problema.

Aquilo me animou, talvez eu pudesse finalmente dar uma olhada nele e tentar entender por que as coisas funcionavam de uma maneira tão singular no castelo.

Aprendi que embora a casa fosse uma grande construção de pedras com incontáveis cômodos entre áreas abertas e restritas, ele não era um rei, nem Lorde. Não tinha nenhum título de monarquia, mas as pessoas o consideravam a principal figura da cidade.

Joanna, sua noiva, que eu também não tinha visto, tinha sorte de estar tão próxima de um homem inalcançável.

Quando terminei minha parte do serviço corri para Marta pedindo que ela me desse um pouco do produto que usava para pintar minha sobrancelha e cílios.

— Eu gostaria de trabalhar na festa hoje e fazer hora extra talvez.

Ela deu risada.

— Não há hora extra. Quando raramente em bailes por aqui, o senhor Gatsby encarrega Sam e George para nos presentear com dinheiro a mais.

— Todos?

— Todos ganham, não só aqueles que trabalham.

— É mesmo?

— Acho que ele sabe que o jardineiro terá o trabalho de recolher copos, taças e cacos de vidro. Além das bitucas de cigarro e charutos.

— Uau, ele parece cada vez melhor.

Martha me olhou estranhamente, balançando a cabeça ao analisar seu trabalho em meu rosto e passar um pano sobre os pelos faciais, garantindo que estavam escuros.

— Não se iluda, querida, ele paga a todos que fazem trabalhos para ele, até mesmo seus capangas de rua.

— O que quer dizer que ele é um bom homem.

— Eu já conversei com ele algumas vezes e não posso dizer que foi sorte ou uma honra. Quem diz isso é quem nunca esteve em sua presença, aquele homem carrega algo que não é bom e se você quer conhecê-lo esperando que vai ver um príncipe ou um rei realmente vai cair do cavalo, querida. Não seja tola. Como acha que conseguiu ser respeitado numa idade tão jovem?

— Como eu disse, só acredito que ele seja bom.

— Não. O que ele tem é munição o suficiente e já aterrorizou Londres para que qualquer um virasse a cabeça para o que ele faz. Eu nunca duvidei que ele pudesse ser cruel, assim, quando o vi fazendo coisas que eu como uma fiel seguidora de Deus concordo, não fiquei surpresa, portanto, se enquanto você estiver na festa hoje alguma coisa sair do controle não fique chocada. Lembre-se que eu lhe avisei disso.

Arrepios cobriram meus braços, mas eu me mantinha firme no meu pensamento de que eu precisava conhecer antes de julgar.

— Obrigada por pintar novamente, Martha.

— Sempre que precisar. É melhor mantermos assim para que ninguém veja e descubra.

CAPÍTULO 12

KORIAN GATSBY

— É tudo que você esperava? — perguntei à Joanna de péssimo humor quando de cima da escada, tivemos uma visão geral das dezenas de pessoas que ela convidou.

— Bem, tem alguns convidados a mais, mas é uma festa e lá fora tem espaço muito mais do que suficiente.

— Não é porque tem chão a ser pisado que tem que ser preenchido por sapatos.

— Você tem algo a dizer, querido?

— Ah, tenho. Aproveite a hospitalidade da minha casa hoje, porque depois disso...

— Olha só quem acabou de chegar! — disse ela animadamente ou apenas ansiosa para fugir do que eu estava prestes a dizer.

— É Lola Bianchini!

— Não faço ideia de quem seja.

— Como, não? Ela está tocando em todas as rádios! Uma das melhores cantoras do momento, vai me dizer que você não escuta música?

Não, eu não escutava.

— Eu não escuto música.

— Korian, você precisa viver um pouco mais. Ainda é jovem.

— Eu não sei, amor, às vezes penso que vivi o suficiente. — Aproximando-me de seu ouvido, eu falei num tom de voz que dizia muito mais do que só palavras: — E você também.

Descendo as escadas devagar, preparei-me para a quantidade de pessoas que viria em cima de mim, acenei para elas sem dizer nada ou esticar assuntos. Eu não me importava que bebessem do meu álcool e comessem a comida que Joanna colocou na minha conta. O único benefício que essa festa traria, era logicamente, que seria bom para a minha imagem. Para reforçar minha reputação e fazer com que quem não foi convidado desejasse ter sido ou ser nas próximas. Eles fariam muito para merecer um convite, principalmente quando a festa acabasse e os comentários das sujeiras viajassem além de Londres.

— Paul.

— Gatsby.

— Encontre o prefeito e diga a ele que o estou esperando.

A porta que levava à cozinha de repente bateu com força, mas ninguém pareceu perceber. Eu olhei para trás e senti um vento forte vindo da janela, balançava a cortina fazendo com que o meu convidado derrubasse sua taça cheia no chão. Sua parceira de dança bateu palmas e ele riu esteticamente. Ninguém se preocupou em pegar os cacos, ficou no chão sendo pisoteado pelos sapatos que não paravam quietos.

— Korian — Paul me chamou. — O que estava dizendo sobre o prefeito?

Eu ignorei a voz de Paul. Havia algo acontecendo, eu podia sentir.

E eu não era a porra de um sensitivo, aquilo foi o que me preocupou. Olhei para o chão, enjoado de ver tanto brilho, a música alta estava me dando dor de cabeça e as vozes, os risos, competindo qual se sobressaía ameaçavam levar minha sanidade.

Embora eu não quisesse perder o controle ali, quando eu sabia que um ataque de fúria poderia acabar em um banho de sangue.

— Quando isso acabar — virei-me para Paul —, você vai dar um jeito em Joana. Darei a mesma mensagem a Killian, a Sam e a George. Eu não sei como farão, mas sei da sua afeição por ela.

Os olhos dele se arregalaram e recuou um passo.

— Korian... — Sua garganta engoliu com força.

— Poupe-me. Eu não perderia dois minutos de foda me importando com isso, ela não é nada para mim, mas desde que matá-la me trará problema com a justiça da cidade algo que eu não estou disposto a lidar agora, além dos meus outros problemas, a tire do meu caminho antes que eu use modos mais drásticos de me livrar dessa dor de cabeça.

Eu conheci Joana e deixei que ela ficasse confortável demais. Ela era uma boa distração, o sexo era bom, as conversas

ridículas e se mostrava burra pra caralho, para não me fazer ter preocupações sobre planos de tentar tramar contra mim. Eu já estava farto.

— Falo sério, Paul.

A porra dos arrepios, fizeram-me esticar o pescoço de um lado para o outro estalando-o.

— Você está bem?

Deixei a voz do meu primo para trás, passando pela multidão que pulava e dançava como se estivessem tendo o melhor dia de suas vidas, sem saber que eu era uma bomba relógio do caralho. Antes que eu pudesse chegar à porta, o prefeito parou a minha frente,

— Gatsby, eu esperava que...

Agarrando o seu pescoço, eu o empurrei para o lado, fazendo-o bater contra um grupo de homens que derrubaram uma mesa cheia de taças cheias de champanhe. O barulho foi ensurdecedor, ainda que a música abafasse. Andei mais alguns passos e fui parado novamente, dessa vez uma mulher colocou a mão em meu peito e tentou descer até minha barriga.

— Gatsby, eu esperava que tivesse a chance de conversar com você. Nós nos conhecemos há alguns anos e quando soube que Joanna estava enviando convites não perdi tempo.

Eu segurei seu braço, senti-me um pouco louco e abri a porta que levava até a cozinha. Quando a fechei, encostei a mulher

contra ela.

— Você queria me ver de novo? — perguntei baixo, se ela tivesse um pingo de senso teria corrido.

— Sim.

— Ótimo.

— É bom ver você — sussurrou quando passei a língua por seu pescoço.

— Qual é o seu sobrenome? — Eu precisava saber com quem estava me metendo caso àquela noite ficasse mais selvagem do que eu planejava em minha mente perversa.

— Watland.

Eu nunca tinha ouvido falar. O que deixou a situação um pouco sem graça e me fez pensar que valeria a pena comprar a briga com o pai de Joana ao jogá-la escada abaixo de cabeça apenas para ver o seu pescoço quebrar.

— Por enquanto você vai ter que servir.

— O quê? — Ela respirou fundo, enfiando os dedos em meus cabelos.

— Eu penso que em outra vida deveria querer lamentar que você tenha procurado por mim e desejado me ver.

Enquanto ela arfava de excitação e eu estava prestes a enfiar meu pau em sua boceta, o que me dominava era a

consciência de que levar minha mão até seu pescoço fino e magro não seria difícil, assim como empurrar o queixo para trás e quebrá-lo, ou bater a cabeça dela no vidro até ver o cacos quebrando-se no chão enquanto escutava rasgar a pele.

— Uma coisa que aprendi nessa vida é que é necessário ter cuidado com o que desejamos.

— Gatsby. — Ela suspirou meu nome e eu vi vermelho. Matá-la aliviaria um pouco do caos que se formava em minha mente, sua morte salvaria dezenas do outro lado da porta. Eu joguei toda minha força no braço esquerdo, preparando-me para...

— Oh! Me desculpe — uma voz baixa falou atrás de mim e antes mesmo que eu virasse para ver de quem era, aqueles arrepios tomaram-me novamente, mas dessa vez não ficaram apenas nos braços, subiram pela minha nuca até a raiz do couro cabeludo.

Eu me senti tão inquieto que por um momento não consegui ver. A força dos meus braços dissipou e eu deixei cair do pescoço da mulher, virando-me lentamente.

Quando meus olhos bateram na criatura à minha frente, eu desejei não ter atravessado àquela porta.

ϟ

BELATRIX D’LAVEY

Oh meu Deus...

Era ele.

Eu não sabia porque fui apresentada ou porque o vi, mas no momento em que me aproximei e vi um homem de costas segurando aquela mulher, eu soube por sua postura ereta enquanto a segurava contra a porta.

A maneira como ela o olhava fascinada, sua roupa e seu porte... Ele era grande, alto e parecia ter o tipo de força que eu me sentiria segura e confortável para que sempre me envolvesse em seus braços. E quando ele se virou lentamente, pude sentir o ar deixando-me por um momento, a gravidade se foi e meus dedos ficaram fracos enquanto segurava a bandeja cheia de taças.

Na embalagem havia o nome Gatsby e eu entendi o porquê.

Ele era o senhor de tudo.

O rei.

Eu sabia que ele era um fora da lei. Se não fosse pelo que Martha me falou, a quantidade de álcool entrando naquela casa teria o denunciado. As caixas com seu nome foram a assinatura perfeita de quem ele era.

Mas eu não me importei.

Todas as noites que mamãe cantou para mim falando sobre a pureza do ar e da terra e da importância de me manter fiel à luz,

guiou-me pelo caminho do bem não me impediram de desejar que o senhor Gatsby, o rei de Londres, estivesse me segurando contra aquela porta, e não aquela mulher.

Quando ele virou completamente, fitando-me estranhamente, a mulher me encarou com olhos flamejantes de raiva, eu vi sua boca se mover chamando o nome dele, mas não ouvi. Estava muito focada nele para prestar atenção em qualquer outra coisa.

Nem mesmo o brilho de seu vestido e o diamante na pena de sua cabeça podiam ofuscá-lo. Ela pareceu cansar, pois abriu a porta e passou deixando-a entreaberta. O senhor Gatsby usou a mão direita para batê-la, e então, desceu os dois degraus que o impediam de estar no mesmo chão que eu. Cada vez que ele se aproximava, mais detalhes em seu rosto ficavam nítidos, sua roupa era impressionante, e o jeito que ele andava era hipnótico, mas foram os olhos de um cinza feito de prata derretido que me mantiveram ali presa ao chão como se estivesse pisando em um ímã. Foi a energia dos nossos olhares colados que me fizeram não conseguir dizer uma palavra.

Seus olhos viajaram por todo meu rosto, ele não tinha barba e nem bigode. Era um rosto liso, limpo, com a pele clara enfeitada apenas pelo cabelo das costeletas.

O cabelo loiro dourado, os olhos de prata... quanto aquele homem valia? Ou melhor, por que ele parecia tão precioso para mim?

CAPÍTULO 13

KORIAN GATSBY

Branco.

Azul.

Neve.

Mar.

Eu a reconheci na mesma hora.

O olho azul penetrante não desviava de mim nem por um momento, não foi uma surpresa, já que os meus também não desviavam dela. O cabelo que escapava pela touca que ela tentava esconder parecia ter vida própria querendo ser revelado e eu quis por um momento me aproximar e empurrar o pano para deixar que as ondas fossem livres.

Ela tinha o rosto angelical, jovem, pálido e os lábios avermelhados pareciam terem sido pintados com a mesma tinta que coloriram suas bochechas coradas, mas eu sabia que não era uma pintura, ela não usava maquiagem como Joanna ou a mulher que eu já nem lembrava mais o rosto que tinha acabado de sair.

— Você está aqui. — Ela arregalou os olhos como se ouvir sua própria voz tivesse sido uma surpresa.

A mulher que o velho alfaiate procurava incessantemente estava escondida debaixo do meu teto o tempo todo e ele não era o único a procurando, mas tive a minha parcela de viagens ao redor da cidade procurando a mulher de olhos azuis e cabelo de neve sem sucesso.

É claro que no final das contas, de alguma forma ela veio se esconder no meu reino. Olhei ao redor, tendo o pensamento perturbador de que a roupa que usava não combinava com ela, assim como o olhar assustado.

O que lhe caía bem era estar ali, como se ela pertencesse a mim. Como um quadro ou os vasos de flores e até mesmo a cadeira que eu sentava. Assim como minhas paredes e o chão que eu pisava dentro do meu reino, a mulher de cabelo de neve estava ali.

E agora pertencia a mim.

Lutando contra meu próprio instinto, aproximei-me dela ficando apenas alguns centímetros de distância.

— Você não sabe quem eu sou — afirmei.

— Eu sei que o senhor é o rei de Londres, sei que é o dono desse castelo.

— E ainda assim fala comigo como se estivesse falando com o dono de uma marcenaria.

Ela baixou a cabeça.

— Eu não quis faltar com o respeito.

Lutando para não ceder aos instintos mais primitivos que sentia, eu me convenci de que deveria continuar falando.

— Que tipo de serviço pode me oferecer que seja interessante o suficiente para que eu a aceite aqui?

Ela me deu um olhar confuso.

— O senhor Killian disse que...

— Killian é meu escravo tanto quanto sua amiga foi do alfaiate. Imagino que ela esteja abrigada aqui também?

— Sim, meu senhor.

— Killian faz o que eu mando e respeita as minhas decisões.

— Bem — sua voz falou e ela limpou a garganta. — Eu cuido do jardim.

— É mesmo?

— Sim, tenho plantado flores e ervas e...

— Isso não é do meu interesse — minha afirmação foi cortante. — Eu não gosto de flores e muito menos de ervas.

— E do que o senhor gosta?

No momento de você, pensei.

Pensamentos perturbadores estavam vagando em minha cabeça de como eu poderia fazê-la chorar, de como eu poderia

fazê-la implorar, de como eu poderia quebrá-la sem me esforçar demais.

— Gosto de coisas que me sejam úteis. — Uni as mãos atrás das costas.

— Eu sei ser útil se me der uma chance, só preciso de um tempo para entender qual lugar posso ocupar aqui.

— Vamos fazer um acordo. — Eu sorri cheio de segundas intenções.

— Ok.

— Mas eu devo avisá-la que não são todas as pessoas que gostam de fazer acordos comigo.

— Eu não sou todo mundo.

— Prove-me que pode ser útil por conta própria sem que eu lhe diga o que fazer.

— E se não conseguir fazer algo que lhe agrade?

Um sorriso torto curvou meus lábios.

— Não se preocupe, amor, eu sempre encontro uma forma de fazer com que paguem suas dívidas comigo.

CAPÍTULO 14

BELATRIX D'LAVEY

Eu estava um lixo desde que o encontrei, passei a fugir de qualquer chance de vê-lo novamente, eu não entendi as sensações de ver e falar com o senhor Gatsby e principalmente, não tinha me dado conta do impacto que falar com ele causou em mim.

Depois de seu sorriso sinistro e a promessa de que me faria pagar de um jeito ou de outro, sua noiva entrou na sala e eu corri para fora, antes mesmo que ela pudesse dar uma olhada em meu rosto já que imediatamente seus olhos buscaram por ele.

Foi assim que eu soube quem ela era, não pensei nem por um minuto que a mulher anterior fosse aquela com ele ia se casar, não, mas aquela que tinha um olhar enlouquecido sobre ele, sim. Ela era a futura rainha de Londres.

O pensamento me deixava triste de uma maneira que eu não conseguia entender, só conseguia pensar em algo que minha avó me disse quando eu ainda era jovem e ela me preparava para futuros corações partidos. Minha conexão com o mundo além do nosso, fez de mim uma criança sensível e uma jovem ainda mais emotiva, portanto, quando vovó falou para mim que eu não viveria por amores rasos eu não entendi, assim ela abordou comigo uma conversa que disse não ter tido nem com minha mãe, pois mamãe sempre teve uma ânsia de amar, sempre teve pressa em conseguir

alcançar seus desejos, casar, ter filhos e cuidar de sua própria família.

Vovó também disse que eu teria um destino diferente, que eu não descansaria até que minha alma fosse levada para sua outra metade.

Minha alma gêmea.

Na época eu achei que ela estava me contando mais uma história para dormir, mas quando ouvi minhas primas e minhas poucas amigas contando sobre suas paixões, comecei a me perguntar por que mesmo tendo convivido com diversos garotos, eu nunca senti nem sequer uma coceira de desejo, de vontade ou de curiosidade. Nenhum deles foi capaz de despertar em mim um único arrepio.

— E como ele é ? — Nahati perguntou pela milésima vez, ela nem sequer foi cuidar de seus animais, ficou no meu pé nos últimos dois dias desde que o baile aconteceu.

Nós ainda achávamos bitucas de cigarro entre as minhas flores que começavam a crescer, de tanta farra que houve. Fomos dormir em silêncio apenas porque já era de manhã e os convidados estavam indo embora.

Será que era sempre daquele jeito? Eu não conseguia parar de me perguntar.

— Eu já te disse — respondi vagamente. — É um homem normal como qualquer outro.

Mentira. Ele estava muito longe de ser como qualquer outro.

E menos ainda um homem normal.

— Eu duvido disso. As pessoas falam tanto dele para acabar sendo um homem normal?

— Nahati, eu fico feliz que você esteja se soltando, assim eu também posso me soltar e apenas por isso vou te dizer que se você continuar me importunando com esse assunto, vou organizar para que você o conheça, que tal isso? — ameacei brincando e ela riu, mas o brilho de medo que vi em seus olhos mostrava que ela não suportaria uma conversa simples com o senhor Gatsby.

— Não! Eu não quero. Ele vai me demitir. Ele vai me expulsar daqui na mesma hora, ou pior, me devolver ao senhor Winsley.

— Não, não vai, eu disse a ele que você também está aqui.

— E o que ele disse?

Encolhi os ombros, escolhendo mentir.

— Que desde que façamos um bom trabalho, está tudo bem.

— Sério? Simples assim?

— Sim. Como todos avisaram, ele não é um homem de conversar muito. Eu dei boa noite e saí.

— Hmm, estranho, mas se você diz, acredito em você. Como está seu olho?

Fiquei feliz por ter mudado de assunto e mergulhei na nova pauta.

— Não dói mais, mas é estranho, sinto que nunca vou voltar a enxergar com ele.

— Você ainda não consegue abri-lo?

— Não. Está muito feio?

Ela levantou um pouco o curativo e deu uma olhada

— Ele está um pouco aberto, não consegue ver nada?

Fechei o olho direito e neguei com a cabeça.

— Bem, talvez seja permanente, mas há uma chance de voltar com o tempo, certo? Talvez possamos ir ao médico?

— Um médico não vai me atender, Nahati.

— Por que não?

— Porque ele vai olhar pra mim, e provavelmente dizer que eu tenho culpa de isso ter me acontecido?

— Por que acha isso?

— Pela mesma maneira que algumas pessoas diriam que Winsley estava certo em te manter como escrava.

Ela estremeceu.

— Eu sei, ainda não consigo parar de pensar em Bryan.

Deixei a pá no buraco de terra que estava cavando e levantei os olhos para encará-la.

— O que você quer que eu diga sobre isso?

— Que vai me ajudar a contatá-lo.

— Por que eu mentiria?

— Trix, por favor, ele me ajudou quando você não estava lá.

— Te ajudar seria atacar o velho ou colocar um sonífero em sua bebida, ou dar qualquer jeito que ele poderia dar para tirá-la de lá e te esconder. Ele podia até mesmo ter fingido que você o atacou quando estava desprevenido, por que não fez nada disso?

— Ele não podia arriscar.

— Ou ele não queria arriscar, não seja ingênua, nós duas sabemos que era muito mais conveniente pra ele continuar te vendo escondida naquele buraco esquecido do que deixar qualquer um desconfiar que ele estava apaixonado por alguém que a família e amigos dele caçaram e mataram por anos, talvez ainda o façam.

— Eu não acredito nisso. — Ela dizia uma coisa, mas seus olhos mostravam outra.

— Mas eu acredito. — Ao ver seu olhar dilacerado me senti um pouco culpada. — Eu não quero te deixar triste, nem quero que o resto da sua vida seja miserável pensando nisso. Então, vou pensar sobre.

— Podemos falar com Killian quando ele voltar.

— Podemos falar com Killian, mas eu não sei se confio em deixá-la ir com ele para qualquer lugar.

— Tudo bem, mas eu vivi muito tempo.

— Eu não estou dizendo que sou melhor do que você, Naha. Nunca. Mas vivi mais tempo do que você nesse mundo aqui fora. Ainda que você tenha passado por situações ruins, tudo que você conhece é ruindade e a podridão das pessoas. Tenho medo de que caso veja uma bondade não consiga descobrir se ela é real ou uma armadilha. Eu caí nas mãos do velho porque acreditei que todas as pessoas eram puras como eram no vilarejo de onde eu vim, e foi assim que caí na armadilha dele e fui parar naquele lugar. — Eu segurei sua mão. — Algo pelo qual hoje eu agradeço ou não teria conhecido você que se tornou minha irmã.

Seus olhos arregalaram-se.

— Me considera uma irmã?

— É claro. Quando nosso mundo estava desabando, cuidamos uma da outra. Não é porque estamos aqui que vamos uma pra cada lado, eu pelo menos acredito nisso.

— Eu também acredito muito nisso.

— Então pronto. Ficaremos juntas e vamos descobrir essa coisa do soldado.

— Certo. Bem, já que eu não tive a sorte de conhecer nosso chefe e me apresentar, vou voltar para os meus afazeres, para que

se um dia por um milagre ele deseje ver como estão os animais, fique feliz com o trabalho feito.

Dei-lhe um sorriso encorajador e assisti enquanto ela se afastava.

Suspirei, sentindo-me cansada com quantas mentiras falei nos últimos minutos.

Como é que eu ia dizer para ela que não só a nossa permanência ali, mas nossa sobrevivência dependia não do nosso trabalho, mas do que o rei de Londres planejava para nós?

Para mim.

CAPÍTULO 15

KORIAN GATSBY

— Você! — ouvi Killian chamar quando passei pela porta do quarto que seu pai estava encostado. — Venha me aju... — ele se interrompeu ao ver que se tratava de mim.

Gordon estava tentando levantar da cama, e eu me apoiei no batente da porta para ver a cena se desenrolar.

— Na verdade, estou pensando em te deixar sozinho nessa festa. Ele não parece nem de longe o poderoso Gatsby que intimidava uma sala inteira, não é?

Killian o subiu de volta na cama, cobriu e me fitou com raiva nos olhos.

— Korian, ele é o nosso pai. Eu não sabia que podia conhecê-lo um dia, e agora estamos frente a frente. O que aconteceu com ele?

Eu adentrei o quarto e fiquei do lado contrário da cama.

— Câncer. Ele me implorou perdão apenas para que eu prometesse que não deixaria a cidade inteira saber que em poucos meses ele seria abatido por uma doença tão cruel quanto todas as suas atitudes.

— Você acha que foi castigo? — meu irmão perguntou.

— Talvez. — Mexi as sobrancelhas. — Vamos descobrir quando eu ficar velho. Se eu tiver câncer, vamos saber que sim, foi castigo.

— Eu... ainda... posso... ouvir... vocês...

Eu dei risada.

Adorava quando o psicopata que me “criou” dava o ar da graça em raros momentos.

— Eu não consigo ouvi-lo, papai, talvez se falar mais alto?

— Posso... ser... um... velho... — Ele engasgou, e enquanto eu estava pronto para deixá-lo sufocar com sua própria saliva, Killian o virou para que tossisse — Quase... morto... mas... com... certeza... voltarei... para... assombrá-lo.

— É bom que esteja acordado. — Ignorei sua sentença vazia. — Seu filho mais novo está aqui como tanto desejou.

Gordon virou a cabeça em direção a Killian, mas seus olhos não tinham foco.

— Seu... irmão... me... envenenou... eu... não... tenho... câncer...

Killian me fitou atônito.

— Ele está delirando. Disse a mesma coisa para as poucas pessoas que o viram.

— Por que ele mentiria sobre algo assim?

— Porque aqui vai uma novidade pra você se ainda não percebeu: seu pai sempre foi um sádico. Fique feliz por não ter passado sua infância com ele.

— Acha que eu não queria ter crescido com a minha família se tivesse escolha?

— Você se ilude se acredita mesmo que por um momento que já fomos uma família. Ele fez da minha infância o próprio inferno. Mesmo adulto, só tive paz quando essa doença o parou, e eu não vou mentir que não fiquei feliz quando aconteceu. Porém, envenenar? Não, eu não fiz — suspirei —, fiz o que eu tinha que fazer e o trouxe para você. Em quem você vai acreditar e os planos que ele tem para firmar com você em momentos de lucidez são da sua conta e risco.

Preparei-me para sair do quarto, mas ele segurou meu braço.

— Isso é muito conveniente pra você. Admite que odiou nosso pai a vida inteira e quando ele ficou doente ficou feliz, agora como eu vou acreditar?

— Acreditando. — Cerrei a mandíbula.

— Você não me ajuda nisso, Korian, não confia em ninguém, nunca sequer conversou comigo quando eu estava louco para criar uma conexão com você. Devo escolher você de cara antes de conhecer meu pai ou sonhar com nossa mãe?

Soltei uma risada amarga.

— Nossa mãe? Ele a deixou para morrer quando me levou, assim como te deixou também.

— Ele não teria me deixado se soubesse que éramos gêmeos.

— Isso é verdade. Então seríamos dois fodidos por ele.

— O que mais você sabe sobre aquela noite?

— Nada mais. Isso foi tudo que eu descobri.

— Como?

— Perguntando em momentos que ele estava delirando pela dor. Solte-me, eu estou perdendo a paciência.

— Tudo bem, mas agora eu preciso de respostas e pra saber que caminho seguir, tenho que falar com meu pai.

Eu segurei meu irmão pelo pescoço e o bati contra a parede, aproximando nossos rostos.

Até aquele momento eu nunca tinha sequer tocado em Killian, que o nosso primeiro contato físico tivesse sido uma briga por causa de nosso quase morto pai já dizia muito sobre os caminhos que aquela relação poderia tomar.

— Eu não passei anos me livrando deste homem para que você tente se tornar uma versão patética dele — falei sem paciência para mais de suas questões. — Ou você está ao meu lado ou você está contra mim.

— Eu não sei de que lado estou — Killian foi mais suave ao responder. — Eu não vivi o que você viveu.

— Então, tome a minha palavra como a porra da verdade ou volte para Liverpool. Tenho certeza de que há muitos bancos esperando para empregá-lo, você será feliz com o seu coração de ouro — comentei ironicamente. — Você conseguirá emprego rápido, assim pode se casar e ter filhos que serão tão pobres e miseráveis quanto você.

Ele colocou a mão em meu peito, tentando me parar de apertar ainda mais sua garganta.

— Korian!

No entanto, eu estava cego. Cego de raiva, cego de ódio, cego de mágoa e por um momento senti.

Senti coisas que estavam enterradas desde que enviei meu pai para longe e nunca mais falei sobre ele. Deixei que as pessoas assumissem a verdade que preferissem.

— Fique longe do meu caminho!

Impedindo a mim mesmo de matá-lo ali, soltei sua garganta quando meu pai foi acometido por uma crise de tosses, abri a porta e saí, mas não fui longe, pois do lado de fora segurando uma leiteria com água estava a mulher de cabelos de neve.

Fechei minha expressão e enterrei tudo o que meu irmão e meu pai tinham acabado de provocar. Fechando a porta atrás de

mim ao ver que seus olhos curiosos tentavam vislumbrar lá dentro, eu a bati com força, fazendo-a pular no lugar e encarar meus olhos.

— Sinto muito, senhor.

— Sente muito pelo quê? Por ter parado para escutar atrás da porta ou por ter sido pega?

Ela debatia consigo mesma, eu conseguia ver em seus olhos. Tanto no olho danificado que não abria completamente, quanto no outro que era perfeito e azul.

Inferno!

Quem é que tinha olhos daquela cor?

Cabelos daquela cor?

— Um pouco dos dois, mas principalmente por ter sido pega... digo, por estar ouvindo.

Inclinei a cabeça diante de sua honestidade imediata.

— Você não consegue ser desonesta, não é?

— Eu tento não ser, meu senhor.

— Isso será bom para você, eu não gosto de mentiras.

Ela desviou o olhar e avançou inquieta, eu quase podia ouvir seu coração batendo.

— Eu realmente sinto muito, se o senhor permitir, tenho que voltar ao trabalho.

Antes que ela passasse por mim, segurei seu braço e a trouxe para perto. O ombro colado em meu peito fez cócegas que me intrigaram e me fizeram afastá-la de mim na distância do cotovelo. Quando eu me recuperei do susto, vi que seus olhos estavam nebulosos, talvez tendo sentido o mesmo que eu.

— Já descobriu como vai pagar a minha gentileza?

Ela engoliu em seco.

— Eu não sei como o senhor espera que eu responda isso.

— Não terminamos a nossa conversa naquela noite, mas eu ainda estou esperando uma resposta. Qual é a sua idade?

— Tenho vinte... vinte e quatro.

— Nem no inferno.

Seus olhos arregalaram, fazendo-me ficar tanto entretido em como tentaria me convencer, quanto incomodado pelo olho ferido.

— Eu prometo! Eu juro que é verdade!

Estreitei os olhos nela, tentando detectar uma possível mentira, mas ela não tremeu e não desviou o olhar novamente. Talvez estivesse falando a verdade. Talvez só tivesse o rosto jovem demais, muito, muito jovem.

— Qual é o seu nome? — Encostei na parede.

— Belatrix. — Ela engoliu em seco.

Como a estrela, guardei para mim mesmo. Ela parecia com uma, aposto que se eu a colocasse no sol iria reluzir, e durante a noite seria o único ponto brilhante a ser visto.

Inferno duas vezes.

— E o seu?

Sua pergunta num tom tão suave me atordoou por alguns segundos. Ninguém me questionava, eu não lembrava quando foi a última vez que alguém me perguntou algo ou tentou me conhecer melhor, tirando Joanna que fez questão de primeiro ter meu anel em seu dedo e sua presença constante na minha cama antes de perguntar até mesmo se eu realmente tinha matado o meu pai.

E surpreendendo-me ainda mais, eu respondi.

— Korian.

— Korian... — ela repetiu num sussurro, meu nome em seus lábios parecia ouro líquido. — Korian Gatsby, realmente é um nome de rei.

Ela não sabia onde estava?

Não tinha a dimensão de quem eu era?

Só podia ser nova na cidade. Rapidamente encontrou Killian que como um bom samaritano lhe deu emprego, mas, ainda assim, não foi atrás de pesquisar sobre a casa onde moraria?

Nada no castelo ou em mim ativou os sinos de sua cabeça para correr o mais rápido possível?

Nós ainda estávamos numa batalha silenciosa, olhos travados, quando ouvi saltos vindo pelo corredor, mas já era tarde quando Joanna viu Belatrix e teve um vislumbre do meu olhar fixado nela.

— Ora, ora — a voz exageradamente alta e melodiosa ao extremo soou e fez Belatrix pular. — Serviçal nova?

Soltei-a sem pressa, mas ela rapidamente se afastou de mim. Eu permaneci em meu lugar.

— Joanna.

Seus olhos não estavam em mim, estavam em Belatrix, a estrela que quando caiu na Terra, caiu diretamente na neve e de alguma forma veio parar no meu castelo.

ϟ

BELATRIX D'LAVEY

— Senhora. — Curvei-me levemente, mostrando a ela que estava à sua disposição.

A noiva dele.

Por que tudo sobre ela me deixava triste?

Eu não tinha raiva, não ficava brava, mas olhá-la, imaginá-la com ele me trazia uma tristeza tão profunda que levei a mão livre ao

coração tentando senti-lo, tentando tocá-lo e acariciá-lo até que a agonia que parecia cortar passasse.

— Eu não sabia que seu pai estava recebendo visitas. — Ela finalmente tirou os olhos de mim. — Pensei que essa era a oportunidade perfeita para conhecê-lo.

— Pensou errado. — Korian, ou senhor Gatsby acenou para a porta fechada. — Você não vai conhecê-lo.

— Mas ele é meu sogro. — Joanna forçou um riso.

— Ele morrerá antes mesmo que você consiga começar uma de suas conversas. Não faz diferença conhecê-lo ou não.

— Korian!

Por que ele nutria tanto ódio por seu pai? Pela forma como falava, a repulsa em seu olhar quando ele dizia “seu pai” era visível, será que ela não via? Eu me tornei por um momento uma espectadora entre a briga dos dois.

Joanna era mais alta que eu, tinha os cabelos brilhantes e castanhos, com a franja empurrada para trás num penteado muito bonito. Eu jamais me atreveria a sequer sonhar usar as roupas que usava com tamanha confiança.

— Joanna, esqueça esse assunto.

— Mas Korian...

— Eu disse para esquecer. — Sua voz se tornou um mandato. Ela engoliu em seco. — Vou mandar Paul levá-la embora.

— Não! Você prometeu que eu poderia ir ao lugar que você estaria hoje.

Por que eu ainda estava ali?

— Tem razão, eu prometi.

— Ótimo! E você?

Ela me fitou com o olhar curioso e desconfiado, pelo menos não estava me jogando escada abaixo, como eu imaginava que outras mulheres fariam ao pegar seu noivo tão próximo de uma empregada. É claro que eu não faria isso, mas não seria a primeira vez que uma esposa tinha que aceitar um filho bastardo porque os patrões não conseguiam se manter em suas calças.

— Com licença — falei baixo, mas alto o suficiente para que me ouvissem.

— Espere! — A voz da noiva dele me parou. — Vamos levá-la conosco.

— Não, não vamos.

— Korian! Será bom para a garota ver quem você é.

Ele me olhou de soslaio.

— Ela sabe quem eu sou.

— Não, ela precisa ver de perto. Assim vai entender porque você é chamado de rei de Londres e é claro, ela ficará mais

familiarizada quando tiver que servir à rainha, à sua rainha — frisou o final.

Então eu entendi. Ela queria apenas me humilhar.

Eu não conhecia, e por isso, não sabia o que esperar, mas com certeza não devia ser coisa boa.

Faria o que estava ao meu alcance para lhe garantir que eu não tinha intenções com seu noivo — por mais que eu sentisse algo que nunca senti antes e as palavras de minha avó sobre almas gêmeas não saíssem da minha cabeça desde que eu coloquei meus olhos em Korian.

Eu esperava que realmente só quisesse me levar para que eu a conhecesse melhor, afinal não havia jovens trabalhando no castelo — não que eu tivesse visto.

O senhor Gatsby parecia contratar apenas pessoas mais velhas, pelo menos para os serviços da casa. Por algum motivo, o senhor Gatsby não discutiu. Ele apontou para a escada e quando eu olhei para Joanna esperando que ela passasse, ela me olhou de volta.

— Vá em frente. — Sua voz era doce demais, ou foi impressão minha? Balancei a cabeça livrando-me dos pensamentos. — Você vai levar a leiteira junto? Jogá-la na minha cabeça talvez?

— Joanna — Korian a advertiu.

— Senhora, eu jamais faria isso.

Estávamos paradas no meio da escada, ela riu.

— Eu estou apenas brincando com você, gosto de brincar. Não é verdade, querido?

Ela lançou um breve olhar para o senhor Gatsby, ele não pareceu provocador como segundos atrás quando olhava para mim, e sim impaciente. Havia algo nele, algo como ele reagia às coisas que ela dizia, e a ela no geral. Percebi que não se tocavam, ele não segurava sua mão ou apoiava suas costas, como eu já vi casais apaixonados fazendo, será que não estavam apaixonados?

Por qual outro motivo eles estariam prestes a se casar?

Eu disse para mim mesma cuidar de minha própria vida e seguir até o carro, onde Sam não me deu o sorriso que eu estava me acostumando a receber dele e suspeitei que fosse por causa de nossos patrões presentes.

Ele abriu a porta de trás.

— Senhora.

Eu dei um passo para entrar, mas ele segurou delicadamente meu pulso, eu entendi então que se ele iria dirigir eu iria na frente com ele, enquanto o senhor Gatsby e sua noiva iriam atrás. Joanna entrou e esperamos que ele fizesse o mesmo, mas ao fitá-lo, vi que seus olhos não estavam no carro, e sim na mão de Sam no meu pulso. Sua mandíbula era tão definida e os olhos intensos cravados em nós dois nos tocando, mesmo que inocentemente.

Eu decidi testar, apenas testar e ver se eu estava ficando louca, ou a conexão que sentia realmente aconteceu mesmo que por um momento. Afastei meu braço de Sam indo para frente da porta e isso fez o senhor Gatsby se mover e entrar no carro imediatamente.

Sam fechou a porta sem se dar conta do acontecido e abriu a minha, pulamos para dentro e seguimos.

— Avenida 10, rua Crowford, senhor?

— Sim.

O tom de Gatsby foi cortante, Sam olhou pelo retrovisor franzindo as sobrancelhas. Eu lhe dei um olhar para ver se ele tinha entendido o que aconteceu, mas durante todo o caminho ele jogava olhares para o senhor Gatsby. Eu não me atrevia a fazer o mesmo. Não estava preparada para enfrentar o que quer que veria em seus olhos, ou nos de sua noiva, caso ela me pegasse espiando.

Quando chegamos em frente a uma propriedade que parecia uma antiga pensão, eu desci sem esperar que Sam abrisse a porta, ele e o senhor Gatsby desceram juntos, mas ao invés de abrir a porta para sua noiva ele seguiu em direção ao portão.

Joanna ficou lá dentro esperando até que Sam desse a volta e a liberasse.

Ela desceu bufando e seguiu o noivo, o portão estava trancado e eu imediatamente quis me oferecer para o que quer que eles fossem fazer ali, caso a propriedade fosse dele e se precisasse

eu poderia cuidar do jardim, mas selei os lábios com força, dizendo a mim mesma que para evitar mais problemas ficaria em silêncio.

E mesmo quando falassem comigo eu pensaria muito bem antes de responder.

Ele tentou abrir o portão por alguns segundos, mas ao ver um cadeado embaixo olhou em volta no chão e quando encontrou uma pedra grande o suficiente, bateu uma única vez, fazendo a tranca ceder.

Por que o simples ato me atraiu tanto, eu não entendia. Eu fiquei longe enquanto ele abria o portão e Joanna o seguia. Esperei por Sam, sabendo que o meu lugar era ao lado dele, não do casal prestes a explorar talvez sua futura nova casa. Mas pelo jeito eu era a única querendo me resguardar. Joanna ficou parada até que eu a alcançasse, ela então deu um sorriso.

— Um pouco de privacidade, por favor — disse a Sam.

Ele acenou uma vez, dando-me um olhar de desculpas e quando estávamos sozinhas, Joanna olhou para casa.

— Muito bonita, não é?

— É um bom espaço, senhora.

— Sabe o que isso significa?

— Não.

— Que Korian e eu estamos construindo um futuro muito bonito, com nossas crianças saudáveis e legítimas pela frente. O

que significa que não importa se você tem pulado na cama dele, pois é comigo que ele vai se casar. Não importa o que você fez para atrair a atenção do meu noivo, eu não vou permitir que essa situação dure mais.

O meu coração nunca bateu tão forte — exceto quando eu vi Gatsby pela primeira vez.

— Senhora, eu...

— Fique quieta. — Sua expressão foi de calma e serena para irritadíssima. — Não ouse falar comigo!

Ela se jogou em minha direção, mas enquanto esperei um tapa, senti apenas a touca sendo retirada da minha cabeça e quando o cabelo encostou em minha cintura, desesperei-me.

— Devolva-me! — gritei, sem poder me controlar.

— Meu Deus — ela me fitava com horror —, que tipo de praga você carrega?

— Eu...

— Joanna! — o senhor Gatsby lhe chamou e então bateu os olhos em mim, ele olhou meu cabelo da raiz até as pontas e eu senti como se acariciasse cada fio. Ele cerrou a mandíbula e franziu o cenho antes de desviar o olhar. — Pare de importunar os meus empregados! Entre, você não queria vir?

— Eu quero, mas antes eu exijo que você demita essa garota! Exijo que a expulse. Não precisa olhar muito para saber o

que ela é.

— E o que ela é? — ele perguntou quando saiu da casa e chegou mais perto.

— Vamos deixar que meu pai decida isso. — Ela ergueu o queixo, olhando-me com absoluta soberba.

Eu me sobressaltei quando Korian avançou em nossa direção a passos rápidos e segurou o braço de sua noiva.

— Diga uma palavra ao seu pai sobre qualquer coisa de dentro da minha casa e eu acabo com ele antes que você possa pegar o telefone. Se eu souber, Joanna, que você leva informações de dentro do meu reino para fora eu te mato, entendeu?

Ela puxou o braço e, então, jogou a touca no chão, cuspindo nos meus pés em seguida.

— Lixo! Eu espero que você saiba que eu não tive tanto trabalho para conseguir que ele me pedisse em casamento para deixar que uma empregadinha, lixo qualquer o tire de mim.

Eu abaixei a cabeça, recuando alguns passos depois de pegar minha touca.

— Sinto muito, senhora — obriguei-me a dizer. — Eu não quis passar nenhuma impressão.

— Mas passou! — Joanna gritou.

— Você está chamando atenção — ele disse a ela.

Mas Joanna o ignorou e veio em minha direção novamente.

— Faça o melhor pra si mesma, arrume suas tralhas e saia da minha casa!

— Já chega!

Eu só tive tempo de ver Korian segurando seu braço com mais força enquanto ela relutava e a levou para dentro da propriedade, eu olhei para Sam com olhos arregalados em dúvida se ele iria intervir para que Korian não fizesse besteira.

— Ela é sua noiva.

— E daí? — disse ele.

Eu não percebi que tinha falado em voz alta.

— Ele não vai machucá-la — tentei convencer a mim mesma. — É apenas uma discussão de casal.

Sam ergueu as sobrancelhas.

— Se você acredita nisso, está mais ferrada do que ela. Posso lhe dar um conselho de quem está aqui há anos?

— Sim — falei ainda sem desviar os olhos da pensão que precisava desesperadamente de uma reforma.

— Quando Gatsby lhe chamar para uma direção, corra para a outra sem parar, corra e não olhe para trás.

Eu olhei para Sam e assenti, mas no fundo sabia que eu não poderia fazer aquilo.

O senhor Gatsby nem sequer estava me chamando, mas eu queria correr para ele de qualquer jeito.

ϟ

KORIAN GATSBY

Joguei Joanna contra uma parede e coloquei os braços ao lado de sua cabeça.

— Quando foi que eu disse a você que te amava?

Ela gaguejou.

— Você ainda não disse, mas...

— Eu não disse. Quando foi que eu lhe pedi em casamento?

— Você me comprou um anel.

— Não. Você comprou um anel e me levou a conta.

— Eu sabia que você queria pedir, mas não conseguia.

— Eu tenho trinta e sete anos, Joanna, se quisesse me casar, você já seria minha esposa.

— Mas... mas nós fomos feitos um para o outro.

— Não, não fomos. Eu vejo como você olha o meu primo e como olha meu irmão.

Seus olhos arregalaram-se.

— Eu não... isso não é verdade, eu não olho nenhum deles.

— Você olha. Você olha e não há problema nenhum, porque eu não te amo, eu não tenho orgulho envolvido nisso. Eu não faço questão que você seja minha posse, e eu não a vejo como minha para ver problema nos seus sentimentos.

— Korian — ela começou a chorar —, como pode me dizer algo assim? Estamos comprometidos!

— Porque você precisava ter o seu momento de glória e eu não tinha por que a impedir.

— Não tinha? — Fúria encheu seu rosto outra vez. — Então, agora você tem? Eu estou certa, não é? Você está olhando aquela empregada, aquele lixo como...

— Eu não a estou olhando como nada, o que poderia acontecer no máximo é que sim, eu a levaria para minha cama. Eu posso até transar com ela quantas vezes quiser até enjoar, assim como fiz com você.

— Mas é porque você tem estado estressado.

— Não, não é. É porque eu simplesmente não tenho mais tesão em foder a sua boceta.

Ela ficou boquiaberta. Tentou escapar do meu enlace, mas eu coloquei uma perna no meio das suas, sem contato sexual, sem

enviar nenhuma mensagem, eu só queria que ela olhasse em meus olhos e visse a verdade.

— Se você não seguir em frente, seja com o homem que for eu vou matá-la para me livrar de você. Você não é obcecada por mim, você não quer se casar comigo e você não me ama. Eu só sou o melhor partido da cidade, mas você é livre para perseguir meu primo e meu irmão, acho que um dos dois seria uma boa opção para você. Eu não vou me casar, Joanna, fique com o anel como recordação, mas eu não quero mais que você venha à minha casa e não quero que você olhe para as mulheres que chegarem perto de mim e tente fazer alguma coisa, não as aborde, não vamos fingir que estamos vivendo uma história de amor. Eu simplesmente não te amo.

Ela chorava como se estivesse inconsolável.

— Joanna — insisti em fazê-la entender. — Realmente vamos insistir nisso? Vai me fazer matá-la?

Ela suspirou olhando por cima do meu ombro.

— Eu disse a todas as minhas amigas que iria me casar com um Gatsby — admitiu relutantemente. — Eu posso não o amar, mas me importo com você.

— E não te dói que eu não te amo? Que nem sequer me importo com você o suficiente para dizer com toda certeza de que eu poderia matá-la aqui mesmo e isso não faria nem coceira na minha consciência?

Aquilo a fez recomeçar a chorar, mas provavelmente por medo, não mágoa.

— Eu não quero morrer.

— Então, siga a sua vida. Eu lhe dei diversos sinais, eu falei pra você que não nos casaríamos e você continuou atrás de mim, acho que já foi tempo suficiente dessa brincadeira para colocarmos um ponto final.

— Eu vou ficar com o anel — disse em soluços.

— Fique.

— E vou dizer a todos que foi eu que terminei com você, que foi eu que rompi o noivado.

Eu queria revirar os olhos para tamanha futilidade.

— Como quiser.

— E você precisa confirmar.

— Eu tenho certeza de que ninguém vai perguntar, Joanna.

Ela me fitou com incerteza.

— Se por um motivo eu tivesse um acesso de raiva e visse você com outra mulher... você...

— Seu pai estará morto no dia seguinte. Eu seria obrigado a ter um acesso de raiva com alguns dos seus familiares mais próximos. Começando pelo seu pai, talvez sua irmãzinha, o que você fizer para mim ou para pessoas próximas, que sejam

funcionários, sócios ou mulheres que visitam a minha casa, eu vou fazer com você. Garanto que diferente de mim você sentirá.

Esperei até que ela me desse qualquer sinal de que entendeu, mas eu sabia que havia entendido, uma coisa que Joanna valorizava acima do status era sua família, seu pai principalmente.

— Não me faça ter que procurar outro xerife para a cidade.

Ela deu um aceno rápido, então pegou sua bolsa no chão e saiu. Observei como seria sua passagem por Sam e Belatrix, mas ela nem sequer olhou para o lado. Ótimo, a mensagem foi mais do que recebida. Enquanto olhava em volta da minha nova propriedade, minha única dúvida era: por que não havia feito aquilo antes?

Vendo Belatrix com o olhar confuso encarando a grama pra dentro do portão, eu tive um momento de querer chamá-la e mostrar a ela o lugar, admitir para mim mesmo que o único motivo para ter deixado que Joanna a levasse, era porque eu queria que ela visse, eu queria ver como ela encarava, queria que ela entrasse e me dissesse se meus planos pareciam bons o suficiente para o lugar ou se o lugar parecia bom o suficiente para abrigar os meus planos.

Queria que ela visse a paleta de cores e também os móveis e que ela aprovasse o nome. Minha mão voou sem que eu percebesse na parede, quebrando o gesso e me dando nós dos dedos inchados instantaneamente. Eu não precisava olhar para o lado de fora novamente para saber que ela estava me olhando, eu sentia. Sentia tudo relacionado àquela mulher, o que era uma

maldição já que passei mais de vinte anos da minha vida sem sentir absolutamente nada.

Quem quer que aquela mulher fosse, ela não era um bom presságio para mim. Eu sabia que deveria sair, dizer a Sam para levá-la à outra cidade e abandoná-la à sua própria sorte, mas só o pensamento de fazer algo daquele tipo me deixou inquieto. Eu queria sair e perguntar a ela se estava tudo bem, se Joanna a machucou, mas antes que pudesse, segui em direção às escadas e subi, o que eu precisava era me concentrar nos negócios, isso era tudo que devia me importar, não uma mulher qualquer que surgiu do nada e em breve seria nada também.

Eu estava apenas brevemente fascinado, eu sabia o que resolveria: uma transa.

Sexo. Uma noite agitada. O que fosse, mas quando estava olhando o segundo andar e vi um único quadro pendurado em cima da lareira, aproximei-me e vi uma montanha coberta de neve, engraçado que na casa destruída aquela era a única coisa que parecia intacta.

— Engraçado pra caralho, filho da puta — vociferei para a casa.

Casa dos infernos.

Eu olhei para cima e me perguntei por um momento se Deus estava fodendo com a minha cara.

CAPÍTULO 16

KORIAN GATSBY

— Você encontrou o que procurava?

Fui parado pela voz de Mabel assim que entrei no clube.

— Eu te respondo se você me disser o que eu estava procurando.

— Nem sempre nossas buscas são conscientes, Kori, mas algo me diz que você encontrou.

— Não tenho tempo pra isso.

Eu a deixei sem minhas respostas e entrei pela porta escondida no fundo do bar. Sentando-me numa mesa de pôquer — o novo jogo que começava a ficar popular, jogadores já me esperavam para “jogar” e falar de negócios. Havia apenas uma coisa da qual eu não abria mão de tratar eu mesmo e eram as apostas de lutas que aconteciam sob meu comando exclusivo em Londres.

Desde os meus vinte e um anos, quando parei de lutar, fiz da minha missão triplicar os lucros da atividade na cidade. Inicialmente meu pai não gostou da ideia e tentou me dissuadir, mas quando o primeiro torneio nos rendeu muito mais lucro do que esperava, ele apoiou, tentando até mesmo roubar o controle para si mesmo, mas eu não deixei.

E foi quando brigamos por isso sendo assistidos por alguns de seus velhos parceiros de negócios e ele ficou doente, que começaram os boatos de eu fui responsável por sua saúde ter definhado.

Alguns diziam que eu o envenenava em casa, outros que eu o maltratei tanto que sua enfermidade era de desgosto, mas a teoria que mais ganhou força foi a de que eu o envenenava. Se fosse para matar alguém, eu não mataria lentamente com veneno, eu faria o serviço rápido e limpo, com uma bala na cabeça, mas no caso do meu pai seria no coração.

Sim, eu adoraria vê-lo sangrar até a morte e sufocar sem ar, mas eu não podia ser culpado, não daquela vez. Isso não os impediu, porém, de pensar o contrário.

Nos meses seguintes, a procura de senhores de outras cidades e outros estados para que fossem acrescentados ao círculo de investidores e apostadores ficou melhor do que eu poderia ter imaginado, algo que meu pai não estava mais consciente para ver acontecer.

Se eu gostaria de dar tal orgulho para ele aos vinte e um anos? Sim. Talvez eu gostasse apenas para calar sua boca, mas hoje, após anos tendo se passado, eu não poderia ligar menos se ele viu ou não.

— Queremos fazer o próximo torneio no campo. Como se fosse golfe, mas com sangue — disse Marlon, um dos três maiores apostadores.

— Você acha que é uma grande ideia? — perguntei, observando o jogo na mesa e analisando minhas cartas.

— Tenho certeza de que sim, é espaçoso, longe da vista, longe da cidade.

— Sim — Ayli concordou. — Quando eu trouxer os meus homens quero que estejam seguros.

— Quantos você vai apostar? — foi o prefeito quem perguntou.

— Colocarei três homens para lutar.

— Oh, isso é mais do que...

— Você nunca apostou antes — Marlon observou. — Vai investir logo em três, por quê?

Ayli encolheu os ombros.

— Digamos que eu estou com um bom pressentimento.

— Se o seu bom pressentimento for algum tipo de artimanha contra os outros lutadores, repense — Haward advertiu.

— Eu jamais faria isso na luta do Gatsby.

— Gatsby não dá a mínima para o que acontece em sua luta desde que ele receba o dinheiro. — Marlon riu, esperando que o acompanhassem.

— Acredita mesmo nisso? — perguntei, jogando mais uma vez quando o prefeito deu um sorriso convencido para a mesa, percebi que ele jurava que ia ganhar, e aquilo confirmou minha próxima jogada. — A coisa que eu menos dou valor é o dinheiro —

falei lentamente. — Também não me importo com minha fama, com o que diriam ou quantas pessoas a mais viriam. O que mais valorizo em minhas lutas é... eu vou perder meu esporte favorito, que é ver pessoas se matando por dinheiro em cima de um ringue, se fosse espalhado por aí que eu permito que jogadores sejam drogados para perder e assim favoreço outros jogadores.

Eles se entreolharam.

— Eu não quis dizer isso, Gatsby.

— E eu também não estou dizendo que vou fazer algo do tipo, isso não saiu da minha boca, foi Marlon quem sugeriu — Ayli se explicou rapidamente.

— Se Marlon sugeriu é porque ele lhe conhece o suficiente para pensar que você o faria — encarei Ayli —, diga-me, você não quer me fazer perder meu esporte favorito, quer?

O homem engoliu em seco, nervoso, provavelmente pensando, ou em maneiras de sair da sala ou em como me convencer de que não estava tramando para arruinar os meus negócios.

— Eu posso tirar jogadores, posso trazer apenas um.

— Não, não — Marlon reclamou. — Mais jogadores, mais dinheiro na mesa.

— Traga os seus, fique à vontade.

— Sem jogadores extra — afirmei por fim. — Tragam apenas um.

— Tem razão, Gatsby. — Marlon limpou a garganta, contradizendo sua opinião de segundos atrás. — Um é o suficiente. Bem, deixando isso de lado. — Marlon jogou, cruzando as mãos atrás da cabeça, e olhando-nos desafiadoramente como se ninguém pudesse superar suas cartas. — Estamos combinados que será num campo de golfe, é uma ideia brilhante.

Eu deixei que todos eles fizessem sua jogada antes de atirar minhas cartas — com a melhor jogada — na mesa e me levantei, enfiando os três bolos de dinheiro de cima da mesa nos meus bolsos.

Abri a porta.

— O campo de golfe não é uma ideia brilhante, na verdade, é estúpida. Tudo que eu já esperaria de você, Marlon. O que é que faremos quando o sol escaldante do campo começar a desidratar um por um dos lutadores e eles não aguentarem nenhum soco antes de cair? Um ganha, mas e o entretenimento? Vocês são sádicos que gostam de ver brutalidade rápida? Não. Todo mundo quer um show. As lutas serão na porra da propriedade que eu acabei de comprar quando estiver reformada. Essa é a diferença entre mim e vocês cavalheiros, vocês sobem num cavalo sem conferir se ele bebeu água e se alimentou, e quando param no meio do campo, batem no cavalo. Eu prefiro garantir que ele estava alimentado e hidratado para que me leve até o fim do caminho, e quando eu chego lá primeiro do que todos, eu não fui um bom jogador. Fui o que todos sabem que eu sou, o melhor.

Saí sob o silêncio deles e o meu. Quando entrei no carro e segui para casa, as palavras de Mabel bateram à porta da minha

mente, desejando entrar, mas eu as empurrei para longe, não era hora de pensar no que ela acreditava ter chegado para mim e no que eu inconscientemente acreditava saber do que ela estava falando.

O meu plano era ignorar até que caísse no meu esquecimento.

Eu era puro fogo e se tocasse na garota feita de neve, não sobraria nada dela para contar a história.

CAPÍTULO 17

KORIAN GATSBY

Decidi ficar bêbado.

Algo que eu não fazia há muito tempo, só que agora eu tinha a porra de um feitiço selado fortemente na minha cabeça fodida e precisava me livrar do pensamento de tirá-la de onde a coloquei.

Eu não recorri a Mabel para tirar o encanto de Belatrix de mim, pelo contrário, eu deixei a garota presa pelos últimos três dias na masmorra que meu pai usava contra mim e ordenei que ela fosse alimentada duas vezes ao dia, com estoque de água ilimitado.

— Eu não sou tão ruim — repeti meu pensamento em voz alta para Timothy, que riu junto comigo. — Eu sou um Deus! — gritei ao levantar da cadeira e abrir os braços.

Os homens ao redor gritaram em concordância e eu vi pelo menos cinco mulheres correndo em minha direção. Talvez eu escolhesse duas para foder hoje à noite.

— Ei, você — eu falei para a mais baixa delas. — Vá pintar o seu cabelo e eu me caso com você agora.

Ela arregalou os olhos.

— Perdão, senhor Gatsby?

— Vá pintar o seu cabelo do caralho!

— Ele está falando bobagem, ignore. — Killian, que parecia estar vendo um fantasma a dispensou.

— Eu devo realmente pintar meu cabelo?

— Não, vá para casa. Aliás, vão todos para casa.

— Não, não! A minha festa não acabou.

— Eu ouvi dizer que você não bebia mais — ele observou.

Caralho, qual era a porra do problema?

— Eu estou fazendo uma limpeza de sobriedade no meu corpo, meus ossos estão enferrujando e eu precisava de óleo hoje. Essa locomotiva vai voar!

Meus companheiros mais uma vez riram como hienas desesperadas. Eu estava tão bêbado e puxei Killian em minha direção pelo colarinho.

— Se você me conseguir um pouco de coca pura eu deixo você se casar com a Joanna.

— Sua noiva?

— Ex-noiva — afirmei enquanto apertava o dedo em sua testa e o empurrava para trás, ele deu um tapa em minha mão.

— Eu acho que você é a razão da lei seca existir.

Eu caí na gargalhada.

Em qualquer outro momento eu o mataria por isso.

Meu Deus aquela foi a melhor piada que eu já ouvi na minha vida. Bati na mesa com força derrubando copos e garrafas no chão, rindo histericamente.

— Eu sou a razão da lei seca existir. Coloque isso na minha lápide. Eu sinto que a minha morte está próxima, meu irmão, não negue meu último pedido!

— Sua morte não está próxima.

— Está. — Eu lhe apontei meu copo quebrado antes de tomar um gole e sentir um pingo de sangue escorrer do lábio. — Nosso pai está curado, a bruxa o curou.

— Korian, pelo amor de Deus do que você está falando?

— A bruxa! — gritei, fazendo meu irmão recuar. — Ela o curou! Eu a vi com velas e fumaça colorida.

— O quê?

— Foi ela... a bruxa de neve. Foi ela. — Afastei-me dele o empurrando para passar e peguei mais um copo de dose, agarrando o braço da garota de cabelo loiro escuro. Ouvi Killian me chamar, mas Timothy o impediu de me seguir.

— Meu senhor, eu não sei se devo ir.

Eu segurei seu queixo, observando o rosto.

— Seus olhos são azuis. Você é um pouco maior e seu cabelo é mais curto e mais escuro, você não é quem eu quero, mas será quem eu quero.

— Eu não sei ser...

— Você é uma prostituta. — Ela abaixou os olhos com vergonha, mas eu não dava a mínima para a sua vergonha, eu só queria foder. — Não se faça de tímida. Você quer meu dinheiro? Mereça. Não quer? Saia da porra da minha casa! — Fechei a porta do banheiro atrás de nós e me concentrei por alguns segundos para ficar consciente o bastante para foder aquela mulher sem me envergonhar. Não que já tivesse acontecido alguma vez, mas eu estava tão bêbado que me lembrou as primeiras vezes que bebi.

— Eu estou no paraíso.

— É bom ouvir isso, meu senhor. — Ela sorriu, decidindo ficar.

— Não, vire de costas. Seus olhos são mais escuros, seu cabelo também é. — Sentindo-me mais bravo a cada minuto porque a garota não era a bruxa pintada em minha cabeça, segurei seu pescoço por trás e deitei o rosto na pia, inclinando-a com a bunda para cima. — Eu não quero realmente comer você. — Segurando seu cabelo a levantei outra vez e a forcei a ajoelhar-se no chão. O banheiro estava sujo, molhado de mijo, barro e águas se misturavam.

Ela se desequilibrou, caindo sentada e eu segurei suas mãos antes que apoiasse no chão.

— Você não vai colocar a mão na merda e pegar o meu pau.

— Mas eu estou sentada na merda. — Seus olhos brilharam com lágrimas não derramadas.

— Por que vocês sempre choram? Por quê?

— Korian?

Olhei pra trás, vendo um rosto familiar.

— Joanna, o que está fazendo aqui?

— Killian pediu que eu o encontrasse.

— Killian pediu, hein? Hmm. — Eu sorri para a prostituta, abaixando minha calça e trazendo sua cabeça perto para que chupasse meu pau.

— Não é o que está pensando. — Ela engoliu em seco ao ver a mulher sugando a cabeça gorda do meu pênis e se aproximou, deixando a pequena bolsa em cima da pia. — Por alguma razão ele pensou que você me ouviria.

— Eu posso ouvir se você parar de falar e começar a gemer. — Segurei seu pulso, puxando-a para perto ao mesmo tempo que segurei o pescoço da garota e a levei comigo até perto da pia, onde com um braço coloquei Joanna em cima e abri suas pernas, ela tentou fechá-las, mas no momento em que coloquei a mão por dentro de sua calcinha ela suspirou e suas defesas pararam imediatamente.

— Senhor, eu não me sinto confortável. — Eu olhei para baixo, sentindo-me possuído de desejo não por ela e não por Joanna, mas por alguém que eu não podia ter.

Eu a subi para a pia ao lado de Joanna e abri suas pernas, acomodando-me entre elas.

— Está confortável agora? — A penetrei sem sutileza, ela gemeu e imediatamente agarrou minha mão esquerda, levando-a para apertar seus seios.

— Ah, sim, senhor Gatsby! Que delícia, mete em mim bem assim, assim, assim...

Joanna ficou de pé na pia ao lado da cabeça da prostituta e ergueu a saia, seus olhos brilharam de desejo.

— Nosso casamento teria ido pra frente se eu deixasse você me foder junto com outras?

— Foda-se, de jeito nenhum. — Eu enrolei meu braço em sua perna e a trouxe para a frente, afundando minha boca em sua boceta molhada. — Não é o que eu quero — murmurei contra ela. Então, afastei-me. — Caralho! — Virei a prostituta de costas e enfiei meu pau em seu cu.

Ela gritou como uma boa puta e rebolou feito louca.

— Sente-se e deixe-a comer sua boceta — rosnei, olhando minha ex-noiva nos olhos.

— Nã...

— Agora, porra!

Joanna me obedeceu, e embora tentasse fingir que não gostava, quando a mulher lhe enfiou dois dedos e chupou seu

clitóris com força, minha ex-noiva pareceu uma bela vagabunda tremendo.

— Um pouco mais e você quebra o espelho, amor.

Ela riu, e então, bateu na bunda da prostituta.

— Me chupa mais forte, cadela. E monta o pau do senhor Gatsby como se fosse um cavalo feroz.

Quando acordei na manhã seguinte não senti dor de cabeça e me lembrava de tudo o que fiz.

Pelo menos eu achava que sim.

Precisava apenas confirmar uma informação com Killian.

Houve uma movimentação em torno de mim e eu me levantei da minha cama, sentindo uma perna e dois braços enrolados em meu corpo. Vi a prostituta que comi no banheiro e uma outra desconhecida.

— Me diga uma coisa. — Virei-me para a voz do meu irmão vindo da porta e não me surpreendi quando ele entrou chutando três pessoas dormindo pelo chão. — Como é que você fala pra sua ex-noiva tentar um futuro comigo por causa do jeito que nos olhamos e na primeira oportunidade você a fode e me convida para participar?

— Aí está o que eu precisava tirar a dúvida — murmurei. — Eu convidei, não foi?

— Convidou não só eu, é claro, alguns outros teriam participado se Joanna não tivesse trancado a porta do banheiro

comigo dentro, então eu fui obrigado a assistir.

— As duas queriam, certo?

— Isso importa?

Encolhi os ombros.

— Para mim não, mas pra você que talvez se case com ela deve importar.

— Você as tratou como se fossem mulheres sem valor e sem família. Eu ouvi palavras naquele banheiro e vi tanta sujeira que nunca sequer imaginei.

— Isso se chama sexo bom pra caralho.

Killian riu sem humor.

— Então, esse é o motivo pelo qual você está sempre segurando um copo de bebida e a cheira, mas nunca bebe? Por isso eu nunca vi drogas na sua casa, não importa quantos convidados você receba? E por isso que você é um recluso.

— Eu não sou um recluso. — Levantei-me sem pressa para encontrar uma calça para tampar minha nudez. Pelo histórico não era algo que ele não viu detalhadamente. — E você está cheio de perguntas essa manhã.

— Um pouco de álcool e você foi de rei de Londres para o rei da farra.

— Por que acha que eu sou tão querido por aí? — respondi ironicamente.

Ele estava me dando uma lição de moral? Realmente?

— Por isso você não bebe mais. É um alcoólatra em recuperação e viciado em cocaína.

Em qualquer droga que eu pudesse colocar as mãos, pensei comigo mesmo, mas não verbalizei.

— Vai querer me colocar em tratamento agora, papai?

— Eu sinto que simplesmente, um muro foi quebrado e a porta que vivia trancada para mim está aberta e eu posso entrar.

— E eu sinto que você está delirando.

Como está Belatrix?

Fechei os olhos com força.

— Eu sinto isso porque o homem que eu vi gritando ontem “eu sou o rei da festa” não é o homem que se sentou comigo nas últimas semanas e conversou sobre abolir a monarquia na Inglaterra.

— Esse é o homem que está à sua frente novamente.

— Existe um equilíbrio, Korian, as pessoas conseguem beber sem chegar a esse nível.

Mas eu queria justamente chegar àquele nível.

— E enquanto você bebia e fodia, uma jovem inocente apodrecia no celeiro.

Estava demorando.

— Não me lembre desse assunto para que eu não me sinta tentado e comece a me perguntar por que que você foi contra uma ordem direta minha e a trouxe para cá.

— Eu não vou deixar que vire essa situação. Sabe que o que está fazendo é errado. É tão mais importante assim não passar por cima do seu orgulho do que deixá-la lá? Os animais nem estão comendo.

— Isso é porque ela é uma bruxa! — me exaltei. — E provavelmente enfeitiçou todos ao redor.

— Realmente acredita nisso? Ela é uma jovem garota perdida que encontrou abrigo aqui e pensou que estava segura. Eu disse a ela que estava segura.

— Então, você não devia ter feito promessas em meu nome.

— Vista-se, Korian, eu vou trazer uma pessoa aqui para falar com você.

— Não vai, eu beber um pouco e foder sua futura noiva não significa que você está no comando de alguma coisa.

— Eu vou tomar o controle para mim por algumas horas até que você volte a si.

— Killian, sabe qual seria a minha dificuldade em simplesmente jogá-lo dessa janela agora e sentir prazer em ver seus ossos quebrarem?

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Korian, pode me garantir que consegue ficar sóbrio e manter essa garota presa mesmo sabendo que não é isso que quer? — Seu ultimato me pegou de surpresa e eu hesitei no que responder, e foi o tempo suficiente que ele precisou para quando eu fechei a calça ordenar alguém que entrasse.

— Tire essas pessoas daqui — ordenei, pegando uma camisa que encontrei no chão e vestindo-a. Ao me virar novamente, dei de cara com uma mulher que nunca vi antes. — Olhe só se essa casa não está cheia de rostos novos — falei com sarcasmo amargo. — Quem é você?

— Nahati. Sou amiga de Trix. Killian nos salvou juntas.

Meu irmão estava parado ao lado dela silenciosamente. Sentei-me, recostando na poltrona e estalando o pescoço.

— Já que hoje tudo indica que eu serei forçado a ser um homem compreensível, me diga Nahati. O que posso fazer por você?

— Acredito que o senhor feriu profundamente os sentimentos de Trix quando a prendeu.

Eu precisei de alguns segundos para não levantar e cumprir a promessa de jogar alguém pela janela.

— Vejo que está com raiva, mas eu posso garantir que Belatrix não fez o que é acusada.

— Ela é uma bruxa. Entrou na minha casa, esperou meu pai aparecer e assim que teve a oportunidade tentou curá-lo, se ela conseguisse eu teria que entrar em guerra para assumir o controle de Londres. Ela parece muito mais do que uma traidora para mim. Ela causaria mortes incontáveis.

— Ela não estava fazendo isso.

— Não minta na minha cara — gritei. — Killian! — gritei novamente quando ele ousou me dar às costas. — Você arrumou esse problema, agora o conserte.

— Trix fugiu de Salém — a garota continuou, e eu não queria, mas ela pegou minha atenção. Fiquei parado de costas para os dois, então me virei lentamente.

— E o que ela veio fazer em Londres?

— Ela disse que não sabe, só sentiu um chamado para vir pra cá.

— Conveniente.

A garota parecia desesperada para que eu a ouvisse.

— Ela fugiu porque seria morta e acusada de bruxaria, mas não é isso que ela faz, não esse tipo de coisa. Ela sabe fazer ervas medicinais, remédios poderosos, sabe como curar uma ferida profunda em três dias, mas ela não sabe como curar câncer. No

estado em que seu pai está, meu senhor, com todo o respeito, eu duvido que até Deus conseguiria, imagine qualquer pessoa.

— Talvez Belatrix seja essa pessoa.

— Ela foi julgada por toda sua vida por seu cabelo e por sua aparência, mas quando sua avó e a mãe morreram queimadas para protegê-la ela seguiu firme e chegou até aqui. Ainda conseguiu me proteger do senhor Winsley.

— Eu juro que se der uma oportunidade reconhecerá que ela não é culpada do que está sendo acusada — Killian ajudou na defesa —, muito pelo contrário. O que ela estava fazendo era um ritual de pacificação. Trix queria que nosso pai atravessasse os portões em paz quando ele fosse.

A garota assentiu.

— É um simples ritual da natureza. Era dia de alguma lua especial e por isso ela o fez.

Killian se adiantou.

— Korian, pare pra pensar...

Eu ergui a mão para ele e me aproximei da garota a ponto de ela quase desmaiar de terror.

— Está disposta a arriscar sua vida por isso?

— Completamente. — Ela não desviou os olhos mesmo com a potência do meu olhar sobre ela.

Eu me virei para Killian.

— Vá buscar Mabel. — Ele não hesitou. Eu fitei Nahati. — Se a mulher que ele foi buscar te desmentir, eu não terei dó. Não sou aquele velho e você vai me implorar para ser queimada em uma fogueira.

Ela estremeceu, abaixando a cabeça e ficou imóvel onde estava.

Saí do quarto ciente de que ela não ousaria fugir. Qualquer um dos meus empregados sabia que eu os encontraria caso fosse preciso e ela sabia que na cidade havia monstros a caçando assim como eu.

CAPÍTULO 18

BELATRIX D'LAVEY

Não era a primeira vez que eu ficava presa em um lugar por mais de um dia, ou dois, então não deveria me abalar tanto.

— Talvez seja a escuridão — sussurrei comigo mesma.

Estava me sentindo acuada, nervosa, ansiosa para o que viria a seguir, mas sim, a pior parte era o escuro. Não ser capaz de ver o chão ou as paredes à minha frente foi a maior agonia, portanto, quando Sam apareceu e me deu uma caixa de fósforos para que eu escondesse, rapidamente encontrei no canto da parede um pouco de feno e a escondi.

Eu não sabia porque o bom homem tinha me ajudado, mas ficaria devendo o favor. Não estava passando fome ou sede, portanto, isso confundiu ainda mais a minha cabeça com quais eram os planos do homem que me colocou ali. Eu não estava fazendo uma bruxaria de cura para seu pai e nem sequer podia fazer isso. Eu podia misturar ervas e remédios que aplicados em ferimentos, sim, poderiam curar qualquer coisa, mas ajudá-lo a ganhar mais tempo de vida?

Não, não era comigo.

Isso era com forças celestiais maiores do que eu, muito maiores do que eu, mas é claro que o senhor Gatsby não entendia.

Eu disse a mim mesma que assumiria a culpa e pediria um julgamento se ele me deixasse mais um dia presa. Encostei-me no canto da parede cantando uma cantiga que aprendi no meu vilarejo e esperei que alguém aparecesse.

Podia ser Martha levando a comida ou Nahati me dando água, mas eu pediria que levassem o recado ao senhor Gatsby de que eu estava pronta para sair.

Encostei a cabeça tentando encontrar pelo menos um pouco de descanso até que alguém aparecesse, e fui rudemente interrompida quando a porta abriu com força. Estando contra a luz e com a invasão abrupta da claridade, joguei o braço sobre os olhos tentando me proteger e vi apenas a sombra de um homem. Ele ficou por alguns segundos me olhando e conforme eu piscava para me acostumar, o vi se abaixando à minha frente e estendendo a mão.

— Isso parece um sonho — sussurrei, ou pensei, ou delirei. — Será que eu estava sonhando?

Não era possível que fosse o senhor Gatsby e que ia finalmente me tirar dali.

— Me mate de uma vez... ou me dê um julgamento justo.

— Não será necessário. — Eu reconheci a voz, mas no fundo da minha mente cansada não fazia muito sentido o que parecia estar acontecendo.

Será que finalmente vou morrer?

Fugi de Salém apenas para acabar numa morte rápida em outra cidade? Se fosse meu destino não teria como fugir.

Quando acordei novamente, senti-me zonza com meus olhos abrindo e fechando diante da claridade. Conforme meu corpo todo balançava ao ser carregada.

De repente a luz cessou e eu percebi que estava dentro do castelo. Senti mais uma rodada de movimentos enquanto era levada escada acima, e então fui sentada em uma cama onde os braços fortes de quem me carregou tentou me deixar, mas eu não soltei.

Sentia-me segura do medo que havia lá fora minutos atrás.

— Ela está fraca.

— Nahati? — perguntei, então senti uma mão acariciando meu rosto.

Minha cabeça rodou para trás conforme eu ia caindo na cama, mas aqueles mesmos braços fortes me seguraram novamente, mantendo-me sentada.

— Dê um banho nela. Eu vou pedir que preparem uma sopa — ouvi a voz masculina dizer de longe. Seria Sam ou Killian? Eles já me ajudaram antes, mas fiquei com medo por se levantarem contra o senhor Gatsby por mim.

— Killian — ergui a mão tentando alcançá-lo —, Killian…

Finalmente a força foi drenada de mim, então, não aguentei mais ficar de olhos abertos — ou quase. Senti-me ser colocada

dentro d'água que logo se foi também.

Quando acordei já estava escuro lá fora.

Eu estava deitada na cama mais confortável em que já me recostei e senti travesseiros fofos bem nas minhas costas e cabeça. Havia uma luz baixa no quarto. Eu estava sozinha.

Analisei o espaço pensando que era muito refinado para uma empregada e eu não seria permitida naquele cômodo a menos que Killian me colocasse. Aquele homem provava ser mais gentil do que eu imaginava a cada atitude.

O que ganharia me ajudando tanto, além de problemas com seu irmão?

Ergui a cabeça quando a porta foi aberta e ao invés de ver Killian, quem me saudou foi o senhor Gatsby. Apressei-me em livrar-me das cobertas tremendo ao perceber que fiquei em pé diante dele apenas com uma camisola branca completamente inadequada.

— Meu senhor. — Abaixei a cabeça esperando por suas próximas ordens. — Eu posso me vestir em alguns minutos.

Nem sabia como sair de lá, mas caso ele não soubesse que foi Killian quem me livrou eu não queria que arranjasse problemas por minha culpa.

— Não será necessário, deite-se e se cubra, você deve estar com frio.

Meus olhos voaram nos dele conferindo se realmente disse o que eu ouvi, ou eu tinha ficado louca em dois dias presa.

— Meu senhor?

— Deite-se. — Ele se aproximou lentamente, colocando a mão em meu ombro e apontando para a cama. — Agora.

Hesitando por um momento, eu me sentei.

— Senhor Gatsby, eu não entendo.

— Eu fui injusto em sua acusação. Não sou um homem justo, mas não faço sacrifícios vazios.

— Eu não estava tentando curar o seu pai.

— Eu sei que você estava fazendo um ritual de passagem. — Franzi o cenho, confusa. — Sim, digamos que eu tenho uma amiga que entende disso tão bem quanto você. Ela esteve aqui e me confirmou a verdade que sua amiga disse.

— Minha amiga?

— Nahati.

— Oh. Foi ela que... — Não consegui completar a frase, então olho para minhas roupas.

— Foi ela quem lhe deu banho.

Eu tinha certeza de que ele pôde ouvir meu suspiro aliviado. Não queria parecer ingrata, mas ter meu corpo tocado por um homem que não era nada meu me traria constrangimento para o

resto da vida, principalmente enquanto eu ainda morava em sua casa.

— Eu não vou pedir desculpas, tudo que eu faço é para solidificar o meu poder. Se a vejo como uma ameaça vou neutralizá-la primeiro e investigar depois.

Engoli em seco.

Aquela era uma maneira horrível de lidar com as coisas.

— Eu entendo, senhor.

— Você não precisará sair da casa.

— Eu ainda posso trabalhar?

— Sim. Deve.

— Certo. — Assentindo, fui me levantar novamente quando ele colocou a mão em minha coxa e eu fiquei estática no lugar. Meus olhos viajaram até seu dedo em minha perna e eu sabia, eu simplesmente sabia que se ele tentasse fazer qualquer coisa comigo eu não poderia deixar, não assim, mas ele tirou a mão. Dando-me uma sensação que variou entre alívio e perda.

— Amanhã você volta ao trabalho, mas hoje pode descansar. — Seu rosto era sério e os olhos cinzas intensos transmitiam a verdade de suas palavras. Eu acreditei nele.

— Sinto muito por ter causado isso. Não era da minha conta fazer o que fiz para seu pai. Eu estava tirando sua bandeja de

comida ajudando Martha, pois a garota que a ajuda na cozinha hoje não estava se sentindo bem-disposta.

— E meu pai te abordou.

Eu assenti, perguntando-me como ele sabia.

— Ele falou comigo e me chamou de Mabel. Acho que me confundiu com alguém. — Senhor Gatsby me pareceu chocado, mas não negou nem confirmou minha suspeita. — Ele disse que está no sangue Gatsby reconhecer algo a mais e disse que... — eu hesitei.

— Você não precisa continuar.

— Tudo bem, eu não quero ser acusada de traição novamente, então se algo que ele disse puder ajudá-lo eu quero dizer. Ele disse que antes dele, seu pai se apaixonou por uma bruxa assim como ele também o fez.

— E você é uma bruxa? — perguntou sem me olhar.

— Não desse jeito, mas sim. Depois que ele me disse isso eu comecei a pensar no porquê o senhor Killian me ajudou duas vezes. — O sorriso em meu rosto foi involuntário. — Talvez ele também tenha me reconhecido como uma amiga ou alguém para proteger.

Korian se levantou e ao me fitar tinha a feição séria, completamente mudada, os olhos escurecidos e os lábios cerrados.

— Não foi Killian quem te tirou de lá. Ele pode tê-la trazido pra cá, mas eu tomei a decisão de libertá-la.

— Oh — não consegui esconder minha surpresa —, eu pensei que...

— Você tem desejo por ele?

— Não!

— Não minta para mim.

— Eu não tenho, meu senhor.

E eu realmente não tinha. Por ele me fazer aquela pergunta foi que eu percebi que ou escondia muito bem meus sentimentos, ou Korian era alheio a mim, pois o único Gatsby pelo qual eu sentia algo — e ainda não entendia o que era — estava bem na minha frente.

O senhor Gatsby foi até a porta, olhando-me por cima do ombro antes de sair.

— Eu vou deixá-la descansar.

— Senhor, eu poderia ir até a cozinha fazer um chá? Começo a sentir um pouco de dor.

— Dor? — Ele voltou atrás e ficou perto da cama. — Que tipo de dor?

Constrangida, eu não queria dizer do que se tratava, mas como é que eu iria ser tão específica sem falar a verdade?

— É uma dor íntima, senhor, algo que mulheres sentem.

— O que é?

— Se eu puder falar com Nahati...

— Não — falou num tom cortante. — Você fala comigo.

— Mas, senhor, Nahati vai...

Korian fechou o rosto completamente.

— Nem Martha, Nahati ou Killian vão vir. Você vai falar comigo. — Sua voz não dava brecha para discussão, mas eu não sabia como falar com ele tal assunto. — Você pode acreditar que eu não vou puni-la novamente. Sei que deve estar com medo de mim — Ele olhou para cima, colocando as mãos na cintura e me deu um olhar profundo enquanto parecia tentar buscar as palavras. — Eu geralmente gosto quando as pessoas me temem, mas não é o seu caso. Não quero que você tenha medo de mim, Belatrix.

Minha respiração deu uma leve travada e meu peito estufou. Eu puxei os joelhos para apoiar o queixo antes que ele pudesse ver o efeito de suas palavras em mim.

— Eu não tenho medo do senhor.

— Korian — ele fechou os olhos brevemente —, me chame de Korian.

— Eu prefiro chamá-lo de senhor Gatsby.

Ele ficou surpreso.

— Por que, se estou lhe dizendo que pode me chamar de Korian?

— Eu não o conheço bem, apenas prefiro manter assim, meu senhor.

— Manter sem me conhecer?

— Eu acredito que vamos nos conhecer — falei suavemente, a última coisa que eu queria era ser mal interpretada e perder a forma como ele estava me olhando —, mas enquanto isso não acontece vou chamá-lo por seu nome. Gatsby, senhor Gatsby.

Em um surto de coragem, desviei meus olhos dos dele e puxei as cobertas até meu peito.

— A dor que sinto é um desconforto que toda mulher tem uma vez ao mês.

— Oh. — Ele estreitou os olhos, talvez pensando se realmente entendeu o que entendeu. Como eu poderia dizer mais claro do que isso que eu estava em meu período de sangrar e tinha dores intensas durante os primeiros dias?

— Eu estou sangrando, senhor Gatsby.

— Sim! — Ele virou e abriu a porta. — É claro. — Ele fechou a porta. — Então é melhor que fique aqui eu vou dizer que te tragam um chá. — Abriu novamente.

— Senhor, me desculpe, não quero parecer abusada, mas só eu sei preparar o meu chá.

Ele fechou a porta novamente.

— Vamos ver. — Cruzando os braços, Gatsby ergueu o queixo. — Diga-me como ele é feito.

— O senhor vai tentar fazer?

— Eu não vou tentar. — Ergueu a voz. — Vou fazer.

— Ok. — Eu queria rir e há um bom tempo eu não me lembrava daquela sensação.

Pedi a ele que falasse com Nahati sobre três das ervas que eu usava, depois deixasse ferver pelo tempo certo e colocasse em uma caneca ainda quente, pois era preciso tomá-lo naquela temperatura. Ele não desviou os olhos dos meus nem por um segundo, só indo quando eu finalizei as instruções. Fiquei tão tentada a descer atrás dele e observá-lo enquanto fazia, na verdade, estava mais curiosa para saber se ele realmente enfrentaria o desafio ou mandaria um dos empregados fazer. Ele não tinha obrigação de preparar um chá para mim, então, por que faria isso?

Até aquele momento eu não fui capaz de entender nenhuma das razões e ações de Gatsby e ele não era um homem que parecia se explicar, sendo assim, tomaria meu chá estando bom ou ruim, agradeceria e voltaria para o meu trabalho. Eu prometi a mim mesma que não ousaria cruzar limites desconhecidos novamente.

Quando ele voltou, deixou a caneca de chá na pequena mesa ao lado da cama e caminhou até a porta parando lá para

observar enquanto eu assoprava algumas vezes antes de dar o primeiro gole.

Meus olhos arregalaram-se com o sabor. Era muito parecido com o meu, apenas um pouco adocicado demais. Talvez ele tenha exagerado na canela.

Ele ergueu uma sobrancelha questionadora.

— Está muito bom, senhor Gatsby.

— Acho que coloquei um pouco mais de canela do que pedia na receita.

Meu coração deu um salto triplo.

— Na verdade, está perfeito. — Minha voz quase embargou, eu não sabia porque sua ação de me fazer um simples chá parecia algo tão grande.

Também não entendia porque sua distância me deixava inquieta. Eu parecia ter saudade dele sem nunca o ter sequer tocado.

— Eu disse que dava conta de um chá.

Eu sorri.

— E eu não deveria ter duvidado. — E em outro surto de coragem, mas esse, um pouco burro, continuei falando: — É claro que preparar uma bebida não seria um desafio para o homem que reina uma cidade como essa.

Sua expressão tornou-se sombria.

Droga.

— Falaram muito de mim para você?

Eu engoli em seco.

— Na verdade, não, e se falaram eu preferi não ouvir, mantenho os meus ouvidos fechados para certas coisas.

— Por quê? Todos são muito curiosos para saber da minha vida.

— Não eu. Prefiro saber o que o senhor quiser me contar e sei que não há nada que seja do seu interesse partilhar comigo. Sou uma empregada, minha obrigação aqui é garantir que o seu jardim fique bonito, que minhas tortas sejam saborosas e...

— Não sobrou nenhum pedaço da torta.

— Oh, eu fiz um pouco antes de... — Fiz uma pausa, lembrando-me da forma bruta com que me levou para o celeiro.

Eu quis engolir a raiva que subiu, lembrando-me da forma como ele me tratou, mas foi difícil e eu deixei a caneca na mesa novamente perdendo a vontade de beber o que tinha sido preparado por ele.

— Eu pedi desculpas — ele falou baixo, sua voz grave parecendo um martelo batendo no chão e vibrando no quarto.

E eu aceitei suas demandas como descansar e deixar que ele me fizesse o chá, mas eu tinha certeza de que levaria um tempo até esquecer que eu poderia estar recebendo um castigo muito pior agora porque sem a palavra daquela mulher que ele disse ter confirmado que eu estava fazendo algo inocente, ele nunca acreditaria em mim.

E por mais que ele fosse um estranho, aquilo doía. Muito.

— Não importa, senhor, é a sua casa.

Ele não gostou da minha recusa, vi isso pela forma como cerrou a mandíbula e deu um aceno firme.

— Muito bem. Durma, recupere-se e nós nos vemos.

— Obrigada, senhor Gatsby.

Ele parou no meio da porta de costas para mim e virou um pouco a cabeça de lado, mas não chegou a me olhar. Eu vi um pequeno aceno.

Eu peguei a caneca com chá novamente, esquentando meus dedos.

— Foi gentil da parte dele fazer isso, vovó.

Eu não queria mentir para mim mesma, mas sempre acreditei em ver mesmo que fossem pequenos gestos bons nas pessoas. Ou eu só estava tentando justificar meus sentimentos insanos por ele.

Recostei-me na cama e puxei as cobertas até o pescoço. Ele era o tipo de homem que daria pesadelos a qualquer mulher, mas para mim, quando sua presença se foi... sobrou apenas um vazio.

E para uma mulher de coração cheio como eu, aquilo era demais.

CAPÍTULO 19

BELATRIX D'LAVEY

— Quanto mais eu vou ter que implorar para você me contar o que aconteceu enquanto esteve na companhia do senhor Gatsby?

Revirando os olhos, deixei minhas ferramentas de jardinagem no armário e segui pelo corredor para o nosso pequeno quarto.

— Quantas vezes eu já te disse que nada aconteceu?

— Não é verdade, Trix. Em uma questão de dias ele voltou atrás em uma punição, terminou com a noiva e ficou trancado com você no quarto por pelo menos meia hora.

— Ele estava me explicando o que aconteceu e esperando que eu terminasse de tomar o meu chá. Ele não terminou com a noiva por minha causa e muito menos voltou atrás em seu castigo.

Eu ainda sentia raiva só de falar sobre.

— Pelo menos ele não foi em frente. — Ela encolheu os ombros.

— Do que adianta se eu fiquei no escuro por dois dias e o que ele fez enquanto isso? Procurou saber se estava errado em seu julgamento? — Ela desviou o olhar. — O que foi. Nahati? O que você sabe?

— Eu não sei de nada.

— Sabe sim!

— Ok — ela suspirou —, eu sei que ele fez algumas festas, ele bebeu e esteve com algumas mulheres, mas isso foi o que eu ouvi. Não vi nada, então, eu não sei se é verdade.

Bufei.

— É claro que é verdade, você acha mesmo que um homem como ele não ia viver a vida assim? O que ele tem a perder, certo? É jovem, tem tudo.

— Mas cuidou de você quando percebeu que estava errado.

Sim, ele realmente cuidou, embora aquilo não diminuísse a raiva não só pelo que me fez passar, mas também pelas mulheres.

— Ele fez chá pra mim. Eu lhe dei a receita e ele seguiu minhas instruções.

— É mesmo?

— Você devia saber, ele te pediu os ingredientes.

— Não — ela franziu o cenho —, não pediu.

— Estranho — encolhi os ombros —, eu disse a ele para te pedir a cesta de ervas.

— Não fica escondida na cozinha. Talvez ele tenha encontrado por si mesmo ou ele pediu para Martha o ajudar. Quem sabe até mandou que ela fizesse o chá.

— Eu sei que vou ficar o mais distante que puder dele, não sinto algo normal quando estou perto dele, Nahati. Não quero comprometer meu julgamento.

— Seu julgamento a trouxe para Londres e para perto de mim, talvez não seja tão ruim assim ouvir o coração.

— Ah, não... o meu coração é justamente o que me preocupa. O danado já me enfiou em problemas demais. Você acha que...

— Trix. — Virei-me ao ser chamada por Martha e quando ela se aproximou já ajeitando a minha roupa, tirando a touca do meu cabelo e passando as mãos por ele, eu fiquei em alerta para o que aconteceria a seguir.

— O que aconteceu?

Ela tinha me dito logo que cheguei que talvez devêssemos começar a pintar também o meu cabelo ao invés de só a sobrancelha. Que me daria uma aparência mais normal. Meu coração acelerou com medo de que tivesse vindo pedir para fazer exatamente isso.

— Você deve ir até a sala de jantar perto do jardim agora.

— Agora? — Engoli em seco. — Você quer ajuda para cozinhar? Eu não sabia que ele estaria recebendo visitas.

— E não vai. O senhor Gatsby mandou que você fosse até lá, mocinha.

— Ah, não, Martha.

— Não me olhe assim, menina, eu não sei o que está acontecendo, mas você deve ir. O homem chamou.

— Mas eu acabei de voltar de perto dele, não quero ir!

Eu queria, mas também não queria.

— Trix desde quando alguém aqui tem escolha sobre o que quer ou não quando ele está envolvido? Você deve ir!

— Eu poderia correr e ir embora, talvez.

— E depois dormir na rua comendo lixo? — Ela revirou os olhos, fazendo Nahati rir. — Não é muito mais fácil ir até lá e descobrir o que ele quer? Se fosse algo ruim eu garanto que você já teria descoberto.

Tentando me blindar com coragem, eu assenti e a segui para a sala. Atravessamos praticamente todo o castelo passando por uma sala de jantar que ficava próxima à cozinha até chegar à sala ao leste que ficava de frente para o jardim. Trabalhar naquela *casa* era uma caminhada, por isso tinham tantos empregados.

Quando entrei, abaixei a cabeça e fiz uma saudação cumprimentando o senhor Gatsby e Killian, que estava sentado na outra ponta da mesa. Os dois ocupavam cabeceiras e eu ficaria no meio. Ambos se levantaram por um momento para me receber, o que estranhei, afinal, eu não era uma das mulheres da alta sociedade.

— Senhor — Martha disse atrás de mim e saiu.

— Bom dia, senhores. Senhor Gatsby, senhor Killian.

— Belatrix. — Killian sorriu e se levantou puxando uma cadeira para mim. — Sente-se.

Meus olhos arregalaram.

— Meu senhor — comecei a negar.

— Sente-se. — A voz do senhor Gatsby era cortante. Parecendo pisar em ovos, eu me sentei como foi ordenado. Olhei fixamente para o prato à minha frente. A mesa estava cheia de frutas, tinha dois tipos de bolos e uma torta parecida com aquela que eu havia feito, além de diversos tipos de pães.

Meu Deus, quanta comida.

— O senhor pediu que me chamassem?

— Olhe para mim. — Eu o fiz sem hesitar. Era como se ele apertasse um botão e eu o obedecesse. Instintivo.

Por mais que eu quisesse levantar e apontar o dedo em sua cara, dizendo a ele o quão mau foi comigo sem que eu merecesse, eu não podia, por isso engoli em seco e fiz como exigido.

Eu o encarei.

Ele parecia ainda mais lindo.

De perto tinha a feição fechada, os olhos cinzas intensos pareciam ressaltar ainda mais com os raios de sol entrando pelas

janelas. Ele usava abotoaduras que eu apostava que tinha seu G perfeitamente desenhada.

— Coma.

— O quê? Aqui?

— Aqui e agora.

— Meu irmão ainda está se sentindo culpado pelo que fez com você injustamente, Belatrix.

Ele deve estar mesmo.

— Não é necessário, meu senhor.

— Eu já mandei comer e eu não sinto culpa, tão pouco arrependimentos. Só acho que você está magra demais e se eu quero que um bom serviço seja feito na minha casa preciso alimentar meus empregados.

É claro.

Eu encarei as opções na mesa me perguntando com que ingredientes foram feitos — fora as frutas.

— Algum motivo especial para que você não coma?

Ele realmente estava pedindo para que eu jogasse o prato cheio de pães em sua cabeça.

— Eu como, senhor.

— Beba um pouco de leite.

Como eu diria a ele?

— Eu não posso, sinto muito. — Peguei uma maçã dizendo a mim mesma que eu conseguia dar algumas mordidas sem vomitar de nervoso ou desmaiar.

— E por que não?

— Eu não como coisas que venham de origem animal, senhor.

— Como é? — disse Killian. — Uau, eu ouvi falar que isso tem se tornado popular na América, mas estou surpreso de ter alguém assim aqui.

— Eu não fui criada em um lugar comum, senhor Killian. No meu vilarejo era muito comum não comermos carne, convivíamos com os animais e nós nos respeitamos muito.

— Acha que eu não respeito os animais porque como um bife? — senhor Gatsby perguntou.

— Não, não acho. Eu acredito que sim, meu senhor, mas é apenas uma escolha que eu gostaria muito que o senhor não me fizesse desrespeitar.

ϟ

KORIAN GATSBY

Ela não comia carne, não bebia leite, fazia rituais de passagem para um homem que a teria tratado como lixo se estivesse em seus melhores dias.

Quem era aquela garota?

Enquanto ela comia apenas frutas e ignorava os pães que eu mandei fazer especialmente porque sabia que ia convidá-la para tomar café naquela manhã, eu me perguntei qual era o seu defeito. Eu não olhava os olhos, isso não era defeito pra mim. O olho que claramente foi violado — e eu esperaria mais um pouco antes de perguntar a ela como exatamente conseguiu ficar quase cega se é que ainda enxergava algo com o olho danificado.

Eu sabia que suas sobrancelhas não eram daquela cor, Martha devia insistir em pintá-las para não assustar e o cabelo tão branco quanto a pele era mais um motivo de me fazer perder a razão do que um defeito. Aquela garota estava arrancando a minha sanidade nas unhas e eu só podia ficar como um palhaço imóvel olhando enquanto acontecia.

— Eu aposto que te faria comer um dos meus pratos.

— Se tiver carne eu não vou comer, senhor Killian.

— Não me chame de senhor, eu já te disse é apenas Killian.

Ela sorriu para ele. Sorriu. Eu quis mandar que meu irmão saísse, ou melhor, quis expulsá-lo eu mesmo com o máximo de violência que eu conseguisse descarregar nele, mas eu estava tentando me convencer de que aquele não era o caminho. Passar um tempo na presença daquela garota seria justamente para

descobrir por que eu me sentia como um psicopata ainda pior do que era na realidade com relação a ela. Por que era tão fácil sentir algo quando ela estava perto? Fosse raiva, fosse fascínio, fosse curiosidade e quando ela não estava eu sentia um vazio que não podia sequer ser explicado.

Mas de todas as minhas certezas, a maior delas era que eu não me sentia bem quando ela o chamava de Killian, ou quando sorria pra ele e colocava suas esperanças de que meu irmão sempre seria seu herói. Meu irmão passava o máximo de tempo comigo tentando provar para mim que não iria me trair e minha “insegurança” era injustificada, mas eu ainda estava convencido disso. Talvez nunca estivesse.

— Você tem irmãs? — me peguei perguntando.

Tanto ela, quanto Killian me observaram surpresos.

Eu queria retirar a porra da pergunta.

— Eu tinha, mas não de sangue. Só de alma. Garotas que cresceram comigo e se tornaram irmãs.

— Deve ter sido difícil ter que deixar sua casa — Killian invadiu a minha pergunta puxando assunto.

O que estava acontecendo ali? Eu estava promovendo um encontro para eles?

— Foi muito difícil, mas eu acredito muito que vamos nos encontrar novamente. Algumas delas conseguiram fugir.

— Mesmo? Isso é bom.

— Sim, mas eu tinha que explorar novos lugares. Era um vilarejo muito pequeno.

— Hmm, saiu para procurar oportunidades. — Killian assentiu e continuou fazendo perguntas comuns para ela, eu ouvia cada resposta ridiculamente atento.

Se ela preferia frio ou calor, o que pretendia fazer já que era tão jovem e tinha um futuro pela frente. Eu não entendia porque porra tudo aquilo podia ser de sua conta e porque ele estava interessado, mas não os interrompi. O que ele não percebia era que cada vez que ele fazia uma pergunta diferente, principalmente relacionado à sua vida em, Salém ela se retraía um pouco mais a cada resposta que tinha que dar. Até que começou a fugir do assunto.

Mas Killian — burro como a porra de uma porta —, não reparou em nada disso. Eu reparei. Porque ela não estava ali para ele, estava para mim. Eu não reconheci o sentimento que estava me assolando, apenas tinha ouvido falar e muitas vezes até critiquei Joanna por demonstrá-lo para mim.

Ciúme.

Caralho.

Parecia uma piada, como se o destino resolvesse finalmente estar me punindo por tudo o que já fiz.

— Killian, você não tem coisas a fazer?

— Não por agora, minha manhã está livre.

— Então, sugiro que você arrume ocupação. — Meu irmão devia ter ouvido o tom da minha voz, pois me olhou atentamente antes de desviar para Belatrix, então, como se uma revelação tivesse explodido em sua cabeça, ele arregalou os olhos e se levantou.

— Trix. — Aproximando-se dela, tocou seu ombro. — Eu vou vê-la mais tarde.

— Tchau, Killian.

Eu queria gritar para que ele tirasse suas mãos fodidas dela, mas ele saiu antes que eu pudesse me levantar.

— Você não gosta de falar sobre Salém. — Não foi uma pergunta, foi uma afirmação e ela me fitou com desafio nos olhos. Foi bom ver, era uma emoção diferente do que já tinha visto nela.

— Eu só prefiro deixar o passado onde ele está, senhor.

Eu respirei fundo para não bater na mesa e gritar.

— Por que chama meu irmão de Killian, mas eu não posso ser chamado pelo meu nome?

— Eu tenho liberdade para responder a isso verdadeiramente?

— É claro que sim, eu já lhe disse que não suporto mentiras. Toda vez que eu falar com você quero que seja honesta.

— Muito bem. — Ela afastou a cadeira para conseguir se virar para mim. — Killian confiou em mim desde o momento em que me viu sem que eu precisasse provar nada, ele viu que eu estava com problemas e me salvou. Ele só estava tentando se convencer de que não era um homem ruim por estar segurando uma arma e ter cometido inúmeros crimes desde que chegou aqui. E quem foi que o forçou a cometer tais crimes?

Qualquer outra pessoa teria morrido por aquela pergunta, mas ela... eu senti meu coração acelerar juntamente com o estímulo abaixo da minha cintura que fez meu pau contrair imaginando o quão irritada ela poderia ficar e o quão excitado isso me deixaria por consequência, inferno.

— Você disse que sabia quem eu era.

— Eu pensei que sabia, mas acho que só tive uma real prova disso quando passei dois dias no escuro condenada por um crime que não cometi. O senhor precisa entender, senhor Gatsby — ela ficou de pé —, que eu fugi de Salém justamente para que algo assim não acontecesse. Consegue ver porque estou tão brava e chateada se cheguei aqui e recebi um pouco de esperança depois de ser salva do alfaiate e logo depois fui condenada? Podemos dizer que eu acredito sim que seu irmão é um homem bom porque ele prova ser, enquanto o senhor faz de tudo para que pensem exatamente o contrário. Mas eu não o culpo, foi assim que virou um rei, não foi? É por isso que suas portas ficam sempre abertas, por isso não tem seguranças, ninguém ousaria mexer com o senhor.

Você mexeu, pensei mas jamais diria.

Quando ela virou as costas e ameaçou sair, eu me levantei arrastando os pés da cadeira no chão com um barulho alto o suficiente para que ela estremecesse.

— Diga-me o que eu posso fazer.

Ela me fitou por cima do ombro.

— O quê?

— Para que possa me chamar de Korian e consiga tomar um café da manhã comigo.

— Isso é importante? — Ergueu o queixo. — Eu sou só mais uma empregada.

— Facilite — rosnei.

— As coisas são fáceis assim, senhor Gatsby? O senhor atira primeiro, pergunta depois e faz o que bem entende, mas caso machuque alguém no processo oferece um pouco de dinheiro ou um convite para suas festas? Tudo se resolve como se o coração e sentimentos não existissem.

— Sentimentos não existem.

— Talvez para o senhor, mas não para mim. Eu sinto muito, e sinto inclusive pelo senhor. Eu não sei porque tratou de fazer isso comigo tão rápido, mas quer que eu seja completamente honesta então acho que suas desculpas não valem de nada.

— Eu não preciso do seu perdão! — vociferei.

ϟ

BELATRIX D’LAVEY

Eu me contive de recuar ao vê-lo tão perto, tão alto e sabendo que ele tinha o poder de acabar comigo ali mesmo sem precisar usar armas e sem chamar a atenção de ninguém. Éramos apenas ele e eu, mas eu não podia recuar.

Ele me pediu honestidade, afinal.

— Apenas fui honesta como o senhor queria, e eu sei que não precisa do meu perdão. Isso é bom, facilita para mim não ter que dá-lo. Posso me retirar agora?

— Garota insolente, não faz ideia de com quem está falando.

— Na verdade, eu faço. Nos últimos trinta minutos aprendi mais sobre o senhor. Senhor Gatsby — frisei. — Do que tendo passado um mês aqui. Já posso sair?

Ele não tirou os olhos de mim enquanto pensava. Eu não sabia em que ele estava pensando, formas de me matar ou talvez formas de me punir por um tempo antes que se livrasse de mim? Talvez, mas, por fim, ele se aproximou o suficiente para segurar o colar em meu pescoço.

— Eu vou me arrepender disso — rosnou —, mas, não vou te oferecer convites para festa ou dinheiro. Diga-me qualquer outra

coisa que você queira.

Ok, eu não esperava por aquilo.

— Isso não tem graça.

— O quê?

— Que me engane.

— Eu não engano, já disse que não suporto mentiras. Se não vai me dar o seu perdão de forma justa, então o que vai ser?

Encolhi os ombros. Eu não passei dois dias na escuridão para ceder facilmente.

— Talvez o senhor precise merecer.

— Merecer? — Ele parecia incrédulo ao levantar a voz.

— Sim.

— E o que é que você acha que valeria o meu perdão?

Eu dei a volta nele, ficando perto da mesa, mas repensei e achei melhor ir do outro lado.

— Hoje é noite de lua cheia, deixe-me ir até uma floresta.

— Por que você iria querer ir à floresta numa noite de lua cheia?

— Quero fazer um ritual.

Ele riu sarcasticamente.

— Um ritual para acabar comigo?

— Já não passamos dessa página, senhor Gatsby? Eu não tenho interesse em prejudicá-lo, estou sentindo muita raiva do senhor agora e preciso me conectar com meus ensinamentos e minhas energias para que eu descubra se posso te dar o meu perdão ou se deveria ir embora dessa casa.

Ele fechou o rosto.

— Você não tem pra onde ir — disse de prontidão.

— Eu também não tinha como sair de Salém e aqui estou.

— Então, vai pular da casa de um rei para qualquer lugar?

— Talvez eu encontre outro rei que me vá me hospedar, talvez ele seja mais gentil.

— Você não encontraria outro rei. Eu sou o único. — A forma como ele falou... o calor que suas palavras me despertaram, foi algo que nunca senti antes. Desviei o olhar.

— Estarei pronta quando o sol se pôr, então poderemos ir.

Ele ainda estava chocado.

— É isso? Você quer ir até a floresta cantar e acender uma vela.

Não pude conter um sorriso.

— Isso é o que as pessoas pensam sobre nós?

— Nós quem?

— Bruxas, senhor Gatsby. Bruxas.

CAPÍTULO 20

BELATRIX D'LAVEY

Era engraçado e ao mesmo tempo desconcertante vê-lo assistir de longe enquanto eu me preparava. A lua estava no céu e faltava pouco para o seu ápice. Eu acendi uma fogueira, deixando todos os elementos em suas posições. A água com a qual eu tomaria banho, às flores para eu me sentar em cima e as pedras em cima de um pano branco que tomou banho de sol para agora tomar banho de lua.

Energizar minhas pedras era algo que eu fazia desde criança. Aprendi muito cedo que tudo que vinha da natureza estava conectado comigo e que eu não deveria jamais abrir mão dessa parte de mim, usar como desculpa que eu precisava me encontrar para encontrar perdão para ele foi uma ótima oportunidade para fazer algo que eu não fazia há muito tempo.

Bruxaria. Bruxaria da mãe natureza.

Eu olhei para trás diretamente em seus olhos.

— Se não se importar, senhor Gatsby, eu preciso ficar sozinha agora.

— Se você fugir — ele ameaçou.

— O senhor vai me caçar, eu sei. Ouvi nas últimas dez vezes que disse.

♑

KORIAN GATSBY

Eu estava ficando louco.

Perdi a porra da cabeça. Enlouqueci.

Quando nessa vida eu deixaria uma garota me tirar da minha casa àquela hora e me levar para o meio da floresta falando sobre energias, pedras e eu ainda me sentiria obrigado a ajudá-la a acender uma fogueira? O que ela não aceitou, pois disse que todos os elementos deveriam ser tocados apenas por ela para que ela conseguisse se conectar.

Com o que ela ia se conectar, afinal? Eu não via ninguém naquela porra de meio do mato e eu duvidava que um espírito qualquer fosse aparecer. Eu já estava a uma boa distância quando comecei a ouvir um canto. Era a voz dela, eu sabia. Parecia que podia sentir e como se houvesse uma corda puxando-me fui incapaz de me manter no mesmo lugar.

Quando fui atraído de volta para lá, escondi-me, sentindo-me um adolescente prestes a ser pego quebrando uma regra e observei por trás de um tronco de uma árvore ela sentada no chão, perto demais da fogueira para que ainda não tivesse lhe queimado. Ela segurou cinco pedras, três em uma mão e duas na outra e as

passava pelo fogo. Eu estava vendo coisas, não era possível que sua mão não estivesse queimando.

Sua voz se tornava mais alta e mais clara, mas eu ainda não conseguia compreender quais eram as palavras cantadas.

Eu parecia não piscar quando ela deixou as pedras no chão e uma corrente de vento bateu nela, levando seus cabelos para trás, ela então afastou uma manga do ombro, deixando-a cair e depois fez o mesmo com a outra, deixando o vestido deslizar das costas até a cintura.

A pele nua branca como a neve, intocada, não tinha nem mesmo uma marca. Ela pegou a bacia em que tinha espremido flores e ervas como ela chamava, mas eu só via mato e pegou um punhado, jogando no rosto antes de virar a bacia pouco a pouco abaixo do pescoço e depois por cima do ombro molhando suas costas.

Por isso ela trouxe um vestido a mais. Enquanto fazia tudo, ela cantava.

De repente algo chamou minha atenção num galho de uma árvore um pouco à frente. Parecendo olhar para ela, uma coruja quase escondida pela noite tinha os olhos laranja feito fogo fixos em Belatrix.

Se eu pudesse falar pelo bicho, diria que estava tão enfeitiçado quanto eu. O canto continuou por minutos. Eu não podia me mexer e não saberia o que falar se ela virasse e me visse.

Belatrix jogou o restante da água na fogueira, apagando-a.

— Isso é impossível — sussurrei.

Não havia água suficiente na bacia para apagar todo aquele fogo. Não. Eu tinha certeza. Nem mesmo se a única gota de água fosse benzida por Deus para apagar o fogo do inferno.

Eu perdi a fala novamente quando ela se levantou, deixando o vestido cair aos pés. Completamente nua à minha frente, não que ela soubesse que eu estava ali e não, eu não me importava de ser um filho da puta por estar parado olhando.

Eu fodi incontáveis mulheres, vi todos os corpos à minha disposição, mas de algum jeito parecia ser a primeira vez que alguém ficava nua à minha frente. A vontade de chegar perto e tocá-la me dominava quase por completo e eu teria feito se não estivesse tentando — eu não sabia por que — conseguir a porra de um perdão por meu último ato contra ela.

Apenas quando o canto acabou, ela colocou a roupa seca e começou a juntar suas coisas, eu percebi que tinha acabado e me esforcei para virar as costas e voltar para o carro antes que me visse.

Meus pés pareciam pesar toneladas, pois algo queria me levar de volta para lá.

Mulher, bruxa, feiticeira, eu não sabia o que ela era e nem o que ela tinha feito comigo, mas de alguma forma Belatrix entrou na minha cabeça.

E eu percebi que ter me blindado, tornando-me o rei da cidade para me defender dos meus inimigos não adiantava de nada

naquela luta, pois não havia uma gota em mim que queria se livrar dela.

CAPÍTULO 21

KORIAN GATSBY

A manhã seguinte não começou calma como eu esperava. Depois do tormento que foi a noite passada, eu nem sabia o que era dormir pensando na cena que vi na floresta.

A maldita parecia plena sentada à mesa comigo. Comeu metade de um pão, bolo e tomou café. Ela parecia perder a vergonha a cada mordida, e quando repetiu o bolo, eu percebi que em breve estaria comendo a mesa toda.

— O senhor não come?

— Eu já tomei meu café.

— Mas só bebeu café.

— Isso é o que significa tomar café.

Ela deixou seu garfo no prato e me fitou.

— Na verdade, tomar café significa comer e beber algo que mate a fome.

Santo Deus.

— Por que você não continua comendo e bebendo e deixa que eu me preocupo com meu estômago?

— Porque eu já comi o suficiente e não consigo ficar quieta vendo que não para de me olhar.

Eu sorri.

— Está enganada.

— Não estou, o senhor não para de me olhar. Inclusive desde ontem, quando eu lhe pedi privacidade e...

Eu aproveitei que ouvi vozes abafadas vindo da janela e me levantei da mesa.

Belatrix estreitou os olhos.

— Como está seu olho?

— Muito bem, o senhor poderia perguntar sobre o resto do meu corpo se já não soubesse por conta própria que está em boas condições.

Inferno.

— Eu vou lidar com a sua falta de modos e ousadia em falar comigo depois.

Observei o lado de fora. Cerca de sete homens entraram liderados por Timothy, que vinha gritando e jogando os braços em todas as direções. Pela expressão reconheci que havia algo errado.

— GATSBY! — ele gritava. — GATSBY!

— Filho da puta.

— Eu não acho que ele vai parar até que o senhor saia.

Por que eu continuava ordenando que ela tomasse café da manhã comigo?

Ainda que não conversássemos o tempo todo, de alguma maneira sua presença ali acalmava o que quer que eu estivesse sentindo. O que era uma incógnita, pois ela também foi a única a despertar tais sentimentos. A porra da mulher era tanto o veneno, quanto o antídoto.

Eu queria ser grosso com ela, tratá-la como lixo, como fazia com todos à minha volta para que parasse de fazer o que quer que estivesse fazendo comigo e me deixasse em paz, assim eu poderia voltar para a minha rotina habitual.

No entanto, toda vez que eu jogava uma grosseria nela, ela devolvia. Talvez fosse o desafio de ter alguém que não abaixava a cabeça para mim, já que nunca tive isso.

— GATSBY! — Ouvi seu grito rouco novamente.

— Maldito, vou matar o filho da puta.

— Senhor — Belatrix me chamou.

— Eu já sei que ele não vai parar.

— Senhor Gatsby — ela me chamou antes que eu saísse. — Já que ninguém vai comer essa comida, posso mandar os empregados virem pegar um pouco?

Agora isso.

Eu me virei lentamente.

— Como é? — Ela estava brincando comigo. — Não, a comida vai pro lixo.

— Mas, meu senhor...

— Eu não vou oferecer fartura a empregados que recebem para fazer seus serviços.

— Mas comer algo assim seria um sonho para eles.

— Que continuem sonhando. Por que você não lhes dá uma descrição de como é o gosto para que possam sonhar melhor?

Ela arrastou uma cadeira, dando a volta na mesa e ficando frente a frente comigo.

— Com todo respeito, senhor Gatsby. — Eu pude ouvir a ironia em suas palavras. — Se eu tiver que jogar essa comida no lixo, não atenderei mais aos seus chamados para comer aqui.

Seu ultimato me fez esquecer e ignorar completamente outro grito de Timothy.

— Está me desafiando novamente?

— Eu só quero que o senhor entenda que jogar tudo isso no lixo seria um enorme pecado, olhe quanta comida! E amanhã terá mais uma mesa dessa quando o senhor não come nem mesmo uma fruta, ou come apenas uma fatia de pão.

— É a minha mesa, a minha casa e a porra da minha barriga.

— E é a minha boca que vai comer, então passarei a negar.

Dois tiros foram disparados do lado de fora da casa.

— Santo inferno, filho da puta! — gritei. — Dê a porra da comida! — Ela teve a audácia de sorrir. — Se os empregados começarem a criar asas, você vai assistir seus castigos — eu me virei para sair, mas voltei a fitá-la —, ou melhor, vai aplicá-los!

Seu olhar aterrorizado foi a última coisa que vi antes de sair da sala. Segui apressado para fora e desferi um murro no rosto de Timothy. Peguei a arma que ele disparou e atirei até esvaziá-la na frente de seu pé. Ele foi pulando para trás como uma rã assustada, e então eu joguei a arma em sua cabeça.

— Qual é a porra do seu problema?

Ele se distanciou o máximo que podia de mim.

— Senhor, é urgente.

— Eu não gosto de shows do caralho. Já me viu fornecendo um show público desses atirando para o alto, maldito filho da puta? Quem você é, a porra do Al Capone? — Dei um tapa em seu rosto, passando para o rapaz que estava ao seu lado segurando a arma como se estivesse prestes a atirar também e arranquei de sua mão, encostando-a em sua cabeça. — E você também quer atirar, hmm? Quer disparar para o alto como um idiota. — Joguei-o no chão

ignorando o disparo que fez os pombos comendo migalhas voarem para longe e voltei-me para Timothy.

— Gatsby. — Ele ergueu as mãos.

— Não me teste, eu estou sóbrio pra caralho, portanto, homicida a qualquer momento.

Ele engoliu em seco e assentiu.

— Sinto muito ter chegado assim, senhor. Nunca mais farei isso.

Dei um último tapa em sua cabeça.

— É claro que não fará mais isso, você não quer provar pra mim que é um idiota, quer? Porque até agora eu só tenho a suspeita.

— Eu não quero.

Acenei, empurrando meus cabelos para trás e coloquei as mãos na cintura.

—Vá em frente.

— Eu vim o mais rápido que pude, não sabia como você ia reagir e acho que esse não era o tipo de assunto para tratar pelo telefone. Tivemos uma situação no rio Tâmisa.

— Que tipo de situação?

— Os dois rapazes que estavam de vigia começaram a beber e continuaram na fronteira do rio. Eles não sabem dizer

exatamente como aconteceu, mas acordaram com cheiro de queimado e ao olhar viram que as garrafas estavam explodindo.

— Garrafas.

— Sim.

— Minhas garrafas?

— Sim, senhor.

— E de que garrafas exatamente estamos falando?

— As bebidas que importamos de Birmingham. Fizemos de tudo para tentar salvar, mas o álcool aumentou o fogo.

— É claro que o álcool aumentaria o fogo, isso que o álcool faz — gritei palavra por palavra. — É por isso que quando nós vamos queimar alguma coisa nós inflamamos com álcool — eu agarrei seu colarinho —, agora me diga só para que toda essa conversa faça ainda mais sentido e deixe-me adivinhar... vocês ainda não sabem quem fez isso?

— Não.

Eu alisei os cabelos tentando conseguir alguma clareza em minha mente. Eu não sabia se estava sentindo alguma coisa já que a mulher que atormentava meus dias tinha a chave para abrir a caixa onde todos os sentimentos ficavam escondidos em mim ou se minha ação era puro reflexo. Mas eu quis pegar a arma com que tinha atirado perto dos dois e matá-los um por um. Todos os homens de pé diante de mim deveriam morrer.

O que eu fiz para chegar aonde estava não foi fácil e não foi rápido, como ele ousava ficar diante de mim e dizer que aquilo aconteceu sem mais nem menos por conta de um cochilo bêbado?

— Sabe quantas noites eu fiquei sem dormir para que os Gatsby fossem o que são hoje?

— Gatsby, eu...

Ergui a mão para atingir seu rosto, mas fechei os olhos e cerrei os punhos no ar.

Eu ia matar o incompetente.

— O que você vai fazer agora?

— Eu irei atrás dos responsáveis, senhor.

— Você o quê?

— Eu vou atrás dos responsáveis.

— Não, você não vai. Você teve a sua chance de cuidar disso. Sabe que eu poderia matá-lo agora e isso não me faria nem cócegas.

— Eu sei, senhor. Sei quanto valia aquele barco.

— Exatamente, e é por saber quanto valia aquele barco que você vai buscar agora os homens que dormiram e vai trazê-los para mim, então eu vou descobrir quem foi que os pagou para que você viesse aqui com essa história que não assustaria nem mesmo meu pai que já não pode se defender sozinho. Eu perdoo fácil, Timothy?

— Não, senhor.

— Você já me viu perdoar alguma vez? Saia da porra da minha frente. — Quando balançou a cabeça, eu passei por ele atingindo seu braço e sinalizei para que os outros imbecis me seguissem.

Dois deles foram corajosos o suficiente para entrar no meu carro, enquanto os outros se dividiram em mais três estacionados dentro dos muros. Eu não precisei procurar muito para saber onde é que tudo tinha acontecido. Havia pessoas correndo na direção contrária quando cheguei.

— Acho que alguém avisou que o senhor estava a caminho, senhor.

— Você jura? — falei ironicamente. — Mais deprimente do que um criminoso que não carrega uma arma carregada consigo, é alguém que para a sua vida para cuidar das questões de outros — murmurei.

— O senhor é muito sábio, senhor Gatsby.

— Desça da porra do meu carro.

Parei perto da beira do rio, a fumaça preta no local parecia uma neblina do inferno.

Desci e esperei que meus homens estivessem comigo.

— Agora sim, Timothy, faça o seu show.

— Eu não entendi.

— Atire para o alto, disperse os curiosos.

Ele estendeu a mão para o capanga ao seu lado que ficou me olhando como se eu fosse a porra de uma obra em exposição no museu, quando não respondeu Timothy de prontidão, o homem lhe deu um tapa na cabeça que o fez reagir rapidamente e entregar o que Timothy pedia.

Ele atirou para o alto, fazendo com que os curiosos dispersassem e limpassem a área.

Eu me aproximei para observar como estava a margem do rio, a área não era muito movimentada, havia poucos pedaços de vidro, e a água tinha uma cor mais escura. O ar fedia a álcool queimado.

Eu era a porra de um alcoólatra, aquilo foi mais um golpe no meu coração morto do que no meu bolso.

— Não estou vendo os dois dorminhocos aqui.

— Eles foram levados para um galpão próximo, senhor.

— Um galpão próximo — repeti. — Fica cada vez melhor. Eu quero que esse barco seja retirado. — Ei, você. — Acenei para o que parecia mais novo. — Quantos anos tem?

— Tenho vinte e dois, senhor.

— Ótimo, ser jovem pode ser uma vantagem para crescer na firma, ou você será só mais um burro como aparentemente a maioria dos homens que trabalham pra mim são, e leve um tiro na

bunda. Vamos te colocar à prova para descobrir. — Seu olhar aterrorizado passou de mim para Timothy, e então, para mim de novo. — Não olhe para ele, olhe para mim. Eu sou o seu dono. — Ele assentiu freneticamente e tirou o chapéu. — Por que está fazendo reverência, eu sou um duque?

— O senhor é o rei, senhor.

Eu olhei para cima pedindo paciência a Deus.

— Provavelmente será um tiro na bunda — murmurei. — Tire esse barco daqui e limpe o rio. Eu não gosto de pessoas, mas gosto de respirar ar puro. Não colocarei a degradação do rio em meu nome.

— Gatsby, e o álcool perdido?

— O álcool perdido — repeti. — Vamos agora falar com os dorminhocos e descobrir como foi que eles conseguiram dormir quando esperavam um barco com 48 caixas do álcool mais precioso desse país. Vou descobrir quem os pagou pra fazer merda, e então eu vou matá-los.

Eu dei um passo à frente, então, de repente o inferno começou.

Senti uma bala perto dos meus pés e pulei por reflexo, desfiando do tiroteio que se iniciou em minha direção. Olhando para cima rapidamente, vi no canto de uma janela do único prédio um homem com chapéu e um pano preto debaixo do nariz. A arma apontada para mim era grande e dispararia bem por minutos.

Conforme meus homens dissiparam, eu andei lentamente para o lado, colocando-me atrás de uma coluna. Eu podia ser o pior homem da cidade, mas sabia que não era imortal e para fazer justiça eu tinha que estar vivo. Dei mais uma olhada quando o tiroteio parou. As pessoas gritavam ao redor de nós, algumas tinham até se jogado no rio. Frutas, legumes e água foram derrubados no chão, pisoteados e enfeitavam as paredes. Uma barraca de tomate estava destruída, fazendo parecer sangue no concreto.

— Gatsby! — Olhei para Timothy, que parecia louco para querer sair dali e assenti dizendo que eu estava bem. — Passou perto pra caralho, você viu de onde veio?

Sim.

— Não.

— Não viu ninguém?

Sim.

— Não.

— Que droga, talvez tenham sido os mesmos que pagaram os dois.

— Só há uma maneira de descobrir. — Tirando sua mão do meu ombro, eu avancei em direção ao meu carro, mas fiz uma pausa. Peguei todo o dinheiro que tinha no bolso e joguei no chão na frente do casal que chorava pela barraca destruída. Eles me olharam como se eu fosse a porra de um anjo enviado do céu.

— Senhor Gatsby — a mulher chorou —, muito obrigada!

Eu podia ouvir os gritos repetidos da mulher enquanto entrava no carro. Sua gratidão para mim não era nada, assim como o olhar confuso no rosto de Timothy. Tanto quanto eu sabia, ele podia estar fingindo muito bem e ter armado tudo aquilo para mim. Eu iria descobrir em breve.

Na estrada para o galpão mais próximo eu seguia o carro de Timothy. Conferi as munições no bolso direito, a arma no coldre no lado esquerdo, a faca afiada em minhas costas e o bastão de ferro do lado da minha porta. Qualquer arma era pouco quando se entrava em uma briga de gangues, principalmente quando eram gangues de Londres, onde ambição e poder eram cegos, não importava em quem você tenha que enfiar uma faca.

E se o que estava em jogo era o poder e a possibilidade de se tornar um Gatsby mesmo sem ser um. O jogo se tornava ainda mais perigoso. Não eram todos os homens que tinham esse tipo de culhão para me enfrentar, queimar o meu barco, jogar fora as minhas bebidas e atirar em mim em praça pública, no meio do dia.

Talvez até ter errado de propósito como se aquele show tivesse sido um aviso do que estava por vir.

Eu parei quando eles pararam. Com o meu carro sendo o último da fila, deixei-o curvado na estrada impossibilitando que eles passassem caso quisessem sair sem mim.

A única chance seria se os cinco atirassem em mim ao mesmo tempo, e com o diabo habitando o meu corpo talvez nem

aquilo me mataria. Era bom que eles calculassem muito bem onde iriam acertar.

Retirei a minha barra de ferro e a bati no chão quando eu fechei a porta como se fosse uma bengala, então caminhei lentamente até onde os homens me esperavam. A barra arrastando-se atrás de mim a cada passo que eu dava era ouvido na rua vazia.

— Gatsby, eu acho que...

— Timothy, você não precisa mais estar aqui.

— Como?

— Não estou te dispensando — ainda não —, mas pra arrancar informações de alguém eu não preciso da sua ajuda ou do seu apoio.

— Não é sobre isso que eu quero falar, eu...

Antes que ele pudesse terminar, eu ouvi dois disparos lá dentro, então corri, deixando minha barra de ferro no chão e entrei para descobrir o que tinha acontecido. Quando vi Paul com uma arma apontada para cabeça no segundo em que atirou eu fiquei sem reação.

— Leopoldo — gritei. Minha voz ecoou pelas paredes do lugar e eu avancei em sua direção, agarrando-lhe o pescoço. Mais um pouco e eu tinha tirado seus pés do chão. — Que porra pensa que está fazendo? O que você fez? — Cuspi saliva em seu rosto enquanto falava em descontrole.

— Eles não sabiam de nada, os dois idiotas estavam muito bêbados, nem viram quando aconteceu.

Não, não, não.

Apertei sua garganta com mais força, sentindo-me incrível quando o rosto começou a ficar vermelho.

— Eu quero saber por que você matou minhas únicas testemunhas antes que eu pudesse falar com eles.

— Korian, eu estava fazendo um favor! — falou com dificuldade, batendo em meu braço.

— Um favor? O que me impede de acreditar que você estava por trás disso tudo e matou os únicos que podiam te incriminar?

— Por que eu faria isso? Eu seria muito mais suspeito se fizesse algo assim.

— É o que nós vamos descobrir, não é?

— Korian — murmurou com os olhos revirando.

Eu o soltei e ele caiu no chão tossindo.

Ele segurou meu pé enquanto eu levantava os rostos dos dois mortos.

— Primo, veja eu só! Eu estava adiantando o serviço para que pudéssemos pegar o culpado o mais rápido possível! Olhe, eles não têm unhas e também arranquei alguns de seus dentes. O da direita entrou em choque e o doutor não conseguiu mais reanimá-lo,

e este aqui estava com tanto dor que começou a delirar. Meu erro foi ter agido por impulso e tê-los matado, mas eu juro eles não disseram nada.

— Quem estava aqui com você e poderia confirmar isso? — perguntei sem acreditar em nenhuma palavra.

— Eu estava sozinho quando deixaram os dois aqui, era apenas eu. Eu só estou tentando fazer o melhor para nossa família.

Eu puxei minha perna de suas mãos e pisei em cima de seus dedos, apertei e arrastei o pé até sentir o barulho que fizeram conforme ele gritava e os ossos foram quebrando.

Seus gritos entredentes e os socos no chão implorando que eu parasse não me impediram. Dificilmente ele conseguiria fazê-la funcionar depois disso.

— Korian — ele implorava. — Gatsby! Gatsby, eu juro que nunca faria isso, você... você é meu irmão e eu te amo, Korian.

Aquilo me fez tirar o pé de sua mão e libertá-lo.

— Você me ama? — Dei risada. — Não, não ama, mas vai desejar ter amado para não fazer o que fez. Levem Paul para Liverpool, ele vai ficar com meu amigo Leoni até que resolva me contar a verdade.

Nenhum deles se moveu por alguns momentos enquanto eu saía do galpão. Leoni era principalmente um traficante e gerenciador de prostitutas em Liverpool. Ele era a única pessoa por quem cheguei a ter o mínimo de respeito, afinal, ele saiu da Itália cedo e

foi para outro país, onde conseguiu erguer uma organização que superou a de seu pai em Calábria.

Abaixei-me ao lado de Paul e inclinei a cabeça para olhar no rosto de meu primo.

— Por que tudo isso, Paul, se você não aguentaria calçar meus sapatos por uma noite em meio a um tiroteio, neblina e inimigos? Eu já vivi muito mais do que você viveu, te ensinei o que pude pra que você não fosse burro, mas você só me provou que não aprendeu nada e ficou burro pra caralho. Você vai voltar para casa andando, o garoto ali de vinte e dois anos que conseguiu escapar de um tiro na bunda hoje vai dirigir um carro ao seu lado enquanto você caminha. Se você tentar entrar no carro ou oferecer a ele qualquer coisa, o castigado será você e se ele aceitar, será ele.

— Eu não vou conseguir ir andando para casa. — Ele chorou. — Você destruiu a minha mão.

— E assim que você chegar no castelo terá um médico para cuidar de seus ossos podres, para que chegue em Liverpool em boas condições.

Quando todos os homens saíram, restando apenas Timothy e eu, virei-me para ele.

— Por que você acha que ele matou os dois? Acreditou no que disse?

— O que importa se eu acredito ou não? Os dois estão mortos e mortos não contam histórias.

— O que quer que eu faça com os corpos?

— Entre na dança e os queime, parece que fogo tem feito muito sentido para nós nas últimas horas. Não vamos quebrar a nova tradição.

Ele se adiantou pegando álcool e fósforos, então me observou.

— Você vem?

— Daqui alguns minutos. — Ele assentiu. — Timothy.

— Gatsby.

— Tem um cigarro?

Estranhando meu pedido por saber que eu não fumava, me entregou um e me deu seus fósforos antes de sair.

Enquanto esperava Timothy me deixar sozinho, eu pensei em passar no bar para ver Mabel e saber o que ela sentia sobre os próximos dias. Sempre fui contra, ir até ela para ver o futuro, mas eu sentia que precisava. Muitas coisas estavam mudando em pouco tempo.

Eu me via sozinho e por incrível que parecesse a única coisa que eu queria era voltar para casa e ver Belatrix.

Acendi o cigarro e continuei acendendo até que ele queimou sozinho, não pensei sobre muita coisa, só observei a fumaça e refleti sobre como eu daria tudo por uma única tragada.

Quando restava apenas uma ponta, eu o acendi novamente e joguei no chão onde estavam os corpos que mergulhavam em álcool. O fogo subiu rápido e eu senti o calor inundar minha pele. Assisti as roupas queimarem e a pele começar a se deteriorar. Desejei ter chegado cinco minutos antes para impedir Paul, mas se minhas suspeitas estiverem corretas eu não teria cinco minutos. Ele estaria um passo à frente de mim independente do momento em que eu chegasse.

Joguei o restante dos fósforos apagados no chão e saí. Eu conseguia ver minha sombra nas paredes do galpão e com o fogo pegando lá atrás, parecia que eu estava mergulhado nelas e no fundo eu sentia que sim. A ironia era pensar que por um momento eu estava desejando que a mulher de neve em minha casa ajudasse a acalmar a sensação da minha pele queimando, mas aquilo era um desejo e como eu disse... eu não acreditava mais neles.

CAPÍTULO 22

BELATRIX D'LAVEY

Eu não ia ceder, jurei que não ia, mas quando a Nahati colocou a música no rádio e começou a dançar, provocando-me a ensiná-la alguns passos, eu não pude resistir por muito mais tempo. No início éramos eu e ela, mas depois Martha se cansou de ficar sentada observando e se juntou a nós. Então, mais duas garotas que trabalhavam com a limpeza e os cavalos, e quando eu vi Sam entrando, tentei não morrer de vergonha e continuar o que estava fazendo.

Eu não estava cometendo nenhum crime, apenas dançando, e de onde eu vinha a dança fazia parte de quem éramos, eu não podia esconder o que estava em meu coração.

Todos tranquilizaram a mim e a Nahati sobre a forma como Korian saiu naquela manhã e eu tentei não me apegar à forma como ele gritou com os homens, agrediu e até atirou contra eles, mas era difícil, principalmente sabendo que eu não estava preocupada com os homens, mas sim com o que podia acontecer com ele estando lá fora.

Eu rapidamente me desfiz do laço que prendia o meu cabelo e da parte de cima da roupa de serviço, ficando apenas com a saia branca e a parte de cima preta, eu segurei o pano na altura do joelho, deixando minhas canelas e meu pé escondidos por uma

meia fina, pularem pelo chão. A música celta deixava meu coração quente e me fazia sentir em casa, eu sentia que nada podia me parar estando ali.

Eu fechava os olhos e quando vi, Sam estava afastando a mesa da cozinha para que tivéssemos mais espaço, Martha se sentou, e Nahati foi a única que continuou dançando comigo. O que não me surpreendeu, afinal, ela viveu por tanto tempo presa que qualquer oportunidade para exercer sua liberdade era de se aproveitar.

— Nos ensine aquele outro passo que vocês dançavam, Trix — Martha pediu.

Eu tirei o cabelo do rosto e acenei para Martha.

— Você vai dançar conosco?

— Eu já passei dessa idade, garota.

— Nunca. — Neguei com a cabeça, batendo palmas no alto.

— Deve ter sido maravilhoso crescer como você cresceu.

Embora eu quisesse, não deixei o sorriso escorregar do meu rosto, mas foi difícil quando seu elogio me fez lembrar que enquanto eu crescia cada amiga minha que sumiu, não tinha sumido ou ido embora para cidade realmente, tinham sido caçadas e mortas por pessoas que não nos entendiam. Vovó me fez prometer que eu não confiaria em ninguém quem eu era de verdade. Talvez eu tenha sido ingênua em pensar que aquelas pessoas gostavam de mim apesar

do que diziam, mas há tanto tempo eu não era cuidada que tornou uma missão difícil fingir que eu não queria ter uma família de novo.

— Tudo o que importa é o quanto aguentamos dançar! — falei, rodopiando e rindo.

— Olhando assim, quem diz que o castelo não é grande o suficiente para render trabalho para todos, não é? — Quando todos nos assustamos ao ouvir a voz de Korian, todo mundo se levantou e esperou de cabeça baixa. Ele entrou batendo palma devagar. — Parece uma escola de dança. Que bonito.

Eu não poderia me mover por conta própria, nem se visse um carro vindo em minha direção. Ainda que estivéssemos com a cozinha cheia, ele não olhava para Nahati, não olhava para Sam ou Martha, seus olhos estavam cravados em mim. Eu imaginei que ele percebeu que estávamos todos prestes a desmaiar, pois Gatsby finalmente falou:

— Samuel, Martha. — Ele abriu os braços com os olhos caídos, sérios. — Todos, vocês, fodidos. Voltem aos seus postos até que eu vá falar com vocês.

Martha e companhia, e os homens passaram por ele de cabeça baixa, pegando uma boa distância para não chegar perto demais.

Eu ia seguir, mas sua voz me parou.

— Menos você. — A voz dele foi cortante, e mesmo que ele não tivesse citado nenhum nome, todos se moveram, menos eu. Quando Nahati segurou a minha mão para me puxar, Korian desviou

os olhos de mim para ela, foi instantâneo a forma como ela me deixou ir.

— Eu sinto muito — falou quase num sussurro e eu queria assentir, queria dizer para ela que estava tudo bem, que ele não me machucaria, mas eu podia realmente garantir aquilo?

Ele olhou para mim de cima a baixo, do pescoço, demorando-se nos seios cobertos, o que me fez querer cruzar os braços, mas eu ainda não tinha como me mover. E ficou até os meus pés descobertos, eu soltei a barra do vestido imediatamente tapando-me por completo. Ele deu um passo, então outro, mas sinceramente parecia demorar uma eternidade. Eu sabia que seria castigada novamente, a questão era, como ele conseguiria fazer pior do que fez da última vez?

Quando ele ficou tão próximo que pude ver não só a intensidade de seus olhos cinzas, mas também o peito subindo e descendo, eu consegui até mesmo sentir o seu cheiro, não era nada que eu identificasse, contudo, combinava com ele. Se eu passasse perto de uma loja e cheirasse aquela fragrância em um vidro, imediatamente a imaginaria em Korian Gatsby.

— Não havia um dia em que não houvesse música no vilarejo em Salém, e todas dançavam. Minha avó, as jovens, mães e crianças, mas não era rádio, eu só tinha ouvido falar sobre isso, lá nós tocávamos o nosso próprio instrumento.

Ele inclinou a cabeça para o lado e ergueu uma sobrancelha.

— O que pensa que está fazendo?

— Eu não entendo, senhor.

— Não entende? O que você não entende?

— Eu não estou fazendo nada demais, nós começamos a dançar...

— Dançar? — Ele riu sem humor. — Você estava dançando na minha casa?

— Sim, senhor. — Ergui o queixo, mas não de uma forma petulante, e sim mostrando a ele que eu não tinha vergonha de assumir as minhas responsabilidades. Se eu fosse castigada tudo bem. — Sei que serei castigada novamente.

— Por que toda a provocação, bruxa? — Ouvi-lo me chamar de bruxa fez arrepios correrem dos meus ouvidos até meus joelhos. Não foi natural. A rouquidão de sua voz, a intensidade com que falava em uma sala cheia, ele não precisava gritar para ser ouvido, seus olhares já diziam tudo. Assim como em um salão vazio onde eu esperava castigo, talvez receberia punição, mas quando sabia que viria dele, uma parte minha se perguntava como seria ficar naquele salão ouvindo-o para sempre.

Você terá encontrado a sua alma gêmea.

As palavras de minha vó voltaram à minha mente, perturbando-me. Eu abaixei os olhos e balancei a cabeça.

— Você sabe que prostitutas não se esforçam tanto para chamar a minha atenção?

Meus olhos arregalaram-se quando o olhei de súbito.

— O quê?

— Se você quer ser fodida, não precisa de tantas estratégias e artimanhas, eu posso comer você. Farei isso para que pare com os seus jogos e pare de tentar entrar em minha mente.

Eu levantei a minha mão, mas antes que eu pudesse apontá-la para seu rosto e dizer boas verdades, ele a segurou e me puxou para seu peito. Encostada numa pedra coberta de pele e tecido, eu perdi o ar por um momento, mas, ainda assim, não esqueci o que acabara de dizer.

— Eu não sou uma prostituta e não estou desesperada para que... para que... — eu não conseguia dizer algo tão sujo, fechei os olhos e me esforcei —, para que me foda!

Senti minhas bochechas esquentarem com vergonha.

Korian abaixou a cabeça, aproximando a boca do meu ouvido

— Então, você dança? — A forma como abaixou os olhos para falar comigo… Deus. — Arrancou a roupa no meio de uma floresta sabendo que eu estaria olhando não foi para chamar a minha atenção?

— Não. — Tentei puxar o meu braço, mas ele não soltou, ao contrário, me segurou mais firme. — Nesse castelo cheio de homens, o senhor é o último com quem eu pensaria em ter algo.

Seus olhos brilharam e antes que eu pudesse perceber o que estava acontecendo, ele me empurrou para trás batendo as minhas costas na mesa. Inclinou-se e me ergueu, sentando-me na superfície.

— Como ousa... — Eu não pude terminar a frase, pois no segundo seguinte senti sua boca na minha.

A possessividade com que sua mão esquerda segurava meu braço grudado em seu peito e a mão direita segurava minha cabeça perto da sua para que ele pudesse inclinar meu rosto e me beijar profundamente, teria me feito cair se eu estivesse apoiada no chão.

Meu peito subia e descia com força, o desejo se misturou ao medo, um desespero por sobrevivência que me dizia para empurrá-lo e correr e a vontade de abrir espaço para que ele me mostrasse o que podia ser aquele contato mais íntimo gritou de dentro para fora.

Sua língua contornava a minha, chupando, mordendo, lambendo meu pescoço e voltando para me beijar novamente. Eu apertei sua nuca, puxando-o para perto e Gatsby agarrou meu quadril, pressionando-me à sua frente. Eu senti uma coisa dura — e sabia exatamente o que era.

Foi apenas quando ouvi passos se aproximando que eu me lembrei do primeiro instinto que eu tive, que foi empurrá-lo e correr para sobreviver e fiz isso antes que aquele homem entrasse à minha mente mais do que já estava e me destruísse por completo.

Eu o empurrei e olhei em seus olhos por alguns segundos antes de pular da mesa para o chão e puxar meu braço com força

do seu. Quando cheguei à porta, caminhando rapidamente, dei uma última olhada para trás.

Ele estava de pé, olhando na minha direção e tocava o lábio inferior com a ponta dos dedos. Eu não sei o que foi, mas se olhares pudessem ser traduzidos eu precisaria de um especialista em linguagens para me dizer o que Korian estava querendo me falar.

Porém, em meu coração e meu corpo a mensagem era bem clara: fuja.

E eu fugi, porque fugir de Salém tinha sido uma missão bem-sucedida, porém eu sabia que fugir de Korian Gatsby não seria tão fácil se fosse tarde demais.

CAPÍTULO 23

KORIAN GATSBY

Eu não sabia se ela estava fazendo de propósito, mas o barulho incessante que fazia enquanto limpava meu escritório era irritante… e me excitava pra caralho.

Desde que eu a beijei três dias atrás, ao invés da garota fugir de mim como o diabo foge da cruz, ela fazia o contrário. Eu até mesmo encontrei cada dia desses um vaso de jardinagem acrescentado ao espaço.

Um planta na janela.

Uma maior ao lado da porta.

E uma muito pequena em minha mesa.

Eu queria jogá-la em cima da minha mesa e dizer que ia regá-la com o meu gozo como ela fazia com aquelas merdas por todo o canto.

Sem contar as danças. Toda vez que eu chegava de surpresa a via dançando e cantarolando. Fosse sozinha ou fosse com sua sombra, Nahati — que diferente dela tinha senso de sobrevivência e me evitava.

Porém eu me controlava. Ela tinha vinte e quatro anos, acabara de escapar das mãos de um homem ruim, se eu entrasse

no jogo dela, Belatrix imploraria para que eu a levasse de volta para Winsley.

Ao pensar nele, lembrei-me de que tinha adicionado seu nome a uma lista muito especial. Uma que eu recorria quando as coisas ficavam calmas demais ou eu precisava extravasar um pouco.

Ah, sim.

Quando Winsley fosse encontrado seria difícil dizer o que aconteceu com ele.

Em breve eu cuidaria do velho. Primeiro, eu tinha que lidar com a ereção constante que passou a atormentar meu pau.

Desde quando eu me controlava com sexo e mulheres?

Nunca.

Estava tudo no mesmo pacote.

Mas aquela ali... ela tinha a receita perfeita para se tornar ou a próxima Joanna, ou a minha mãe.

— O senhor gostaria que eu tirasse as cortinas para lavar?

A inocência em seus olhos, a forma como ela falava num tom provocante que eu só percebia, porque já tinha sentido o fogo dela, mas para qualquer outra pessoa seria apenas uma pergunta qualquer... Jesus Cristo.

— Leve.

— E gostaria que eu retirasse esses tapetes e colocasse os novos que o prefeito de Cadiff enviou?

Um presente do prefeito por eu lhe ter dado uma cidade?

A única coisa que eu gostaria é que ela se ajoelhasse e chupasse o meu pau como se estivesse sugando a poupa de uma fruta.

— É claro.

— E os…

— Faça o que quiser, garota. Só... pare de falar.

O silêncio perturbador que se seguiu só me irritou mais ainda.

Eu observei de longe como ela se movia levemente pela sala, evitando barulhos. Por que me obedeceu tão fácil quando em outros dias pareceu petulante?

Eu estava quase me levantando e encostando-a na parede novamente quando ela soltou o pano que usava para tirar o pó dos móveis e caminhou depressa e determinada até a minha mesa. Ergui os olhos devagar, como se não tivesse ficado observando-a nos últimos minutos.

— O que mais você quer tirar para limpar? — perguntei ironicamente.

— Terminei por aqui, senhor Gatsby. O que eu quero é... — ela se interrompeu, parecia hesitar.

— O quê? — Mais silêncio. — Garota, diga de uma vez! — Bati na mesa, fazendo-a pular.

— Eu quero contratar seu serviço — ela falou de olhos fechados.

Eu precisei de um momento para garantir a mim mesmo que ouvi certo.

— Como é?

Belatrix respirou profundamente antes de puxar uma cadeira e se sentar.

— Eu já planejei tudo.

Eu segurei um sorriso que lutava para se mostrar.

— E que tipo de serviços meu, você quer contratar?

A abertura que ela estava me dando para avançar, abrir suas pernas e chupar sua boceta até que estivesse pingando e puxando meu pau das calças para seu núcleo era surreal. Eu devia foder aquela garota só por pensar em me fazer aquele tipo de proposta.

— Eu preciso de justiça.

— Então deve ir falar com Killian. Eu sou tudo, menos justiceiro.

— Killian não me dará o tipo de encerramento que preciso.

— Que é? — pressionei, mas no fundo já sabia o que ela desejava.

Não era surpreendente os lugares em que a escuridão se escondia?

— Vou pagar o senhor com meus serviços.

— Vai me pagar para fazer o que exatamente?

— O senhor sabe — murmurou.

— Essa é a segunda vez que me oferece seus serviços, primeiro em troca de moradia, agora por justiça. Mais um pouco e vou achar que está me fazendo outro tipo de proposta, bruxa.

Ela era pequena. Devia ter um e sessenta de altura, eu não conseguia ver o formato exato de seu corpo pelas roupas horríveis de serviço, mas sabia que adoraria foder. O que ela tinha?

Ou melhor, o que tinha de mais especial que as incontáveis que já tive por todos os cantos do castelo?

— Eu passei por algumas coisas difíceis nos últimos meses, senhor Gatsby. Acho que como estamos começando uma amizade...

Eu joguei a cabeça para trás, rindo.

— Somos amigos?

Ela me fitava com algo nos olhos que eu não conseguia interpretar.

— Eu prefiro ver assim, do que a alternativa.

— Que é?

— Ser odiada pelo senhor.

Encolhi os ombros, escondendo o quão intuitiva ela foi em sua análise sobre mim.

— Eu não odeio todos ao meu redor.

— Mas também não faz amigos.

— Exatamente. Por que com a senhorita, bruxa, seria diferente?

— Eu não tenho uma resposta para isso.

Que ela não sabia mentir era um charme além de tudo.

— Então, lamento, bruxa. Não posso ajudá-la.

Eu ia matar a porra do Winsley de qualquer jeito, mas vê-la pedir por isso tornava tudo ainda mais tentador. Se eu dissesse que o torturaria em troca de sexo, ela abriria as pernas?

— Senhor Gatsby? — Ela passou a mão no ar, chamando minha atenção.

— Estou ouvindo.

— Não parecia. — Ela estreitou os olhos. — Eu estava dizendo que com os remédios da minha família talvez eu consiga voltar a ver com o olho direito completamente, e ficará só uma cicatriz. E Nahati não foi machucada fisicamente também.

— Então, o que lhe preocupa é como seu rosto ficará?

Eu podia garantir a ela que parecia a porra de um anjo do inferno, e pensar que ela se sentia diferente de deslumbrante e tentadora pra caralho era o que me fazia querer realmente visitar Winsley.

— Não — ela negou veemente. — O que ele nos fez é muito mais profundo do que aparência. Eu não consigo dormir sem ter pesadelos com ele. Não consigo pensar que a qualquer momento ele pode aparecer e exigir me levar de volta, e...

Eu me levantei, o que a fez parar de falar.

Eu podia demonstrar força, podia contar a profundidade do meu papel na cidade ou podia matar o velho na sua frente, mas eu sabia melhor do que ninguém que quando um medo era instalado, ele não ia embora facilmente.

— Por alguma razão você permaneceu aqui mesmo sem saber onde estava. Por quê?

Ela desviou o olhar de mim.

— Eu não tinha pra onde ir.

— Mentirosa. Não minta para mim, bruxa.

Ela cerrou a mandíbula.

— Não me chame de bruxa em tom de ofensa!

Eu sorri com provocação.

— Diga-me por que ficou, então. A verdade.

Ela levou alguns minutos. Levantou-se, foi até a janela e abraçou o próprio corpo.

— Belatrix — chamei num tom exigente, mostrando que queria uma resposta.

— Foi o único lugar em que me senti segura desde que fugi de Salém.

O animal em mim queria vibrar com sua admissão. Eu não apenas colocava medo nas pessoas, mas ela. Ela... Me escolheu para protegê-la.

— Eu não sei dizer se você é muito burra ou muito esperta. E nem se quero foder você até criar senso ou se prefiro te mandar para longe para me preservar de não fazer uma merda das grandes.

Ela tremeu e seus olhos dilataram ao me ouvir.

Porra.

ϟ

BELATRIX D’LAVEY

Ele era impossível!

Dando-lhe às costas, tentei sair, mas antes que pudesse sequer tocar na maçaneta, eu o senti atrás de mim. Seu peito duro às minhas costas me pressionaram contra a porta, mas não o

suficiente para me apertar, apenas o suficiente para me mostrar que se ele quisesse eu não sairia dali. O que era bom... meu Deus, foi tão bom, mas eu não podia esquecer o meu real objetivo.

Virei a cabeça ligeiramente para o lado, impedindo que me beijasse se resolvesse tentar.

Ele ergueu uma sobrancelha, como se soubesse exatamente o que eu estava fazendo e encostou-se em mim um pouco mais.

— Talvez nós devêssemos falar sobre a sua forma de me pagar para contratar um serviço. Se quiser eu posso lhe explicar quais as formas de pagamento. Eu aceito... — começou, mas eu o interrompi.

— Não faça isso, senhor Gatsby. Não seja tão ofensivo.

— Você me acha ofensivo? — Um sorriso divertido piscou rapidamente em seu rosto antes que ele ficasse sério novamente. Ele era muito, absurdamente bonito.

— Acho que às vezes sim.

Eu tentei sair novamente e senti seus lábios em meu ouvido bem na ponta da orelha.

— Estou contratado — sussurrou. Minhas pernas fraquejaram, mas rapidamente busquei apoio na parede quando ele desencostou de mim e me deixou sozinha na sala.

Por um lado eu me sentia horrível pelo que deixei a humanidade fazer comigo, por outro, estava feliz por conseguir

justiça.

O calor em meu estômago... e além dele eram mais um sinal de que eu deveria parar com aquelas brincadeiras de duplo sentido, mas como se bastava ele me tocar e eu virava geleia?

Eu peguei meus materiais de limpeza — que não usei muito realmente, já que tinha ficado ali apenas para criar coragem de falar com ele e sorri para as plantas que continuavam nos lugares que coloquei.

Ele nem mexeu nelas. Isso tinha que ser um bom sinal.

Eu andei apressadamente do escritório no segundo andar para o meu pequeno quarto com Nahati. Deixei as coisas guardadas em seu devido lugar e procurei por minha amiga, encontrando-a na cama com uma folha na mão e segurando a cabeça enquanto soluçava.

Corri para sentar ao seu lado, abraçando-a.

— Ei, o que aconteceu?

— É ele — sussurrou.

— Ele? — Franzi o cenho.

— Bryan. — Eu escondi meu desgosto enquanto ela falava. — Bryan falou com a família dele.

— O quê?

— Agora que eu estou livre, ele falou com a família porque finalmente podemos viver o nosso amor.

Eu não sentia nenhuma confiança naquele homem, principalmente pelas coisas que ele devia ter feito no passado ao ser parte da Ku Klux Klan e ser filho de um homem tão importante lá dentro quanto era seu pai e seu avô.

— Eu posso ler o que a carta diz?

— Nada importante.

— Tudo é importante, Nahati. Diga-me.

— Eu tenho vergonha — ela soluçou.

— Você não precisa ter vergonha de mim, somos amigas. Me diga o que tem de errado com a carta.

— Ele disse que não foi dispensado do serviço.

— Oh, ele sabe por quanto tempo vai ficar?

— Não, pelo menos até que consiga conversar com um dos seus superiores.

— Sinto muito.

— Não, eu fui ingênua.

— Mas você sabe que não vai demorar e uma hora ele será dispensado. Isso é certo.

— Não é apenas isso.

— Então, o que é?

— Ele mandou um retrato também. — Com a mão trêmula, ela alcançou no outro lado da cama e me entregou a pequena imagem. — Veja.

Eu reconheci Bryan vestido com um terno elegante e ao seu lado uma moça com uma roupa clara que parecia branco.

— Talvez ela seja a prima e o vestido é rosa.

— Ela é a noiva.

— Ou é a irmã e o vestido é amarelo. As tintas do pintor não prestavam.

— Pare com isso Trix, eu sei o que é, não sou tão idiota assim.

— Você não é nenhum pouco idiota.

— Eu estou me sentindo agora que deixei que ele escrevesse por meses e ele simplesmente... — Ela voltou a chorar.

Eu não quis invadir seu espaço e tirar o papel da sua mão para descobrir o que tanto a estava fazendo sofrer, por isso, esperei para que ela conseguisse se recompor e me contasse.

— Ele basicamente disse que não esperava que eu conseguisse sair um dia. Que o que vivemos foi algo importante para ele, mas que ele tinha deveres a cumprir com sua família, por isso, Taya era a melhor opção. Ele se casou com ela. — Ela me fitou com os olhos dilacerados.

Eu entendi toda a esperança que levava quando ele ia visitá-la, todos os planos quando disse que estava organizando uma fuga, era tudo mentira. O idiota apenas brincou com Nahati.

— Homens são idiotas assim, mas escute, você vai passar por isso eu sei que vai.

— Eu sei que vou — ela riu entre o choro —, já passei por coisas muito piores, mas está doendo tanto!

— Porque ele foi o seu primeiro amor, mas você terá outros.

— Como é que você sabe? Só tem dezoito anos.

— Shiu. — Tapei sua boca e enxuguei as lágrimas de seu rosto. — Ninguém sabe disso.

— Nem mesmo o senhor Gatsby?

— Muito menos ele. Tenho medo de que me coloque pra fora se eu contar minha verdadeira idade.

— Por que ele faria isso?

Talvez porque ele me beijou na cozinha, pensei.

Decidi levar o assunto de volta para Bryan.

— Nós podemos ir atrás de Bryan e fazê-lo pagar.

— Não quero fazer isso, eu tenho dom pra perdão. Aprendi isso com você.

Droga, o que ela diria agora se soubesse que eu acabei de pedir que o senhor Gatsby fizesse com que o velho Winsley se arrependesse de cada dia que nos manteve presas?

— Você está certa — concordei. — Minha avó dizia que toda dor passa e quando ela não passa, ela evolui e se transforma em outra coisa. Seu primeiro amor pode ser seu único amor, pode ser o primeiro e último, pode começar e acabar e depois você vai ter paixões ao longo da vida, mas não terá um amor como primeiro. Só que ela também dizia que nem sempre os amores são o que realmente pensamos que são.

— Cada vez que você fala da sua avó fico mais encantada por ela, queria tê-la conhecido.

— Ela era tão esperançosa na vida e ela conseguia fazer chás que eu jamais vou acertar no gosto.

— Eu acho isso impossível.

Nós sorrimos uma para a outra e dei um aperto em sua mão.

— Realmente vai passar, Nahati.

— Você nunca gostou dele, não é?

Eu respirei fundo, sabendo que precisava ser honesta. O que guardei depois de ter visto vários encontros deles juntos finalmente podia ser dito.

— Eu acho que por ser quem ele é vocês nunca teriam uma chance. Se ele estivesse limpo da sujeira de sua família com a Klan,

ok, havia uma chance. Mas podemos pensar em como ele chegou até você?

— Ele foi me ver numa noite.

— Sim, porque o velho Winsley disse a ele que tinha uma escrava. Ele foi até lá para ser seu cliente, ele pagou por uma escrava, ou teria saído com qualquer mulher da cidade.

— Não acredita na redenção dele?

— Eu acredito em redenção, mas não acredito em esquecer completamente o que ele já pode ter feito pessoas como você sofrerem.

— Pessoas negras?

— Pessoas negras, pessoas asiáticas, pessoas muçulmanas... sim. Acredito que ele e sua família machucaram várias. A história nos diz isso. E aí tudo bem se ele se apaixonou por uma mulher negra e se arrependeu? Tudo bem se é passado?

— Não — ela sussurrou.

— Eu não conseguiria ver uma bruxa com um homem que colocou fogo em tantas outras. O raciocínio é o mesmo, Naha.

— Talvez eu dê mais sorte na próxima.

— Eu tenho certeza de que vai. Nós ainda somos muito jovens.

Ela bateu o ombro no meu.

— Talvez você seja o meu primeiro amor — sorriu —, quer dizer, sua avó dizia não que às vezes pode não ser o que pensamos que é? — Dei risada. — Exatamente, talvez o meu primeiro amor seja a minha melhor amiga, mas um amor de amiga e não de verdade, você sabe.

— Eu entendi. — Comecei a rir e ela me acompanhou pouco depois.

— Quem diria que eu daria tanta risada? Se eu pudesse me olhar semanas atrás, isso pareceria loucura — disse ela.

— Talvez seja. — Encolhi os ombros. — Minha avó também dizia que as melhores coisas da vida são.

— Definitivamente amo essa mulher. Agora não foge do assunto, por que é que você não quer contar de verdade pra Gatsby sua idade?

A espertinha esperou para voltar ao assunto, e por mais que eu quisesse falar para Nahati o que aconteceu e o que eu estava sentindo, eu ainda não entendia, e também não queria compartilhar algo que pareceu tão apressado. Foi tão visceral e eu nunca tinha beijado ninguém antes, mas parecia que ele estava morrendo de fome e eu era o último pedaço de comida no deserto.

— Eu não sei, talvez ele seja contra a exploração de jovens mulheres.

— Talvez ele tenha medo de que você coloque um feitiço para fazê-lo queimar — ela brincou, eu dei risada, apreciando seu esforço para encontrar humor em meio à dor que estava sentindo.

Eu a abracei e juntas rasgamos a carta e a pintura em pedacinhos.

Era louco pensar que ainda que eu fosse uma bruxa, o único que acendeu um fogo... foi *ele*.

CAPÍTULO 24

BELATRIX D'LAVEY

— Deixe-me a sós. — Eu cheguei no segundo andar a tempo de ouvir Korian dizer de dentro de seu escritório. Eu sabia que ele estava trancado com Mabel — a mulher que me salvou de seu julgamento —, pelos últimos vinte minutos.

— Querido, Korian...

Eu me aproximei da porta, espiando lá dentro.

— Mabel — ele disse sem se virar. Encarava os campos verdes e a cidade através da grande janela do imóvel, eu queria me aproximar e provocá-lo ou fazer alguma coisa que o fizesse gritar comigo apenas para distraí-lo, mas quando Mabel parou em minha frente e tocou meu braço, eu senti que deveria deixá-lo.

— Desculpe. Eu não queria ser curiosa — falei enquanto descíamos as escadas juntas. — Mas o que aconteceu? Ele parece ter ficado devastado.

— Ele está feliz, isso e é tudo o que importa.

— Mas ele não parecia feliz.

— Chegou a hora do pai dele. Vocês devem começar os preparativos para o velório e o enterro de Gordon.

Eu tapei a boca, chocada.

— Coitados. Killian acabou de conhecê-lo.

— E ele é sortudo por isso — falou simplesmente. — Gordon não queria ser enterrado, ele desejava ser cremado e jogado pela janela do último andar no castelo, para que sempre estivesse aqui.

— Então, deveríamos fazer isso?

— Devemos se quisermos que sua alma descanse em paz.

— E não é o que queremos?

Ela encolheu os ombros, olhando-me nos olhos com os impressionantes olhos brancos.

— Korian não, e faremos o que ele quiser.

— Mas talvez ele se arrependa de não ter cumprido o último desejo do pai.

Ela parou de andar e segurou minha mão.

— Menina, quando ele te disser para não mentir para ele, não minta nunca. A verdade é a coisa mais importante para Korian e seja leal a ele.

Franzi o cenho, confusa.

— Eu apenas trabalho aqui.

— Sim, e você tem um grande trabalho pela frente, onde precisará colocar em prática tudo o que aprendeu. Seu entendimento chegará com o tempo, por enquanto, apenas o ajude com a perda do pai.

— Eu ainda estou pensando sobre o senhor Gordon Gastby — confessei. — Minha avó dizia que se o último desejo de um morto não fosse cumprido, ele não teria paz.

— E você entenderá que isso é exatamente não só o que Korian quer, mas o que ele precisa. — Ela segurou minha mão e imediatamente senti paz. — Sua avó era uma mulher sábia, assim como sua mãe e muito querida.

— Obrigada — sussurrei.

Como ela sabia sobre elas? Ela sorriu como se soubesse meus pensamentos.

— Algumas pessoas nascem nessa vida para ser normais e outras vêm para ser extraordinárias. Korian é extraordinário, e você...

— Eu já disse apenas trabalho aqui.

— Então, você terá que passar por tudo.

— O quê?

Ela seguiu andando como se não me ouvisse e eu fiquei na porta, parada como se fosse a única coisa que importava. Eu a assisti sumir depois de virar para fora do muro do castelo e me senti tão estranha que quis entrar e me deixar um pouco. Mas queria subir e falar com Gatsby, porém, não sabia se podia. Ela foi clara em dizer que ele estava feliz e devia ser deixado sozinho, mas também me pediu para ajudá-lo a passar pela perda do pai.

— O que eu faço?

Ninguém perde o pai e fica feliz, simplesmente não era normal. Até mesmo um rei tinha sentimentos. Indo contra tudo o que ela me disse eu voltei para o escritório dele, correndo escada acima ansiosa para encontrá-lo, mas estava vazio.

Eu dei um passo para dentro quando senti a planta que eu tinha colocado do lado da porta cutucar minha pele. Observei de perto, vendo que estava morta. Adentrei para conferir a da janela e a da mesa, encontrando-as da mesma forma.

Peguei o vaso da mesa e sentei-me na cadeira em frente. Observei a plantinha acariciando suas folhas murchas, eu queria tanto ter o dom de tocá-las e fazer com que florescessem de novo, mas não eu não era uma bruxa de verdade e muito menos alguém que fazia plantas mortas renascerem.

Eu precisava me colocar em meu lugar e saber que ali dentro eu não passava de mais uma das empregadas de Gatsby, e não importava as sensações que eu tinha quando ele estava perto, ou as coisas que minha avó dizia. Não. Ele era um homem racional e por isso eu tinha que ser racional também, mas como?

Quando antes, tudo me dizia para correr e agora a única coisa que eu queria fazer era ficar.

Parada em frente à porta dele, eu decidi pensar por mais um momento sobre o que estava prestes a fazer.

— Eu pensei o dia todo — sussurrei, tocando a maçaneta e encostando a testa na madeira.

Ele não pediu a minha companhia e não deu nenhum indício de que me queria ali, mas lá estava eu, disponível para ajudá-lo a esquecer sua dor. Eu não tinha nenhuma experiência com homens e não sabia o que poderia vir de visitar seu quarto àquela hora quando sabia que ele estava tão transtornado.

É claro havia acabado de perder o pai e por mais que Gatsby não fosse um exemplo, não havia como não pensar que em algum lugar de sua mente ou coração, havia o Korian. Um garoto que poderia sim estar abalado pelo homem que acabou de ir embora para nunca mais voltar.

Era seu pai, afinal de contas, não foi um bom pai, nem amigo e muito menos um parceiro quando Korian precisou, mas o coração é algo difícil de entender e mais ainda de explicar.

Pelo menos era isso que eu estava dizendo ao meu quando levantei a mão e dei duas batidas em sua porta. Não obtendo resposta, girei a maçaneta comprovando que estava aberta e entrei. Algo me dizia, eu simplesmente sentia que precisava estar ali para ele. Quer fosse para um abraço, para discutir novamente ou... algo mais.

Se fosse a hora eu estava pronta.

Eu não tinha acabado de conhecer Korian, eu conheci esse corpo, mas sua alma... ela já era minha.

O lugar estava destruído para dizer o mínimo, seu edredom no chão, um travesseiro rasgado espalhou penas por todo o cômodo e havia vidro quebrado no carpete.

O quadro pendurado torto na parede e algumas flores que eu tinha colocado lá na manhã anterior me dizia que ele pegou o vaso e atirou contra a pintura.

No meio do quarto, estava Korian, não o Gatsby, de pé, com punhos cerrados e olhos fixos no chão.

— Saia daqui — falou numa voz que eu reconheceria mesmo se não estivesse vendo seu rosto, então era aquilo, aquele era o verdadeiro Korian Gatsby. Não o bêbado ou o rei polido, mas a besta, o monstro que se escondia naquele castelo de pedras.

Eu amei vê-lo daquele jeito. Com suas garras, sua força e sua vulnerabilidade, não o considerei fraco por sentir, muito pelo contrário. Vindo dele que dizia não ter emoções e sentimentos, aquela destruição parecia exatamente o que era um homem devastado, que conseguiu finalmente sua liberdade.

Eu fechei a porta atrás de mim e encostei contra ela.

— Eu mandei sair. — A cada palavra ele aumentava o tom, até que a última foi um grito que me fez estremecer.

— Eu não vou.

Lentamente levantou a cabeça ao me ouvir, olhando-me através dos cílios com o olhar diabólico.

— Você não tem ideia, não é? Se ao menos sonhasse com o que eu poderia fazer para você, não estaria aqui.

— Eu sei o que pode fazer, Korian, eu te conheço.

Ele rosnou. Literalmente rosnou, e então, batendo os pés no chão a cada passo, ele me encurralou na porta, batendo os punhos na madeira nos lados da minha cabeça.

— Ao invés de te ensinarem como ficar nua na floresta e colocar fogo em pedras inúteis, deveriam ter lhe contado sobre os bichos papões, e como não se brinca com eles.

— Você não me assusta. — Olhei-o nos olhos.

— Tola — ele sussurrou, roçando os lábios em minha bochecha. — Você... é a garota mais burra que eu já conheci.

— E você é o homem que diz odiar mentiras, mas mente para si mesmo o tempo todo. — Coloquei a mão em seu peito, sentindo a pele quente como fogo, ele respirou pesado quando sentiu meu toque. — Mas você não me engana. Não a mim.

— Essa é sua última chance. — Ele bateu ao lado da minha cabeça de novo. — Saia!

— Eu não vou sair — falei entredentes, esperando que ele visse em meus olhos que falava sério.

Confiando que ele não faria nada contra mim, ergui minha mão e toquei seu rosto. Korian tremeu sob meu toque, seus olhos tremularam antes de fechar por um breve momento e ele inclinou a cabeça para meu toque. Ele bateu na madeira outra vez, e outra, e outra, e outra.

E quando abriu os olhos de novo, a imensidão cinza parecia um labirinto onde eu estava prestes a perder o caminho de volta.

— Ao invés de tentar acordar durante um pesadelo, você fecha os olhos com mais força para abraçá-lo. Por quê?

— Eu não me assusto fácil, sobrevivi a coisas muito piores do que pesadelos.

— Mas eu sou um pesadelo vivo, não estou na sua imaginação.

— Que seja — sussurrei, roçando nossos lábios. — É a minha escolha continuar dormindo.

— Enquanto o monstro te persegue?

Balancei a cabeça.

— Enquanto o monstro me abraça.

Eu sabia que tinha esperado por algo a minha vida toda e sempre pensei que fosse algo bom, algo iluminado, mas vendo Gatsby sem camisa à minha frente, sabia que era ele, e era puro pecado.

E pelo modo como eu nasci e quem eu era, então, eu aceitei.

Ele piscava os olhos, tinha os lábios espremidos um no outro e encostou a testa na minha dando um último soco na porta. Eu deslizei a outra mão de seu ombro pelo antebraço, até alcançar seus dedos que agrediram a madeira. Senti sua pele arrepiando sob meu toque e uma sensação de perigo iminente me inundou, mas eu não queria correr.

Ao contrário disso.

— Eu quero ser sua.

Foi tudo que ele precisou ouvir**.**

Eu já sabia o que aconteceria, mas mesmo com certo receio por não saber o que esperar com exatidão, não tinha dúvidas de que queria aquilo tanto ou provavelmente até mais que Gatsby.

A forma como meu corpo tremia apenas com a ideia dele me tocando era impossível de ser ignorada, o desejo já havia se instalado dentro de mim e parecia ser capaz de me queimar lentamente de dentro para fora, em uma tortura constante que servia apenas para deixar meu coração acelerado e minhas pernas moles.

Respirei profundamente ao vê-lo trancar a porta em completo silêncio, apenas esperando por seu próximo passo. Meu nervosismo me deixava sem reação, não queria, e nem faria, nada que estragasse aquele momento.

Eu me vi tão presa em seu olhar, e ofeguei baixinho pela força com que era encarada por ele.

Fechei meus olhos quando tive seu toque em meu rosto, ele passou a ponta dos dedos em meu olho ferido. Estremeci com seu

polegar em meu lábio inferior, entreabrindo minha boca em resposta a ação dele.

Pega de surpresa, sua mão saiu de meu rosto para ir direto até o fecho do meu vestido, despindo-me em uma velocidade mais lenta do que desejaria, a afobação parecia me fazer ferver e o ritmo lento dele apenas piorava o meu estado já lamentável.

— Abra os olhos — ele mandou em um tom baixo e eu engoli em seco antes de seguir sua ordem, esforçando-me para separar minhas pálpebras e perdendo o fluxo da minha respiração quando meu vestido simplesmente caiu no chão, deixando-me completamente nua diante dele.

Seus olhos percorreram meu corpo sem me entregar se estava ou não gostando do que via, mas, ao julgar pela intensidade com que fui jogada na cama por ele alguns segundos depois, me fez acreditar que sim, ele tinha gostado.

Com minha respiração entrecortada sendo completamente audível por todo o cômodo, permiti-me apreciar a bela visão de Gatsby se despindo, tirando a calça, que era a única peça em seu corpo. Sem desviar sua atenção de mim, seus olhos, sempre tão frios, faiscavam de um jeito que nunca havia visto antes, envolvendo-me e tirando todo o meu ar quando me dei conta de que tudo era desejo.

Engoli a saliva acumulada em minha boca quando seu corpo completamente nu ficou enfim exposto para mim, não conseguindo ignorar seu membro duro comprovando o quanto ele também me queria.

Apoiada com os cotovelos sobre o colchão macio, tremi por inteira quando Gatsby subiu na cama, não me dando chances de

pensar em mais nada além de abrir minhas pernas para ele, recebendo-o acima de mim sem resistência alguma.

Eu observei seu peito com alguns pelos lisos e claros, os músculos definidos que me mostravam que toda a força que ele constantemente demonstrava não era em vão.

Ele levou alguns segundos me admirando até enfim percorrer suas mãos pelo meu corpo, fazendo com que eu separasse mais ainda minhas pernas e gemesse quando tive minha coxa apertada, ao mesmo tempo em que meus lábios foram tomados pelos dele.

— Ah... — gemi em desespero.

O beijo a princípio foi calmo, como se Gatsby estivesse mapeando minha boca com sua língua para decorar o meu gosto, mas não demorou muito para que se intensificasse. Eu apertei os músculos de seus braços para descontar um pouco do prazer que sentia ao ser dominada com tanta fome.

Assim como o beijo se tornou mais exigente, os toques pelo meu corpo também se tornaram, Gatsby fazia questão de afundar seus dedos na carne das minhas coxas e bunda de um jeito feroz, enquanto, sem pudor algum, começou a esfregar seu membro entre as minhas pernas, deixando-me elétrica com a sensação gostosa.

Nossas bocas se separaram em um estalo obsceno, mas o som só serviu para aumentar a minha excitação e, aparentemente, a de Gatsby também porque ele não perdeu tempo para começar a devorar meu pescoço, beijando, lambendo e chupando minha pele, ao mesmo tempo em que se esfregava contra mim, deixando-me acesa e necessitada por mais.

— Senhor Gatsby — sussurrei baixinho, eu não sabia se o chamava por um momento de pânico, ou desesperada para que ficasse ainda mais perto de mim.

— Korian — sua voz firme me corrigiu. — Você vai me chamar de Korian.

— Eu não te conheço para...

— Eu estou prestes a enfiar meu pau em sua boceta, você me conhece o suficiente.

Minhas bochechas esquentaram, tapei o rosto.

— Não diga isso.

— O quê? Pau e boceta? — A sensação quando ele começou a devorar meu pescoço era sufocante, nunca senti tanto prazer como naquele momento.

— Não diga. — Descontei a pressão da emoção nas costas dele, arranhando-o enquanto gemia manhosa. Não me envergonhei por expor cada vez mais meu pescoço para que assim ele tivesse acesso a todas as regiões que quisesse provar.

— Diga, Belatrix. Fale alto sobre o meu pau grande e sua boceta molhada.

Ainda que estivesse envolvida pela névoa de prazer que ser provada daquela forma estava me trazendo, meu baixo ventre pulsou quando senti os dedos dele deslizando diretamente para entre minhas pernas e foi impossível conter meu gemido quando senti o toque dele em meu clítoris, tirando-me completamente do rumo.

— S-Senhor... — gemi exasperada pela sensação quente e nova que aquele toque me trouxe, finquei minhas unhas em sua pele, sentindo a necessidade de me agarrar a alguma coisa.

— Korian — rosnou. Ele começou a mover dois dedos sobre meu ponto sensível, encarando minhas expressões com um misto de desejo e diversão que eu simplesmente não era capaz de lidar naquele momento. — Você gosta disso, não é? — Gatsby sussurrou para mim, sem deixar de mover seus dedos pelo meu clítoris, apenas me mantendo presa sob seu poder enquanto me deixava insana. — Sua boceta já está toda molhada, bruxa. Você vai engolir meu pau tão gostoso. Caralho!

Korian deslizou seus dedos um pouco mais para baixo, penetrando-me com uma lentidão que me fez quase chorar pela agonia da novidade. Eu arqueei as costas. O que estava acontecendo? Aquela era a sensação quando um homem tocava uma mulher?

— Pelo jeito que você está me apertando, parece que quer algo mais aqui — ele comentou casualmente, como se não estivesse indo e vindo com seu dedo médio e anelar em meu interior enquanto usava seu polegar para voltar a castigar meu clítoris, tirando mais e mais gemidos da minha boca. — Vou te dar uma coisa boa de verdade.

Assim que Gatsby terminou de falar, senti a ausência de seus dedos quase doerem em meu interior, desacreditada que realmente poderia sentir tanto prazer apenas com um toque.

De olhos arregalados, observei quando ele esfregou — dessa vez com a mão toda — minha boceta para deixar toda a sua palma melada com a minha lubrificação, então, começou a masturbar seu próprio pau, encarando-me enquanto fazia questão de mostrar que estava se preparando para mim.

Respirei profundamente quando Gatsby começou a passar sua glande inchada por toda a minha boceta, fechando meus olhos fortemente com o desejo latente que senti ao ter consciência que o calor gostoso que estava me estimulando agora era o... pau dele.

Sem nenhum aviso, senti claramente quando ele enfim encaixou sua glande dentro de mim, sendo invadida por um misto de expectativa, tensão e prazer que não me deixava decidir qual sentimento deveria ganhar mais espaço. No final das contas, a decisão não foi minha e sim dos meus instintos quando Gatsby deslizou por completo para dentro de mim, ferrando por completo com a minha capacidade de respirar devidamente.

— Porra de boceta apertada... — o escutei rosnar quando deixou seu corpo pesar sobre o meu e escondeu o rosto em meu pescoço, respirando ofegante contra a minha pele enquanto começava a se mover, dando estocadas lentas dentro de mim.

Dizer que não havia doído seria uma grande mentira, mas também não era nada impossível de lidar. Eu me apertava ao redor dele involuntariamente, tentando a todo custo me acostumar com a sensação quase sufocante que era estar cheia, não tendo outra escolha além de me deixar levar pelos movimentos dele, perdida em uma mistura de dor e prazer que não conseguia saber qual das duas ganhava.

Meio que ardia a fricção que o pau dele deixava dentro de mim, mas, ainda assim, era estranhamente bom de sentir, por isso me apertava ao redor dele para intensificar a sensação, arqueando minhas costas enquanto arranhava as dele, recebendo beijos de boca aberta por todo o meu pescoço e seios.

Gatsby parecia decidido a me devorar e por isso, sem aviso, saiu de mim para me virar na cama, colocando-me de quatro com tanta facilidade que era como se não pesasse nada. As estocadas então voltaram, mais rápidas e certeiras dessa vez e meus braços falharam quando Gatsby levou os dedos até meu clítoris, masturbando-me no mesmo ritmo em que movia seu quadril contra o meu.

Aquela poderia não ser a idealização de uma primeira vez perfeita, mas o prazer era impossível de ser ignorado, Gatsby sabia exatamente o que fazer para me deixar necessitada, não me dando outra opção além de deixar meu rosto e tronco pousado contra o colchão enquanto meu quadril se mantinha no ar para que ele pudesse me usar do jeito que achasse melhor.

Sua mão, que não me masturbava, tocava minhas costas e cintura com precisão, deixando-me quente de todas as formas possíveis, algo que se intensificou quando minha bunda foi apertada. Mesmo que, bem no fundo, ainda existisse em mim um pouco de dor, toda a emoção do momento junto dos movimentos certeiros que Gatsby deixava contra mim serviram para que um forte calor começasse a se espalhar por meu baixo ventre, fazendo-me apertar os lençóis com força ao mesmo tempo em que perdia minha capacidade de gemer, arregalando meus olhos por não saber o que fazer com toda aquela sensação explosiva que parecia prestes a me fazer sucumbir.

— Não lute, apenas deixe acontecer — disse ofegante, apertando mais forte minha bunda enquanto permanecia jogando seu quadril contra o meu, maltratando meu clitóris com os dedos e não tendo nem um pouco de piedade de mim. — Você vai descobrir

o quão gostoso é gozar com o meu pau bem fundo nessa boceta do caralho.

Aparentemente, precisei apenas escutar aquela declaração para que minha visão escurecesse e aquele calor me tomasse por inteira, arrancando de mim toda a capacidade de seguir qualquer linha de pensamento ou formular uma frase sequer. Tudo de repente parecia demais e eu não pensei muito quando levei minha mão até entre as minhas pernas para segurar a mão de Gatsby, impedindo-o de continuar me masturbando porque simplesmente não conseguia mais lidar com tantos estímulos, recebendo então apenas as estocadas dele com mais velocidade e força do que antes, sentindo-o descontar todo o desejo que estava carregando em meu corpo.

Seus gemidos rosnados, seus sons abafados e a força com que me dominava eram algo que eu jamais esqueceria.

Meu corpo balançava contra o dele e percebi o exato momento em que ele alcançou seu limite, tremendo com a força que ele colocou para se enterrar completamente em mim enquanto gozava.

Tudo o que conseguia ouvir era a respiração ofegante atrás de mim, ainda sobrecarregada pelas sensações que há pouco tomaram meu corpo.

Pensei, erroneamente, por breves segundos, que havia chegado ao fim, mas, sendo completamente pega de surpresa, Gatsby simplesmente saiu de mim para novamente me virar na cama, encarando-me de um jeito tão feroz que me fez entender de imediato o que deveria fazer.

— Você vai dizer agora?

Eu abri minhas pernas novamente.

— Dizer o quê?

— Pau — sua voz era baixa de rouca — e boceta.

Ele desenhava círculos pelos meus seios, barriga e desceu até minha... boceta.

— É um linguajar bruto e sem educação.

— É claro que sim, estamos falando de sexo.

Eu desviei o olhar, então, me surpreendi quando ele se arrastou para baixo da cama para se levantar, mas parou olhando o lençol.

Gatsby colocou minha perna para o lado. Ele fechou os olhos com força, então me segurou pelos pulsos e me puxou para a beira da cama.

— Diga-me que não fui seu primeiro homem.

— Que diferença isso faz?

— Faz uma puta diferença pra mim. O que estava pensando entrando na toca do leão e me provocando? Eu podia ter te machucado muito mais do que fiz!

Ele estava preocupado comigo?

— Eu escolhi você para isso.

— Então, você é mais burra do que eu pensei.

Ele ia me dar as costas, mas segurei sua mão e olhando-o nos olhos, coloquei sua mão em meio as minhas pernas.

— Toque a minha... — hesitei — a minha...

Droga.

— A sua? — pressionou ameaçadoramente.

— Toque minha boceta — sussurrei com olhos baixos, fitando-o por debaixo dos cílios.

Korian colocou os dedos em minha intimidade, inserindo metade antes de tirar e olhar. Quando o trouxe entre nós de volta, tinha sangue.

Seus olhos ficaram sombrios.

— Escolheu a mim — murmurou. — Um animal.

Deixando-me de boca aberta, ele levou o dedo aos lábios e chupou meu sangue. Então, me empurrou de volta na cama e subiu em cima de mim.

— Korian...

— Você me escolheu, parabéns. Agora vai lidar com o homem, a fera e o monstro.

Quando ele abaixou a boca para a minha intimidade mesmo sabendo que eu sangrava da minha primeira vez, eu perdi o ar.

— Minha — ele rosnou em minha pele, fazendo-me vibrar dos pés à cabeça.

Eu não sabia o que queria dizer, mas não consegui me arrepender de ter entrado no quarto.

CAPÍTULO 25

KORIAN GATSBY

Quando voltei do enterro do meu pai todos os empregados estavam na porta em duas filas que formavam um corredor para eu entrar.

Killian estava atrás de mim.

De todos em fila, eu olhei apenas para ela.

Belatrix era o meu único foco antes, mas depois do que aconteceu na noite passada eu ainda não tinha tirado o lençol da minha cama, tampouco consegui dormir lá pensando que queria cortar a parte manchada sangue e guardá-lo para mim. Ela era uma jovem de vinte e quatro anos que meditava para as árvores, colocava cristais em fogueiras, acendia incensos por quase toda a casa e ainda era virgem.

Não era pelo cabelo branco, a cor da pele ou os olhos tão claros e grandes que se destacavam em seu rosto que ela não tinha tido um homem, era porque ela era assim.

Eu não achava que sua vinda para minha casa era uma artimanha, aquilo era impossível. Ela não teria passado pelo que passou com o velho Winsley apenas para chegar a mim e me seduzir.

Havia algo mais, mas era puro.

Como ela.

E lá era onde o problema morava.

— Senhor Gatsby. — Martha deu um passo à frente. — Em nome de todos os empregados eu gostaria de dizer que sinto muito por sua perda. Nós estamos à disposição para qualquer coisa que o senhor precisar.

Eu olhei para o jardineiro que mais ficava com Belatrix e ele já devia ter passado dos setenta anos, mas ainda tinha seu chapéu na cabeça, a camisa suja de terra e os sapatos surrados, por mais que ele recebesse para trabalhar ali, não parecia interessado em adquirir roupas novas ou mesmo um sapato novo que claramente precisava.

Eu me aproximei dele e pude ver que ficou surpreso quando me pegou olhando. O medo em seu rosto era sim prazeroso, mas eu não estava no clima de assustar ninguém.

— Você tem um cigarro, Fred?

— E-eu — ele parecia chocado por eu saber seu nome —, eu não fumo, senhor.

Eu assenti.

— E você, Joe? — O rapaz mais jovem que na maior parte do tempo cuidava dos serviços que mais exigiam músculos na casa me olhou assustado.

— Eu... ahm... sim, senhor, mas estão no meu quarto no alojamento.

— Se importa de ir até lá e pegar para mim?

Ele deu uma olhada para Martha como se quisesse ter certeza de que não estava delirando antes de sair apressadamente. Pude ouvir seus sapatos correndo na escada.

Àquela altura todos estavam me olhando boquiabertos, eu poderia ficar ali o dia todo dizendo a eles seus nomes, suas funções, que dia eles apareciam mais e que dia apareciam menos. Assim como sabia com quem conversavam, com quem eu sabia que eles estavam trepando e se tinham filhos.

Contudo, não continuei, eles só precisavam de um breve aviso meu de que eu podia estar longe, mas não era cego, e sabia quem estava plenamente ao meu lado.

— Martha, eu quero um jantar diferente hoje. Diga ao chef que se ele me mandar ouriço novamente ele está morto. Eu vou cozinhá-lo. Certo?

— Sim, senhor.

— E Belatrix. — Seu nome em meus lábios pareciam uma canção. Uma porra de canção que me despertava para sexo imediatamente.

Como foi que aquela garota me deu sua virgindade?

— Senhor. — Abaixou a cabeça.

— As plantas do meu escritório morreram, as substitua.

Ela engoliu em seco, evitando os meus olhos como se a qualquer momento alguém fosse descobrir "nosso segredinho".

Houve passos na escada novamente denunciando a volta de Joe e ele tentou se recompor quando virou no corredor em minha direção.

— Senhor. — Ele me deu o cigarro e ofereceu a caixa de fósforos.

— Vou ficar apenas com o cigarro. Eu não fumo.

Ele me olhou por um momento. Eu imaginei se no auge dos seus vinte e três anos ele estava com vontade de me perguntar qual era o meu problema por ter feito com que corresse para buscar um cigarro se eu não pretendia fumá-lo.

Eu fiquei rodando em meus dedos enquanto observei uma última vez cada um e passei por eles até chegar no fim do corredor.

— Temos trabalho a fazer.

— O que foi que houve lá embaixo? — Killian perguntou quando entramos em meu escritório.

Eu me sentei em minha cadeira olhando para a planta morta no pequeno vaso. Como foi que aquela merda murchou do nada junto com as outras duas? Talvez tenha sido a notícia de morte que Mabel trouxe.

Inferno, eu já estava começando a falar como elas.

— Uma forma de me dizerem que são leais a mim.

— Porque eu acho que não há com o que se preocupar, todos eles parecem muito leais.

— Eu não estou na cabeça deles pra ter certeza.

— Bem — Killian apontou para mim —, isso não é algo que você parece dar muito valor.

— Está dizendo que não valorizo os meus homens? — perguntei.

Meu irmão encolheu o ombro.

— Só estou dizendo que um traidor não diria coisas óbvias relacionado à traição na sua frente se pretendesse trair ou estivesse dizendo justamente para desviar o assunto.

— Por que não esperamos e vemos, não é?

Houve um minuto de silêncio até que ele, obviamente, não conseguiu mais se conter.

— Não está nem um pouco triste com a morte dele?

Eu estava sentido com a morte? Não, não estava. Aquilo era o que menos me importava no mundo. Eu estava mais preocupado em saber como faria para me controlar de não levar a bruxinha lá embaixo para a minha cama mais uma vez.

— A morte do seu pai é algo que eu já esperava — falei. — Ela começou lentamente e essa é a forma mais rápida de matar

alguém. Quando ele parece conseguir ainda fazer algo, mas no fundo não consegue, então ele percebe que começará a ver o tempo passar em sua frente e não pode mais agir. Sem levantar da cama, sem comer sozinho, sem poder ir ao banheiro até mesmo cagar como um homem de verdade. Com seu diagnóstico eu me preparei não para perder meu pai, mas para me tornar o dono de Londres. Essa cidade é uma empresa e eu tive que tomar o comando dela.

— Uau — ele riu sem humor —, mal posso esperar para saber o que diria de mim se eu adoecesse.

Eu me levantei.

— Já que você, filho da puta, não vai me deixar em paz, eu vou sair.

Desci as escadas para ir até a pedreira pegar um pouco do vento forte que a brisa do mar trazia, mas quando cheguei ao térreo ouvi uma voz vindo da cozinha. Eu reconheci na hora, não tinha mais como passar por Belatrix e não saber quando eram seus passos, sua voz ou seu cheiro. Ela andando ou dançando, cantando...

Quando estava incomodada com algo ou triste, e quando estava feliz então, que não escondia de ninguém.

De longe eu aprendi a decifrar cada humor dela e nem precisava de muito para isso, provavelmente qualquer idiota que passasse muito tempo perto da mulher aprenderia assim como eu. Ela era transparente demais e demonstrava demais, se não fosse a

facilidade incrível com que entrava na porra da minha cabeça, eu diria que sua sensibilidade era seu maior defeito.

Assim como ela provavelmente diria que a minha falta do mesmo era o meu.

Sua voz viajou todo o caminho que eu segui até a cozinha, e quando entrei, ela estava de costas enfeitando uma torta.

"*Você parece me assombrar noite e dia,*
eu nunca percebi até você partir o quanto me importava com você
estou tão sozinho,
não existe mais ninguém além de você"

Suas mãos se moviam sobre o que quer que estivesse aprontando ali com conhecimento, como se tivesse feito tortas a vida inteira. Talvez dessa vez eu pegasse um pedaço.

Os cabelos que agora ficavam soltos até sua cintura, brancos e penteados, me fizeram recordar a noite passada — não que eu tivesse conseguido esquecer. Com ela dormindo ao meu lado, tive dificuldade em tirar seus gemidos, sua petulância e sua determinação da cabeça.

"Eu escolhi você".

Tola. Ela era tão jovem, inocente e inexperiente sobre a vida.

"Apenas por um momento você era minha,
e aí você sumiu como um sonho
eu anseio ter você em meus braços,

pois eu só quero você”

— Você canta como se tivesse saudade de alguém.

Ela se assustou com o som da minha voz, deixando a faca cair e derrubando a calda pela mesa, no chão e em sua roupa branca.

— Senhor, Gatsby, eu não o vi.

— Eu não queria atrapalhar a cantoria.

Ela não me olhava nos olhos, parecia não saber como reagir.

— Não atrapalhou, eu só estou fazendo uma torta. Já terminei, na verdade.

Eu me aproximei o suficiente até que estava às suas costas, não encostava nela, mas nossas roupas sim. Minha respiração arrepiou seu pescoço e soprou os fios do cabelo.

Ela era tão sensível, porra, eu nunca conseguiria esquecer.

— Alguma ocasião especial?

Belatrix parou o que fazia e me fitou por cima do ombro.

— Seu aniversário é amanhã.

Eu escondi minha reação a suas palavras. Mas algo em meu peito queimou.

Eu *odiava* queimar.

— E daí?

— Toda vida merece ser celebrada, senhor Gatsby, mesmo que com apenas uma simples torta.

Eu a ergui sobre o balcão, tirando a faca e a calda de suas mãos e segurei seu rosto.

— Não há nada simples sobre isso, mas eu vou te mostrar qual torta será ótima para celebrar a minha vida.

ϟ

BELATRIX D'LAVEY

Eu engoli em seco, respirava pesadamente.

— Qual?

— Cereja.

Ele abriu minhas pernas e se ajoelhou. Perdi meu fôlego quando começou a beijar minhas coxas, sem nunca desviar os olhos dos meus.

— O-O que você... — tentei formular minha pergunta, mas sem sucesso, porque no momento seguinte, ele desviou brevemente seus olhos dos meus para encarar minha boceta, mal me deixando processar o que iria fazer, pois não perdeu tempo para me lamber inteira, fazendo-me arregalar os olhos pelo choque de prazer.

— Minha torta favorita é essa, Belatrix. Eu vou comer um pedaço dela sempre que quiser — ele rosnou com a boca colada na

minha entrada, forçando a língua para dentro de mim com uma clara intenção de me provar e eu não soube o que fazer quando ele ergueu seu rosto para que eu visse a boca e queixo molhados com meus líquidos.

Abrindo em seguida um sorriso orgulhoso antes de, então, voltar a me chupar.

O prazer que me tomou a partir disso era simplesmente demais, minhas mãos correram entre os fios de cabelo dele, e eu me vi quase chorando quando meu clítoris se tornou seu foco, esfregando-me na língua habilidosa como se minha vida dependesse disso.

O jeito como ele me devorava era intenso, era evidente que Korian não pretendia parar até me ver completamente arruinada por sua boca.

Considerando como aconteceu e minha sensibilidade latente, não iria demorar para acontecer.

Minha única saída foi choramingar, implorando por algo que nem mesmo sabia o que era por estar muito envolvida com o prazer quente e sujo que ele me dava, tremendo na boca dele como nunca achei que pudesse ser capaz.

Eu me vi chorando, gemendo e empurrando seu rosto entre minhas pernas quando o prazer novamente rompeu meu corpo.

Fraca demais para afastar sua boca de mim ao mesmo tempo em que desejava que aquilo fosse prolongado pelo resto da minha vida. Nunca, em nenhum momento, acreditei que poderia realmente me perder em sensações tão devastadoramente boas, mas — encarando Gatsby se alimentando da mistura de lubrificação e gozo que eu era — me dei conta de que estava errada.

Ele tinha realmente todo o poder do mundo para me destruir.

Korian se afastou, passou o dedo por cima da torta, raspando um pouco da cobertura e passou em meus lábios, chupando-os em seguida.

Eu senti chocolate, caramelo, o meu gozo e o seu gosto de uma vez só.

— Delicioso — disse ele, e então, virou e saiu.

CAPÍTULO 26

KORIAN GATSBY

Eu acordei com gritos do lado de fora e imediatamente despertei para a vida, pulando da cama, vesti meu roupão e uma calça de pano leve. Puxei minha *Colt.45* debaixo do travesseiro e por garantia a espingarda *Lupara* de dentro do armário. A próxima rodada de gritos foi tão alta que Belatrix acordou e quando eu estava saindo do quarto, ela me alcançou. Vestia apenas a camisola que eu coloquei nela na noite passada.

— Fique aí — ordenei antes que tentasse sair.

— O quê? Não! Eu estou ouvindo os gritos.

— Belatrix, não é o momento de me desafiar.

— Mas eu preciso ver por que estão gritando e se precisarem de ajuda, se a situação...

— A única coisa que você vai conseguir é acumular mais corpos.

— Então, devemos nos preocupar?

— Fique aqui — rosnei, empurrando-a para o quarto.

BELATRIX D’LAVEY

Eu passei por ele antes que imaginasse e pudesse me trancar no quarto. Corri escada abaixo.

— BELATRIX! INFERNO DE MULHER! — gritava me seguindo. — Mas que porra! Não me ouviu dizer para ficar lá?

— Eu não vou ficar enquanto alguma coisa acontece — gritei por cima do ombro sem parar de descer.

Nahati me encontrou na porta enquanto corria para dentro e tentou me parar.

— Trix, não vá lá fora, por favor.

— Por que não?

— Saiam da minha frente! — Korian gritou, pegando meu braço e tirando-me de seu caminho. Ele segurou meu queixo e me olhou nos olhos. — Entre dentro da porra da casa dos infernos!

Meu Deus, eu nunca ouvi alguém dizer tanto palavrão quanto aquele homem.

— Entre — disse a Naha.

— Leve-a para o quarto de vocês e tranque aquela porta.

— Não!

— Trix — Nahati tentou me segurar.

Eu sabia que estava sendo imprudente, mas tinha que pensar que Sam estava lá fora, George, Martha e o Fred também. Era um alívio que Nahati estivesse bem, mas eu não tinha certeza de nenhum deles. Korian precisaria de mim para primeiros socorros se fosse necessário.

Korian passou por mim e eu o vi de onde estava no corredor parando. Ele observou lá fora por alguns minutos antes de abaixar a arma. Eu tomei como um sinal e o segui.

Conforme me aproximava comecei a sentir um cheiro inconfundível de queimado e quando saí, ficando ao seu lado, ele me colocou atrás dele, mas ainda pude ver o que tinha acontecido. O jardim estava queimado em toda a frente da casa. As flores que começavam a nascer, as árvores estavam começando a ficar só o galho depois das folhas terem sido queimadas e mais à frente na entrada encostado nos muros ao lado do portão aberto estava uma cruz pegando fogo.

Saí de trás de Korian, indo até a grama.

— Belatrix — ele gritou, mas eu não podia ouvir. Não sentindo tudo que estava sentindo, coloquei meus pés sobre a grama queimada que agora não passava de pó que se levantava.

Deixei-me cair, colocando os joelhos e as mãos sobre a natureza morta.

Eu sabia que Korian estava se aproximando não só pelo barulho da arma em sua mão, mas também porque o pó se levantava com os pés pesados.

— Levante-se. Levante-se daí.

Balancei a cabeça sem conseguir controlar as lágrimas que escorriam pelo meu rosto.

— Olhe para as árvores — sussurrei.

— O quê?

— Olhe para as árvores! Olhe para a grama, foi tudo queimado. Acabou.

— Belatrix, levante-se agora.

— Eu não posso... quem faria uma coisa dessas?

Ele segurou o meu queixo e me olhou de cima.

— Levante-se, eu não vou me ajoelhar.

— Eu não pedi pra que você se ajoelhasse. — Afastei seu braço e olhei por toda a propriedade, vendo que todo o trabalho que eu tinha feito foi destruído. O problema não foi o tempo que eu gastei, mas sim o que aquela destruição significava. — Eu sinto muito — falei para o ar, esperando que meu sentimento fosse escutado.

Minhas ancestrais e para a minha avó, principalmente minha avó.

— Sinto muito, vovó.

— Belatrix. — Eu ouvi a sua voz ficando cada vez mais irritada, mas ele não me deu escolha segurando meu braço. Korian

me puxou para cima com ele. — Eu não vou me ajoelhar em público!

— Eu já disse que não pedi!

— Você não precisava pedir, olhe a sua situação. Está cheia de sujeira!

— Isso não é sujeira, Korian, isso era vida e virou morte. Muita vida destruída — eu solucei —, por quê? Foi você quem mandou fazer isso?

Ele cerrou a mandíbula, estreitando os olhos.

— Por que é que eu mandaria colocar fogo na minha própria propriedade e aquela cruz ridícula, quando eu nem sequer acredito no sacrifício de Jesus Cristo, porra?!

— Não é sobre acreditar ou não.

— Então, é sobre o quê?

— É sobre você entender que eu sou ligada a isso. Você não entende que eu fui levada para a floresta desde que nem sabia andar, com os pés descalços e voltava com terra por toda a minha roupa? Porque isso é quem eu sou e quando estou regando plantas como você diz cheio de desdém, eu não estou *só* regando plantas, estou me conectando com coisas além de mim. Com o meu passado, com o meu presente e com o meu futuro. Isso é a destruição de tudo que eu sou. — Ele ergueu o queixo e segurou o meu.

— Pare com isso.

— Não é porque você não sente nada — dei um tapa em seu peito — que eu — dei outro — não posso — outro — sentir — e outro.

Korian fechou os olhos respirando pelo nariz com força antes de me pegar pelo pulso e me arrastar para dentro.

— Você não vai me desrespeitar.

— Na frente dos seus súditos? Você está me desrespeitando quando faz pouco caso das coisas que eu sinto.

— Você quer sentir? Sinta no quarto. Eu vou fazê-la sentir.

— Não, Korian. — Passei por Nahati, por Martha e por Sam, que não fizeram nada pra me ajudar. Por que fariam? Assim como a minha natureza era tudo que tinha, eles também só estavam ali porque Gatsby permitia.

Ele me levou pelo primeiro andar, então o segundo e quando começamos a subir as escadas para o terceiro andar eu temi para onde me levaria. Eu já tinha passado com Martha para ajudar a limpar, mas quando ele seguiu até a última porta do corredor que sempre estava trancada e Martha não fazia sequer ideia do que tinha lá dentro, eu me desesperei.

— Korian, por favor, apenas me deixe voltar para o meu quarto.

— Não. — Ele puxou uma corda escondida no canto do teto que abriu um pequeno buraco na parede, enfiando a mão lá, retirou uma chave. — Se contar para alguém o que tem aqui dentro, dor ou a sua natureza morta não é a única coisa que você vai sentir.

— Você não precisa me ameaçar a todo momento, senhor Gatsby, não é porque não sou uma Gatsby que quero te atacar ou te trair e busco formas de fazer isso.

Ele empurrou a porta, abrindo-a e indicou para que eu entrasse.

— Você vai me trancar aqui?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Não é porque eu fiz isso uma vez que vou fazer sempre que abrir uma porta pra você.

— Não use minhas palavras contra mim — murmurei.

Negando-me a continuar discutindo com ele quando meu coração já estava partido, eu entrei no quarto, porém não fui muito longe. Eu estava de boca aberta.

— Korian, o que é isso?

O ambiente escuro com cortinas pretas impedindo que a luz do sol entrasse completamente tinha plantas por todos os lados, galhos no chão e troncos pendurados nas paredes, assim como uma parede inteiramente desenhada.

Na pintura, o mar azul era incrivelmente real, e o céu acima dele tinha um raio que trazia uma onda lá no fundo.

— Você pintou isso?

— É claro que não.

— Essas plantas...

— O vendedor disse que são verdadeiras.

Eu o fitei.

— E você não sabe como verificar, por isso me trouxe aqui. Não foi o melhor jeito de me distrair do que perdi.

— Não, eu te trouxe para que você veja e me diga o que acha.

— Bem — ergui os braços —, o que mais eu posso achar além de surreal? É lindo, verdadeiramente, eu não esperava que você fizesse algo assim, mas por que fez?

Eu tinha até medo de perguntar, porém a curiosidade me venceu. Korian encolheu os ombros.

— Vai ver eu comecei a gostar de plantas de repente.

— Ninguém faz nada por acaso, Korian, por que isso e por que me trouxe aqui?

— Você vai entender. Você acabou de perder algo que disse que é tudo para você. Algo que considera muito valioso.

— E eu falei sério — sussurrei.

— Eu vi isso, vi em seus olhos, por isso decidi trazê-la. Eu não tinha certeza se algum dia dividiria isso com você, mas... — Ele desviou o olhar, encarando a pintura na parede. Korian parecia quase sem jeito. Apenas a arma em sua mão não me deixava dizer que ele estava tímido. — Eu vou mostrar, feche a porta. — Eu o fiz confiando que fosse o que fosse independente do que acontecesse ele tinha boas intenções. — Ela consegue sair livremente pelo outro lado, apenas essa porta fica fechada.

— Ela?

— Surpreendentemente eu não gostei da ideia de deixá-la trancada mesmo que eu a mantenha nesse quarto.

Meu Deus, se ele me dissesse que tinha uma criança ali dentro eu pegaria aquela arma e atiraria contra ele. De repente dois olhos laranjas se abriram e brilharam no escuro.

— Eu soube que chamam essa criatura de bruxa da noite.

Eu me aproximei lentamente, reconhecendo que era uma coruja.

— Como você a encontrou? — sussurrei com encanto.

— Ela estava na floresta na noite em que te levei para o seu ritual de luas, nuvem e pérolas.

Eu escondi um sorriso com o fato de que ele não tinha entendido nada do ritual.

— E você a trouxe para mim.

— Não exatamente para você — negou de imediato.

— Então, para quem? — pressionei. Seria possível que tivesse feito algo assim por mim antes mesmo de passarmos a noite juntos?

— Eu — ele hesitou, e após um momento em silêncio, Gatsby deu um passo atrás para que eu pudesse me aproximar da casinha —, sim, eu a peguei para você. Achei que um dia poderia ser útil.

Ele não me olhava nos olhos. Era engraçado.

E um pouco fofo, não que eu fosse lhe contar essa última parte.

— Exatamente como?

— Para te fazer comemorar com algo ou... eu não sei. — Elevou a voz. — Por que as pessoas têm corujas de qualquer forma?

— Gatsby, apenas diga que fez algo porque quis e porque nem tudo em você é sobre maldade.

— Tudo em mim é maldade. — Ele franziu o cenho.

— Talvez não seja.

— Não se engane a meu respeito, você seria a única machucada nisso.

Eu inclinei a cabeça, observando-o.

— Quem você era antes do Gatsby?

Ele riu, mas não foi um riso verdadeiro.

— Por que acha que eu fui algo diferente antes?

— Porque já vi o bom em você. Agora estou vendo de novo.

— Você está iludida, pois é a primeira pessoa a me dizer isso — ele falava com desdém, fazendo pouco caso como se não pudesse — ou quisesse — considerar.

— Apenas porque não deixa os outros verem.

— Por que eu deixaria?

— Porque quando as pessoas veem gente do bem, começam a ter esperanças em dias melhores. Muitas vezes me peguei enfrentando dias difíceis porque lembrei de você.

— Bem, se depender de mim as pessoas não vão ver coisas boas e isso inclui você. — Ele acenou para a casinha. — Vai ver sua coruja ou não?

Decidindo não insistir no assunto por agora, eu voltei minha atenção à bela criatura naquela casa. Posicionei meu braço à sua frente e esperei que ela se sentisse confortável para chegar perto. Por incrível que parecesse, ela não demorou a pousar em meu braço.

Ela era preta com manchas brancas e tinha os olhos tão grandes que eu me sentia intimidada até de olhar, mas ela não estava olhando-me como se eu fosse um problema e sim como se estivesse me acolhendo. A conexão que eu senti com a coruja foi imediata.

Ela parecia olhar além dos meus olhos, em minha alma. Passei a mão levemente pela cabeça, sentindo a pelugem macia e admirando a beleza dela.

— Bruxa da noite, você é a criatura mais linda que eu já pus meus olhos. — Eu olhei para Korian por cima do ombro, dando-lhe um sorriso agradecido. — Você nunca vai saber o quanto isso significou para mim. Obrigada, Korian.

Ele cruzou os braços.

— Não foi nada, realmente.

Porém, era e ele sabia disso.

— Eu posso visitá-la?

Ele estendeu a mão, oferecendo-me a chave.

— Ela é sua, cuide desse quarto como um seguro.

— Seguro?

— Seu trabalho lá embaixo foi destruído, só estou devolvendo numa proporção menor.

— Nada é pouco quando se trata de boas intenções.

Ele balançou a cabeça.

— Não fique falando isso como se fosse uma grande coisa, eu já lhe disse que...

— Que você não se importa, que eu sou uma distração e que só está esperando o feitiço que eu coloquei em você ir embora, não é?

Ele assentiu.

— Aproveite seu quarto, suas plantas e a sua coruja, Belatrix. — Ele seguiu em direção à saída, mas eu o parei.

— Cercei. O nome dela é Cercei.

Ele virou o rosto para o lado como se quisesse me olhar, mas não olhou, portanto eu nunca teria a certeza se o que vi foi realmente o começo de um sorriso sincero.

No segundo seguinte a porta foi fechada.

— Cercei — repeti. — Esse era o nome da minha avó.

A coruja fez um barulho que me arrancou um sorriso, meu coração ainda doía pela destruição ocorrida no jardim, mas por agora, Korian havia me dado uma boa fonte de inspiração para que eu recomeçasse.

CAPÍTULO 27

BELATRIX D'LAVEY

Os dias passaram voando depois que eu comprovei que Korian de fato tinha um coração.

Aquela coruja para mim não foi um sinal pequeno. Ele estava me dizendo algo mesmo sem querer dizer e eu tinha que ouvi-lo, eu precisava. Eu imaginava como era para um homem como Korian Gatsby tomar a atitude que tomou em relação a mim. Preservar para mim um jardim ainda que ele dissesse que não o fez na intenção de me dar, pegar uma coruja da floresta, porque sabia a ligação que eu podia vir a criar com ela... tudo aquilo era muito simples para ser verdade. Ele não continuou se afastando de mim, pelo contrário, passávamos a maior parte das noites juntos. Eu trabalhava durante o dia enquanto ele estava fora ou ficava isolado em seu escritório e quando ele voltava no cair da noite eu estava cuidando de Cercei, apreciando sua companhia até que Korian decidia se juntar a nós e me levava ao quarto com ele.

Eu queria levar Nahati para conhecê-la, mas não podia, dada às ordens dele e a minha promessa de que eu não mostraria o quarto a ninguém, mas eu contei a ela como Cercei era e disse que foi um sonho.

Ela desejou que um dia uma coruja pousasse em minha janela para que meu sonho se realizasse

Quando Korian me buscava na maioria das vezes, eu deixava que ele me levasse até seu quarto, onde passaríamos horas juntos fazendo amor ou eu falaria por horas enquanto ele me mandava ficar quieta e dizia que não aguentava mais ouvir minha voz. Eu sabia que era mentira, já que quando eu ficava em silêncio ele me olhava estranho e ficava me provocando até que eu voltasse a tagarelar.

Alguns dias ele levantava antes que eu acordasse, em outros eu conseguia acordar mais cedo e vê-lo dormir por um momento, pois ele parecia sentir quando estava sendo observado e logo despertava.

E quanto ao meu jardim, ainda estávamos esperando que o solo se recuperasse. Fred acreditava que com o tempo o solo se recuperaria e começaria a nascer grama novamente e eu acreditava nisso. Korian contratou homens a mais para carpir o que havia ficado e limpar.

No final, ainda que ele fosse o Gatsby, ele me mostrava muito mais do Korian do que percebia.

Enquanto colocava Cersei para dormir antes de descer, eu refleti no fato de que ainda não tinha pensado sobre a minha real situação com Korian, eu passava a maioria das noites com ele. Conversávamos muito, tinha dias que ele exigia minha presença para seu café da manhã ou exigia que eu fosse ao seu escritório limpar enquanto ele ficava lá sentado me observando com suas expressões que variavam de tédio à raiva e frustração e ele nunca

me dizia o que estava pensando, obviamente, mas eu não parei para pensar também no que aquilo tudo era pra mim.

O meu coração estava sendo preservado, mas eu não conseguia tirar da cabeça o que minha avó havia dito quando eu era uma criança. A lenda das estrelas que saíam do céu juntas, mas o caminho as forçava a se separar e quando elas caíam na terra, deixavam de brilhar e se tornavam apenas humanos, então precisavam encontrar o caminho de volta para a outra metade, assim, iriam brilhar novamente.

— Vejo que ela se tornou sua companhia favorita.

Eu nem sequer me assustei com a voz dele. Estava me acostumando que chegasse de fininho, querendo surpreender, mas no caso dele eu sabia que era um jeito de pegar as pessoas desprevenidas.

— Isso e um livro que comecei a ler ontem.

— Ah, é?

Ele não entrou no quarto, ficou no corredor me observando. Olhava-me com *aquele* olhar.

— Não quer saber o nome?

— Não.

Revirei os olhos e tranquei a porta.

— Não tem graça falar com o senhor.

— Isso é porque você nunca me viu bêbado.

Eu me encostei na parede em sua frente.

— Está me convidando para um drink?

— Não, a não ser que você queira foder comigo e uma prostituta.

Meu humor simplesmente azedou.

— Boa noite, senhor Gatsby.

Ele segurou meu braço quando tentei passar e me prendeu entre seu corpo e o parapeito da escada. Eu senti meus mamilos endurecerem ao encostar em seu casaco grosso.

— Eu sou alcoólatra, e não bebo mais.

Oh. Aquela informação me chocou, e que ele estivesse me contando me chocava mais ainda

— Está em recuperação?

— Não. Isso indicaria que eu pretendo nunca mais beber ou estar recuperado.

— Então, sente vontade?

— Todo o maldito tempo.

Eu assenti, mordendo o lábio inferior para me impedir, mas eu não conseguia. Nas poucas vezes que ele resolvia falar eu não podia perder a oportunidade.

— E quando bebe gosta de fazer amor com prostitutas?

Ele riu, fitando-me com olhos curiosos.

— Fazer amor — repetiu lentamente — O que você diria se eu te contasse que *fiz amor* com minha ex noiva e uma puta em um banheiro imundo ao mesmo tempo?

Eu teria vontade de vomitar, não pelo ato, mas pela sensação horrível e inexplicavelmente irracional que eu tinha ao imaginá-lo transando com alguém.

— Não posso te julgar.

Ele abaixou a boca até meu ouvido.

— Você não sabe mentir.

Com a respiração trêmula, afastei a cabeça.

— Veio ver minha Cercei, senhor Gatsby? Ou visitar um dos quartos vazios?

— Nenhum dos dois, Belatrix. Vim buscar você.

O desejo não caminhava com o racional, alguns impulsos simplesmente nos tomam para nos lembrar que, no final das contas, seguimos sendo animais, animais que vivem a base do instinto e deixam a razão de lado por saber que, em determinados momentos, ela não era importante.

Me senti vivendo o exemplo vivo desta linha de raciocínio quando entrei todos os meus hormônios dispararam com o conjunto

de seu corpo grudado ao meu, seus olhos me devorando e o jeito sujo, impróprio e escancarado que ele falava.

ϟ

KORIAN GATSBY

Ela vestia apenas uma camisola de seda que marcava seu corpo em completa perfeição.

Era claro que ela não vestia nada por baixo do tecido delicado e seus cabelos brancos estavam soltos, cobrindo suas costas até a metade como se tivessem sido perfeitamente alinhados. Quando eu cheguei e fiquei observando por um tempo, ela não tocou e quando decidi falar, sua surpresa foi evidente, mas era como se já tivesse se acostumado. A melhor definição que poderia dar para aquele momento era a presa completamente alheia ao predador à espreita, sem ideia alguma do que estava prestes a acontecer.

Talvez, a diferença de Belatrix para qualquer outra presa era que, boa parte delas, tem um senso instintivo de perigo que as deixa em alerta, mas ela não teve isso e não me percebeu chegar.

Eu dei trela, enquanto observava seu corpo, sua respiração e a forma inquieta que se portava. Conversei querendo foder, e quando vi que ela não tinha superado nossas aventuras, eu sabia que ia acontecer de novo.

— Me buscar para que?

— Dar um passeio.

— Eu estou confortável aqui, senhor Gatsby.

Minhas mãos foram diretamente para a cintura dela e não dei tempo algum para que protestasse. Seus olhos, sua boca e seu corpo gritavam por mim, e assim que a beijei e ela circulou meu pescoço com os braços, confirmei a verdade. Era primitivo, louco, e estranhamente familiar.

Belatrix não tentou resistir, me dando acesso total a sua boca com uma devoção que me enlouquecia, era sempre bom demais quando me dava conta do quanto ela gostava de me pertencer, de como era natural para ela.

Tirei seu fôlego antes de, então, descer minha boca por seu pescoço, provando a pele com tanta vontade que não me espantaria se ficassem algumas marcas. Para falar a verdade, a ideia de deixar a pele dela completamente marcada por mim era muito tentadora, afinal, Belatrix era minha, nada mais justo ter minhas marcas em seu corpo.

Seu primeiro beijo foi meu, sua virgindade foi minha e cada canto daquele castelo seria devidamente batizado por mim a fodendo.

Abaixei as alças de sua camisola bruscamente, expondo os seios bonitos para mim e não me demorando para atacá-los, sorrindo internamente com a expressão de prazer e surpresa que estampava o rosto bonito.

— Senhor Gatsby — ela segurou meus ombros, mas não me empurrava — Alguém pode subir.

— Não se preocupe, ninguém vai subir quando ouvirem seus gemidos do segundo andar.

Os olhos arregalados e a boca escancarada em choque só não me fizeram rir porque eu estava muito ocupado decidindo se tiraria sua virgindade traseira ou a faria me chupar pela primeira vez. Quando Belatrix gemeu e tremeu sob meus toques, ficou claro que já estava mais do que excitada e pronta.

Eu a ergui e sentei no parapeito de madeira, agradecendo por pela superfície ser ligeiramente mais larga, amarrotei como pude a barra da camisola dela acima do seu quadril para ter livre acesso a sua boceta, gemendo pela satisfação de sentir o gosto em minha boca.

Belatrix era simplesmente deliciosa, quanto mais a chupava, mais a queria, era como um vício que eu simplesmente não conseguia controlar.

Mais um.

— O feitiço da bruxa — murmurei em sua boceta.

Separei as coxas com as mãos as coxas para que ela ficasse bem aberta, encarando a expressão derrotada dela enquanto minha língua desfrutava de sua entrada e clítoris, me deixando cada vez mais louco.

Sabia que Belatrix não duraria muito, ela era sensível demais às minhas investidas, sempre necessitada e desesperada pelo o que quer que eu fosse fazer, como se, depois de ter descoberto como era bom se entregar a mim, não quisesse saber de mais nada.

Percebi que não demoraria para gozar quando suas coxas começaram a tremer em minhas mãos junto de movimentos erráticos e a respiração quebrada veio acompanhada de gemidos chorados. Fixei minha atenção no rosto bonito e apreciei como foi lindo vê-la com os olhos apertados enquanto segurava com força a barra da camisola, a boca aberta como se estivesse prestes a dizer algo, mas não sendo capaz.

Ela apoiava as costas na parede e não se atrevia a olhar para baixo. Apertava as coxas firmemente em meu pescoço.

— Ah, senhor Gatsby.

Eu me afastei e estapeei três vezes seu clitóris, acompanhado do comando:

— Me chame pelo nome!

— KORIAN! — gritou — Isso, Korian, não para... Não para.

Desta vez não fiz questão de prolongar o prazer dela porque tinha outros planos para nós, a descendo com facilidade e a virando de costas para mim, mantendo-a de pé porque suas pernas ainda não tinham voltado a funcionar.

A debrucei contra a madeira e mantive minha perna entre as delas apenas para dar mais segurança enquanto abria a minha

calça, colocava meu pau para fora e o me masturbei devagar, apreciando a bunda pálida e tão bem desenhada exposta para mim.

A mercê dos meus toques, pronta para ser apertada o quanto eu quisesse.

Tirei rapidamente a minha camisa e não perdi tempo para aproximar meu pau daquela bunda gosto, esfregando minha glande pela pele macia apenas para manchá-la com um pouco do meu pré gozo antes de começar a procurar pela boceta apertada não demorando para encontrar o caminho certo e me afundar de uma vez dentro dela.

— Aí, porra! Minha boceta, meu Deus!

Bati em sua bunda uma, duas vezes, fascinado vendo o quão fácil a imagem da minha mão ficou imprimida na pele.

— Gostosa pra caralho!

Ela parecia uma mistura do meu melhor whisky Gatsby, a cocaína mais pura e apenas a essência da heroína.

Belatrix gemeu audivelmente meu nome, se debruçando mais ainda, mas eu não ia facilitar as coisas para ela e, por isso, segurei um bom punhado de seus fios para puxá-la para mim, colando suas costas contra o meu peitoral enquanto iniciava um ritmo frenético das estocadas, mal tirando meu pau dela de tão rápido que estava me movendo.

O corpo dela parecia queimar contra o meu, mas eu não sentia vontade de fugir daquele calor, muito pelo contrário, quanto mais quente a sentia, mais colado a ela queria estar. Ela jogou as

mãos para trás em meu pescoço, circulando e puxando o cabelo da nuca, gemendo, gritando como uma boa putinha e gritando. Usei a outra mão para apertar um de seus seios, enchendo minha palma com ele enquanto continuava a bater forte em sua boceta gostosa, ofegando sempre que a sentia me apertar como se quisesse garantir que eu nunca sairia de dentro dela, movendo-se como podia contra as minhas estocadas.

Ela estava tão entregue quanto eu, gemendo para que fosse mais forte e mais fundo mesmo que isso já estivesse acontecendo, perdida no prazer.

— Quem diria que dias atrás essa putinha era virgem? — sussurrei em seu ouvido.

Queria poder encarar de frente as expressões de Belatrix, virei seu rosto para que pudesse ver as expressões no momento em que quebrasse e gozasse. A visão contribuiu para que meus movimentos se tornassem mais erráticos que antes, em um anúncio silencioso que meu limite já estava chegando.

A apertei com mais vontade, sugando seu pescoço em chupadas fortes, amassando o seio com a mão livre e ora descendo para deslizar os dedos em seu clitóris. Eu a mantive imóvel por um momento, para que apenas recebesse minhas estocadas certeiras sem poder se mover ou fugir. O que a fez gozar em segundos.

O pensamento dela estar ali, gozando no meu pau totalmente vulnerável a mim, sem nenhuma escolha além de aceitar o que estava recebendo, foi o que fez minha visão escurecer quando, enfim, gozei dentro dela. Descarreguei toda a energia que

aquela mulher me despertava, mas não adiantava, eu ainda continuava santindo.

Mesmo que acabasse de tê-la, eu ainda não podia parar.

Aos poucos, aliviei o aperto no corpo dela e me retirei com cuidado, não a soltando totalmente porque sabia que ela não estava apta a ficar de pé sozinha, mas Belatrix não se manteve perto. Ela me empurrou e deslizou pela parede, sentando-se e puxando a camisola por seu corpo.

Eu me virei para sair, mas algo me impedia.

Ela chorava baixinho no chão, mas eu tinha certeza que não a machuquei.

— Eu vou levá-la ao seu quarto.

— Eu não quero!

Foda-se.

Fechando rapidamente minha calça, eu a puxei para mim, sentando-a em meu colo. E de repente eu estava ali, em uma parte da casa que mais odiava e segurando a mulher que eu acabava de foder chorando em meu colo.

— Eu te machuquei?

— Não! — ela deu um soco em meu peito.

Era um sinal para que eu não falasse mais?

Ela se acalmou, suspirava e tremia. Peguei meu casaco mais a frente e coloquei sobre ela. Por um momento eu não me reconheci, mas não me deixei pensar sobre.

— Odeio você, Korian Gatsby — ela chorou — odeio você.

Não, ela não odiava. Mas eu desejava que sim.

CAPÍTULO 28

KORIAN GATSBY

Quando Killian me levou para casa dizendo que havia um assunto urgente a ser tratado, eu já sabia o que era, não era idiota e muito menos esquecido.

Era o meu aniversário de trinta e oito anos. Porra, eu estava velho pra caralho.

Sentia a idade em cada canto da minha cabeça que doía, eu só esperava que ele não tivesse feito uma zona na minha casa, visto que Joanna já tinha organizado uma festa dias atrás, eu não precisava de mais pessoas enfiadas em meu espaço entre curtos períodos e nem queria. Por mim eu passaria meu aniversário como qualquer dia normal já que nada mudaria.

Chegaria em casa, levaria Belatrix para o meu quarto, foderia com ela por algumas horas e então dormiria depois que ela fechasse os olhos. Quando eu sentisse que sua respiração mudou eu poderia dormir. Eu não só a esperava dormir porque ela falava pra caralho e mesmo que eu tentasse pegar no sono — o que eu não fazia—, eu não gostava de me sentir numa posição tão vulnerável em que ela ficaria me observando enquanto eu dormia.

Eu era o único a ficar acordado e olhá-la enquanto ela tinha o seu descanso. Ela roncava, não muito, mas fazia alguns sons, falava palavras desconexas e se mexia muito. Também tinha uma

mania de jogar os braços em cima de mim, a perna em cima da minha perna, colocar a mão em meu peito onde meu coração batia. Eram coisas não ensaiadas que ela fazia inconscientemente, e tão naturais que eu passei a me pegar esperando cada noite por aquilo.

— Se eu tiver mais um prejuízo em minha casa por causa dessas festas você vai pagar. Qualquer problema você vai resolver.

— Eu acabei de chegar, não posso ser castigada pelo que aconteceu antes de mim.

— Ah, mas pode e vai. Eu não vou deixar que vocês façam da minha casa um puteiro sem regras.

— Korian, você nem sequer fecha a porta. Quem não colocou regras foi você.

Quando descemos em frente ao castelo eu ajeitei meu chapéu na cabeça e enfiei as mãos nos bolsos. Olhei para frente onde não havia ninguém e aparentemente nada acontecendo, mas o que lhe entregou foram as marcas de pneus entre as pedras no chão.

— Uma festa surpresa — murmurei com ironia. — Que boa ideia.

— Korian, só relaxe e aproveite.

A minha resposta seria violência, então, permaneci quieto. Perto da porta consegui ouvir barulhos lá dentro.

— Seus convidados são burros pra caralho.

Ele riu.

— É o meu primeiro ano tentando, então... — Eu parei e ele parou junto. Olhamos um para o outro.

— Você me conhece há menos de cinco meses.

— Mas você é meu irmão e, além disso, hoje é meu aniversário também, se não quiser levar em conta a minha consideração, ignore e finja que eu estou fazendo uma festa para mim mesmo.

— É exatamente o que eu vou fazer. — Voltei a caminhar.

— E você não vai nem sequer me desejar parabéns?

— Você tem muitos convidados na sua festa para fazer isso, vamos acabar logo com essa merda.

Quando entrei foi imediato. Balões estouraram em minha direção, fitas brilhantes caíram em minha cabeça, algumas pessoas em cima da escada jogavam brilho em nós e a música começou junto dos gritos de “surpresa”.

Tudo o que eu conseguia pensar conforme eles jogavam tanta merda em mim, era que seria um ótimo momento para um meteoro atingir a terra.

Eu salvaria Belatrix.

Apenas.

Eu não fiz questão de sorrir ou fingir que estava feliz em aceitar os abraços de quem se aproximava. No canto da sala vi Joanna ao lado do homem que estava com ela na noite em que eu a salvei.

Ah, Joana, sua ambição não tinha limites, mas eu era a última pessoa na terra que podia julgá-la. A diferença entre mim e Killian quando estávamos juntos — não que tivesse acontecido muitas vezes —, ficou nítida naquele momento.

Enquanto meu irmão gêmeo cumprimentava as pessoas que falavam com ele, acenava para os que estavam mais longe, apertava mãos e tinha um sorriso no rosto como se tivesse nascido naquela vida, eu mantive as mãos nos bolsos mostrando que não apertaria a mão de ninguém, tão pouco iria sorrir. Eu não queria uma festa e não pedi por uma e se eles se deram ao trabalho de ir até ali, não era porque tinham interesse em demonstrar seu amor por mim. Ninguém amava o que não conhecia, e eles não me conheciam para me amar.

Afastei-me aos poucos do meu irmão, mas não fui longe, pois a música parou e ele pegou o microfone subindo alguns degraus da escada.

— Ali está meu irmão, pronto para nos abandonar aqui. — As pessoas riram meio inseguras, deviam estar se perguntando se era uma boa ideia rir do Gatsby.

Mas eu não estragaria a noite que Killian deve ter passado um bom tempo planejando, um tempo perdido diga-se de passagem.

— Boa noite, senhores! Uau... seis meses atrás a essa hora eu estaria saindo do banco, teria recusado alguns empréstimos e estaria voltando ao meu apartamento velho alugado. Com certeza não estaria sendo aplaudido ao lado do meu irmão — ele me apontou —, o Gatsby. — Os convidados aplaudiram de novo, eu me encostei na parede e o deixei falar, ele levava jeito para aquilo, a próxima vez que eu quisesse tomar alguma cidade para mim já sabia quem lançar como político.

Eu sentia os olhos fixos de metade das pessoas em mim, observando-me e esperando uma reação. Afinal de contas, não seria possível que eu tratasse meu irmão com a mesma indiferença que tratava todos eles. Esperariam sentados, caso preferissem.

Killian nos desejou parabéns, fez piadas, fez com que as pessoas rissem e no fim, apontou para mim.

— Felicidades para nós, para uma longa caminhada juntos. Eu e meu irmão, o Gatsby. — Eu dei um aceno leve, reconhecendo suas palavras e pensei que tinha acabado, mas não. Killian tinha planejado mais do que eu podia imaginar para aquela noite. — Agora senhoras e senhores, quem tiver o coração frágil eu peço que se retire, pois teremos a incrível apresentação de dançarinas para meu irmão!

Mulheres começaram a descer as escadas com saias brilhantes e cabelos bem penteados, com tanta maquiagem no rosto que eu não saberia diferenciar uma da outra. Eu olhei para Killian com uma promessa de morte em meus olhos quando elas

agarraram meus braços, meu pescoço e grudaram em meu peito. Suas mãos estavam para todos os lados em minha cabeça.

— Vamos lá para cima, senhor Gatsby?

— É o seu dia, Gatsby, vamos te dar um ótimo momento!

— Queremos comemorar seus trinta e sete anos em grande estilo.

Suas risadinhas, as passadas de mão, os olhares cheios de cifrão e desejo... Deus. Killian definitivamente ia morrer.

— Eu estou fazendo trinta e oito — falei para a que estava na frente, olhando-me nos olhos e ameaçava tocar meu pau por cima da calça. — Tire a porra da mão, eu não quero comer sua boceta.

Ela me soltou na mesma hora.

Seu sorriso sem graça logo se tornou tenso quando eu a encarei.

Trinta e oito anos e pela primeira vez eu tinha um desejo de aniversário. Eu não queria comer suas bocetas ou aproveitar uma noite de bebedeira e drogas com elas. Eu não queria ver a cara de ninguém ali e meu irmão sabia disso. Minha vontade de pegar um copo de whisky e bebê-lo sozinho só não era maior do que a vontade de foder uma boceta e era a de Belatrix.

Eu me soltei das mulheres, olhando por cima do ombro quando elas pensaram em me seguir.

— Eu sugiro que se não quiserem que essa seja a última festa da vida de vocês, parem onde estão.

Subi a escada até a metade com minha cabeça cheia e pensando em todas as possibilidades do que poderia acontecer naquela festa se eu resolvesse ficar ou se não ficasse, mas eu queria acreditar que Killian sabia o que estava em risco se ele fizesse merda: sua vida.

Eu continuei subindo quando passei pelo segundo andar, apressando meus passos ao ver convidados já bêbados ou na intenção de falar comigo.

— Saiam da minha frente, caralho!

O imbecil que estava deitado na escada de acesso ao terceiro andar começou a rir quando me viu parando em sua frente.

— Saia — falei calmamente, mas ele não saiu. — Saia da porra da minha frente — gritei dessa vez. As pessoas sabiam que minha paciência era curta e ainda testavam.

Tudo bem, eu estava me sentindo assassino de qualquer maneira. Ele riu mais ainda. Bem, o imbecil não me deu escolha. Seria até bom porque a festa terminaria por ali mesmo, eu peguei minha arma e apontei para sua cabeça. Destravei.

— Vá rir no inferno.

— Korian!

Maldição. Minha atenção foi atraída para o terceiro andar, onde Belatrix me observava. Abaixei a arma enquanto ela descia os degraus correndo até nós.

— Ele está bêbado! O que está fazendo?

— Não me importo que ele está bêbado, ele está no meu caminho.

Ela pegou o homem pela blusa e o empurrou para que se sentasse e abrisse espaço.

— Viu? Era só ter feito isso.

— Exigia esforço de mais — respondi com cinismo.

— Mas pouparia a vida dele.

— E quem disse que essa era a porra da minha intenção? Morto ou vivo ele continua um saco de ossos, que não foi convidado para estar aqui.

— Killian convidou as pessoas para estar aqui.

Deus, ela estava bonita aquela noite. Ela estava sempre bonita.

Eu agarrei meus cabelos.

— Mas eu não! — gritei.

Ela estremeceu, mas ergueu o queixo.

— Eu estou ficando cansada dos seus gritos. — Eu franzi o cenho. — Você não vai me assustar como eles, Korian, eu já passei por muito nesta vida para deixar que você me coloque pra correr com um grito.

— Eu não estou tentando te fazer fugir. — Subi dois degraus, ficando apenas um abaixo dela, seus lábios estavam tão pertos do meu que eu me cocei para beijá-los. — Se não a quisesse aqui, eu não ficaria debatendo comigo mesmo ou tentando colocar juízo em sua cabeça, eu faria com que saísse de uma vez.

— Então porque eu ainda estou aqui?

— Você ainda me serve para muitos propósitos.

— Que são? — ela desafiou.

— Vamos até o meu quarto e eu vou relembrá-la.

Ela riu sem humor.

— É sexo.

— Exatamente.

— Por que não conversa comigo, Korian?

Eu dei risada e passei a mão pelo rosto.

— Muito engraçado.

— Eu falo sério.

ϟ

BELATRIX D’LAVEY

Sua expressão variava entre diversão e incredulidade. Eu sabia que falava com Korian como ninguém mais se atrevia, mas já era hora de começarmos a falar sobre algo a mais do que palavras desconexas na cama ou discussões sem razão no dia a dia.

Eu tinha fortes sentimentos por ele e desconfiava que sentia o mesmo.

— Eu só estou pedindo uma conversa. Você não tem que me contar segredos profundos ou falar de seus negócios, queria saber que tipo de música você gosta e se você já aprendeu a gostar das minhas plantas. Eu não sei, se gostaria que eu te ensinasse jardinagem?

Ele sorriu torto.

— Você vive num mundo de fantasias.

Coloquei as mãos na cintura.

— Talvez eu só esteja buscando algo maior.

— Isso aqui — ele pegou minha mão e a levou até a frente de suas calças —, é algo maior, então, você está buscando por ele? Pegue. É todo seu.

Eu arranquei minha mão de seu aperto, ultrajada.

— Não escutou nada do que eu disse, não é?

— Belatrix, eu já te conheço. Você fugiu de um fim de mundo chamado Salém, chegou aqui e agora nós vamos foder.

Ele se inclinou, levantou-me em seus braços e desceu a escada até seu quarto no segundo andar.

Eu batia em seu ombro, peito e costas, mas não teve jeito, o selvagem só me soltou quando estávamos dentro de seu quarto com as portas fechadas.

— Tem noção de quantas pessoas viram isso? — gritei.

— Fodam-se todos — ele disse de bom humor enquanto desabotoava a camisa. — Tire a roupa.

— Não! Korian, ninguém nessa cidade me vê com bons olhos, depois dessa festa serei apenas a prostituta do Gatsby!

— Pelo menos está dando para um rei.

Eu avancei em sua direção e atingi seu rosto com um tapa forte. Ele rosnou e agarrou meus braços, jogando-me na cama e ficando por cima de mim.

— Solte-me!

— Eu não posso.

— Korian, deixe-me ir!

Ele fixou seus olhos nos meus por um longo momento. Eu observei suas íris indo de ódio para confusão, então para raiva,

seguindo para desejo cru.

— Passei a gostar mais do meu nome quando te conheci.

Eu não tinha palavras para responder, mas mesmo que tivesse não poderia, pois sua boca caiu sobre a minha. Os lábios eram macios, famintos, me devoravam de fora para dentro. Quando nossas línguas se tocaram ele começou a me tocar com as mãos, acariciando meu pescoço, minha coluna, meus seios e descendo para além, em minha perna.

O toque de Korian era efusivo, eu nunca senti e nunca mais sentiria algo assim além dele.

Eu sabia.

Eu simplesmente sabia.

Você terá encontrado sua outra metade.

— Pare, Korian, pare... — Eu o empurrei.

Ele beijou meu pescoço, chupou meus lábios e começou a levantar meu vestido.

— Korian! — chamei entre gemidos sôfregos.

— Eu nunca dei tanto para uma mulher como dou para você. — Ele se afastou para me olhar nos olhos. A intensidade naquela imensidão cinza me confundiu e ameaçava me puxar ainda mais.

— Isso não é o bastante.

— Não é o bastante que você durma comigo? Que tome café comigo todos os dias? Que eu comecei a regar a porra das suas plantas no meu escritório? Que eu mataria qualquer um que te chamasse de prostituta do Gatsby não é o suficiente?

Sua voz variava o tom entre nervoso, irritado e frustrado.

Eu não tinha culpa que se sentisse de tal forma, conseguia ser sincera com meus sentimentos. Por que ele não? Por mais que meu coração se sentisse confortável e protegido com ele, eu precisava de mais. Precisava de uma casa.

— Eu fugi de Salém, que não é um fim de mundo, mas sim um lugar cheio de cores, vida e amor, porque as mulheres com quem eu convivi a vida toda começaram a desaparecer. Primeiro uma prima, depois amigas, vizinhas, até que foi a vez da minha mãe. E quando minha avó me contou que estava acontecendo uma caça às bruxas eu precisei ir embora.

Ele desviou o olhar.

— Queria que você não tivesse passado por isso.

Era simpatia em sua voz? Será que ele sequer reconhecia isso?

— Vocês souberam sobre isso? As pessoas no mundo.

— A maioria acreditava que se tratava de uma tentativa dos governos para tentar iniciar uma guerra contra os Estados Unidos.

— Mas existiu, eles estavam matando mulheres inocentes.

— Eventualmente todos esqueceram, assim como a escravidão. Ninguém gosta de lembrar de seus pecados.

Ele cerrou a mandíbula.

— E foi tão fácil assim esquecer?

Ele suspirou, passando a mão por uma mecha do meu cabelo.

— Não, mas as pessoas fingem bem.

— Você teria me salvado?

— De quê?

— Desse destino.

Ele se levantou.

— Belatrix, qual é o ponto em ficar falando sobre isso se você escapou? Não consegue se dar por satisfeita?

Ele se afastou de mim quando lhe dei a volta e me afastei da cama. Korian caminhou até a cama e se sentou na beirada.

— O que quer que eu faça? Vá até Salém, em seu vilarejo e traga todas as mulheres pra cá?

— Você faria isso?

Algo brilhou em seus olhos, mas então, ele os fechou e quando abriu de novo, não estava mais lá.

— Se você me garantir que todas vão me pagar a estadia como você paga.

Eu vacilei para trás.

— Essa é a coisa mais horrível que você já me disse, não, talvez seja a coisa mais ofensiva que qualquer pessoa já me disse.

— Eu não sou um homem gentil.

— É tão mais fácil pra você se esconder atrás dessa máscara, não é?

— Eu não sou responsável pelas esperanças que você criou em mim, Belatrix.

— E eu não sou buraco em que você se enfia, Korian. Sou uma pessoa. Uma mulher.

Ele cerrou a mandíbula.

— Eu estou ciente disso.

— Não parece, quando tudo que faz é me machucar, a menos que eu esteja servindo totalmente seus propósitos, não é? — Apontei para cama. — Porque esse é seu único propósito comigo.

Ele não negou. E doeu.

Eu queria tanto que negasse.

— Já que eu não presto nem mesmo para uma conversa, então você pode procurar qualquer uma das mulheres lá embaixo que ficarão felizes em te servir silenciosamente.

Ele esmagava a colcha da cama entre os punhos e seus olhos me prometiam que não ficaria por aquilo mesmo, mas não me parou. Eu abri a porta e o fitei uma última vez.

— Se não me quer por quem eu sou, então fique sozinho com sua escuridão.

CAPÍTULO 29

KORIAN GATSBY

10 ANOS DE IDADE

— Venha, Korian — meu pai me chamou da porta de seu escritório.

Ele estava em seu quarto olhando os ternos e tentando vestir uma gravata, pois disse que teríamos uma visita especial naquela tarde.

— Estou aqui, papai.

— Eu já lhe disse para não me chamar assim. — Sua voz autoritária me fez recuar para fora do quarto.

— Sim, senhor Gatsby.

— Vamos — ele me chamou ao sair. — Nossa visita vai encontrá-lo no terceiro andar.

— Ele é um de seus amigos?

— Não — ele me explicou enquanto subíamos as escadas lentamente. — Ele é um padre que tem ajudado muitas crianças da cidade.

Ajudado? Eu não achava que precisava de ajuda.

— É sobre as lições da escola?

— Você vai ver quando chegar lá, não fique me fazendo perguntas.

— Tudo bem, senhor Gatsby.

Quando chegamos ao terceiro andar, papai me levou até a última porta do corredor e a abriu. Sentado lá dentro em uma cadeira vermelha estava um homem alto e forte, ele tinha cabelos brancos, usava óculos e tinha uma barba enorme. Se parecia um pouco com os homens que moravam nas ruas.

Papai soltou a minha mão e me empurrou nas costas.

— Entre.

— O senhor não vai ficar?

— Eu tenho negócios para resolver.

Ele me virou as costas sem mais nenhuma palavra e eu acompanhei seus passos até ele virar na escada e descer sem me olhar.

— Feche a porta e sente-se. — Eu tremi diante da voz do homem e fui até a porta, eu queria abri-la e sair na mesma hora.

— Meu pai não gosta de portas trancadas.

— Não foi o seu pai que te trouxe aqui?

— Sim.

— Você passará um tempo comigo.

— Fazendo o quê?

— Sente-se aqui como eu havia dito! — Ele elevou a voz.

— Tudo bem. — Eu demorei mais alguns minutos para fazer o que ele mandava, segurando a chave na porta sentindo que não deveria obedecer. Foi quando senti algo atrás do meu joelho e então, na minha canela e na parte de trás da coxa. Tinha um estalo alto que acompanhava os meus gritos, tentei correr, mas ele me segurou e me colocou ajoelhado em um tapete em frente à cadeira que estava sentado.

Então, voltou na porta e virou a chave.

O homem velho me mostrou uma vara comprida enquanto se sentava.

— A partir de hoje toda vez que vier falar comigo entrará, trancará a porta e em silêncio vai se ajoelhar.

— Por quê? — As lágrimas salgadas molhavam minha boca, eu não gostava daquele homem, não queria ficar ali. Eu sabia que meu pai não gostava que eu o chamasse de pai, mas aquele homem era mau, eu conseguia ver.

— Eu vou orar por você, rapaz, e você vai me chamar de padre Solomon. Antes de começarmos, saiba que seu pai e eu somos muito amigos e ele me conhece, muito, muito bem. Quando

ele me chamou para fazer com que você voltasse a ser um bom garoto ele não me fez perguntas, sabe o que isso significa, Korian?

— Não, padre.

— Que ele confia em mim plenamente. Não posso dizer o mesmo de você, já que está aqui comigo agora.

— Se o papai só quer que eu seja um bom garoto eu posso me comportar, padre — solucei —, eu juro.

— Já chega! — ele gritou e se ergueu da cadeira, tirando seu cinto. — Vá para o canto daquela parede e tire sua roupa.

Ergui a cabeça para olhá-lo, sem saber o que fazer. Apenas Mabel me dava banho, só ela me via sem roupas.

Eu balancei a cabeça.

Ele me acertou com o cinto.

— Faça o que eu disse.

Eu abaixei a cabeça e permaneci imóvel.

— Agora, garoto!

Quando ele me acertou com a vara mais uma vez, porém mais forte, eu não pude mais negar. Levantei-me, mas ele bateu nas minhas costas fazendo-me cair.

— Vá abaixado. — Eu pensei um pouco no que me mandava fazer antes de colocar a mão no chão e ir engatinhando até o canto

da outra parede. Quando fiquei de pé, ele falou novamente: — Tire a roupa.

Chorando, eu obedeci. Tirei minha camisa tremendo tanto que tive dificuldade em desabotoar a calça para tirá-la também.

— Agora ajoelhe-se para conversar com Deus.

— Eu não fiz nada errado — falei baixo, tentando fazer com que ele visse que eu estava arrependido e o que quer que meu pai não estivesse gostando em mim eu poderia mudar. Eu nunca mais faria, mas os cintos doíam tanto e o jeito que ele falava comigo me assustava. Eu não queria mais aquilo, eu não queria ficar com o padre trancado naquele quarto.

— Agora, garoto. Ajoelhe-se para falar com Deus e feche os olhos. Junte suas mãos para que ele te ouça. — Eu fiz como mandou e fechei os olhos, começando a rezar baixo. — Mais alto!

Ele me acertou com a vara e eu comecei a rezar mais alto.

— Mais alto — gritou com tanta raiva em sua voz que eu solucei entre a reza desesperada. Eu queria tanto o meu papai, queria que Mabel viesse me buscar, por que nenhum dos dois chegava logo?

Eu já tinha apanhado outras vezes de papai, mas nunca foi assim. Eu ouvi os passos do homem mau enquanto ele se aproximava e ele parou atrás de mim.

— Continue rezando. — Eu ouvi barulhos e então ele começou a bater em minhas costas e toda vez que eu parava de

rezar ele me batia mais forte, em uma das cintadas meu joelho escorregou e eu caí, mas ao me levantar pude ver que ele tinha abaixado as calças até o joelho e segurava *aquilo* que Mabel disse para mim que eu não podia mostrar para ninguém e estava de olhos fechados segurando o cinto na outra mão com força.

— Padre. — Ele abriu os olhos ao me ouvir e veio em minha direção sem soltar seu negócio. Segurou meu cabelo, puxando-o com força e me arrastou até a cadeira onde encostou seu negócio em meu ombro enquanto continuava segurando-o e mexendo de um jeito que eu não entendia. As lágrimas tinham parado àquela altura, mas ameaçaram voltar quando seu negócio saltou e uma coisa voou em mim. Era branco e parecia o mingau que Mabel preparava de manhã.

Ele deu alguns passos atrás e sem me olhar virou de costas para a parede, pegou o cinto que me batia e começou a acertar em si mesmo enquanto rezava. Eu não entendi o que aconteceu, muito menos quando sem me olhar ele me mandou colocar a roupa de volta.

— Eu vou voltar porque você ainda não está livre do mal e o seu pai nunca vai gostar de você enquanto eu não te curar. Entendeu?

— Sim, padre Solomon — respondi de cabeça baixa.

— Nossas conversas são particulares. Você sabe o que é isso?

— Não, padre Solomon.

— Significa que o diabo lá embaixo vai vir atrás de você se falar para alguém o que aconteceu.

Eu balancei a cabeça e tapei meus ouvidos, horrorizado. Eu não queria que aquilo viesse me buscar.

— Eu não direi.

— Então, shiu. — Ele colocou o dedo nos lábios e eu confirmei.

Estava com medo e tão apavorado que não entendia o que acabara de acontecer. Ele saiu e desceu as escadas primeiro do que eu que fiquei olhando lá do terceiro andar enquanto ele falava com meu pai na porta do escritório. Eles se abraçaram e saíram juntos. Eles eram muito amigos. Eu não podia perguntar ao papai o que aconteceu, pois já sabia que ele veria o mal em mim.

ϟ

A segunda vez que o padre veio aconteceu a mesma coisa e na terceira também. Meu pai me levou até ele enquanto eu ficava em silêncio, eu não tinha falado muito desde que ele foi embora. Eu olhava os meus amigos e não tinha vontade de brincar e sair para o jardim. Não entendia o que tinha acontecido e não poder contar para ninguém me deixava triste, sem fome, eu não queria que aquilo acontecesse nunca mais e após a primeira vez, pedi ao meu pai, implorei para que ele não levasse o padre para casa novamente.

Mas ele me disse que se eu estava com tanto medo significava que padre Solomon estava me ajudando e ele não ia desistir até que eu me tornasse um bom menino.

— Você já sabe o que fazer, Korian — ele disse quando papai se foi.

Eu tranquei a porta e fui me ajoelhar no tapete à sua frente, mas ele me parou.

— Não. Tire a roupa primeiro.

Por que eu tinha que ficar sem roupa se íamos rezar? Nenhuma das vezes em que Mabel ficava em meu quarto comigo e dizia que íamos falar com Deus eu precisava tirar a roupa e nem ela, então, por que o padre tirava?

No entanto, eu obedeci com medo de que ele começasse a me bater, ou que papai me daria um castigo pior por desobedecer. Minhas mãos pequenas estavam raladas de me segurar no chão áspero, mas fiz como mandou.

— Eu já sei que o modo como estou te tratando não está eliminando pensamentos impuros de você e nem está te tornando um bom menino, então, eu terei que fazer mais.

Eu não queria. Eu o fitei aterrorizado.

— Eu não quero, padre Solomon. — Ele me acertou com o cinto.

— Eu vou ajudá-lo dessa vez, será mais rápido e vai doer um pouco, mas vai funcionar. Você vai se tornar um bom garoto e seu pai vai te amar, não é isso que quer?

— Sim, padre Solomon. — Minha voz falhou. Eu tirei a roupa e ajoelhei no tapete em frente à sua cadeira. Enquanto ele tirava a sua roupa olhando para mim, falava algo que eu não conseguia ouvir. — O senhor está rezando?

— Não fale comigo!

Eu abaixei a cabeça.

Um tempo se passou.

Ele sumiu atrás de mim, então, de repente eu senti a primeira cintada em minhas costas, depois a segunda, a terceira.

— Reze, Korian! Comece a rezar! — Eu comecei a falar com Deus em orações que Mabel me ensinou e de repente o cinto parou. Com as lágrimas nublando meus olhos eu vi uma sombra no chão à minha frente e senti a mão do padre me empurrando para baixo.

Eu olhei para trás, mas ele acertou a vara em meu rosto.

— Não olhe para mim! Continue rezando — gritou numa voz assustadora. O padre me tocou em outro lugar que Mabel disse que não poderia ser tocado e eu senti uma dor que começou pequena e foi se tornando maior até que eu não aguentei e comecei a tentar me soltar, mas o padre me segurava pela cintura no lugar. — Reze! Eu não estou te ouvindo rezar. Fale com Deus, Korian, se você quer que isso acabe fale com Deus para que ele tire o mal de você!

Eu rezei mais alto, entre gritos, lágrimas e uma dor que queimava meu corpo de baixo até em cima. A sombra atrás de mim parecia um monstro cada vez maior, eu queria acabar com aquele monstro, eu não era mau, o monstro era mau. Eu nunca fiz papai sentir tanta dor ou Mabel e ela sempre dizia que eu era um bom garoto.

Continuei rezando e implorando que Deus me ajudasse e que não doesse mais quando caí no chão e percebi que o padre me soltou.

Engatinhei até a parede à minha frente e puxei a cadeira para me proteger quando me virei e sentei no chão eu gritei com a dor que ainda me afligia.

Murmúrios de dor me fizeram olhar que o padre estava novamente ajoelhado rezando e batendo em suas costas com a cinta, ele estava sem camisa e eu pude ver as costas toda machucada, havia marcas que não sangravam, mas as que ele fazia agora saía sangue. Aquilo era o mal. Ele tirava o mal de mim e passava para ele?

Eu não sabia.

Mas me senti realmente um menino mau quando desejei que o mal saísse de mim e o engolisse, assim como aquele monstro na sombra do chão parecia me engolir.

Quando o padre voltou dias depois, a mesma coisa aconteceu. Eu não tinha fome, não tinha sono e não conseguia prender a minha atenção em nada. Mabel estava preocupada, meu pai estava contente porque eu não estava mais reclamando das coisas que ele me mandava fazer que eram erradas e além de mim ninguém parecia saber que tudo em mim estava ardendo.

Quando o padre voltou após um mês de uma viagem meu pai disse que ele estava ansioso para me ver porque tinha feito muito progresso, eu não queria mais aquilo.

Não queria mais ser um bom garoto, eu queria ser um menino ruim. Se meninos bons precisavam sentir a dor que eu sentia, então eu não me importava em ser ruim para tudo. Quando o padre chegou meu pai mandou Mabel me levar até o terceiro andar para encontrá-lo, mas ela me parou no meio da escada, ajoelhou à minha altura e me olhou nos olhos.

— Querido, você não precisa fazer isso. Se você não gosta de conversar com o padre nós...

— Está tudo bem, Mabel, eu quero ir.

Eu queria que ela tivesse me perguntado da segunda vez.

— Eu posso dizer ao seu pai que não quer mais ver o padre, vou pedir que te libere como um presente de aniversário.

Encolhi os ombros.

— Eu acho que não vou precisar, porque o padre vai conseguir o que procura em mim.

— O que quer dizer, querido?

— Eu estou atrasado, Mabel, posso ir?

— Korian. — Ela olhou para a porta aberta onde dava para vê-lo sentado em sua cadeira. — Querido, eu não vou deixar que você vá.

Eu a abracei. E foi estranho porque eu já não sentia mais nada quando a abraçava. Eu não sentia mais muita coisa em várias coisas.

O calor no estômago, um quentinho e o cheiro dela... tudo pareceu ter sido eliminado, talvez ao invés de tirar o mal de mim o padre tirou o bem, já que a única coisa que eu sentia era uma vontade de vê-lo arder assim como eu ardia.

— Vá embora, Mabel, o senhor Gatsby vai ficar com raiva de você.

— Seu pai não ficaria com raiva de mim.

— Mas vai ficar de mim.

Ela assentiu e me abraçou mais uma vez. Eu sorri pra ela antes de subir o resto das escadas, entrar no quarto e trancar a porta. Eu deixei que o padre fizesse o que precisava fazer.

Tirei a roupa, ajoelhei e ele me fez arder, mas dessa vez eu não senti nenhuma lágrima escorrendo pelo meu rosto, não senti

uma vontade de gritar por Mabel ou por meu pai, eu só queria que acabasse para que eu pudesse terminar aquilo de uma vez.

E quando finalmente acabou e ele saiu de mim, virou-se para a parede como sempre fazia e começou a se bater.

Uma.

Duas.

Três.

Dezesseis.

Vinte e duas.

Ele batia até que seu braço cansasse, mas ainda estava batendo com força, então eu me levantei devagar, fui até onde as minhas roupas estavam jogadas no chão uma por cima da outra e escondida no bolso da minha calça retirei uma das navalhas que meu pai usava para fazer a barba.

Caminhei sem roupa até o padre e ele não me ouviu, ele rezava alto. Eu queria que ele rezasse, talvez se ele conversasse com Deus enquanto eu fazia o que estava prestes a fazer, seu Jesus Cristo podia ouvi-lo e salvá-lo.

Ou não.

Ele não teve tempo de reagir quando cheguei ao seu lado, puxei seu cabelo como ele fazia com o meu e arrastei a navalha de uma orelha até a outra por seu pescoço. O sangue espirrou em mim tão rápido e em tão grande quantidade que eu fiquei coberto e

continuei segurando seu cabelo quando ele caiu no chão de costas para trás. Seus olhos não deixavam os meus, a poça de sangue formada no chão cobriu os meus pés.

Eu sentia sangue em minha testa, em meu pescoço e toda minha barriga estava manchada, inclusive a parte da frente que ele gostava de tocar e gostava que eu também lhe tocasse.

— Padre, padre — cantarolei baixinho. — Você está tão calado. — Inclinei a cabeça para o lado. — Por que não está mais rezando alto?

Quando o sangue que espirrava de seu pescoço aberto diminuiu, eu o virei e fui até o negócio que ele colocava dentro de mim toda vez que entrávamos naquele quarto. Eu o segurei como ele me fez segurar outras vezes, apertei a navalha e eu nem sequer senti a dor que ela causou quando cortou meus pequenos dedos. Minha mão ainda era pequena, mas eu sabia que um dia ficaria grande, só que não podia esperar. Eu passei a navalha várias vezes por ele, cortando-o e quando eu o segurei em minha mão fora de seu corpo, voltei para o lado de sua cabeça.

Abrindo a boca, tentei enfiá-lo, mas não coube, então, eu cortei um pouco de cada lado da boca deixando-a bem aberta e enfiei seu negócio lá dentro.

Eu fiquei de pé e observei.

Segurei a navalha no alto e então a bati com força em seu coração.

Ele estava olhando para o teto, mas não se mexia.

Chutei-o algumas vezes para confirmar.

Eu me arrastei para o canto da parede, coloquei a cadeira em minha frente e esperei para ver se seu Deus seria bom e o livraria da minha maldade, mas eu esperei e esperei e nada aconteceu. Seu sangue secou em minha pele e eu ouvi passos na escada, mas não consegui levantar para abri-la. Foi quando comecei a ouvir batidas cada vez mais altas na porta, eles batiam mais e mais forte, mas eu não podia levantar para abrir.

Eu não podia tirar os olhos do padre Solomon, tinha que ver se o Deus para quem rezei e ardi iria salvar seu bom padre, mas a próxima coisa que eu vi foi Mabel ajoelhando-se à minha frente e com o rosto horrorizado ela me pegou no colo, apoiou minha cabeça em seu ombro e ao passar pela porta eu pude ver o rosto do meu pai, atrás dele estava Sam apenas um pouco mais velho do que eu.

Eu não sabia o que ele tinha pensado naquele momento, ele não demonstrou, mas eu sabia de uma coisa.

O mal que estava comigo era o único que me protegia e eu nunca deixaria alguém tentar tirá-lo de mim.

CAPÍTULO 30

BELATRIX D'LAVEY

Nós tínhamos uma grande conexão, isso eu sabia.

Nós víamos humor um no outro, também sentíamos demais o que o outro sentia e aquelas eram coisas que me faziam ver Korian como além de meu chefe. Eu o via como um homem especial. O homem que podia ser aquilo com que sonhei desde que minha avó explicou que um dia eu encontraria minha alma gêmea.

Um companheiro, aquele que me faria esquecer o que era estar sozinha. Eu nunca mais sentiria falta de alguém o tendo ao meu lado, por isso, eu decidi que deveria conversar com ele, mas nossa conversa de duas noites atrás foi um fiasco.

Korian não queria falar sobre corações, flores, lágrimas, sensibilidade ou qualquer coisa que eu propusesse, ele não queria nem sequer me conhecer melhor. Como eu podia ir contra aquilo?

Korian tinha sua própria autodefesa, assim como eu, só que a dele me machucava porque eu estava pronta para dar o próximo passo. Eu estava pronta para olhar para ele como uma mulher olhava um homem e não só passar as noites em seu quarto, estar em sua cama e sentir prazer.

Nenhum homem me fez querer o que ele fazia porque não eram ele, e eu ao que parecia era a única que sentia tudo, pelo

menos foi o que ele deu a entender em nossa conversa quando duas noites se passaram e ele não tinha feito nenhum movimento para se aproximar de mim.

Eu o encontrei em seu escritório, ele estava sentado com óculos de grau e lia algo no jornal. Eu bati à porta e ele me fitou por debaixo dos cílios.

— Eu não preciso de limpeza ou que as plantas sejam regadas hoje.

Eu quis jogar o objeto mais próximo em sua cabeça teimosa, mas me controlei, para um homem como ele admitir seus sentimentos não devia ser fácil.

— Eu queria falar com você sobre outra coisa.

— Acho que passamos da fase de conversar, Belatrix, volte ao seu trabalho.

O jeito como ele falava comigo estava muito distante do homem que me desejava. Aquele era o senhor Gastby, o homem que todos temiam e nem sequer olhavam na direção. Eu entrei no escritório e fechei a porta, porque, afinal, se não fui intimidada por caçadores de bruxas não seria por Korian, com quem já tinha passado noites a fio e tinha certeza dos meus sentimentos.

Ele era a minha estrela perdida e eu a dele. Quando me ouviu batendo a porta, ele tirou os óculos e me fitou.

— Eu disse que não preciso de limpeza hoje.

— Eu não estou aqui como empregada.

— Então — abriu os braços —, não vejo motivo para estar aqui.

— Quero que você me olhe nos olhos, quero que tenha comigo a conversa honesta que foi incapaz de ter dois dias atrás.

— Eu não estava bêbado, Belatrix, sei o que te disse e minha posição continua a mesma.

— Então, prefere que eu saia e que nunca mais me veja?

Ele cerrou a mandíbula.

— Eu preferia que você deixasse as coisas como estavam. — Batendo na mesa ele se levantou. — Por que é tão difícil se contentar com o que tem? Por que é que todas as vezes que eu ofereço a mão, as pessoas pensam que podem exigir um braço inteiro?

— Eu não sou assim, Korian, não quero exigir seu poder ou seu castelo, eu nem sequer quero seu nome.

— E o que é que você quer? — ele vociferou.

— Eu quero você.

— Simples assim?

— Só você. — Eu me aproximei quando ele ficou me observando em silêncio e segurei seu rosto. Os olhos cinzas de Korian tremularam. — Você é forte, lindo, e tem tanto dentro de

seu... — Ele me interrompeu antes que eu pudesse tocar seu coração, segurando meu pulso.

— Já chega, Belatrix. Você me tem como tem. É mais do que qualquer pessoa na porra do mundo já teve.

Eu me afastei novamente.

— E o que é isso? Nem sequer uma garantia de que sou mais do que pareço ser.

— E o que é que você acha que parece? — perguntou cinicamente.

— Eu pareço uma de suas prostitutas e todo mundo vê isso.

— Então, você devia estar falando com quem pensa isso sobre você e não comigo.

— Korian...

Ele abaixou os olhos para o jornal novamente. Com o pouco de coragem que me restava, eu peguei a folha, rasguei e a joguei no chão. Ele me olhou enlouquecido.

— Antes que comece a gritar — ergui a mão —, eu estou apaixonada por você.

Parecia que minutos se passaram enquanto ele me observava. Seus olhos sem reação não desgrudaram dos meus, eu preferia que ele tivesse dito qualquer coisa, mas aquele silêncio que durou uma vida inteira me deixou tão inquieta. Meu coração

acelerou, minhas mãos tremiam e suavam, e eu sentia o começo de uma dor de cabeça surreal.

— Korian, por favor?

— Você está apaixonada por mim — repetiu.

— Eu estou.

Ele me olhava estranhamente, e então, como se os dias que passamos juntos não significassem nada, ele caminhou lentamente em minha direção. Eu pensei que fosse me abraçar, imaginei um beijo, imaginei até mesmo ele se declarando de volta para mim, porém ao contrário daquilo a única coisa que eu recebi foi:

— Eu não te dei motivos para ter tais sentimentos.

Eu respirei profundamente. Eu sabia que confessar meus sentimentos teriam consequências, fossem elas boas ou ruins, eu apenas não aguentava guardá-las para mim por mais tempo.

Abri a boca para dizer isso, mas ele me chocou novamente.

— Eu vou me casar, Belatrix.

No momento em que ele falou aquilo, eu fechei os olhos e queria sair da sala, mas me senti incapaz de dar um passo sequer.

Eu vou me casar.

— Você terminou com Joanna — sussurrei. — Ela desmarcou o casamento e está noiva de outro homem.

— Não é Joanna, é uma outra mulher. Alguém que conheci há algum tempo.

Eu respirei profundamente.

— Você não está falando a verdade, sei que passou as últimas semanas comigo.

— Eu passei as últimas noites com você, fora isso, o que você diz sentir não é responsabilidade minha.

— Korian, é por causa da minha idade? Você descobriu que tenho dezoito anos?

Sua feição se tornou ainda mais assustadora.

— Você tem dezoito anos?

— Sim — hesitei, mas confessei.

— Então, além de tudo ainda me deixou foder uma criança!

— Eu não sou uma criança.

— Você tem dezoito anos. Dezoito é uma puta criança para mim!

— Eu agi da forma errada sobre isso — minha voz embargada quase não me deixava falar —, mas eu sou muito mais velha do que a minha idade.

Ele andou pela sala evitando meus olhos.

— Belatrix — rosnou meu nome, ele parecia completamente perdido sobre o que fazer.

— Korian, não faça isso conosco, eu estive aqui por semanas. Eu sei que não faz muito tempo, mas quando foi que você sentiu isso antes? — Bati no meu peito. — Eu nasci para estar ao seu lado e você nasceu para estar ao meu.

— Você está delirando.

— Eu não estou! — gritei, aborrecendo-me. — E eu sei que você sente a mesma coisa, caso contrário não teria estado comigo todo esse tempo.

— Eu estive com você porque gostava de te foder! Agora simplesmente enjoei!

— Isso é mentira! Você só não quer que eu te conheça, mas isso é porque pensa que vou rejeitá-lo, eu não sou as mulheres com quem se envolveu no passado, não espero que seja perfeito em tudo o que faz. Quando eu te digo que estou apaixonada por você, falo sério. Minha idade não tem nada a ver com isso, meu coração sim. E tudo o que ele me diz é para que eu lute por nós.

Ele fechou os olhos com força e virou de costas caminhando até a janela.

— Você me conhece melhor do que qualquer pessoa no mundo e sabe tudo sobre mim.

— Pare com isso — ele exigiu, mas eu ignorei.

— Mesmo quando não queria me ouvir, eu falei com você.

— BELATRIX! — ele gritou de repente, virando-se para me encarar e andando apressadamente em minha direção. — Eu não tenho interesse em continuar com você, eu vou me casar em breve com uma mulher mais adequada. Não é sobre a sua idade, de onde você veio ou as vezes que eu te fodi. É sobre ela, quem ela é e como ela é mais preparada para ser minha esposa do que uma menina que brinca de cantar na floresta! Pensa que significou alguma coisa termos passado essas noites juntos? — Ele sorriu. — Eu passei noites melhores com outras mulheres que não eram você

— Eu sei o que vivemos.

— O que nós vivemos — ele gritou no meu rosto. — Foi um passatempo, eu sou o rei de Londres! A única coisa que provei tendo você em minha cama noites seguidas foi que eu poderia conquistar até mesmo a virgem menos improvável do castelo!

Quando ele terminou de falar, lágrimas escorriam por meus olhos e meu coração batia tão acelerado que eu senti uma dor visceral me dominar. Korian não tinha ideia do que acabara de fazer comigo. Tendo passado uma vida toda rejeitada, quando eu resolvi abrir meu coração e confessar o quão importante ele era para mim e que eu estava apaixonada, eu não imaginei que seria tratada tão cruelmente.

Controlei meus soluços para conseguir falar sem me humilhar mais.

— As pessoas têm razão quando falam de você. Você é um monstro e a única coisa com o que se importa é em espalhar o caos pela cidade. Você não liga para os sentimentos de ninguém e não liga para quem se importa com você. — As lágrimas que nublavam meus olhos escapavam sem controle. Eu respirei profundamente e me aproximei dele ainda mais do que já estava perto. — Lembre-se quando estiver em noites solitárias e qualquer corpo não te consolar que eu estava disposta a dar para você todo amor que não recebi na vida e você me fez sentir como se eu fosse nada. Quando você pensar que está sozinho se lembrará do meu rosto agora, enquanto eu lhe implorava para que falasse comigo e admitisse o que sente. Eu não queria o rei Gatsby, eu queria o Korian, o homem que me abraçou em noites sombrias e me fez sentir como se eu fosse a única mulher no mundo. É uma pena que esse homem seja uma farsa. Tudo o que me faz sentir agora é pena por quão miserável será pelo resto de sua vida.

Eu ouvi sua respiração pesada em meu rosto, mas não me importava.

— Seja feliz com sua nova esposa e eu espero que ela te faça sorrir como eu fiz, e te faça sentir algo além desse vazio.

Eu dei dois passos para trás e vi quando o encarando nos olhos, ele ameaçou dar um passo à frente.

Eu parei. Ele parou, mas era isso. Korian não ia seguir os meus passos. Ele não ia atrás de mim.

O que quer que tivesse feito Gatsby ser o Gatsby, era muito maior do que eu e o quanto eu queria amá-lo. Ele nunca deixaria e

por isso eu precisei me lembrar de um conselho de minha avó, eu não podia ficar onde não me cabia, não podia estar em um lugar em que meu coração era mais ferido do que amado e se Korian não entendesse, isso nós realmente não tínhamos nada para fazer juntos.

— Adeus, senhor Gatsby.

Eu saí sem olhá-lo uma última vez.

Corri para o quarto, escrevi uma carta para Nahati dizendo que eu tentaria falar com ela em breve, mas precisava deixar a casa. Arrumei minha pequena bolsa de pano e saí pelo portão dos fundos, escondendo-me atrás das árvores para que ele não me visse. Não que fosse fazer alguma diferença, já ele não viria atrás de mim.

CAPÍTULO 31

BELATRIX D'LAVEY

Segurando o choro, ignorando a dor que quase me fazia desistir de continuar caminhando e tentando me convencer de que a tristeza um dia iria embora, eu caminhei perto do muro seguindo o caminho que fiz com Killian e Nahati quando chegamos ao castelo pela primeira vez. As ruas estavam movimentadas, pois era cedo e as pessoas faziam compras, levavam as crianças à escola, apenas mais um dia normal. Ou pelo menos era, até que tudo mudou.

Quando um carro parou ao meu lado de repente e abaixou a janela eu vi Paul. Eu nunca tinha tido muito contato com o homem, mas sabia que ele era próximo de Korian ainda que já os tivesse visto brigar algumas vezes. Eles eram família.

Ele tinha os cabelos claros, olhos castanhos e me passava uma sensação estranha, mas eu parei quando falou comigo de qualquer forma.

— Ei — sorriu —, está indo fazer compras para Korian?

— Não, senhor.

Ele sorriu mais.

— Precisa de uma carona para algum lugar?

Eu pensei um pouco, mas decidi não aceitar. Se Korian tinha dificuldade em confiar nele, mesmo o conhecendo a vida toda, por que eu deveria logo de cara? Ele pareceu notar a minha hesitação e encostou um pouco mais na calçada, desligando o carro.

— Vamos lá, estou vendo que você parece indecisa, será que Korian falou algo sobre mim?

Se ele soubesse o quanto eu queria chorar cada vez que dizia ou pensava no nome de seu primo, evitaria citá-lo.

— Na verdade, não, quase não falamos sobre outras pessoas.

Quase não falamos sobre nada. Aquele era o grande problema, não era?

— Eu não vou obrigá-la a entrar no carro — ele olhou para minha mala pendurada no ombro —, mas imagino que agora você esteja precisando de um amigo, eu posso ser esse amigo.

— Eu não te conheço.

— São assim que as amizades se iniciam. — Ele riu. — Duas pessoas que não se conhecem passam a se conhecer. Korian parece se importar com você, o que eu faria sabendo que teria que enfrentar a fúria do rei Gatsby? — Seu tom zombeteiro não me surpreendeu, ele sempre dava um jeito de tentar provocar Korian quando estavam no mesmo lugar.

Na verdade, que mal faria?

Olhei ao redor sabendo que ninguém mais estaria disposto a me ajudar e tendo saído com apenas poucas economias, eu não podia me dar o luxo de pegar um carro ou desperdiçar o dinheiro da passagem para a América, se é que eu conseguiria chegar lá.

— Você sabe como eu poderia chegar nos Estados Unidos? — perguntei.

— Não só sei como, mas posso levá-la até lá. O que acha?

— Mas não é perto.

— Ah, é mais perto do que você imagina. — Ele sorriu. — Ou se você se sentir mais confortável eu posso levá-la até a estação mais distante de Londres e de lá segue seu caminho.

— Eu não sei se tenho dinheiro suficiente.

— Eu tenho.

Neguei de imediato.

— Não, eu não posso aceitar.

— Você trabalhou no castelo. Foi você quem fez tudo aquilo com o jardim antes dele ser queimado, inclusive sinto muito que isso tenha acontecido.

— Eu também.

Meu coração doeu por algo além de Korian. Minha Cercei, meu jardim e meus amigos que eu deixava para trás.

Eu bocejei, incapaz de segurar.

— Deixe que eu te levo, Belatrix. — Paul sorriu com gentileza. — Você está exausta. — Ele não parecia um homem ruim como Korian o via, mas, ainda assim, eu não conseguia confiar plenamente e senti que devia ficar esperta. — Você trabalhou e merece receber o pagamento, considere isso como Korian te pagando. Eu vou cobrar dele depois e você já deve saber que ele tem mais dinheiro do que poderia gastar. Uma pequena quantia para levá-la ao seu próximo destino não fará diferença.

— Acho que você está certo.

Num ato de coragem, eu subi no carro. Paul seguiu e eu observei as ruas, desejando ver algum dos meus amigos para poder dizer adeus.

— Então, ele sabe que você se foi? — perguntou de repente.

— Na verdade, não, quer dizer... eu imagino que desconfie porque vai se casar e me contou isso hoje.

— Ah, ele te contou?

— Sim.

— Vocês têm algo, não é?

Era tão fácil perceber? Eu jurava que escondíamos bem.

— Não, nós — hesitei, ficando sem jeito, mas Paul parecia tentar me deixar confortável de todas as maneiras.

— Korian é um homem difícil, sei disso, pois vivo com ele a vida toda.

— Acho que ele já passou por muito e isso impede qualquer pessoa de levar uma vida normal ou se relacionar normalmente.

— Você não precisa encontrar desculpas para ele, Belatrix. — Ele me viu bocejando novamente e deu risada. — Por que não descansa um pouco e quando estivermos chegando lá eu te acordo?

— Acho que prefiro ficar na estação.

— Eu te acordo quando estivermos perto, confie em mim.

Eu tive um rápido surto de coragem quando deixei de pensar e assenti, o que eu tinha a perder?

Korian não me queria mais e eu estava tão apaixonada por ele, eu o amava tanto, que se não saísse de Londres encontraria uma forma de ficar perto dele apenas para ver seu casamento dando errado e ele voltando para mim. Eu sabia que aquilo não era o que minha avó imaginava quando eu crescesse e quando ela me falava sobre almas gêmeas estava falando de alguém que devia me amar incondicionalmente e se estava me machucando, ele não foi feito para mim

— Eu confio. Vamos embora.

Ele sorriu.

— Ótimo. Será rápido.

O balançar do carro em estradas íngremes começou a me deixar sonolenta, mas eu me esforcei para continuar acordada. Paul

me olhou após quarenta minutos de estrada enquanto eu ficava com a cabeça indo e voltando, mole e me tranquilizou.

— Nós ainda temos um longo caminho pela frente, se você quiser pode dormir. Eu vou acordá-la um pouco antes de chegarmos lá.

— Eu acho melhor não, Paul, não quero parecer folgada.

— Você não parece folgada, nem um pouco, eu praticamente tive que implorar para que me deixasse ajudá-la. Não é melhor dormir aqui no carro comigo sabendo que não vou me aproveitar de você do que esperar para dormir no trem quando estiver rodeada de desconhecidos?

— Eu refleti sobre isso.

— Sim, eu acho que sim.

— É até melhor assim, você não vai ficar cansada e pode prestar atenção na viagem. Eu imagino que essa partida está sendo difícil. Korian nunca disse nada, mas eu sei que vocês eram próximos, todos no castelo sabiam.

— Você sumiu nos últimos dias.

— Sim, Korian me mandou voltar a Liverpool. Ele queria mandar Killian, mas começamos a desconfiar que ele não era tão fiel aos Gatsby quanto dizia.

— É mesmo? — A informação me chocou. Eu não podia imaginar Killian, que salvou a mim e Nahati tantas vezes traindo o

irmão. Acho que eu estava tão presa a Korian que me perdi de todo o resto da casa. — Espero que não seja verdade. E você, planeja voltar para o castelo um dia?

— Talvez — falou vagamente. — Acho que vou viajar um pouco mais, quero voltar com boas informações para o Korian. Ele quer expandir os negócios.

— Oh, aposto que ele vai conseguir.

— Aposto que sim, não há nada que o rei não consiga, não é mesmo?

O sorriso em seu rosto me enviou calafrios, mas Korian já havia me dito brevemente que não confiava em Paul, porque tudo que ele mais desejava era tomar seu lugar. Talvez fosse apenas inveja, eu não entendia como ele podia invejar seu próprio sangue, mas não era mais da minha conta.

— Sua mão dói? — perguntei ao ver que estava enfaixada.

— Não mais.

Encostei-me no banco, decidindo deixá-lo dirigir quieto. Abracei minha mala no colo e fechei os olhos.

— Paul?

— Sim?

— Eu posso confiar em você?

— Não vou tocar em um fio do seu cabelo.

— Ok.

Korian não confiava nele, mas e daí? Eu confiei em Korian e deu no que deu.

Era hora de começar a ignorar um pouco os meus instintos que talvez fossem até paranoias. Fechei meus olhos e sabia que o sono logo, logo me alcançaria.

ϟ

Eu acordei com uma forte pancada na cabeça.

A dor irradiou pelas minhas costas e minha perna, foi quando eu abri os olhos e percebi que estava jogada no chão. Tinha um celeiro grande à minha frente e uma casa maior um pouco distante. Havia várias pessoas ao redor e todos pareciam me observar.

A porta do carro ao meu lado bateu fechada e então vi os pés se aproximarem de mim. Ao erguer os olhos, eu vi Paul se abaixando ao lado de minha cabeça.

— Antes que você me acuse de algo, eu disse que não tocaria em um fio do seu cabelo, mas não posso dizer o mesmo sobre eles. Essas pessoas estão te procurando há muito tempo, bruxa.

— O quê? — sussurrei, tentando me levantar.

Uma mulher se aproximou de mim abaixando-se ao meu lado perto de Paul e passou a mão por meus cabelos.

— Belatrix, a líder das fugitivas. Eu pensei por um momento que nunca mais iríamos encontrá-la.

— Eu trouxe um bônus — disse Paul. — Foi difícil, mas acho que tirei a última escrava viva da cidade.

Ele deu a volta e abrindo o porta-malas do carro puxou alguém que estava enrolado num lençol imóvel.

— Oh, meu Deus.

Tinha uma pessoa morta conosco o tempo todo e eu não percebi?

Paul ajeitou seu paletó e as abotoaduras antes de tirar uma faca de trás das costas e começar a rasgar o lençol, eu fiquei imóvel esperando o que aconteceria a seguir. Foi quando uma outra mulher mais jovem se aproximou e jogou um balde de água, então se abaixou e começou a dar diversos tapas no rosto da pessoa deitada que eu ainda não conseguia ver.

— Traga algo para que eu a acorde.

— Eu tenho aqui — a jovem falou. A mulher mais velha perto de mim jogou o pequeno pacote para ela.

Eu não conseguia ver o que estava acontecendo lá atrás.

— Quanto você deu pra ela? — a mais velha perguntou a Paul com raiva.

— Eu precisei dopá-la de verdade, ou a bruxa ia começar a querer sair do carro. Eu não tenho como cuidar de duas loucas ao mesmo tempo.

Eu ouvi um grito de repente que me pareceu estranhamente familiar, tentei me arrastar pelo chão, mas a bota de um homem cravada em minhas costas me impediu.

A mais velha foi até lá e com a ajuda da mais nova conseguiu arrastá-la pelos braços até meu campo de visão. Quando a jogaram em minha frente e ela levantou o rosto, meu coração parou.

— Nahati — sussurrei e tentei mais uma vez me arrastar até ela.

Seria impossível devido ao homem que me prendia ao chão. Ela me fitou com olhos que por um momento brilharam com esperança.

— Trix.

— Nós vamos ficar bem — falei, mesmo sem ter certeza daquilo e por incrível que pareça, ela sorriu. A lágrima silenciosa escorrendo por seu rosto foi algo que eu não gostei de ver e quando ela sorriu e me fitou com olhos serenos, eu temi que tivesse se perdido totalmente as esperanças.

— Você se lembra quando me contou sobre almas gêmeas? — Eu assenti. Eu não sabia porque estavam deixando que conversássemos, eu nem sabia onde estava, apenas que Paul me enganou.

— Eu me lembro.

— Gatsby pode ser a sua, mas acho que você era a minha e eu não precisava me casar ou ser apaixonada para saber disso. Você foi minha alma gêmea e eu agradeço por ter me mostrado mais amor do que eu conheci em toda vida.

As lágrimas molhando meu rosto não paravam de cair, eu sentia que a qualquer momento o chão seria tirado dos meus pés. Não estava preocupada em morrer, não, mas se aqueles eram caçadores de bruxas que me perseguiram de Salém até Londres, eu não me importava de me juntar à mamãe e vovó.

Mas Nahati... ela esteve sozinha e com medo a vida toda.

— Eu não estou com medo agora — disse ela.

— Precisamos mesmo ouvir essa conversa fiada? — Paul perguntou.

A mulher mais velha me fitou por um momento.

— Como você machucou o seu olho?

— Defendendo a preta. — Paul encolheu os ombros.

A mulher balançou a cabeça.

— Bruxas deveriam passar pelo sacrifício purificadas e por sua culpa — ela falava com Nahati. — Ela não poderá ir em paz! Você sabe o que fazer, Leona.

Antes que eu pudesse tomar uma respiração profunda, um suspiro, ou olhar para os olhos vivos de Nahati uma última vez, tudo aconteceu.

Eu observei em silêncio completamente aturdida o que ia acontecer. A moça mais jovem aproximou-se de Nahati, e então, cravou uma faca em sua barriga.

— NÃO! — gritei com o fundo da garganta, mas ninguém pareceu me ouvir. — NAHATI!

Esperei para ver dor no rosto de minha amiga, esperei que ela me desse um sinal de que tudo ficaria bem, mas não foi possível. Quando a faca foi retirada, o sangue manchou sua roupa.

Um.

Dois.

Três segundos.

Foi o que ela se manteve em seus joelhos antes de cair para trás.

Eu não precisava que eles me dissessem e não me foi dada a chance de chegar até ela para me despedir, eu não podia acreditar que Nahati, a menina que teve tanta esperança, que acreditou em mim nos momentos mais impossíveis, estava sendo levada pela minha culpa.

— Não. — Chorei enquanto era erguida e levada. Eu nem sabia para onde, não me importava.

Lembrei-me de seu sorriso, suas risadas, os abraços e as palavras de conforto que trocamos.

Todos ao meu redor morriam. Vovó, mamãe, minhas primas, minhas amigas e agora Nahati.

Eu agradeci por um momento, enquanto chorava e sentia meu coração ser rasgado no peito, era por não estar mais com Korian, assim ele não correria os riscos que eu trazia.

Mais quatro garotas da minha idade foram jogadas ao meu lado.

A mulher mais velha que parecia comandar tudo que estava acontecendo arrancou nossas roupas com a ajuda da garota mais nova que tinha matado Nahati e um outro homem jovem e forte como Sam.

Paul estava observando de longe, mas não tirava seus olhos de mim. Eles nos olharam em todos os ângulos. Analisaram nossos corpos e cabelos, antes de nos mandar sentar novamente.

— Responda-me. — Um tapa foi desferido em meu rosto.

Eu não conseguia parar de pensar em Nahati, lembrar de seus olhos cheios de amor, seu rosto sereno...

— Você sabe o paradeiro das outras meninas que fugiram de Salém com você?

Engoli em seco.

— Eu fugi sozinha.

— Eu não acredito.

Era verdade, mas eu não diria mesmo se soubesse.

— Eu daria tudo para saber e encontrá-las, mas não sei!

A mulher me observou atentamente.

— Não está mentindo para mim, está?

— Ela não mente. O dono a treinou bem.

A mulher riu.

— O dono é Gatsby, e veja só, o que é que o rei está fazendo por você agora? Bebam isso. — Eles nos deram copos de barro com um líquido escuro dentro.

— O que é isso? — a última da fila perguntou. Ela levou um tapa tão forte no rosto que caiu em cima da menina que estava ao seu lado. Elas se ajudaram a levantar rapidamente.

Ela foi a primeira a beber sem dizer mais nada.

Eu olhei para dentro do copo, sabendo que se eu quisesse ter alguma chance de escapar precisaria fazer como mandavam.

Fechei os olhos e me concentrei no que precisava.

Fique viva.

Fique viva.

Sobreviva.

Tomei a bebida em cinco goles rápidos e imediatamente meu estômago tentou expulsar. A mulher mais velha se aproximou de mim e tapou minha boca, impedindo-me.

— Você vai beber o sangue de suas *irmãs*. Elas são as próximas.

Eu passei a mão em meus lábios e quando olhei, meus dedos estavam manchados de vermelho.

— Caralho — disse Paul, parecendo enojado. — Você lhes deu sangue? É de animal pelo menos?

— Sangue humano para que morram com sangue puro e sem pecados. Assim, terão a chance da salvação.

— Vocês são um bando de malucos — Paul disse ao abrir a porta do celeiro e sair. — Eu estou cercado de loucos do caralho.

— Comece a acender as chamas — ela ordenou.

— Vamos levar essas?

— Não, as outras três vão primeiro. Elas já beberam por tempo para que o sangue as purificasse.

— Não fizemos nada de errado! — uma das garotas falou.

— Cale a boca, bruxa! — a mulher gritou. — Eu farei esse favor e vou purificá-la de seu mal!

— Não há mal em mim, há mal em você. Que tipo de pessoa faz alguém beber sangue?

O choro das garotas era audível.

Nahati.

— Eu tenho meus propósitos e o senhor está comigo nessa batalha. Se eu vivo, vivo por ele. Se eu morro, morrerei para ele.

Eles saíram, deixando-nos sozinhas.

Alguns minutos se passaram, então horas, e de repente, eu comecei a perder o sentido, sentindo-me cansada. Mas não desistiria de pensar em uma forma de sair dali.

Era melhor do que morrer pelas mãos daquelas pessoas.

Eu não podia acreditar que estava destinada ao sofrimento, viver sem minha liberdade e incapaz de aproveitar minha vida com amor.

— De onde você é? — eu ouvi a garota ao meu lado perguntar.

Engoli e me esforcei para responder.

— Salém. Eu vim parar em Londres pensando que não me encontrariam aqui.

— Eu também. Sou de Nova Orleans, lá caçam pessoas negras principalmente, mas o Quarter foi invadido e eu consegui fugir, porém minha família não teve a mesma sorte.

— Por que estão fazendo isso? — outra perguntou.

— Acho que jamais seremos capazes de compreender como pessoas comuns conseguem — a última da fila, de cachos ruivos desabafou — cometer esse tipo de atrocidade em nome de algo que nem sequer realmente fala com eles.

— Como sabe que não fala? — perguntei. Seus cachos ruivos balançaram conforme ela virou para me olhar nos olhos.

— Eu acho que alguém mágico como Deus não falaria com alguém tão ruim. Corações bons se encontram. Mas corações ruins ficam sozinhos para sempre.

— Por isso fazem o que fazem — a garota do meu lado disse.

— Porque não tem amor — sussurrei.

CAPÍTULO 32

KORIAN GATSBY

Eu acelerei meus passos até o jardim onde Mabel me esperava. Da janela do escritório a vi chegando e rapidamente desci para encontrá-la. Sam estava logo atrás, e em seu rosto, uma expressão familiar de quando precisava me dar notícias ruins.

Em seguida, para minha surpresa, George surgiu pelos portões com o alfaiate.

— Esse velho desgraçado — murmurei, pois era agora que eu mataria o filho da puta.

George o empurrou, fazendo com que caísse na grama. O homem tentava ficar de pé por todo o caminho até chegar a mim, mas meu capanga dificultava sua missão. Finalmente o alfaiate teria o que merecia pelo que fez com Belatrix.

Coloquei a mão no peito ao lembrar dela, sentindo uma culpa esmagadora pelo que fiz. Talvez ela nunca entendesse, mas eu simplesmente não podia deixá-la sonhar com um futuro comigo quando eu já estava tão fodido. Não podia oferecer nada de bom a ela, e Belatrix não era o tipo de mulher que se contentaria com dinheiro, roupas e luxo.

Ela queria meu coração, e isso, eu não poderia dar.

Mabel foi a primeira a me alcançar.

— O que aconte… — ela me interrompeu, surpreendendo-me com um abraço apertado.

Ao contrário das outras vezes que eu permitia o carinho vindo dela, não senti paz e ela não tentou me acalmar como

costumava fazer. Eu a afastei para olhar seus olhos. Havia um tormento maior do que o meu nas íris brancas.

Sem tirar os olhos dos meus como se pudesse me ver fisicamente, não só sentir – como era a realidade, Mabel segurou meu rosto com as mãos calejadas.

— Chegou o seu momento de ser forte. Mais corajoso do que nunca e abrir os olhos, porque você já recebeu o que procurava, mas está prestes a perder.

Sua introdução fez meu coração disparar, mas não de um modo bom.

Eu coloquei minhas mãos sob as dela.

— Desde cedo tive um pressentimento ruim, nem sequer dormi. Passei a noite pensando em…

— Belatrix.

O fato de Mabel dizer o nome dela sem saber de nossa discussão piorou a sensação presente em algum lugar em mim.

— Algo está estranho, Mabel. Eu não sei se é o meu peito, meu coração ou a porra da minha cabeça. Eu estou ficando louco?

— Você não está louco, meu menino, essa sensação lhe é desconhecida, mas é normal. É o que sentimos quando estamos…

— Ela não está no castelo, — eu a interrompi, se começasse a pensar em sentimentos que nunca conheci, não seria capaz de me concentrar no que quer que ela tinha se dado ao trabalho de ir até lá me dizer — ninguém a viu. O que você sabe, Mabel?

Belatrix não era o tipo de mulher que faria drama ou uma grande cena por ter sido rejeitada. Eu nunca conversei com os empregados, para mim, eram móveis do castelo, mas de repente me peguei levantando da cama antes do sol nascer e batendo de porta em porta questionando sobre ela.

Quando ninguém a viu, e a única notícia que encontrei foi um bilhete em uma das camas de seu quarto sem garantias, aquela sensação que me fazia queimar voltou. Era mais forte e mais perturbadora do que foi mais de duas décadas atrás.

— Mabel, me diga o que está acontecendo. O que você vê? — Eu não queria começar a gritar e me enfurecer com a mulher que nunca fez nada além de cuidar de mim, mas não saber se Belatrix estava segura me tirava do eixo.

— Eu vejo dor — ela balançou a cabeça, fechando os olhos — vejo tormento e desesperança. Você precisa agir, Korian Gatsby.

— Senhor.

— Agora não, George. Mabel…

— Senhor Gatsby — Winsley chamou, ajoelhando-se aos meus pés.

— Não me toque! — Chutei seu queixo, fazendo com que me soltasse — Se está aqui para falar de sua escrava perdida, eu terei prazer em matá-lo apenas por sua insistência!

— Eu vim, meu senhor — o rosto vermelho e molhado de lágrimas se contorceu, o corte da minha bota fazendo a boca inchar me fez imaginar como seria quando eu estivesse fazendo-o sofrer para vingar Belatrix. — Mas vim alertá-lo e com isso, espero conseguir não só o perdão e sua confiança, senhor, mas também que o senhor traga a minha Nahati de volta!

— Então, agora resolveu usar o nome dela? — eu o segurei pelo colarinho e puxei para perto — Desembuche! O que está acontecendo? Ele tem algo a ver com isso? — perguntei a Mabel.

— Sim, meu menino.

— Alguém me diga que porra aconteceu com Belatrix! — me enfureci, gritando no rosto do velho imundo que chorava como uma criança orfã.

Quando todos ficaram parados me olhando e ninguém dizia nada, o céu escurecendo acima de nossas cabeças era apenas um sinal do meu humor e de como ele estava prestes a ficar ainda pior.

— Belatrix precisa de você — disse Mabel, segurando um dos braços que eu usava para manter Winsley erguido — Sua estrela está prestes a se apagar, meu querido.

— Eu não tenho tempo para seus enigmas, Mabel — rosnei entre dentes.

— A bruxa foi levada, meu senhor — Winsley confessou quando eu o soltei, apertando os olhos fechados.

— Isso é impossível, ela estava aqui ontem.

— Eu sei onde eles estão, basta o senhor me prometer que eu…

Não o deixei terminar a frase, avançando em sua direção, fui parado pela voz de Mabel.

— Korian! — Eu via seus lábios se mexendo, mas não era normal, não era como se estivéssemos ali. A voz parecia distante, profunda no meu ouvido e ecoava como se fosse a única coisa que eu podia ouvir no mundo. — Você vai sentir o que ela está sentindo agora, querido, use isso para recuperá-la e trazê-la de volta aonde ela pertence.

Como se estivesse em outra realidade, voltei em mim e Mabel segurou minhas mãos. Confuso, a fitei como se fosse matá-la. Ela não via que eu precisava de informações para ir buscar Belatrix?

Mas então meus dedos começaram a esquentar, subindo para a palma das mãos e meus cotovelos, até que todo o meu braço formigava, assim meus ombros e pescoço. Quando atingiu as costas, eu senti uma queimadura tão forte que meus joelhos fraquejaram derrubando-me no chão. Logo em seguida, junto a um

grito do fundo da garganta, meu peito, barriga e pernas começaram a queimar. Eu fitei Mabel com desespero.

— Mabel, — gritei — pare com isso!

— Você precisa sentir o que ela está sentindo para que deixe suas vinganças de lado por um momento e vá salvá-la, menino!

Ela finalmente parou quando eu tinha lágrimas nos olhos e a angústia mais presente que já senti em minha vida. As emoções ameaçando me devastar eram maiores do que as que já senti anos atrás.

— Sentiu as aflições de Belatrix para que se apegue a isso e chegue até ela, meu menino. Eu sempre amei você, mas você precisa deixar que te devolvam esse amor. Isso começa impedindo que a alma boa daquela garota seja levada desse mundo.

Eu sabia que tinha fodido tudo a ponto de talvez não tê-la de volta, mas mesmo com aquela possibilidade tão próxima, eu não podia aceitá-la.

Nunca mais olhá-la e ver em seus olhos meu mar em fúria fitando-me com olhos de prazer, de desejo, de raiva como eu adorava… eu simplesmente não suportaria viver. Seria pior do que qualquer coisa que enfrentei com dez ou trinta anos.

Eu jamais superaria a perda da minha estrela.

— Eu não posso perdê-la — falei em voz alta, sentindo-me zonzo, olhei para os rostos abatidos de Sam e George, que tinham se afeiçoado a ela. Embora eu não gostasse do carinho que Belatrix os devolvia, sabia que contaria com eles para salvá-la não por suas obrigações em me servir, mas porque já a reconheciam como sua rainha. — Onde — tomei fôlego e me levantei — onde ela está? — perguntei cegamente.

— Esse senhor me procurou hoje. Ele foi até o bar dizendo que tinha informações sobre onde suas escravas estariam sendo

levadas. Lorde Winsley foi convidado a assistir o enforcamento de bruxas fugitivas não muito longe daqui.

Eu virei minha atenção para o homem caído no chão.

— Onde. — Não foi uma pergunta, foi um ultimato e ele não tinha escolha a não ser me dizer a verdade.

Conhecia a minha fama, os meus propósitos e do que eu era capaz.

— É uma casa de campo escondida por trilhas e árvores grandes ao leste, meu senhor, com a fumaça das cruzes em chamas será impossível perder.

— Belatrix será enforcada? — minha voz fria poderia ser capaz de congelar o inferno, e Winsley sabia disso. Todos os presentes sabiam.

— Sim, querido — Mabel me confirmou de olhos fechados e com o rosto banhado em lágrimas — de fato, eu acho que nesse momento ela assiste irmãs sendo queimadas.

Eu fitei winsley novamente.

— Isso é uma armadilha?

— Não, não meu senhor! — ele implorava com os olhos que eu acreditasse.

— Então, porque você viria até mim para me contar isso sabendo que eu lhe mataria no mesmo segundo?

— Eu ia assistir, meu senhor. Quando disseram que era o julgamento de Belatrix e outras bruxas, eu achei que ela merecia, pois levou minha Nahati de mim. Mas quando Paul me disse que Nahati também teria um castigo eu não sabia o que fazer. Eu sabia que tinha que arriscar minha vida e tentar conseguir ajuda com o senhor para salvá-la.

— Paul te disse?

— Sim, senhor, Leopold está com eles. O pagam para que ele rastreie bruxas e escravas que se escondem na civilização e as leve até eles.

Eu segurei Winsley pelos ombros.

— Korian — a voz de Mabel invadiu minha mente outra vez — ela precisa de você.

Eu engoli meu ódio e engoli minha sede de vingança.

— Tudo o que é para você eu vou guardar para Leopold e dar a ele quando minha estrela estiver segura, mas você também terá o que merece, ainda que seja rápido.

Subi minhas mãos de seus ombros para o pescoço, então as bochechas, e quando pressionei firmemente entre as palmas, deslizei os polegares pelas sobrancelhas.

Ele chorava sem parar, repetindo “perdão”, “perdão”, “perdão”.

Eu não tinha perdão para dar. Eu não era Deus.

— Winsley — falei baixo — olhe para mim.

Quando ele abriu os olhos, eu mirei a ponta de meus dedos em suas íris e afundei. O primeiro grito foi um sopro de ar puro em meus pulmões, mas eu ainda não conseguia respirar.

Senti a córnea e a íris rasgando com a invasão de meus dedos, liberando a passagem conforme eu senti o cristalino rachar. Sorri com a realização de que se eu pudesse, enfiaria meu pau em seu nervo óptico.

— Se houvesse tempo…

Eu queria ouvi-lo gritar de horror e dor e medo até que sentisse seu crânio.

— Ele está se mijando, Gatsby — ouvi a voz de Sam de longe.

Quando seus olhos se tornaram um buraco preto, eu o deixei cair no chão. Ele era uma bagunça de sangue e gritos desesperados. Sam puxou a arma do coldre e apontou.

— Não — ergui a mão — deixe. Ele vai sentir dor até morrer, assim talvez entenda um pouco do que Nahati e Belatrix passaram.

Eu me virei para Mabel, que estava de costas para a cena que acabara de acontecer e dei um beijo em sua testa. Minhas mãos sangrentas mancharam seu rosto. Ela estremeceu.

— Obrigado — sussurrei.

— Sempre, querido, ela é uma de nós.

— Ela é minha.

CAPÍTULO 33

BELATRIX D'LAVEY

— Eles vão nos queimar vivas — ao ouvir o sussurro de Ocean que se misturava com o crepitar das chamas, eu tirei meus olhos das cruzes queimadas e agora vazias e a observei.

— Eles se revezam entre enforcar e queimar?

— Quando estão com tempo livre, enforcam — Aurora respondeu.

— E queimam quando estão com fome — Marsala completou.

Nós observamos com os estômagos vazios de tanto vomitar cada um deles sentados em troncos em frente ao celeiro. De garfo e faca, comiam a carne queimada das minhas irmãs após nos obrigarem a assistir seus assassinatos.

O cheiro dos corpos queimados não se dissipava no ar, estava impregnado em meu nariz. A lembrança de seus gritos enquanto ardiam no fogo, o medo e desespero mesmo sabendo que ninguém as salvaria me destruiu.

Eu nunca me senti tão impotente.

Jamais conseguiria tirar da cabeça. Eu não conseguia sequer responder a garota ruiva que insistia em falar comigo. Ocean. Como podia falar com ela sabendo que em breve queimaríamos juntas?

Paul sentou-se junto a eles e piscou para mim antes de se servir, tirou um pedaço da carne que eles fizeram questão de nos deixar saber o nome da bruxa.

Montana. Ela tinha vinte e seis anos e era de Oxford.

A mulher mais velha, Yngra, se levantou e caminhou lentamente em nossa direção.

— Não há bruxaria nesse lugar, apenas a justiça de Deus.

— Por favor — mesmo sabendo que era em vão, eu tentei mais uma vez. Ela me chutou, fazendo-me cair para trás.

— Não perca seu tempo, vocês serão as próximas.

Eu me ergui novamente, ajoelhando na mesma posição quando três homens se aproximaram nos libertando das correntes.

Não!

Ninguém vai comer a minha carne.

Eu não fui feita para isto. Eu era determinada, se consegui escapar de Salem sozinha, me livrei e salvei Nahati de Winsley, podia lutar contra aquelas pessoas.

Eu precisava fugir, parecia fácil, mas eu sabia que não era. Eles ficavam distraídos com facilidade e não andavam armados, mas a força bruta que demonstravam, o tamanho dos homens que nos pegariam em segundos se corrêssemos me dizia para esperar.

Algo me dizia para pensar.

Pense.

Pense.

Pense!

O barulho dos pescoços das garotas estalando invadiu minha memória de maneira fresca, como se estivesse acontecendo agora.

O chiado do fogo…

O barulho das correntes quando elas andaram em fila para seu destino trágico…

Eu não podia aguentar, eu não conseguiria lidar com nem mais um minuto de qualquer tortura que enflingissem sobre mim. Se me matassem, eu não me importaria, mas eu não ia morrer sem lutar, não sem pelo menos tentar conseguir minha liberdade.

— Fique comigo vovó — sussurrei — fique comigo.

Eu olhei para o céu, sabendo que Nahati, minhas ancestrais, bruxas que viveram da terra e da fé no universo estavam me observando e cuidando de mim. Minha avó, minha mãe e tantas mulheres que tiveram aquele destino contavam comigo. Fechei os olhos por um momento.

Inspire.

Respire.

Esvazie sua mente.

Lembre-se de seus mandamentos.

Lembre-se do que te faz viver.

O ar, o sol, a brisa da noite, a fé em coisas maiores do que a vida humana.

— Eu vou correr! — Falei para a garota ruiva ao meu lado.

— Oque?

— Eu vou correr, avise para as outras. Se formos cada uma para uma direção eles terão dificuldades em nos pegar.

— Eles podem não pegar todas, mas se pegarem pelo menos uma, ela sofrerá o castigo de cinco.

— Vão matar todas nós de qualquer forma, não seria bom saber pelo menos uma fugiu desse destino cruel?

— Ocean, você sabe que estou certa.

Ela pensou por um momento.

— Eu sei, mas eu não consigo imaginar como conseguiríamos fugir deles. Eles são muitos.

— Não somos muitas, mas somos o suficiente. Estamos soltas agora, não é? Eles só estão se garantindo na certeza que estamos com medo de revidar, nós surpreender todos e correr. Se cada uma for para um lado, quem conseguir ajuda primeiro volta para as outras.

— Acha que daria certo? — Ela engoliu seco, a esperança brilhou nos olhos.

— Eu não sei, mas não vou ser enforcada e comida por essas pessoas cruéis.

Lembre-se de quem você é.

O sopro em meu ouvido me arrepiou.

— Mãe — sussurrei — consigo ouvir sua voz.

Eu sabia que vovó e todas aquelas que eu tinha em meu coração estavam me ouvindo. Eu me abaixei até estar com minha testa e as mãos no chão, sentindo a grama verde, que não tinha culpa dos pecados daquelas pessoas. Eu queria sugar para mim as lágrimas das garotas que morreram na minha frente, de todas que morreram ali. Queria garantir a elas que seus lugares estavam reservados em um próximo plano.

— Eu sinto muito que isso tenha acontecido. Sinto muito não ter conseguido salvar nem vocês, nem Nahati, mamãe, ou minha avó. — Solucei — E eu sei que não é culpa sua, minha doce mãe natureza. Sei que esses não eram os caminhos que você queria ensinar, mas eles não foram bons o suficiente para te ouvir e entender.

Minhas lágrimas começaram a cair voluntariamente e eu sabia que em breve, eu chamaria atenção.

— Me ajude, mãe. Fale comigo. Me ilumine com ideias de como sair daqui com vida, — eu implorei e implorei — eu não posso deixar que essas pessoas façam comigo e com minhas irmãs o que fizeram com vocês. Nós ainda temos tanto a viver. Por favor, mamãe, por favor.

— Ei! — Um homem gritou ao se levantar. — Oque está fazendo, bruxa?

Eu voltei para minha posição, mas quando ele se virou novamente, eu voltei com minhas mãos no chão, falando com ela novamente.

— Mãe…

De repente, um trovão ensurdecedor nos paralisou, o raio que brilhou no céu anunciando uma chuva poderosa me fez tremer com ansiedade, calor e esperança.

— É você? — sussurrei. Um vento forte jogou meus cabelos para trás, desequilibrando-me. Eu sorri e ri para Ocean. — Você viu? Está sentindo?

Ela assentiu com os olhos arregalados.

— O que está acontecendo?

— Ela me ouviu! Fale para as meninas pedirem ajuda para a Deusa-mãe, diga a elas para colocarem as mãos na grama. Diga para se conectarem com nossos espíritos e os ancestrais. Diga a elas agora!

Eu não parei, e quando vi que todas estavam com as mãos na grama, falando e falando, pedindo, orando e esperando, meu coração ficou ainda mais cheio de fé.

— Eu já disse que vocês têm que ficar quietas! — Um dos homens vinha em nossa direção lentamente com uma arma apontada — Eu não preciso de vocês, cadelas, dificultando meu serviço, só quero uma reunião em paz! — Quando ficamos em silêncio nos negando a cair em suas provocações, ele deu risada, então, levantou a arma novamente e começou a apontar para cada uma de nós — É como fazer tiro ao alvo. Matar a bruxa loira, matar a bruxa ruiva, matar a bruxa branca de neve, matar a bruxa preta ou matar a bruxa feia. Vocês são todas descartáveis, se tem tantos feitiços assim, porque não saem daqui? A bruxaria de vocês não serve para nada!

Seus gritos não nos atingiam, não quando estávamos ligadas a um propósito maior.

Eu vi em câmera lenta quando ele nos virou as costas, e eu jamais avisaria que não devia ter feito isso. Se ficasse de frente para nós, poderia ter se defendido, talvez pudesse até explicar de onde surgiu o grande urso que o atacou no pescoço.

Os gritos foram imediatos. Dele. Da mulher mais velha. De todos.

Menos nós cinco.

O homem caiu no chão morto, e o urso cuspiu metade da pele de sua garganta que havia acabado de arrancar.

De repente, enquanto tentavam fugir, um lobo invadiu o terreno e foi direto para a mesa onde todos comiam segundos atrás. Ele não foi atrás carne de Montana. Não. Ele agarrou o pescoço da garota mais jovem que havia matado Nahati e a massacrou.

A primeira coisa que vi no ar foi sua mão esquerda, a mesma que ela tinha usado pra matar minha irmã.

Os gritos eram revigorantes. Eles não tinham saída, pois, em todas as direções que tentavam escapar, surgia um novo animal para caçá-los.

— O que acabou de acontecer? — Ocean perguntou.

Tentando controlar as lágrimas para que meus olhos não ficassem embaçados demais e eu não pudesse ver a cena à minha frente.

— Nós pedimos e nossa mãe atendeu. Não duvidem nem por um segundo de quem ela é, e também não deixem que façam pouco caso de quem nós somos. Não nascemos mulheres comuns, nós nascemos bruxas.

E ninguém podia nos violar daquela forma.

Enquanto eles corriam, um deles atirou no urso e eu rapidamente corri para vê-lo, ignorando os protestos das garotas de que era perigoso. Por sorte a bala ficou emaranhada em uma bola de pelos e ele nem sequer sangrou.

Ele ficou me olhando com seus enormes olhos redondos e rosnou baixinho. Eu queria lhe fazer carinho, agradecer, mas ele estava em uma missão, então, se levantou como se eu nem estivesse ali.

— Ele sabe o que faz — Falei para os espíritos das mulheres que me acompanhavam. Eu encarei as meninas e acenei — É agora. Corram!

E nós corremos.

Corríamos e corríamos e corríamos…

E quando pensava que não chegaríamos em lugar nenhum, eu vi luzes fortes se aproximando. Nós usávamos túnicas brancas, estávamos sujas, com sangue na pele e na roupa, nossos pés cortados eram a prova de nossa luta.

Quando as luzes se aproximaram o suficiente para reconhecermos carros, eu caí ajoelhada.

Eu tomei fôlego, respirando profundamente antes de me levantar e continuar correndo.

A lua no céu era a prova de que eu não parei de correr, mas então, os carros pararam.

Um homem desceu.

E quando eu o reconheci, percebi que podia parar de correr.

Eu havia chegado em casa.

CAPÍTULO 34

KORIAN GATSBY

Quando avistei Belatrix vindo em minha direção, eu sabia que não importava quem estivesse perto de mim, eu não podia fingir que sua vida era um tanto faz. Ela era tudo e eu estava farto de fingir que não.

Corri para ela como um homem louco, desesperado e que acabava de encontrar água em meio ao deserto. Voltei a respirar, mas eu ainda precisava segurar ela em meus braços para ter a certeza que tudo estava bem. Aquela coisa, a sensação ruim e o medo de perdê-la fazia o meu medo do padre ser nada, se tornava a coisa mais simples que já passei.

Suas mãos em mim, a forma como ele me tocou e me machucou… nada disso doía mais do que pensar sobre o que ela tinha passado durante um dia e uma noite.

Ela correu para mim sem desviar os olhos da minha direção.

Enquanto os meus homens buscavam pelas outras mulheres que estavam com ela e as enfiava nos carros eu comecei a contar.

Faltava apenas um, dois, três segundos.

A batida de seu peito contra o meu me fez recuar dois passos, mas foi o mesmo impacto de viver de novo. Eu segurei seu pescoço para mantê-la grudada em meu peito, e passei a mão por seus cabelos brancos.

— Minha rainha de neve — sussurrei em seu ouvido.

Eu jamais me recuperaria se tivesse perdido Belatrix.

Seus olhos estavam turvos, mas ela me fitava como se não acreditasse que eu estava ali.

— Eu estou sonhando? Eles conseguiram me queimar?

— Não — alisei seus cabelos emaranhados para trás — Não, meu amor. Ninguém vai queimar você, tocar você ou olhá-la novamente.

Ela sorriu de olhos fechados.

— Você está aqui.

— É claro que estou. Onde mais eu estaria?

— Se casando.

Eu ergui os olhos, impedindo que o brilho se transformasse em lágrimas deslizando pelo rosto.

— Como você escapou?

— Eu não sei, não tenho certeza do que vi. Korian, Nahati, Paul e a velha mulher.

Ela parecia delirar, mas eu sabia que estava apenas esgotada. Ela estava me dizendo quem era responsável por tudo, mas pela maneira que sua voz quebrou ao falar da amiga, eu imaginava que seu destino não foi próspero.

— Eu sei, eu sei. Você vai pra casa.

— Eu senti tanto medo — ela lamentou, esfregando o rosto em meu peito — senti tanto, tanto medo que não fosse mais te ver. E eu não posso te ver porque tudo o que toco, eu machuco. Tudo o que chega perto de mim é destruído.

— Isso não é verdade.

Aquilo era verdade sobre mim, mas não sobre ela. Nunca sobre ela.

Lágrimas começaram a manchar seu rosto, fazendo um caminho entre a poeira e marcando a pele.

— Eu não sou boa.

— Você não atrai o mal, meu amor. Você é luz, é a minha estrela que caiu do céu. Quando eu pensava que não vinha nada de lá, quando eu pensava que o mal estava no céu, você apareceu. Eu te esperei por vinte anos — beijei sua testa, seus olhos e sua bochecha — nunca mais te perco de vista, bruxinha.

— Korian — Killian me chamou. E por mais que eu quisesse gritar para que me deixasse em paz, eu tinha coisas a resolver — Há algo acontecendo atrás daquelas árvores.

Belatrix riu.

— Eles conheceram a minha mãe.

Seu corpo estava fraco e ela se deixou cair para que eu segurasse seu peso, vendo que estava segura em meus braços.

Apertei meus lábios juntos, cerrando a mandíbula porque o que eu pediria a Killian era muito mais que dar minha confiança a ele.

— Eu preciso que você a mantenha segura enquanto eu cuido disso.

— Eu quero lutar ao seu lado.

— Lutar ao meu lado não é mais importante do que manter a segurança do meu mundo. Ela é tudo com que eu me importo. Se eu a perder, vou perder tudo, incluindo a minha humanidade. Se eu a perder, Killian, você pode se preparar para ser o novo Gatsby, mas eu vou destruir o seu reino antes de sair. Ainda quer lutar comigo?

— Eu ficarei com ela.

Me permitindo um momento, coloquei a mão em seu ombro.

— Teremos outras mil lutas até o fim dessa vida… irmão.

Ele pareceu ficar sem fala por um momento.

— Eu vou ficar com ela, — ele se inclinou para passar os braços atrás de suas pernas e por suas costas, eu apertei os punhos para me segurar de arrancar seus dedos.

Desviei o olhar e avancei, chamando os homens famintos por sangue atrás de mim.

— Vamos, seus filhos da puta! Vamos derramar a ilha de Londres sobre esses malditos desgraçados!

Cerca de dez homens me seguiram correndo para dentro da floresta, enquanto eu andava devagar, embora eu quisesse matar todos eles fazendo seu sofrimento durar dias, eu tinha um alvo específico a frente: Paul.

Eu não podia sequer dizer que não percebi antes. O jardim queimado, A cruz em chamas no muro do castelo, o meu barco destruído, os dois homens que vigiavam mortos, eu era vivido demais para negar que no fundo eu já sabia que ele era o responsável. E mesmo antes de tudo acontecer eu via que Leopold era o mais propenso a me trair, mas estava pronto para aceitar o desafio de deixar que ele me fodesse até onde quisesse, até que eu me cansasse do jogo e me divertisse castigando-o.

Mas nunca imaginei que ele tomaria Belatrix como alvo.

Nunca mostrei a ninguém que ela estava comigo, não tivemos demonstrações públicas – não que ela não quisesse, fui sempre eu quem negou. Parei no meio do caminho, determinado a voltar, mandar Killian no meu lugar e ficar com ela.

— Gatsby, nós temos que ir — Sam me apressou.

— Eu preciso… eu preciso ficar com ela.

— Ela está bem, Killian está com ela.

— Paul me traiu. Paul é meu primo. Foi Paul — passei as mãos pelos cabelos — Foi tudo ele.

— Gatsby, Killian já podia tê-lo traído incontáveis vezes desde que chegou. Ele não vai levar Belatrix!

— Eu não estou disposto a arriscar a vida da minha mulher por simples confiança.

— Se deixe sentir por Killian como eu me sinto por George. Ele é meu irmão e confio minha vida a ele, sei que quem ele é não permitiria que me traísse.

Eu confiava em Killian?

Talvez o simples fato dele ser o primeiro a quem chamei para ficar com Belatrix respondesse a pergunta.

— Eu tenho que matar Paul e a mulher mais velha que Belatrix falava.

— Então vamos...

— Chefe?

— Gatsby!

Os chamados começaram em tom de urgência vindo dos homens que seguiram na frente.

— Chefe, você precisa ver isso!

Eu corri junto com Sam na direção que tudo aconteceu, mas nós ficamos parados assim que adentramos as árvores e caímos em um grande campo.

— Não dêem nenhum passo a mais — alertei em voz baixa. Ouvi os sussurros quando eles passaram a mensagem e observei.

Formando uma linha dentro do campo, estavam lobos, dois tigres e um enorme urso. As bocas cheias de sangue e os corpos

pelo chão, me diziam o que tinha acontecido.

— Caralho! — Sam xingou ao meu lado — Que porra aconteceu nesse lugar?

— Acho que consigo ter uma ideia. — falei, sabendo que minha bruxinha não seria abandonada pela sua tal mãe natureza.

Aquilo era muito longe do que eu me permitia acreditar, mas me peguei crendo. Me peguei desejando falar com a tal natureza de quem Belatrix tanto falava.

— Como foi que elas conseguiram escapar? — Sam estava quase tendo um colapso de dúvidas.

— Elas não eram alvo.

Não existia a menor possibilidade das cinco mulheres que correram para fora da floresta escaparem com vida, a não ser que – sem nenhuma explicação coerente – os animais a deixassem ir. Até mesmo o pensamento era absurdo demais para considerar.

Os animais selvagens teriam dilacerado seus corpos como fizeram com todos no campo.

— Olhem para todos os corpos — ordenei.

— Mas senhor, eles vão nos devorar um por um.

— Não, não vão.

Antes de seguir em frente, eu desconsiderei qualquer pensamento lógico e me abaixei devagar, tomando uma longa respiração.

Me permiti por um momento esquecer o que aconteceu comigo quando criança, voltar a minha inocência e deixar que meu coração acreditasse. Me permiti um pingo de fé. Por apenas um momento eu encostei as pontas dos meus dedos no chão e fechei meus olhos.

— Obrigado.

Sob os olhares atentos de todos os meus homens, eu me ergui.

— Eu quero que encontrem Paul e a mulher mais velha deste lugar!

— Senhor, não podemos nos mover, eles vão nos matar.

— Não vão.

Eu pelo menos, acreditava que não.

— Gatsby — Sam me alertou quando dei um passo à frente. O urso rugiu, mas eu não parei, eu fui até o primeiro corpo que estava mais próximo e o chutei para ver seu rosto. Estava irreconhecível.

Dei mais uma olhada para cima, conferindo os animais.

O próximo corpo tinha um lobo perigosamente perto, e em sua pata eu vi uma mão, era da mulher que estava na minha frente. Ela estava com a boca escancarada e os olhos arregalados.

Morta. Ótimo.

— Vocês não deixaram um único filho da puta fodido para mim, não é?

Eu não consegui me impedir de gritar ao perceber que se Paul estivesse ali, estaria morto e eu não teria minha vingança.

— Procurem! — Gritei.

— Vamos — Sam os pressionou — Não ouviram o Gatsby?

Meus homens finalmente se mexeram, embora morrendo de medo, eles começaram a revirar os corpos. Os animais um por um se sentaram, olhando atentamente e fazendo barulho, mas nenhum se moveu.

— Isso é surreal — disse Gregory.

— Eu vou contar essa história em uma fogueira — George concordou.

— Encontrei a mulher mais velha! — Sam gritou.

Eu corri até ele e quis socar alguma coisa quando percebi que era ela. Eu nunca a tinha visto, mas por sua aparência, eu imaginava que ela seria a comandante da escória.

Ela tinha a cabeça separada do corpo e uma faca comprida na mão.

— Parece que a faca não te serviu pra muita coisa. Ela é a única velha daqui?

— Se ninguém conseguiu fugir, sim.

— Encontrei Paul! Gatsby, o senhor vai querer ver isso — Ansioso, eu me virei para onde Dipsee apontava. — Talvez não seja bom chegar perto.

Havia um tigre perto do celeiro, atrás dele o brilho de uma fogueira queimava forte e em sua boca, Paul estava pendurado pelo pescoço.

O movimento dos olhos mostrava-me que ele estava vivo. Surpreendente.

— Korian, por favor — a voz era tão lenta e fraca que mal ouvi.

Eu dei um passo à frente, eu estava disposto a matar tigre para tê-lo e fazê-lo sofrer por suas ações.

— Eu não posso deixar que faça isso, senhor — Sam me segurou.

Eu não conseguia tirar os olhos do meu primo e do quão perto eu estava de levá-lo para a casa comigo.

— Basta um tiro.

— Se continuarmos aqui e tentarmos reverter isso, você não voltará pra casa para Belatrix.

— Eu preciso ter ele!

— Eu tenho certeza que ele terá um destino muito pior.

— Impossível, eu lhe daria uma tortura de dias.

— A dor que ele sentirá por alguns minutos será pior, sem contar o medo que o tigre o fez passar todo esse tempo deixando-o pendurado.

Sam estava certo, mas eu não queria ir sem saber que o fiz sofrer pelo o que fez a Belatrix. Porém, e se eu atacasse o tigre e os animais se revoltassem? Eu me mataria e levaria todos os homens comigo. Não que suas vidas importassem, mas eu deixaria Belatrix sozinha.

De qualquer forma, deixei de ter uma chance quando o tigre começou a recuar e cada vez que ele se afastava mais, os dentes se enfiavam na garganta de Paul.

Os gritos do meu primo e o sangue correndo cada vez mais de suas veias começou a chamar mais atenção dos outros animais, e não demorou para um lobo avançar agarrando sua perna e puxando. Eu me conformei que já que aquela seria minha única vingança, aproveitaria até o fim.

Os gritos ensurdecedores de Paul, estavam lavando minha alma, a única coisa que queria, era que Belatrix estivesse ali para ver.

Jamais sairia da minha cabeça o sorriso que eu e meus homens tínhamos no rosto.

Porque a última coisa que Paul gritou antes do tigre e o lobo conseguirem rasgá-lo ao meio não foi “por favor”, ou “Deus tenha

misericórdia”.

Foi algo doce.

Foi “Gatsby”.

CAPÍTULO 35

BELATRIX D'LAVEY

Quando acordei, imediatamente senti o cheiro de ervas, hortelã e alecrim.

Respirei um pouco mais fundo, e então, senti flores do vale. Abri os olhos sem saber o que esperar, mas vi as cores de um lindo girassol, e ao lado, dentes de leão.

Eu nunca tinha dito a Korian que sonhava com dentes de leão, seria possível que além do meu coração, ele também invadisse meus sonhos? Eu me lembrava de um sonho em particular onde ele me resgatava do meu inferno e me levava para estar com ele.

Minha rainha de neve.

Será que realmente disse aquilo?

Pisquei os olhos com força e concentrei-me em acordar, na minha frente e em volta da cama, assim como ao meu lado segurando minha mão e massageando os meus pés, haviam mulheres que pelas pedras nos cabelos, pescoços e mãos eu sabia que eram bruxas.

Uma delas me cobria com folhas.

Na porta, de pé com os braços cruzados e olhos torturados fixos em mim, estava ele. Eu fiz o meu melhor para abrir os olhos completamente e conseguir falar.

— Meu Gatsby.

Todas pararam o que faziam e me observaram.

— Obrigada.

— Oh, até que enfim!

— Obrigada, Deus!

— Graças à divina!

Elas praticamente cantavam gratidão, chegando mais perto da cama, me tocando e sorrindo. Korian se apressou em ajoelhar ao meu lado, segurar minha mão e acariciar meu rosto. Ele tinha olheiras profundas que parecia não dormir a dias.

— Você acordou.

— Eu estava em um sonho lindo.

— Ah, é? — Seus olhos brilharam, eram lágrimas? O meu Gatsby estava chorando? — Pois eu estava em um pesadelo sem fim enquanto você dormia.

Ele me beijou por todo o rosto, alisou meu cabelo e selou nossos lábios.

— Está chorando? — sussurrei — Eu sei que não gosta de demonstrações na frente das pessoas.

Ele riu.

— Eu venho fazendo muitas coisas que não costumo fazer na frente de outras pessoas. Inclusive agradecer a sua mãe natureza.

Eu sorri.

— A velha que matou minhas irmãs se foi, e eu acho que Paul também.

— Sim — ele cerrou a mandíbula.

— Não ficou feliz?

— Teria ficado mais se tigres e lobos não tivessem roubado a nossa vingança. Eu gostaria de esquartejar seu corpo após fazê-lo sofrer por dias, mas acredito que sua mãe natureza decidiu ir por outro caminho.

— Ela sempre sabe oque faz.

— Impedindo-me de ter minha vingança? De faze-lo pagar pelo o que te fez sofrer?

— Você está subindo a voz — passei a mão por seu rosto, dando risada — Controle o seu temperamento na frente das visitas.

— São suas visitas, e você não sabe como eu estou louco para que elas vão embora logo. Me ajude com isso.

— Ignorem-no — eu disse às mulheres nos observando atentamente. — Meu rei, minha mãe não quis tirar sua vingança, ela só não queria que tivesse mais um motivo para pesadelos.

— Eu não tenho pesadelos com meus atos, bruxinha. Você já deveria saber disso.

— Pode não ter conscientemente, mas a escuridão de sua alma assombrada fica ainda mais profunda quando você faz o que faz. Se vinga, mata sem motivos e busca guerras sem razão.

As bruxas olharam pra ele ao meu ouvir.

— Continuem fazendo suas coisas — Korian ordenou.

— Onde encontrou todas elas?

— Procurei por Londres.

— Korian, isso não é possível. Elas se escondem.

— Não quando o rei convoca bruxas, para garantir que sua bruxa vá sobreviver — ele abriu os braços, levantando a voz — E embora você tenha melhorado elas não querem ir embora. Meu castelo virou um caos.

— Como assim não querem ir embora? — eu disfarcei um sorriso, mas sua indignação, misturada com as mulheres não dando a mínima para o que ele dizia era muito difícil de lidar.

— Elas acham que podem ficar — Seu tom era tão bravo que eu não pude evitar começar a gargalhar — Acham que podem se apropriar da minha casa e ficar aqui, acendendo velas e queimando mato!

— Não é mato, Korian Gatsby, — a bruxa mais velha da sala respondeu — já lhe explicamos.

— Ele tem dificuldade de ouvir devido a tantos gritos — pisquei para ela, que me sorriu de volta.

— Eu sou Poshea, e vamos nos apresentar a você, irmã, quando estiver mais descansada.

Eu dei mais uma olhada ao redor, vendo diferentes rostos, até que reconheci um no canto do quarto. A ruiva que estava comigo em meus momentos de tortura.

— Ocean!

— Nós conseguimos, Trix!

O apelido imediatamente fez lágrimas começarem a vazar dos meus olhos ao pensar na minha irmã de alma, agora perdida.

— Korian, — sussurrei — ela se foi. Ela se foi…

— Meu amor? — ele franziu o cenho, tentando me acalmar com suas mãos e conforto.

— Ela se foi — eu repeti — Eu entrei na vida dela e ela sofreu as consequências, e agora todas vocês estão em perigo também. — Eu tirei minhas pernas de onde elas massageavam e empurrei as folhas de cima de mim, e ao me ver desnuda, enrolei-me no lençol da cama. — Eu não posso suportar isso, eu não vou

suportar perder mais uma de vocês, nenhuma e você principalmente.

— Belatrix?

Ele me chamava tentando me alcançar, mas eu não podia. Passei por todas elas sem conseguir olhar ninguém nos olhos com a minha vergonha.

— Belatrix? — Korian gritou atrás de mim, eu não parei, sentindo-me ligeiramente zonza, avancei, mas tive uma parada abrupta assim que saí do quarto.

Em uma cadeira de rodas, eu vi um rosto mais familiar do que a vida sentada, e ela segurava um bebê nos braços.

Eu não sabia se era uma ilusão, se eu tinha corrido, cai da escada e estava em transição para a morte, mas pensamentos não me pararam. Eu apenas corri até ela, mesmo sem conseguir manter meu peso firme sobre as pernas.

Quando enrolei meus braços ao redor dela, eu senti que era real. Não tinha como não ser.

— Você não devia correr assim — ela sorriu.

— Mas eu vi… você… você caiu, e ela… aquela jovem…

— Ela não acertou o lugar ou simplesmente não era minha hora.

Eu chorei feito um bebê em seus ombros, repetindo o quanto eu a amava, o quanto eu tinha sofrido por ela e como estava feliz. Eu morreria se aquilo tudo fosse apenas um sonho.

— Como é que eu ia deixá-la sozinha? Hum? — ela ria e brincava, mas eu só podia pensar em uma coisa.

— É muito bom pra ser verdade.

— Não, não é, apenas não estamos fadadas a sofrimentos eternos. Aceite a vitória, Trix.

Eu olhei para trás, onde Korian estava a apenas alguns passos de mim com os braços cruzados e a mesma feição rígida de sempre.

— Quando é que você vai entender que precisa se recuperar e não deve sair correndo por aí? Principalmente perto da escada! — Sua voz aumentava a cada palavra, até que ele estava gritando.

— Já percebeu como ele grita?

Ela riu.

— Isso é porque você estava dormindo e não viu como foram os últimos dois dias.

— Eu dormi por dois dias?

— Você dormiu por um mês inteiro na porra da minha concepção.

Gatsby avançou e me pegou, levando-me de volta para a cama.

— Eu juro por Deus que não há muito que eu possa fazer agora, mas quando puder, lhe darei uns bons tapas para que aprenda a ser um pouco empática comigo.

— COMO É? — fui eu quem gritei dessa vez.

Ele colocou uma coberta, e então duas e mais uma em cima de mim, dobrando-as até meu pescoço. As mulheres estavam um pouco por cada canto do quarto, observando-nos e embora algumas tivessem expressões fechadas olhando para ele, a maioria sorria assistindo seu cuidado.

— Você me ouviu.

— Eu preciso ser empática com você?

— Eu tenho quarenta anos, Belatrix, não posso mais sair correndo pela casa, você me dará um ataque cardíaco.

Ele estava sendo totalmente exagerado. Eu o puxei pela camisa para perto e falei em seu ouvido:

— Nós dois sabemos que sua disposição vai muito além de uma corridinha pela casa e seu coração está ótimo — o deixei ir e falei normalmente: — E você não tem quarenta anos, tem trinta e oito.

— E você tem dezoito, Deus do céu, não me lembre disso.

— Por que, vai me mandar embora?

— Nunca! — ele rosnou — Na verdade, quando nos casarmos amanhã, eu vou garantir que você nunca mais coloque os pés para fora deste castelo. Não que isso já não esteja garantido, afinal, todo mundo sabe que você é minha. Se alguém, fora o idiota que tentou e acabou morto, tentar de novo… — ele pareceu ficar irritado com seu próprio discurso — Não. Ninguém ousará.

— Korian?

— Ninguém vai fazer nada. Eu vou começar a trancar os portões. Já chega, é isso! A festa no castelo acabou! Aqui só entra quem eu souber, eu quero nomes na lista a partir de agora.

— Korian, com quem está falando?

— Com todos! — Gritou.

Eu estava tendo muita dificuldade em esconder a risada, mas ele estava hilário, completamente descontrolado, eu nunca o vi daquele jeito.

— Então, eu vou me casar com você?

Meu coração apertou em amor e gratidão.

— Você imaginou algum outro destino diferente para nós?

— Bem, você ia se casar com outra mulher.

Ele fechou os olhos com força e encostou a testa na minha.

— Nunca, eu nunca poderia me casar com alguém que não fosse você.

— E porque me disse isso?

— Porque eu tenho questões que não me deixam dormir, e quando você me disse que estava apaixonada por mim e queria me conhecer, eu precisava afastá-la para não te poluir com a minha sujeira.

— E quanto a minha? Acha que posso te poluir com a minha sujeira?

— Você não tem sujeira, é a alma mais pura que eu já conheci.

— E você é o espírito mais maltratado que eu já conheci, — acariciei seu rosto — só precisa ver o quanto está desesperado por luz.

Korian colocou a mão por cima da minha.

— Sorte a minha que uma estrela caiu diretamente no meu quintal, não é?

— Bruxas! — Ele se ergueu após me dar um beijo e bateu palmas, assustando-as — Saiam!

— Senhor Gatsby, não pode ter intimidade com ela. Trix ainda não está completamente recuperada.

A indignação em seu rosto era revigorante de ver. Quem imaginaria Korian Gatsby sendo dobrado – ou quase – por bruxas de todos os cantos de sua própria cidade?

— Mas, que porra! Saia, todas saiam do quarto e você — ele apontou para a que havia dito — saia do castelo.

— Ele está brincando! — eu avisei.

Elas saíram pouco a pouco enquanto eu ria, e Korian me mandou um beijo antes de sair resmungando baixinho coisas que eu nem queria ouvir, mas voltou pouco depois trazendo Nahati.

Killian entrou logo atrás tirando Nahati da cadeira e a colocando ao meu lado na cama. Meu cunhado passou a mão em sua cabeça e piscou para mim.

— Bom te ver, Trix. Agora, as duas descansem.

— Killian — eu o chamei antes que saísse, sorrindo quando virou ao meu chamado — Obrigada.

Ele sorriu e fez uma leve reverência.

Fiquei feliz que não perguntou porque agradeci. Eu tinha uma lista de coisas.

Por ser paciente em conquistar Korian, por cuidar de Nahati quando eu não pude e por sempre estar ao meu lado. Korian me observou por um longo momento.

— Não saiam daqui.

Dando-lhe um sorriso reconfortante, eu mandei um beijo.

— Estarei exatamente onde me deixou, meu rei.

Ele murmurou algo ao sair.

— Só para registro, ele disse “você vai me chamar de meu rei em breve”.

Eu tapei os olhos com a informação de Nahati e ela riu. Quando paramos, nos olhamos por alguns minutos em silêncio.

— Eu pensei que nunca mais fosse te ver.

— Eu sei. Eles me encontraram dentro do celeiro aquele bebê estava ao meu lado.

— Mas você não tinha como estar grávida!

— E eu não estava — ela sorriu — Era de alguma das garotas que morreu. Eu não sei qual delas deu ele para mim, mas acho que a garota pensou que me matou e errou. Eu honestamente não sei o que aconteceu, Trix. Só sei que estou grata. Quando Sam me encontrou e chamou outro dos capangas de Gatsby para ajudá-lo comigo e com o bebê, eu sentia que podia ver aquela luz, sabe? Mas ele ficou me acordando e dizendo que eu não podia perseguir a luz, que não era meu momento e eu tinha que permanecer na escuridão mais um pouquinho.

Meus olhos estavam cheios d'água.

— Ele disse isso?

— Sim, logo o Sam, todo grandão e sério. Pode acreditar?

— Ele é um bom homem.

Nós nos encaramos por um momento, e então, as lágrimas que demoraram a cair começaram a vir com tudo.

— E nome escolheu para o bebê?

— Escolhi. Freedom. Eu tinha ficado na dúvida entre Freedom e Hope, mas acho que ele preferiria ser livre.

Eu concordei.

— Se ele for livre, terá esperança para sempre.

Com nossas mãos unidas, eu me deitei mais perto dela e quando nos abraçamos, eu senti que finalmente, finalmente estava no lugar certo.

Eu já sabia que estava quando acordei e vi Korian, mas vendo tudo que ele fez por mim, eu só pude ter mais certeza. Ele pensava que eu era a estrela que caiu em seu quintal para lhe salvar, mas a verdade era que estávamos ambos perdidos, só esperando o momento de nos reencontrar.

CAPÍTULO 36

KORIAN GATSBY

Quando eu entrei na sala, as dezessete mulheres fitaram-me como se eu não tivesse direito de estar ali.

Sim.

Dentro da porra da minha casa.

Belatrix conseguiu se recuperar em uma semana, e eu estive esperando impacientemente para poder fazer o que planejava.

— As senhoras, madames — Falei ironicamente — tem previsão de irem embora?

Elas se entreolharam e a velha mais rabugenta presente que se tornou a líder do fodido comitê se levantou.

— Korian Gatsby — Poshea começou, a mania irritante que tinha de me chamar pelo nome completo começou dela. Se Belatrix não a adorasse tanto... — O senhor tem pelo menos vinte quartos nesse castelo, por que a pressa?

— Porque é a minha casa e desde que vocês não estão pagando por nada — abri os braços numa clara mensagem.

— Nós somos amigas e irmãs de Trix.

Certo.

Eu não ia discutir com elas. Não agora, não quando a minha bruxinha ficaria furiosa por meu “mal comportamento com relação às suas irmãs”, como dizia.

Eu desci os degraus ficando na altura do chão delas.

— Eu preciso que vocês preparem um casamento. Vejam isso como uma forma de me pagarem por eu estar fornecendo teto, cama, banho e comida.

Meu Deus, no que eu tinha me tornado?

Ou melhor, no que Belatrix tinha me tornado?

Por isso minhas horas matando tinham triplicado. Eu tinha que ser bom em casa e o rei de Londres nas ruas.

Era mais fácil antes, sim, mas eu não voltaria atrás.

— Senhor Korian Gatsby, me parece que não está cem por cento certo dessa decisão.

Como é?

— Eu estou certo da minha decisão — tentei me controlar ao confirmar.

Eu estava tentando diminuir meus gritos e meus ataques de fúria, era uma coisa que incomodava Belatrix e por ela eu tentaria parar.

— O senhor tem certeza? — A ruiva que vivia grudada nela e em Nahati perguntou — Talvez o senhor precise rever sua situação de vida antes de se casar com nossa Belatrix.

— *Sua* Belatrix? — gritei, avançando com o dedo apontado para aquela bruxa maldita — Ela é minha! E eu estou cem por cento certo de que quero me casar com ela.

— Não estava tentando controlar seus... instintos? — Eu ouvi Killian atrás de mim.

— Quem se importa, porra?

— Sua noiva.

— Bem, ela vai aprender a lidar com isso, pelo menos enquanto a convenção das bruxas estiver aqui.

— Senhor Korian Gatsby?

Eu parei na porta ao ser chamado, vendo o sorriso no rosto de Killian ao assistir meu tormento. Segurei o batente dos dois lados e me virei para elas.

— O que?

— Encontre um *quartzo* rosa para lhe dar como colar ou anel.

— Eu já tenho um, bruxa, seja mais rápida em me dar essas dicas da próxima vez.

Conforme eu saía, a última coisa que ouvi ser dito foi:

— Como ele sabe?

— Eu não sei, talvez ele tenha estudado.

— Uau, ele realmente ama essa mulher.

ϟ

BELATRIX D'LAVEY

Eu não podia acreditar que aquilo estava acontecendo.

— Está pronta? — Killian perguntou ao meu lado, eu apertei seu braço e afoguei a grama entre os dedos dos pés, buscando calma.

— Sim, estou pronta.

— Lembre-se de que é pelo resto da vida, ainda dá tempo de mudar de ideia.

Eu dei risada.

— Não deixe seu irmão te ouvir dizendo isso.

Quando Korian me acordou e disse que íamos nos casar, eu não acreditei. Eu dei risada e o puxei para mim, e então fizemos amor. Quando acabou, eu me virei para dormir novamente, realmente achando que era brincadeira, mas não.

— Nós vamos nos casar em vinte minutos com a minha porra dentro de você.

Enquanto eu insistia em tomar um banho, ele me buscava e arrastava-me de volta ao quarto, onde após algumas tentativas, minhas irmãs entraram em peso para me aprontar.

— Ele é um lunático, — Killian continuou sem esconder sua diversão, com o passar das semanas juntos, o passatempo favorito dele se tornou irritar Korian, o que não era muito difícil. — e eu seria um pretendente melhor.

Encostei a cabeça em seu ombro.

— Eu amo você, mas você não é minha alma gêmea. Só que você deveria abrir seus olhos para oportunidades muito próximas.

Ele sorriu.

— Está falando de Nahati.

— É claro que sim, de quem mais seria?

— Eu não sei, uma das suas bruxas.

— Não, se você se casar com uma delas Korian vai ter um infarto.

Eu não podia sequer dizer que no fundo ele gostava delas porque seria mentira. Ele odiava o fato de que elas não iam embora.

— Suas irmãs são a cruz do meu irmão para carregar.

Nós estávamos rindo quando os instrumentos começaram um por um, e então, eu confirmei para que pudéssemos seguir em frente.

— Leve-me até o homem da minha vida.

Ele apertou minha mão e nós passamos pelas três cortinas de véu branco antes de pisar no corredor. As cadeiras dos dois lados formavam um corredor que estava forrado de dentes de leão, e quando dei o primeiro passo, eles começaram a se soltar, voando ao redor dos meus pés.

O gramado do castelo estava cheio de flores, pessoas com roupas coloridas e brilhantes, com o sol nos iluminando.

Eu ergui os olhos para o altar onde o rei de Londres, o meu Korian Gatsby me esperava.

— Uau — falei baixinho. Ele estava magnífico e perfeito como sempre.

Os cabelos loiros penteados, o suspensório marrom com calças pretas e uma camisa branca. A abotoadura era um G perfeitamente desenhado, e ele tirou seu chapéu assim que me viu.

— Ele não vai ter um ataque cardíaco por causa das bruxas, mas por te ver de noiva.

Eu sorri para a piadinha de Killian.

— Isso se eu não infartar com ele primeiro.

Korian passou as mãos no rosto e arrancou o terno.

A anciã que esperava para nos casar estreitou os olhos nele. Eu podia dizer que nenhuma das minhas novas amigas gostava

plenamente de Korian. De acordo com elas, ele era um homem louco e capaz de tudo, e eu não duvidava. Eu sempre ria e confirmava que aquela era uma das razões pelas quais eu o amava tanto.

— Olhe como o pé dele está batendo no chão, aposto que ele vai vir te buscar antes de chegarmos lá.

— Ele não faria... — eu ia terminar a frase, mas foi quando vi Korian fazer exatamente o que seu irmão disse que faria.

Ele me pegou sob os protestos das mulheres e dos risos e assobios dos homens e me levou ao altar. Eu precisei me apoiar em seus braços enquanto ria de sua pressa.

Minhas amigas reclamaram, gritando que ele estragou o meu momento.

— Calem a porra da boca! — Ele encarou a anciã — Vamos, nos case.

Ela balançou a cabeça e se inclinou para mim.

— Tem certeza?

Eu não conseguia parar de rir, mas me esforcei.

— Sim, ele é a maior certeza da minha vida, nos case, por favor.

— Caros convidados, — ela começou.

— Você está linda. Absolutamente deslumbrante, minha estrela. É a coisa mais bonita que eu já vi.

Eu dei um beijo em sua mão, e joguei um sorrisinho de desculpa para a mulher por ele ter interrompido.

— Vocês foram convidados hoje para presenciar o casamento de Korian Gatsby e Belatrix D'lavey.

— Belatrix Gatsby — ele rosnou, assustando a mulher.

— Mas o que foi isso?! — ela o fitou com horror.

— Eu te disse para não rosnar para as pessoas.

Eu podia ouvir os risos de Killian, Sam, Nahati e Martha por estarem mais próximos.

Todos conheciam Korian, mas a forma como ele era comigo devia ser uma novidade para todos.

— Continue, por favor.

— Vocês foram convidados para compartilhar...

Eu podia ver seus pés batendo com impaciência, seu rosto nervoso e mais uma de suas interrupções na ponta da língua, mas então ele me olhou. Eu sorri para ele, ignorando completamente o que a anciã dizia.

Korian piscou, sorrindo disfarçadamente para que ninguém visse quem ele era para mim e apertou minhas mãos.

Eu falei um “Eu te amo” sem som.

Que ele devolveu com “Eu estou louco pra te foder de noiva”.

Korian balançou a cabeça, e eu percebi que minha cerimônia ia chegar ao fim.

— Isso está demorando demais. Eu aceito e ela aceita. Faça a próxima coisa.

— Isso deveria ser uma pergunta, senhor Gatsby.

— Não há uma alternativa além de “sim”.

— E porque a pressa?

Os olhos dele brilharam com o desafio da senhora.

— Porque eu quero fazer meus votos, e então, eu vou te foder com a minha esposa.

A mulher jogou a mão no rosto, escondendo seu constrangimento. Durante o meu choque, diversos convidados caíram na gargalhada.

— Korian Gatsby! — eu o repreendi.

— Eu não minto — Então, virando-se para mim, ele tirou um cordão do bolso e me mostrou. Eu quase tive uma parada cardíaca quando vi o que era. — Eu vou fazer meus votos em privado daqui a pouco.

Eu entendia.

O rei de Londres me amava e todos sabiam disso, ele não tinha esperado tanto anos apenas para se casar com uma mulher aleatória. Ele não precisava gritar isso para o mundo, e eu gostava de guardar o Korian para mim, sabendo que as pessoas de fora só tinham o Gatsby.

— Eu desisto — a anciã disse finalmente — Pelo poder concedido a mim, eu os declaro marido e mulher. O senhor já pode beijar a noiva.

Korian me fitou solenemente enquanto as pessoas nos aplaudiam.

— O rei vai beijar sua rainha.

ϟ

KORIAN GATSBY

Respirei profundamente após averiguar que a água da banheira estava na exata temperatura que queria, tirando o roupão

do meu corpo para, enfim, me permitir relaxar um pouco no banho.

Eu não estava cansado.

Permaneci com minha esposa na nossa festa de casamento por vinte e oito minutos. Foi o tempo que aguentei até arrastá-la para o quarto. Eu queria foder.

Que mal havia nisso?

A minha sorte, era que a nova senhora Gatsby queria a mesma coisa tanto quanto.

— Eu vou te buscar! — ameacei e ouvi sua risadinha.

— Você é tão apressado.

Ela me proibiu veemente de tocar em seu vestido. Sabia que eu ia rasgar e por isso, ordenou – porque enfim alguém me ordenava – que ligasse a banheira enquanto ela tirava e guardava a maior memória de seu casamento.

Eu mergulhei para me impedir de voltar ao quarto, rasgar a maldita coisa e mostrar a ela quem mandava, mas de repente percebi que não estava mais sozinho. Emergi, e vi Belatrix de pé diante da banheira, completamente nua. Ela parecia estar esperando por alguma reação minha e, após levar meu tempo admirando o corpo perfeito dela, estiquei minha mão em um convite silencioso para que ela viesse até mim, a ajudando a entrar na banheira e a acomodando devidamente em meu colo.

— A espera matou? — Bela perguntou em um quase sussurro, tocando meu rosto com cuidado enquanto mantinha seus olhos nos meus.

— Sim. — respondi, puxando-a para um beijo e me deliciando com o sabor da boca dela.

— Você parece bem vivo para mim.

Beijar Belatrix era como um caminho sem volta, nunca parecia ser o suficiente, sempre sentia como se interromper o beijo fosse um sacrifício.

Deixei minhas mãos deslizarem pela lateral do corpo de Trix sem afastar nossas bocas, amando os sons afetados que ela soltava à medida que o beijo se tornava mais exigente. Belatrix se desvencilhou de minhas mãos para se afastar, lambendo os lábios inchados do beijo intenso e sorrindo para mim enquanto saia do meu colo para ficar ajoelhada entre as minhas pernas.

— Eu recebi alguns conselhos das bruxas — ela se explicou, pegando a esponja para começar a lavar meu corpo com lentidão, nunca desviando seus olhos de mim.

— Se tiver a ver com o que eu estou pensando, elas podem ficar mais uma semana — sorri para ela, fechando meus olhos e me permitindo relaxar enquanto sentia a sutileza com que ela lavava minha pele.

A princípio, seus movimentos eram suaves, mas não demorou a abruptamente apertar suavemente minhas coxas, olhando para mim com um brilho no olhar que me deixou carregado de tesão.

— Sente-se na borda — sugeriu com uma falsa inocência, se mantendo ajoelhada pacientemente enquanto me esperava seguir seu pedido.

Eu não conseguia – como sempre – desviar os olhos dela.

Assim que me acomodei, Belatrix se aproximou, subindo lentamente suas mãos por minhas pernas em um carinho não tão sutil, alcançando minhas coxas e as separando para ficar melhor encaixada. Aproximou sua boca da parte interna da minha coxa para beijá-la, sem nunca deixar de olhar para mim.

Mantive minhas mãos na borda da banheira e apertei o mármore frio enquanto via os beijos dela subirem cada vez mais, e

pareceu uma eternidade – deliciosa – quando chegaram na minha virilha.

— Continue segurando na borda da banheira — ela me avisou quando percebeu o meu impulso de levar as mãos aos cabelos dela. Precisei usar todo o meu autocontrole para cumprir seu desejo, apertando com mais força a borda enquanto a vi cheirar meu comprimento, roçando seu nariz por minha extensão antes de colocar sua língua para fora e lamber meu pau por inteiro, trazendo um arrepio forte por meu corpo.

— Caralho… — tentei dizer alguma coisa, sem nem mesmo saber o que, mas isso apenas a incentivou a continuar com o que fazia, sugando com mais precisão minha glande antes de, pouco a pouco, começar a me chupar com mais precisão, obrigando-me a fechar os olhos.

Era incrível como ela sabia o jeito certo de me deixar trêmulo, arrancando gemidos baixos do fundo da minha garganta quando começou a colocar velocidade na sucção, se deliciando no meu pau como se eu fosse seu doce preferido.

Voltei a abrir meus olhos porque sentia necessidade de registrar aquela imagem na minha mente, me perdendo na expressão entregue enquanto me chupava. O prazer também era evidente em seu rosto, e por mais que eu quisesse ficar ali sendo chupado pra sempre, também queria chupá-la até que não aguentasse mais.

— Eu quero você — rosnei, levando minha aos fios dela, a afastando do meu pau e ofegando o som obsceno que soou graças a minha ação. A excitação já estava fazendo meus instintos de dominância ganharem espaço, escorreguei meus dedos pelo rosto dela. — Você me quer?

Belatrix riu da minha pergunta, pegando minha mão e beijando a minha palma antes de se apoiar em minhas coxas para ficar de pé, sorrindo doce para mim ao mesmo tempo em que alisava meu rosto.

— Eu sempre te quero. Todo o fodido tempo — o palavrão sussurrado foi o ápice para mim.

ϟ

BELATRIX D'LAVEY

Quase não consegui impedir Korian de me pegar antes de chegar na cama.

— Seu autocontrole...

— Vai muito bem, menos quando o assunto é você.

Envolvida pelos braços dele em minha cintura quando ele me abraçou, o segurei pela nuca e beijei sua boca com todo o desejo do mundo.

Deixei meu corpo cair na cama quando, sutilmente, ele me empurrou contra o colchão macio, o recebendo sobre mim, mas não o deixando ficar sobre meu corpo por muito tempo, entrando em um breve conflito de dominância que nunca tínhamos vivenciado antes. Gatsby estava acostumado a ter tudo o que queria do jeito que queria, mas dessa vez eu estava disposta a lutar.

— É essa a cara que eu faço quando estou prestes a te comer? — ele perguntou quando novamente o impedi de ficar sobre mim.

Ver esse traço de Gatsby era como um presente, ninguém era capaz de imaginar que ele era capaz de demonstrar algum tipo de carinho, mas eu era a grande sortuda, aquele coração de gelo me pertencia.

— Eu quero que você seja meu. Quero ficar no controle dessa vez, quero que você me deixe te levar.

Mordi meu lábio, levando suas mãos grandes aos meus seios.

— Vá em frente, bruxinha, você vai aguentar meu pau a noite toda mesmo.

Quase não acreditei quando escutei suas palavras, não perdendo tempo para me inclinar e beijar de um jeito afobado a boca dele, não conseguindo refrear o meu sorriso com a resposta. Gatsby sabia me enlouquecer com uma facilidade assustadora. Ele dominava e me subjugava do jeito que achava melhor, e eu ia a loucura, mas na nossa lua de mel... eu simplesmente queria estar naquele papel.

Arrastei lentamente meu quadril para ficar sentada sobre sua ereção, rebolando nela enquanto desviava meus beijos por seu pescoço e peitoral, o provando devagar. Vi de canto de olho a força que ele fazia para não tomar o controle, agarrava os lençóis para não cair em tentação e me machucar na tentativa de descontar todo o prazer que estava sentindo.

— Você pode me apertar. — sussurrei contra o pescoço dele, sorrindo antes de falar minha última frase colada contra a pele dele, apenas para provocá-lo um pouco mais. — Eu deixo.

Gatsby, como esperava, não perdeu tempo para agarrar minha bunda e eu ergui meu tronco para encará-lo enquanto permanecia rebolando sobre ele com meus olhos fixos nos seus, ao mesmo tempo em que me perdia com a sensação gostosa começando a se espalhar entre as minhas pernas.

Gatsby permanecia travando sua própria luta para não se deixar levar e eu peguei as mãos dele para pousá-las em meus seios sem deixar de me esfregar, gemendo alto conforme minha boceta lubrificava seu pau.

— A primeira vez que você me fodeu, eu achei que nunca ia caber — por quanto tempo ele aguentaria?

— Se você não quer que eu te foda para que Londres inteira ouça, termine o seu joguinho quieta, bruxinha.

— Seu pau era tão grande, tão grosso... lembra que nem cabia na minha boca? — fiz um beicinho — Ainda não cabe, mas ajuda quando você goza nela.

— Porra, Belatrix!

Os olhos dele, meu Deus...

Estavam tão escuros e dilatados que por um momento eu achei que ele fosse me parar, colocar-me de quatro e me foder sem dó. Suas veias saltavam, a garganta mexia com força conforme ele engolia em seco e eu não o impedi quando ele se sentou de abrupto para chupar meus seios.

— Me fode de uma vez! — rosnou enlouquecido.

Por conta disso, usei uma de minhas mãos para puxar seus fios e afastá-lo dos meus seios para que ele me olhasse enquanto com a outra mão, segurei o membro pela base para posicioná-lo do jeito certo e assim descer por ele, sentindo sua glande abrir caminho para dentro de mim e me perdendo no prazer que me atravessou.

Joguei minha cabeça para trás ao mesmo tempo em que puxei a boca dele novamente para meus seios, fechando com força meus olhos ao começar a cavalgar, caçando meu prazer ao mesmo tempo em que dava o meu melhor para ele, amando o quão ofegante ele estava, o jeito que me olhava, que me apertava, que falava baixo, rouco, doido de prazer.

Nosso ritmo entrou em sintonia quando ele começou a lançar seu quadril contra o meu e, em segundos eu estava pulando no pau dele.

Ele não estava me fodendo de quatro, mas eu desconfiava que os mais sóbrios da festa conseguiriam ouvir meus gritos. Ele gemia na minha boca e eu gemia na dele enquanto continuávamos nos movendo um contra o outro, tão sedentos que nem mesmo

conseguíamos nos beijar, nossos corpos comandavam, tudo o que podíamos fazer era não parar.

Korian apertou com mais força minha bunda e se chocou mais rápido e forte contra mim, fazendo-me rebolar mais ainda e apertar com mais força o rosto dele quando meu orgasmo dominou meu corpo todo, no exato momento em que senti o gozo dele me preencher.

Enquanto buscávamos ar, ele não parava de me beijar, e eu ria, beijava de volta, dizia o quanto o amava.

Ele pegou meu colar, dando um beijo suave.

— Eu pedi a Mabel para me contar a tal história das metades que se reencontram.

Meu choque foi absoluto e ele percebeu.

— É sério?

— Eu queria entender por que te amei no momento em que te vi.

Engoli em seco, impedindo as lágrimas de cair.

— E o que você achou da explicação dela?

Ele encolheu os ombros.

— Algumas coisas apenas não se explicam. Quando você me disse que tínhamos nascido para ficarmos juntos, eu pensei, caralho ela *tá* fodida da cabeça, mas eu ganhei e perdi você, e te ganhei de novo. Acho que desde o começo eu sabia que nasci para ser seu e você para ser minha, não havia dúvidas. Só o medo absoluto de te machucar, ou de não ser suficiente para você.

Ele abaixou a cabeça e eu sabia que estava se lembrando daquilo que me contou três noites atrás, o trauma com o padre que o abusou quando era apenas uma criança indefesa. Aquilo ainda

marcava sua alma, mas eu pretendia com o tempo, fazê-lo entender que acabou.

E no fim, se ele ainda estivesse marcado, eu me deitaria sobre suas marcas e as tomaria. Até que restasse apenas eu e ele.

EPÍLOGO

KORIAN GATSBY

— É um menino! — disse a comadre ao segurar o bebê que balançava os braços e pernas nervosamente em suas mãos.

Eu me aproximei lentamente.

— Ele não chora — Belatrix alertou. — Korian. — Eu podia ouvir o choro em sua voz. — Ele não está chorando.

Eu fiz uma pausa para fitá-la e tranquilizar a mulher que amava. Sabia que às vezes tudo o que ela precisava era que eu garantisse que tudo ficaria bem e com um olhar eu conseguia. Três anos depois tínhamos o fruto que nos uniu em meio à guerra.

— Me dê. — Estiquei as mãos para a mulher que evitava me olhar. Rapidamente me entregou o bebê, afastando-se até a porta. Eu tomei um minuto para observá-lo. Sabia que Belatrix estava ansiosa para ver nosso filho, mas não pude me conter. — Perfeito.

— Deixe-me ver — Trix sussurrou.

Eu me aproximei da cama devagar. Não queria que ele desviasse os olhos de mim.

— Você precisa olhar um segundo para a sua mãe, garoto.

— Por que ele não chora? — ela me questionou. O medo em seu rosto era nítido. Fez-me lembrar de quando a salvei dos filhos

da puta de Salém. A certeza de que ela tinha naquela noite que ia morrer, era a mesma que eu via em seus olhos agora, olhando para nosso filho.

Eu me sentei ao seu lado na cama e lentamente coloquei o bebê em seu peito. Trix olhou para baixo, ansiosa para ver a pessoa que fizemos juntos.

— Ele é perfeito — sussurrou com a voz embargada. — E ele se move. Está apertando meu dedo com a força de...

— Um leão. — Engoli em seco. — Ele está apertando seu dedo com a força de um leão. Eu também não chorei quando nasci, bruxinha.

— É mesmo? — Seus olhos brilhantes ergueram para os meus.

— Sim. Sempre fui silencioso.

— Menos quando você me grita como se fosse derrubar as paredes desse castelo. — Ela riu, derramando lágrimas de felicidade.

— Você me provoca para fazer isso. — Eu devolvi o sorriso.

Parecia fácil com ela.

Belatrix transformou minha fúria em um amor singular que funcionava apenas para ela e fez com que meus muros de proteção abrissem uma brecha para ela entrar. Se eu pudesse falar com o

garoto de 10 anos que sentia a cada dia mais sua consciência se afastar de seu coração, diria a ele que estava tudo bem.

Ele precisava passar pelo que passou para se tornar aquele homem.

Ele tinha que sofrer, lutar, vencer e sobreviver antes que pudesse encontrar sua estrela perdida e voltasse a respirar.

Eu olhei para Belatrix, ciente de que sem ela, eu teria desistido ou cairia num buraco profundo onde nada e ninguém me alcançaria. Talvez me tornasse tão insensível quanto o meu pai, mas graças a ela, nosso filho teria alguém para amá-lo.

E ela teria alguém para protegê-la para sempre.

— Ele tem os seus olhos — ela observou enquanto acariciava a bochecha rosada do garoto.

— E o seu cabelo.

Ela sorriu com orgulho.

— E então, meu rei... qual será o nome do seu legado?

Quando eu conheci Killian, disse a ele que os Gatsby nasceram para ser leões prontos para dominar a selva. Eu não menti.

Num mundo cheio de fumaça, neblinas e tempestades, o meu filho não aprenderia através da dor como eu tive que fazer. Ele se tornaria maior e melhor do que eu.

Seu nome não lhe deixaria viver o contrário disso.

Eu peguei o garoto de Belatrix e ele imediatamente chorou.

Ela suspirou aliviada. Eu me inclinei para beijá-la antes de levantar e ajeitá-lo em meus braços.

— Obrigado por ele. Eu serei sempre grato.

— Mostre sua gratidão me amando até meu último suspiro.

Eu franzi o cenho com a dor que me atingiu o peito ao pensar em ficar sem ela.

— Não será seu último suspiro, bruxinha, é só uma pausa até que você atravesse a próxima porta e eu possa te encontrar de novo.

Seu queixo tremeu com o choro e ela segurou minha mão, beijando o nosso anel em meu dedo.

— Eu serei sempre sua. Amo você mais que tudo.

— Não mais do que eu te amo, minha rainha.

Eu precisei forçar meus pés a se afastarem para ir até a janela, onde dei uma olhada lá embaixo. Da grande janela do segundo andar eu conseguia ver perfeitamente os girassóis que Trix plantou por toda a propriedade e enchiam o castelo de vida, e o sol batendo em meu rosto encheu-me de calor.

Eu olhei para o rosto franzido do bebê em meu colo e encostei os lábios em seu ouvido.

— Você não será o rei de Londres como eu fui, você vai dominar o mundo. Meu filho, meu primogênito, meu sangue. Seja bem-vindo a vida, Lion Gatsby.

Beijei sua cabeça e então, dando o que a minha cidade pedia, segurei meu filho firmemente debaixo dos bracinhos e o coloquei para fora da janela.

Os gritos começaram de imediato.

Meus capangas, as bruxas amigas que criaram uma forte amizade com Belatrix, os empregados e vários residentes se amontoavam lá embaixo, dentro e fora do castelo para esperar e conhecer seu príncipe.

Eu vi choro, sorrisos, braços erguidos, abraços sendo dados comemorando a vida do meu filho.

Quando lhes dei o suficiente, coloquei-o para dentro e o devolvi para Trix, que rapidamente se ajeitou para amamentá-lo. Sentei-me ao seu lado novamente, apoiando a cabeça dela em meu ombro e segurando as costas do bebê.

— Lion Gatsby — sussurrou.

— Você gostou?

— Leão. Forte como o rei que será.

— Ele nos dará muito orgulho.

— Metade de seu sangue ruim e carregando um império de crime nas costas, e metade com sangue bruxo.

Eu sorri ao pensar que meu filho faria as pessoas temerem a sua presença.

— De fato, um rei.

— Eu sonhei com esse momento — ela disse, então me observou. — Eu sonhei em encontrar você. Sonhei com Lion e com a vida que temos pela frente.

— Eu vou te fazer sonhar para o resto de nossas vidas, minha rainha de neve.

Belatrix sorriu com constrangimento.

— Nunca vai deixar de me chamar assim?

Encolhi os ombros.

— É a verdade.

— Minha avó estava certa, afinal.

— Sobre a estrela que cairia no meu quintal para me completar?

Ela balançou a cabeça, acariciando meu rosto.

— Sobre como voltaríamos a brilhar quando nos reencontrássemos.

Aquela mulher... eu não fiz nada para merecê-la, Deus sabia que minhas ações falavam mais sobre o tipo de vida que eu esperava levar até meu último suspiro do que qualquer um, mas, ainda assim, ela estava ali.

Dando à luz ao meu filho, amando-me, segurando minha mão enquanto desvendávamos a vida juntos. Eu podia ser mais velho e bem mais velho que Belatrix, mas era ela quem me ensinava tudo.

Sobre amor, sobre paciência, sobre cuidado e devoção.

Não havia um dia em que eu não agradeceria o dia em que Killian fez o que eu não me permiti e a salvou. Não havia nada que me fizesse esquecer a promessa que fiz a ela de amá-la para sempre.

Eu abracei Belatrix e Lion, e com um suspiro profundo, apreciei as vozes que vinham de fora.

Nenhum de nós recebeu amor antes, mas agora, juntos e completos, éramos uma força da natureza.

O rei e a rainha de Londres.

Não podíamos dizer que tudo era bonito, mas quando eu olhava para ela, de fato, a beleza não tinha fim.

FIM

AGRADECIMENTOS

Eu queria parar aqui por um momentinho e dizer que...

Dona Mila DeRossi,

Obrigada pelo nome “Realeza sombria”.

Obrigada por esse primeiro encontro.

Obrigada por ser você.

Um texto com 100 páginas ou 100.000 palavras não te traduziria.

Zoe X,

O marido é seu. Já pode tatuar seu nome nele (ou o contrário???)

ps: toda vez que surgir um boato que a amizade acabou a gente ri, tá?

Meu “pra sempre”.

Há uma lista de pessoas que merecem mil agradecimentos nesse final.

Começando por elas que LITERALMENTE FALANDO, se não fossem as gatas, esse livro não estaria aqui. Pelo menos não nos próximos dois meses ~ou dez~.

Anny, Mila, Kimberlly e Larissa.

Eu não posso falar o que foi, mas foi, e vocês sabem. Meu coração sabe e ele vai ser sempre, SEMPRE grato.

(eu não prometo que não vou fazer isso de novo).

Camis,

POTA QUEU PAREU.

April,

Que sabe o que foi passar certa madrugada comigo.

Minhas parceiras lindas, que lutaram comigo pra fazer esse livro ser o que será (eu espero), minhas blogueiras, booktokers, resenhistas, leitoras dos diários de storys... eu já agradeço porque sei que os surtos estão a caminho.

Quando me tornei independente (em diversos sentidos da palavra), eu costumava dizer que não precisava de ninguém, que se um dia eu estivesse sozinha, tudo ia ficar bem. Mas olha, como eu estava errada. Todo o processo desse livro me mostrou que existem coisas que uma pessoa não faz sozinha. Seja profissionalmente, seja falando do coração ou qualquer papagaiada que a gente resolva fazer.

Eu preciso de pessoas, preciso de amor e preciso amar. Vocês também. Que bom que foi conseguir entender isso.

Entrego esse livro com o coração.

Não deixem de avaliar e de nos seguir no insta. Além de indicar para amigas que você sabe que podem ou vão gostar desse livro!

@nanasimonss

@romancesnanasimons

Monstrinhas, obrigada por mergulharem em mais um.

Eu amo vocês.

Com carinho,

Nana

UM BEIJO PROS MEUS FILHOS PERFEITOS!